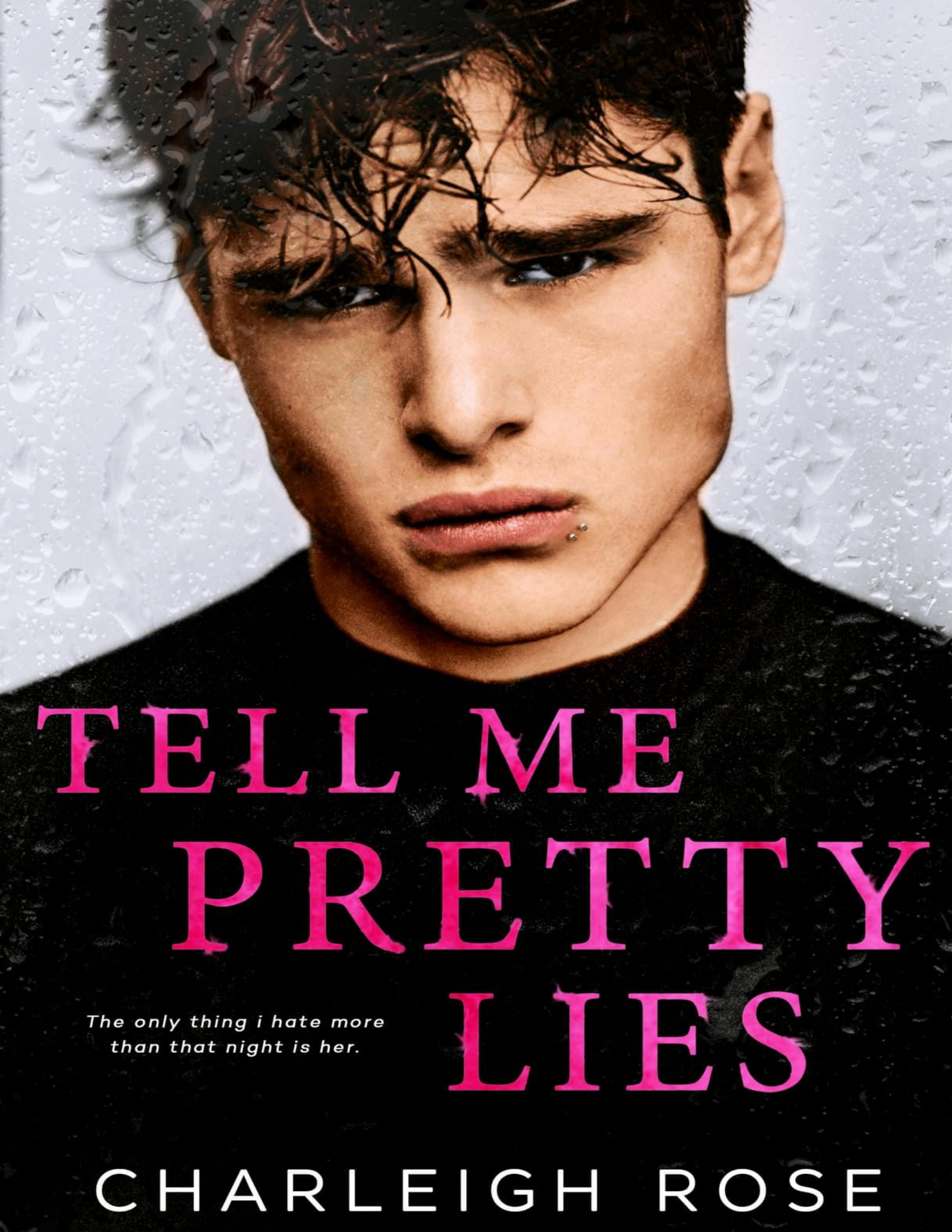

TELL ME
PRETTY
LIES
The only thing i hate more than that night is her.
CHARLEIGH ROSE

Tell me pretty lies

Charleigh Rose

Flor de Lótus Traduções

Equipe

STAFF FLOR DE LÓTUS



SINOPSE

Minha mãe conseguiu três coisas
quando ficou noiva:

1. Um novo anel da Tiffany.
2. Uma casa luxuosa em Heartbreak Hill.
3. Três enteados privilegiados.

A última coisa que eu esperava era
me apaixonar por um deles,
muito menos por Thayer Ames.
Bonito, ameaçador e intocável.

Eu sabia que era uma má ideia.
Ele me avisou.
Mas ele era uma tempestade,
e eu nunca pude resistir à uma.
Foi perfeito...
Até que deixou de ser.

Uma noite foi o suficiente
para o nosso mundo desmoronar,
deixando apenas segredos e mentiras entre nós.
Agora, tenho que enfrentá-lo novamente,
mas o garoto que eu conhecia s
e tornou o homem que gosta de me odiar.

PRÓLOGO

Shayne

Agarro-me ao braço do meu irmão enquanto ele me conduz nos degraus escorregadios pela chuva e pela porta de Whittemore, agradecida pelo apoio. Minhas pernas trêmulas ameaçaram ficar flácidas embaixo de mim mais vezes do que eu posso contar hoje, entre o chão úmido e macio do cemitério que tentou engolir meus calcanhares e o fato de nunca ter sido boa em nada além de usar tênis para começar. Assim que entramos no vestíbulo, o cheiro de mil caçarolas atinge minhas narinas. Por que as pessoas pensam que a comida melhora tudo? *Desculpe seu ente querido morreu. Aqui, temos algumas caçarolas de batatas. Espero que ajude!*

— Estou subindo. — diz Grey categoricamente, soltando minha mão do seu braço. Seus olhos estão vermelhos, e tenho certeza que ele ainda está em estado de choque. E provavelmente um pouco bêbado.

— Você está bem? — Eu pergunto. Pergunta estúpida, pensando bem. Mas é mais do que o funeral de Danny. Ele parece distraído e angustiado.

— Estou bem. — Ele me dá um beijo de leve no topo da minha cabeça e eu vejo Thayer por cima do ombro, casualmente pegando uma garrafa de licor marrom do bar. Grey dirige-se para as escadas e olho ao redor, me perguntando se eu sou a única vendo isso. Holden e seu primo Christian estão sentados no sofá branco, os olhos vidrados e as gravatas

soltas, os cotovelos apoiados nos joelhos. Olho à minha esquerda quando Greyson é interceptado por minha mãe e seu noivo August, pai de Thayer e Holden, antes que ele possa escapar. Mamãe o puxa para um abraço, e August dá *um tapinha* no ombro dela, e Grey fica tenso. Dezenas de pessoas que eu nunca conheci antes estão reunidas na casa que chamamos de lar nos últimos dois anos, misturando-se e comentando como é uma tragédia perder alguém tão jovem.

Eu quero quebrar alguma coisa.

Um som estridente atrai minha atenção de volta para o bar, onde um copo se despedaçou na madeira. Thayer se firma na beirada do balcão do bar, olhando fixamente para o vidro quebrado. Seu avô aparece, puxando-o, e Thayer tenta sacudi-lo.

— Amadureça. — ele ordena naquele tom quieto, mas mortal, que não aceita discussão. — Sua família precisa de você. — Suas mãos apertam os braços de Thayer, sacudindo-o um pouco.

— Saia. — diz Thayer entre dentes. Instintivamente corro até ele, tentando atrair o mínimo de atenção possível, pronta para intervir. Sei duas coisas com certeza pelo olhar no rosto de Thayer. Um, ele está a dois segundos de dar um soco no próprio avô no funeral de seu irmão, e dois, nada vai impedi-lo de sair agora.

— Sinto muito por sua perda. — eu digo a frase típica do clichê, entrando entre eles, mesmo que seja a última coisa que quero fazer. William Ames é tão poderoso quanto velho, e não tão agradável. Ele me olha como se

eu fosse um incômodo, mas ele me dá um abraço educado e um beijo na bochecha, sabendo que as pessoas provavelmente estão assistindo. Eu luto contra o desejo de limpar minha bochecha.

— Obrigado, Shayne. — diz ele como se doesse, suas mãos ainda segurando meus antebraços. Quando ele tenta me libertar e ir embora, mas eu aperto mais os braços dele em um esforço para dar mais tempo a Thayer.

— Existe algo que eu possa fazer para ajudar? — Eu pergunto inocentemente. Seus penetrantes olhos azuis em mim, e suas sobrancelhas brancas e finas são duas linhas permanentes, dando-lhe uma de aparência de vilão.

Thayer tira proveito de sua distração e caminha para a porta sem olhar para trás, e solto um suspiro aliviado quando ele está fora de vista. Crise evitada. Por agora.

— Acho que temos tudo coberto. — diz William, trazendo minha atenção de volta para ele. Soltei-me rapidamente, dando um passo para trás. Suas narinas se abrem e ele faz como se fosse atrás de Thayer.

— Deixe-o ir. — eu digo. Minha voz firme, mesmo que este homem me assuste muito. Eu nunca fui tão assertiva com ele. Eu não sei de onde isso vem, e a julgar pelo olhar inexpressivo em seu rosto, ele também não. — Ele só causará uma cena se ficar aqui. — eu digo, tentando outra tática. Ninguém quer isso, muito menos William. Sua família adquiriu essa propriedade no início de 1800, tornando a família Ames uma das primeiras, e ele não vai deixar você esquecer. Possuir a companhia aérea de carga mais

antiga e mais confiável que se tornou uma companhia aérea de passageiros contribuiu para ele ser um homem muito rico, e ser um homem rico significa que as pessoas estão sempre assistindo, esperando que você caia em desgraça. Para um homem como William, as aparências são tudo.

Ele zomba, indo embora, e eu não perco tempo correndo para a porta em busca de Thayer.

— Thayer? — Eu chamo, fechando a porta da frente atrás de mim, mas não o vejo em lugar nenhum. Trovões retumbam ao longe, o clima imitando o dia sombrio, e eu procuro pelo jardim da frente, sabendo no fundo do meu ser que ele não está aqui. Meus olhos se erguem, olhando para as árvores que cercam a propriedade. Esses bosques são enormes, mas eu sei exatamente para onde ele foi. Sem pensar nas consequências, desço correndo as escadas e saio correndo, mas não chego longe antes que meus sapatos me façam tropeçar. Eu os tiro, apoiando uma mão contra uma árvore para me equilibrar, antes de jogá-las em uma pilha de folhas.

O chão molhado sobe pelas minhas meias até os joelhos, mas não me importo. Eu corro o mais rápido que posso. Meu cabelo balança ao vento, e eu não percebo que estou chorando até o ar frio atingir minhas bochechas manchadas de lágrimas. As gotas de chuva caem lentamente no início, mas quando chego ao velho celeiro, minhas roupas e cabelos estão um pouco úmidos. Quando vejo que a porta do celeiro está entreaberta, diminuo os passos e dou um suspiro de alívio, sabendo que ele está aqui.

— Thayer? — Eu digo baixinho, empurrando a madeira velha e

desgastada. A porta se abre com um rangido, como algo saído de um filme de terror, mas esse celeiro nunca poderia me assustar. Este celeiro é o meu santuário, em toda a sua glória de telhado gotejante e aranhas.

Está escuro, mas o fio da luz do dia restante me permite ver sua sombra no sofá, a garrafa de bebida na mão esquerda. Inclino-me, pegando a lanterna que deixamos aqui na noite passada e a acendo, diminuindo a distância entre nós. Não pergunto se ele está bem. Nem eu estou *bem*. Ponho a lanterna aos pés dele, depois subo no sofá ao seu lado, enfiando as pernas debaixo de mim enquanto junto nossos dedos. Nossos braços estão entre nós, mas a sua mão não está apertando a minha.

— Vai embora. — Sua voz é plana, sem vida, e ele olha para frente, evitando o contato visual.

— Não. — Eu não vou deixá-lo. Assim não.

Ele toma um gole direto da garrafa, limpando a boca com as costas da mão. — Estou falando sério, Shayne. Me dê um pouco de espaço. Eu preciso ficar sozinho.

Seu tom brusco me faz estremecer, mas eu pego a garrafa dele de qualquer maneira, com lágrimas nos olhos. — Então vamos ficar sozinhos juntos. — Trago a bebida aos meus lábios, deixando o líquido queimar minha garganta, tentando não cuspir e tossir pelo gosto amargo.

Seu maxilar trava, e posso dizer que ele está segurando lágrimas não derramadas. Ele também não chorou no funeral. Colocando a garrafa no chão, eu puxo a cabeça dele para o meu peito, seus cabelos molhados

gelando minha pele já fria. Eu beijo o topo de sua cabeça, meus dedos se curvando em torno de sua nuca, segurando-o perto. Ele respira trêmulo, afundando em mim, e eu engulo em seco, tentando manter a calma. Eu nunca vi Thayer Ames mostrar emoção. Até este momento, eu não tinha certeza de que ele era capaz disso. Vê-lo assim é suficiente para me quebrar.

Após longos segundos suas mãos encontram meus quadris e seus lábios encontram meu peito quando ele se vira para mim, pressionando um beijo na minha pele nua. Um calafrio me percorre, e ele faz isso de novo, desta vez um pouco mais embaixo. Olhos escuros olham para mim quando ele afasta o tecido decotado do meu vestido para longe do meu corpo e beija o meu peito. Meus olhos se fecham, o coração batendo forte, e então ele está segurando minha cintura e me puxando para seu colo.

Eu seguro seu rosto nas palmas das minhas mãos e me inclino, pressionando meus lábios no seu queixo. Suas mãos apertam meus quadris o suficiente para deixar uma marca enquanto eu o faço novamente, desta vez em cada uma das pálpebras fechadas e, finalmente, nos lábios. Assim que minha boca roça a dele, ele entra em movimento. Sua língua desliza na minha boca quando uma de suas mãos serpenteia pela minha espinha e segura a minha nuca. Ele move os quadris para cima, deixando escapar um gemido, e então ele está desafivelando o cinto, levantando os quadris para empurrar as calças para baixo, apenas o suficiente. Mãos ásperas amontoam meu vestido nas minhas coxas, e então ele está me virando, ficando entre as minhas pernas.

Meu corpo está vibrando com luxúria em tempo recorde, e quando ele se afunda em mim, perco todo o pensamento racional. Eu coloco minhas pernas em volta da cintura dele, e ele abaixa a cabeça, me beijando novamente. Deslizo minha língua pelos dois anéis labiais curvados em torno de seu lábio inferior e ele geme, abrindo a parte superior do meu vestido. Eu arqueio meu corpo enquanto ele passa a língua pelo meu mamilo. Meus dedos desajeitados tocam nos botões de sua camisa, abrindo-os, um por um. Thayer se afasta apenas tempo suficiente para rasgar sua camisa, e então ele está de volta entre as minhas pernas.

— Toque-me. — eu imploro, querendo mais.

Ele passa a mão entre nossos corpos, usando os dedos para esfregar o ponto úmido na minha calcinha. — Eu preciso de você.

Minhas pernas se abrem, trêmulas com a sensação. Nós nunca fomos tão longe, nunca estivemos tão desesperados um pelo outro, e em algum lugar além da névoa da luxúria, eu sei que isso está errado. Não o fato de estarmos juntos, mas não deve acontecer assim. Não quando estamos tristes e ele está bêbado, e estamos prestes a pegar uma maldita pneumonia neste celeiro frio e molhado. A maioria das pessoas desaprovaria a perda de sua virgindade dessa maneira. A maioria das pessoas também desaprovaria perdê-la com o seu meio-irmão.

Thayer puxa minha calcinha pelos meus quadris e eu seguro seu queixo em minhas mãos, colando meus lábios nos dele. Meus olhos se fecham quando sua língua desliza dentro da minha boca para dançar com a

minha. Ele me dá tudo nesse beijo. Sinto sua dor, sua mágoa, seu desejo, seu amor. Eu o reconheço porque combina com tudo o que estou sentindo por dentro.

— Eu te amo. — eu sussurro contra seus lábios, e eu o sinto tenso com as palavras. Quando ele não fala, levanto meus olhos para ele. Seus olhos estão fechados, sobrancelhas juntas de dor, maxilar apertado. O medo se desenrola dentro de mim quando ele se afasta, sentando-se nos calcanhares.

— Saia.

— O quê? — Retiro meus braços do seu corpo para cobrir meu peito. Os olhos de Thayer parecem quase pretos apenas com a luz da lanterna, sua expressão fria enviando um calafrio pelo meu corpo. Trovões estalam lá fora, me fazendo pular, mas Thayer permanece imóvel, uma expressão vazia em seu rosto. É como se um interruptor tivesse sido acionado.

Eu endireito meu vestido e depois coloco minha calcinha de volta no lugar. Thayer está de pé, com o cinto pendurado nas calças abertas. Ele passa a mão pelos cabelos antes de puxar um maço de cigarros do bolso de trás. Acendendo um, ele o leva à boca e respira antes de ir até a porta. Ele a abre, o som da tempestade fica mais alto, e apoia uma das mãos contra a moldura. A chuva forte cai à sua frente enquanto ele continua a fumar como se eu nem estivesse aqui.

Eu mordo meu lábio para evitar que ele trema enquanto estou

endireitando meu vestido. Minhas meias estão tortas e ainda encharcadas, meu vestido está esticado no peito, mas não me importo. Eu não me importo com o fato de não ter sapatos ou a tempestade. Só me preocupo em sair deste celeiro. Quando passo por ele, Thayer pega meu pulso, me parando. Eu me viro para encará-lo, mas ele não diz nada, seus olhos fixos no estado do vestido no meu peito. Afasto meu pulso de suas mãos e corro pela chuva.

Está caindo muito mais forte do que antes, e estou instantaneamente encharcada da cabeça aos pés. O céu está cinzento e escuro, pouco visível acima das árvores. O trovão explode novamente, seguido por um flash de luz que ilumina a floresta por uma fração de segundo.

— Shayne! — A voz de Thayer rompe a forte chuva. Cruzo os braços e continuo em direção a minha casa.

Trovões e relâmpagos seguem novamente, muito mais cedo desta vez, me dizendo que a tempestade está se aproximando. Eu empurro o cabelo molhado do meu rosto, apertando os olhos para ver através da chuva.

— Que merda, Shayne. — Thayer explode, correndo atrás de mim. Eu me viro para encará-lo, seus cabelos escuros e molhados caindo na frente dos olhos— Você é louca?

— Você me disse para sair!

— Bem, agora estou dizendo para você voltar para dentro do celeiro!

Balanço minha cabeça quando o trovão explode mais uma vez. Eu sei que estou sendo irracional. Agora não é hora de manter nada contra ele. Mas não posso evitar. Eu me viro, indo para a casa. De qualquer forma, estamos apenas um pouco mais perto do celeiro e prefiro chegar a algum lugar quente. Mas então a mão de Thayer está segurando a minha, me puxando de volta para ele.

Ouço um estalo alto quando outro flash de luz aparece, nos interrompendo. Thayer e eu olhamos para ver um raio atingindo uma árvore a apenas alguns metros de distância. Brilha abaixo da árvore em uma linha reta, pedaços de casca voando. Eu fico lá, de olhos arregalados, encarando a fumaça que se segue.

— Precisamos sair daqui. — Thayer agarra minha mão novamente, me puxando para fora do meu estado de choque. Quando nos tocamos, sinto um choque no meu polegar e no meu pulso, e largo a mão dele como se estivesse pegando fogo.

— O que é que foi isso? — Não doeu, mas eu definitivamente senti algo.

Thayer franze a testa, levantando a mão para segurar seu ombro nu, mas ele não responde. *Ele sentiu isso também.*

— Que porra vocês estão fazendo? — Holden chama, correndo na nossa direção. — O velho está prestes a perder a cabeça. — Ele aparece entre nós dois, Thayer sem camisa, a fivela do cinto ainda aberta e eu sem sapatos, parecendo mais um animal selvagem do que uma garota.

Eu congelo, sem saber como vou explicar, mas Thayer é rápido, mesmo estando tão bêbado.

— Tenho certeza de que ela acabou de ser atingida por um raio. — diz ele, apontando para a árvore que ainda está queimando. — Ela provavelmente deveria ir ao pronto-socorro.

— O quê? Não, eu estou bem. — Eu insisto, balançando a cabeça.

Raio? Foi isso o que aconteceu? Eu mal senti.

Holden corre até mim e Thayer sai, me dando uma última olhada por cima do ombro enquanto Holden me inspeciona procurando danos. Não consigo desviar os olhos de Thayer, parado na chuva com o peito nu e bronzeado, e com uma permanente cara feia no rosto. De alguma forma eu sei que, pela segunda vez nesta semana, tudo está prestes a mudar. Eu sinto isso nos meus ossos.

E não posso deixar de sentir que Thayer acabou de se despedir. Para sempre.



Depois que Holden e eu voltamos para Whittemore, minha mãe deu uma olhada na minha aparência e rapidamente me jogou no banheiro do andar de cima, exigindo respostas. Eu sentei lá como uma criança no vaso sanitário enquanto ela me ajudava a tirar minhas roupas ensopadas antes de ligar o chuveiro, deixando o vapor encher o ambiente. Eu não precisava da

ajuda, mas sabia que ela estava sofrendo e preocupada, por isso deixei que ela cuidasse de mim da maneira que as mães fazem antes de garantir que estava bem e pedir que ela fosse embora.

Não sei quanto tempo se passou desde que ela partiu, mas estou sentada no chão, com os braços em volta dos joelhos dobrados, deixando a água quente cair sobre mim. Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto penso em Danny.

Daniel Ames era, para simplificar, o garoto de ouro da cidade. Jogador de basquete estrela. Amado por todos e tinha toda a vida pela frente. Até que tudo mudou em um piscar de olhos. Ele caiu de um penhasco. Um que ele havia pulado tantas vezes antes, mas desta vez, o matou. Seis costelas quebradas. Dois pulmões perfurados. A causa oficial da morte não foi divulgada, mas pelo que a polícia disse a August, ele provavelmente se afogou.

Meus pulmões se contraem e meu peito fica apertado ao pensar em como ele devia estar em pânico. Eu tiro os pensamentos da minha cabeça, não me permitindo imaginar seus momentos finais. Quando a água esfria, eu me levanto do chão, pegando a toalha pendurada na parede e a envolvendo no meu corpo.

Com os olhos inchados e emocionalmente exausta, eu silenciosamente saio na ponta dos pés do banheiro, planejando entrar no meu quarto sem que ninguém perceba, mas paro no corredor quando o movimento dentro do quarto de Thayer chama minha atenção. A porta está

entreaberta, e Thayer está sentado na beirada da cama, inspecionando seu braço, e eu suspiro antes de tapar rapidamente a minha boca. Está vermelho e com bolhas do ombro ao pulso, em um padrão que quase se assemelha a galhos.

Ou um raio.

Instintivamente olho para o meu pulso. Ele tem o mesmo padrão, exato, exceto que o meu é menor, do meu polegar até a parte interna do meu pulso, e muito menos grave. Franzo o cenho, passando o polegar pela carne macia. Se não fosse pela ligeira dormência, eu poderia ter esquecido completamente. Thayer, no entanto... a pele está levantada, escorrendo, inflamado, e definitivamente precisa cuidados médicos.

Decido chamar alguém, dando um pequeno passo à frente, mas hesito quando uma pessoa aparece. Ela está de costas para mim enquanto caminha em direção a Thayer, mas reconheço o vestido de antes. Taylor Sanders. Meu coração já destruído leva outro golpe enquanto a vejo cair de joelhos entre as pernas abertas dele. Algo dentro de mim se contorce quando seus delicados dedos bem cuidados alcançam o botão de sua calça. Como ele pode deixar que ela o toque assim quando estava comigo apenas algumas horas atrás?

Como se ele pudesse ouvir meu coração partir, os olhos de Thayer se erguem, encontrando os meus através da fresta da porta. Eles estão com raiva, mas de alguma forma vazios, o vinco entre as sobrancelhas se aprofundando. Balanço minha cabeça, meu nariz queima enquanto tento

manter minhas lágrimas.

— Deixe-me ajudá-lo a se sentir melhor. — Taylor ronrona, puxando seu jeans enquanto Thayer me encara.

Meu estômago revira e me viro, incapaz de ver mais. Eu rapidamente atravesso o corredor para o meu quarto e bato a porta atrás de mim antes de virar a fechadura. Eu não me incomodo em me vestir, subo na minha cama enrolada na toalha. Eu deito de lado, puxando o cobertor sobre a minha cabeça.

Ele tinha que saber que eu os veria. Por que mais ele deixaria sua porta aberta assim? Ele queria me machucar. Ele fez isso de propósito. E para quê? Por dizer a ele que eu o amava? Deus, eu sou uma idiota. Não sei o que estava pensando. Não é como se eu pensasse que essa coisa entre a gente poderia realmente ir a qualquer lugar com nossos pais noivos. Eu não estava com a ilusão de que de alguma forma viveríamos felizes para sempre. Eu fui pega no momento, sobrecarregada com a intensidade de tudo.

A verdade é que eu amo Thayer, e não da mesma maneira que amo Holden e Danny. Mas admitir em voz alta foi um erro, porque no momento, não acho possível que as coisas piorem.

CAPÍTULO 1

Shayne

Nove meses depois

Eu estava errada. As coisas pioraram.

A noite do funeral foi apenas a ponta do iceberg. Como uma fileira de dominós, tudo desmoronou depois disso. Thayer me ignorou na escola, e nas raras ocasiões em que ele estava em casa, ele cheirava a cigarro e uísque. Holden fingiu que nada aconteceu, enterrando-se dentro de qualquer coisa que respirasse, Grey desligou, me congelando completamente quando voltou para a faculdade, e a cereja no topo do bolo de merda? Depois de três semanas nossos pais terminaram o noivado e, cinco dias depois, eu estava de volta a Shadow Ridge. A essa altura, não posso dizer que não estava um pouco aliviada. Ficar em Whittemore fazia eu me sentir desconfortável. Em casa, a cada dia que passava, e ir à escola, era meu próprio inferno pessoal. Era como se todos pudessem sentir a mudança e, de repente, eu não era mais um deles.

Mas deixar Whittemore também significava deixar Thayer, e deixar Thayer foi a coisa mais difícil que já tive que fazer.

Eu me reconectei com meus amigos do ensino médio e terminei meu primeiro ano em Shadow Ridge enquanto minha mãe trabalhava constantemente, fazendo o máximo de voos possível para sobreviver. Ela

diminuiu a velocidade quando estava com August, mas nunca desistiu completamente, apesar da insistência dele. Agora eu sei o motivo. Ela não queria ser dependente dele. Isso me faz pensar que, no fundo, ela sabia que precisaria de uma rede de segurança um dia. Eu tinha orgulho dela por isso, mas nunca me senti mais sozinha. Eu não a tinha, não tinha Grey e não tinha Thayer. Eu ainda tinha Valen. Nossa amizade era sólida, e mudar de casa não fez nada para enfraquecer isso. E, claro, eu tinha outros amigos, mas não era o mesmo.

Passei o verão trabalhando no clube de campo para ajudar a sobreviver, mesmo que minha mãe insistisse que estávamos bem. Pensei que, se pudesse trazer algum dinheiro extra, ela não teria que sair com tanta frequência. E quando finalmente estava me acostumando com a minha nova rotina, aceitado o fato de que provavelmente nunca mais veria Thayer novamente, o destino mostrou que tinha outros planos. Minha avó faleceu e, apesar de suas vastas diferenças, ela nos chocou ao deixar sua casa em Heartbreak Hill para minha mãe. Foi só quando nos mudamos durante o verão e vimos o estado das coisas que minha mãe percebeu que era a última travessura da minha avó. Acontece que Amelia Courtland era um pouco acumuladora na velhice. O andar de baixo estava em boas condições, mas o andar de cima? O andar de cima estava em ruínas. Ainda não estamos nem perto do fim, mas é habitável e melhor do que a nossa casa em Shadow Ridge. Sem mencionar que valeu a pena.

— Vai ficar tudo bem. — Valen me tranquiliza pela trigésima sétima

vez em tantos minutos quanto eu estou aqui, hesitando diante do imponente prédio de tijolos vermelhos. Sawyer Point tem uma reputação de edifícios assustadores, assombrados e históricos. Mas nenhum deles é tão intimidador quanto os que eu estive antes, e não por razões da variedade paranormal. Fantasmas não têm nada com os adolescentes ricos e bonitos da Sawyer Point High School. Não enfrento nenhuma dessas pessoas há nove meses. Sei que, no segundo em que passar por aquelas portas, os sussurros começarão.

Como se isso fosse algo novo.

— Eu sei. — eu digo, encolhendo os ombros, apontando casualmente, quando estou sentindo qualquer coisa, menos calma.

— Ninguém mais fala de vocês desde que Bryce Anderson engravidou Melissa Matthews durante o verão. — diz Valen, e eu ainda não me mexo. Ela tira um brilho labial do bolso minúsculo de sua pequena saia antes de arrastar o bastão pelos lábios carnudos. Valentina Solorio parece mais uma modelo do Instagram do que uma estudante do ensino médio com a pele morena, o número perfeito de sardas na ponta do nariz e as covinhas nas bochechas. Seu cabelo grosso e escuro está amarrado em dois rabos de cavalo, deixando dois fios pendurados na frente. Se eu tentasse usar esse penteado, acabaria parecendo um alienígena de verdade. Mas Valen consegue fazer tudo parecer quente. Seu estilo é o que só pode ser descrito como grunge de garotas ricas. Com um toque feminino. Enquanto isso, estou parecendo decididamente menos gostosa com meu short preto de brim,

camiseta cinza cortada e Chucks. Somos completamente opostos, mas ela é minha melhor amiga e a única que ficou por aqui quando todo mundo me virou as costas.

Eu levanto minhas sobrancelhas, encarando-a. Todo mundo quer saber o que aconteceu para fazer Thayer e Holden me deixarem. Eu também gostaria de saber.

— Certo, tudo bem. Esses perdedores ainda estão falando sobre isso.

— diz Valen. — Mas isso não significa nada. É o último ano, e você é a Shayne, porra, Courtland.

Balanço a cabeça, mas um pequeno sorriso aparece nos meus lábios. Meu nome não significa absolutamente nada. Na verdade, é mais uma carta escarlate do que um distintivo de honra nos dias de hoje, para grande desgosto da minha avó. Minha mãe cresceu aqui e, aparentemente, ela não era exatamente a pequena debutante perfeita que eles esperavam que ela fosse. Não tenho certeza dos detalhes, mas depois de uma briga com os pais, ela se mudou muito jovem. Grey e eu nascemos fora do casamento, o que aparentemente ainda era desaprovado aqui em 1952. Nosso pai foi embora quando eu era jovem demais para lembrar, e tudo o que me resta é uma imagem única e desbotada.

Quando minha mãe voltou a Sawyer Point para visitar seus pais pela primeira vez em mais de quinze anos, ela conseguiu prender August

Ames, CEO da AmesAir , num piscar de olhos. Isso fez dela a conversa da cidade, e quando ela arrastou meu irmão e a mim para morar em Whittemore, isso *me* transformou no brinquedo novo e brilhante da Sawyer Point High. Os rumores não eram exatamente um conceito novo para mim. Eu não esperava que durasse mais de seis meses com seu histórico, mas ela permaneceu por dois anos milagrosos. Às vezes, me pergunto se ela teria ficado com August para sempre, se não fosse pelo acidente de Danny.

— Ótimo discurso de motivação.

Valen encolhe os ombros. — É verdade.

A primeira campainha toca e eu coloco minha mochila no ombro, endireitando minha coluna. Valen passa o braço no meu e solto um suspiro. — Vamos fazer isso.

Atravessamos o estacionamento dos estudantes, através dos grupos de panelinhas e cabeças erguidas. Começa imediatamente os sussurros abafados, os olhares furtivos. A cada passo, eles ficam mais altos, mais ousados e mais óbvios.

— Ouvi dizer que ela foi pega transando com um dos irmãos Ames, então eles a mandaram embora.

— Bem, *eu* ouvi dizer que ela estava tendo um caso com o pai deles.

Vulgar.

— *Ouvi dizer que ela empurrou Danny porque ele não queria namorar com ela*.

Ok, esse último doeu. Mas eu ignoro tudo, com os dentes cerrados para não dizer nada.

— Você tem o primeiro período de inglês? — Valen pergunta enquanto atravessamos as portas duplas, indo para o salão principal, o cheiro familiar de comida da lanchonete e uma pitada de alvejante me atingindo imediatamente. Comparamos horários e, infelizmente, não temos aulas juntas neste semestre.

— Uh, sim. — eu digo, pegando meu telefone para verificar minha agenda. — Acho que meu armário está aqui embaixo. — digo, gesticulando para a fileira de vermelhos brilhantes que revestem as paredes.

— Que chato. O meu está lá em cima. — Ela aponta um dedo em direção ao segundo andar. — É como se o universo estivesse intencionalmente tentando nos separar.

— Você tem o primeiro ou o segundo almoço hoje?— Eu pergunto, passando o dedo pelos armários de metal até encontrar meu número.

— Segundo. — Ela torce o nariz.

— Pelo menos temos isso juntas. Me mande uma mensagem.

Valen se despede antes de girar sobre os calcanhares, caminhando em direção às escadas no final do corredor. Hesito no meu armário, vendo

seus coques espaciais saltarem entre a multidão até que ela não esteja mais à vista. Este não é o meu primeiro ano em Sawyer Point. Mesma escola. Mesmas pessoas. Mas de alguma forma, tudo parece diferente. Porque tudo mudou.

No minuto em que a campainha soa eu decido me preocupar com meu armário mais tarde, mantendo minha mochila. Quando eu chego ao inglês, a maioria das pessoas já está sentada, e todas as cabeças balançam na minha direção. Não faço contato visual com nenhum deles. A Sra. Roberts, que é surpreendentemente intimidadora para alguém que não pode ter mais de um metro e sessenta, me lança um olhar aguçado, apontando para eu me sentar com o queixo.

Largo minha mochila em uma mesa nos fundos da sala antes de me sentar. Pego meu caderno e um lápis e, quando olho de novo, todo mundo ainda está olhando.

— O quê? — Eu falo, já com raiva, e nem são oito da manhã.

Alguns sorriem e riem, mas a maioria desvia o olhar. A Sra. Roberts limpa a garganta, redirecionando a atenção de todos quando ela começa a distribuir o currículo da classe e, por enquanto, estou quase esquecida.

Até o próximo período.

— Ok, então talvez eu tenha exagerado. — confesso.

— Você acha? — Valen faz cara de triste tomando seu café gelado da Dunkin 'Donuts. Ela suga o resto e joga no lixo. Tendo apenas 45 minutos para o almoço, nossas opções de comida e bebida são limitadas. Viver em Sawyer Point restringe a lista ainda mais, mas você não pode jogar uma pedra sem bater em um Dunkin'. A maioria das pessoas fica no campus para almoçar. Além disso, a comida aqui é exponencialmente superior às coisas que se passam por comida em Shadow Ridge. Valen foi condescendente quando disse que queria sair do campus hoje, mas duvido que receba um passe por muito tempo.

— Cale-se. — Eu rio, cutucando seu ombro no meu. Eu passei por todas as minhas classes, exceto uma, relativamente incólume. Honestamente, não foi tão ruim quanto eu pensei que seria. Os olhares curiosos e as observações abafadas não cessaram, mas não foram além. Eu esperava algo muito pior, se estou sendo honesta. Eu acho que se eu ficar quieta, alguém vai ferrar um professor ou algo assim e, eventualmente, eu serei notícia velha.

Nós nos separamos, planejando nos encontrar no carro dela e, quando entro na aula de história mundial, estou me sentindo cautelosamente otimista. Mas o sentimento fugaz morre, o leve sorriso desliza do meu rosto quando o vejo. Cabelos castanhos escuros um pouco mais curtos que os de Thayer e lábios grossos, queixo quadrado e maxilar

afiado.

Holden Ames.

Ele está sentado em sua mesa, recostado na cadeira com as pernas abertas, como um maldito rei sentado em seu trono, cercado por súditos leais. Eu deveria estar triste ao olhar para o grupo de pessoas com quem eu costumava sair, mas eles nunca foram meus amigos. Na verdade, não, de qualquer maneira. Holden, por outro lado, ele era meu melhor amigo. E sinto falta dele mais do que meu orgulho me permitirá admitir em voz alta.

Eu congelo, coração na garganta quando seus olhos encontram os meus. Eu sabia que teria que enfrentá-lo alguma vez, mas não me preparei para como me sentiria se tivéssemos uma aula juntos.

Ele olha furiosamente para mim, seus lábios se curvando em desgosto. Minhas unhas afundam na alça da minha mochila enquanto olho de volta. Todos nós sofremos uma perda. Mas Thayer e Holden perderam um irmão. E apesar de amar Danny como um irmão, não era a mesma coisa. Lamentá-lo parece um tapa na cara deles. Como se eu não pudesse ficar triste quando eles perderam muito mais do que eu.

Após longos segundos, Holden levanta da cadeira, segurando o fichário ao seu lado e andando em minha direção. Eu o encaro, meu corpo trava quando ele se aproxima, antecipando qualquer golpe verbal que estou prestes a receber.

— Thayer sabe que você voltou? — Ele pergunta naquele tom

baixo e ameaçador que geralmente é reservado para seus inimigos. Não estou acostumado a tê-lo direcionado para mim.

Dou de ombros em resposta como se dissesse, *como devo saber*?

Um sorriso lento se espalha pelo rosto dele. — Isso vai ser divertido.

— Ele passa por mim, me olhando pelos ombros quando sai pela porta.

Eu tropeço, franzindo a testa, meu olhar seguindo as costas dele quando um sentimento afunda no meu ser. Tanto tempo afastando o golpe. Tanta coisa para um novo começo.

— Senhor Ames! — Garcia chama. Mas Holden não para, jogando o dedo do meio para trás em resposta. Se ele fosse outra pessoa, ele seria suspenso. Ou, pelo menos, iria para a detenção. Mas ele é Holden Ames, filho de August Ames.

E eu? *Eu estou ferrada*.

CAPÍTULO 2

Shayne

Minha última aula não pôde terminar rápido o suficiente. Senti o peso da atenção de todos em mim como mil tijolos nas minhas costas. Assim que a campainha tocou, eu fui direto para o estacionamento, mandando uma mensagem para Valen para que ela soubesse que eu decidi ir para casa. Eu não queria contar a ela sobre minha discussão com Holden. Eu sabia que ela tentaria resolver o problema, e eu não estava com disposição para ser ajudada.

Eu não estava pronta para ir para casa e jogar vinte perguntas sobre o meu primeiro dia de volta com minha mãe também, então eu andei pela área arborizada atrás da casa da minha avó, *minha casa agora*, eu me lembro, perdendo tempo, perdida em pensamentos. Do outro lado desses bosques fica Whittemore, e o celeiro fica entre as duas propriedades, mas tecnicamente está em suas terras. Não sei o que me faz ir ao velho celeiro, mas é exatamente lá que eu acabo. Velhos hábitos demoram a morrer, eu acho. Isso e o fato de eu ser uma glutona por castigos.

Lentamente eu me aproximo da árvore ferida desde aquela noite, pressiono a palma da mão contra a tira nua de casca que é muito mais leve que o resto da árvore, impressionada com sua resistência. Decido aqui e agora que quero ser como esta árvore. Um pouco marcada, mas ainda de pé,

forte. Quando deixei Sawyer Point, eu era a irmã mais nova de Grey, a neta separada de Amelia e a garota que morava com os irmãos Ames. Eu só quero ser Shayne. E eu quero me levantar sozinha.

Caminhando na direção do celeiro, paro quando ele aparece, uma inesperada onda de emoção me percorre ao vê-lo. Do lado de fora, parece exatamente o mesmo, como se o tempo não houvesse passado. Não vim aqui desde aquela noite, mesmo quando não queria mais nada. Sentia como se o lugar fosse *dele*.

Eu balanço o cadeado, derrotada, mas então um pensamento me ocorre. Vou até a rocha que costumava ser nosso esconderijo. É um tiro no escuro. Duvido que Thayer tenha deixado aqui. Ele sabe que eu sei desse lugar, e ele não deixaria passar uma oportunidade de me machucar. Eu o encontro, e o fato de ter que afastá-lo da sujeira me diz que não foi tocado em muito tempo.

— Puta merda, ainda está aqui. — eu sussurro para mim mesma, arrancando a chave do chão e sacudindo o excesso de sujeira. Thayer manteve isso aqui, então eu sempre poderia entrar. *Isso significa que ainda há uma parte dele que se importa?* Não. Eu tiro o pensamento da minha cabeça mais rápido do que veio. Por que eu faço isso? Romantizar o que eu pensei que tínhamos? Ele deixou mais do que claro que o que quer que fosse não significava nada para ele. *Eu* não signifiquei nada para ele.

Mesmo assim, este lugar significa muito para mim. Ele também não

aceita isso.

Voltando para a porta, enfio a chave e torço. A fechadura se abre e eu não perco tempo e vou entrando. No momento em que entro, sei que está vazio há muito tempo. Talvez até desde a última noite que estivemos aqui juntos. A noite que tudo mudou. Está frio, escuro e... sem vida. Vazio e obsoleto.

Memórias surgem em minha mente, espontaneamente. Thayer fumando seus cigarros enquanto nos revezávamos ouvindo nossas músicas favoritas. A primeira vez que nos beijamos. A primeira vez que ele me tocou. Aqui, não precisávamos nos preocupar com nossos pais ou com o que as pessoas pensavam. Aqui, nós éramos apenas... nós. Aqui estávamos livres.

Mas agora é apenas um velho celeiro.

Vou até a mesa de trabalho e deslizo o dedo pela camada de poeira que cobre o topo. *Ele realmente não voltou aqui*. Uma Tristeza inesperada me invade com esse pensamento. Fiquei longe por razões óbvias, mas antes que fosse nosso, este lugar era dele. Engulo em seco, virando-me para sair.

Puxando meu telefone, percorro minhas chamadas e mensagens perdidas. Duas mensagens de mamãe me perguntando se eu estou bem, uma de Grey me pedindo para ligar para mamãe e três de Valen exigindo mais do que a vaga desculpa que eu dei a ela antes.

Depois de digitar um texto rápido para todos os três, deixando que eles saibam que estou bem, e Valen que ligarei para ela mais tarde, dou uma

última olhada no celeiro e depois fecho a porta atrás de mim.



— Onde você esteve? — Mamãe pergunta antes mesmo de eu entrar pela porta. Eu olho para ela confusa. Ela nunca se importou muito com o meu paradeiro antes, e pode-se argumentar que Shadow Ridge é muito mais perigoso do que Sawyer Point.

— Eu fui dar uma volta. Por quê? — Dou de ombros, a mochila do ombro, jogando-a no sofá antes de ir até o balcão da cozinha que funciona como nossa mesa de jantar. Pego o banquinho ao lado dela enquanto ela bebe um copo de vinho.

— Eu estava apenas preocupada. Esse é seu primeiro dia de volta e tudo.

— Tudo bem. Ninguém pareceu notar, ou se o fizeram, não se importaram. — Minto.

Ela estreita os olhos, não acreditando em mim.

— Eu estou bem, mãe.

— Não acredito que você fará dezoito anos em breve. — diz ela,

apertando meu queixo entre o polegar e o dedo. — Você está ficando mais bonita a cada dia.

Dou uma risada desconfortável e tento me soltar, mas ela me segura no lugar.

— Prometa-me que você terá cuidado. — Seus olhos estão vermelhos, e pela primeira vez na minha vida, minha mãe parece... cansada. Ela ainda é linda, com cabelos loiros e rosto em forma de coração, que provavelmente sempre a farão parecer mais jovem do que ela é, ambas as características que eu herdei dela, mas a faísca desapareceu de seus olhos. Não há como negar que eu sou filha da minha mãe. A única coisa que eu não herdei são seus olhos castanhos. Meu pai, quem quer que seja, deve ser responsável pelos meus azuis.

— O que poderia acontecer?

— Não apenas com a sua segurança. — ela esclarece. — Com seu coração.

Esse coração a que ela está se referindo começa a trabalhar horas extras no meu peito. Ela sabe sobre Thayer e eu? Engulo em seco, depois sacudo o pensamento. Não tem como. Tínhamos cuidado. Na maioria das vezes. No final, eu não poderia esconder meu coração partido, se tentasse, mas todos assumiram que eu estava sofrendo. E eu estava. De mais de uma maneira.

— Você não precisa se preocupar com isso. — eu respondo.



— Shayne?

Minha cabeça levanta quando ouço a voz da professora e a encontro em pé na frente da classe, segurando um pedaço de papel na mão.

— Estão te chamando no centro de orientação.

Fechando meu fichário, não perco tempo saindo do meu lugar. Eu poderia estar mais nervosa com o que estou mostrando se não fosse pelo fato de eu estar apenas agradecida pela desculpa de sair desta aula e me afastar do escrutínio de Holden. Eu caminho pelo corredor, entre as mesas, e paro quando um sapato bege com uma tira no tornozelo dispara na frente do meu caminho, na tentativa de me fazer tropeçar. *Mesmo?* Eu arqueio uma sobrancelha e Taylor Sanders simplesmente faz beicinho, encolhendo os ombros. Imagens dela caindo de joelhos no quarto de Thayer surgem em minha mente, e eu tenho uma súbita vontade de arrancar seus cabelos.

— Ops.

Reviro os olhos, me forçando a não reagir. *Não vale a pena, não vale a pena, não vale a pena*. Sem uma palavra, passo por cima do pé dela, ignorando as risadinhas vindas de Alexis e do resto dos companheiros de Taylor. Quando chego ao final do corredor, vejo o olhar de Holden. Eu esperava que ele estivesse rindo junto com eles, mas em vez disso, ele

parece... entediado. Eu desvio do seu olhar e saio pela porta, para o corredor.

Os corredores estão silenciosos, meus sapatos chiando contra o chão de vinil é o único som. Estou dividida entre arrastar os pés ou acabar com isso, porque sei do que se trata. Estou surpresa que demorou tanto tempo, para ser sincera. Decidindo arrancar o Band-Aid, eu vou com o último.

— Entre. — diz Thomas, levantando-se da mesa com uma camiseta justa do Guns N 'Roses, e estou surpresa quando ela me abraça. Ela cheira a loção de baunilha e café, e seus cabelos suaves e pretos fazem cócegas na minha bochecha. — Desculpa. — Ela limpa a garganta, afastando-se da minha forma rígida, mantendo as mãos nos meus braços.

— Está tudo bem. — eu digo, deixando-a livre. Thomas não é sua típica conselheira. Ela não pode ter mais de vinte e cinco anos. Ela é seca, sarcástica e meio dura. Basta dizer, abraços não fazem parte dela.

— Sente-se. — ela instrui, voltando para trás da mesa.

Faço o que ela diz, sentando na cadeira na sua frente. Ela cruza as mãos, cotovelos apoiados na mesa.

Eu limpo minha garganta, desconfortável sob sua atenção.

— Então. — ela começa. — Como foi seu verão?

Eu reviro meus olhos. — Thomas, vamos lá. Chega de besteira. Nós duas sabemos que você não me chamou aqui para conversar.

Ela aperta os lábios para esconder seu sorriso. — Não, eu não chamei.

— ela concorda. — Eu quero saber sobre o seu verão, mas se você preferir que cortemos as gentilezas.

— Por favor.

— Está bem então. — Ela se recosta na cadeira, cruzando uma perna sobre a outra. — Eu te chamei aqui para ver como você está se sentindo ao estar de volta.

— Bem? — Eu digo com um encolher de ombros, mas sai soando mais como uma pergunta. Ela levanta uma sobrancelha. — Nada que eu não estava esperando. — eu altero, dando-lhe uma resposta um pouco mais honesta.

Thomas assente conscientemente. — Eu posso imaginar. Sua situação é certamente... única.

Eu bufo. Isso é um grande eufemismo.

— Você falou com alguém?

Eu lhe dei um olhar cortante. — Você quer dizer, como um terapeuta? Ela assentiu novamente.

— Não.

— É algo a que você está aberta?

— Não especialmente. Por que estou aqui?

Ela franze a testa, sem entender o que estou perguntando.

— Não sou eu quem deveria estar aqui. — eu esclareço. Duvido muito que Holden ou Christian tenham que se encontrar com um conselheiro.

— Você sabe que não tenho permissão para discutir outros alunos com você. — ela começa escolhendo suas palavras com cuidado. — Você se foi há um tempo. Eu só quero ter certeza de que você está se ajustando bem.

— Bem, como eu disse, eu estou bem. — Não consigo manter o som defensivo fora do meu tom.

— Hmm. — Ela inclina a cabeça para o lado, considerando alguma coisa. Desvio os olhos, concentrando-me na colagem de citações inspiradoras fixadas na parede dela e batendo o meu joelho.

— Aqueles vieram com o escritório. — Ela aponta para a sinalização atrás dela.

— Correto. — Faz sentido. Ela não é exatamente Oprah.

— Que tal um diário?

Meu pé para de saltar incessantemente. — Um diário. — repito, ceticismo entrelaçando meu tom.

— Diário, agenda, como você quiser chamá-lo. — Ela acena uma mão no ar.

Balanço a cabeça, descartando a ideia. — Não vejo como isso faria

alguma coisa.

É a vez dela de dar de ombros. — Às vezes é terapêutico escrever tudo. Mesmo que ninguém nunca o veja. Isso também te levará a ser... introspectiva.

Eu posso praticamente ouvir a segunda metade não dita dessa afirmação. *Em vez de fingir que nada aconteceu*.

— Eu vou pensar sobre isso. — digo para acalmá-la, depois levanto-me para sair.

— Eu vou ser sincera com você. — diz ela, me parando. Faço uma pausa, esperando que ela continue. — Eu deveria me encontrar com você semanalmente.

Minha boca se abre. *Minha mãe a colocou nisso?* — Isso é um pouco excessivo. — eu digo, interrompendo-a.

— Concordo. — Ela me surpreende dizendo. — Então, que tal um compromisso?

Cruzo os braços, descontente com o que está acontecendo. — Como o quê?

Ela se inclina para abrir uma gaveta da mesa, puxa um caderno de capa preta e me oferece. — Em vez de arrastá-la aqui toda semana, você escreve aqui. Você virá a cada consulta a cada duas semanas. Não vou ler uma palavra que você escreve. — Ela promete. — Enquanto eu puder ver que

você *está* escrevendo, isso é bom o suficiente para mim.

— É isso? — Eu pergunto, esperando o truque.

— Você não precisa falar antes de estar pronta, e eu não preciso desperdiçar meu horário de almoço tentando fazer você falar. Comércio justo, eu diria.

Você é a pior conselheira de orientação de todos os tempos. E sou grata por isso.

Hesito, avaliando minhas opções. Ser forçada a revelar minha alma a um orientador não qualificado de ensino médio ou rabiscar em um caderno de vez em quando? É moleza.

Ela levanta uma sobrancelha, estendendo o caderno ainda mais, me levando a pegá-lo. Meus ombros caem, e ela sorri, sabendo que ganhou.

— Ok.

— Volte e me veja em dois dias. Então, a cada duas semanas a partir disso. — Eu murmuro um agradecimento, depois viro para a porta quando a voz dela me para novamente.

— E Shayne?

Faço uma pausa, olhando-a por cima do ombro. Ela se inclina, abaixando a voz. — Também fui estudante aqui uma vez. Sei melhor do que ninguém o quão brutais esses idiotas podem ser.

Minhas sobrancelhas levantam até a minha linha do cabelo e eu

quase sorrio. Não esperava isso.

— Então, se você precisar conversar... — Ela deixa o convite pendurado e eu aceno agradecida antes de fechar a porta. Saindo para o salão agora cheio, pego meu telefone do bolso de trás para mandar uma mensagem para Valen, mas ela me derruba.

Valen: Vamos comer no campus. Encontre-me na cafeteria.

Eu gemo, debatendo internamente sobre a escola abandonada pela primeira vez. À minha direita estão as portas duplas que levam à cafeteria. À esquerda é a saída. Meu telefone vibra na minha mão, interrompendo meus pensamentos.

Valen: Nem pense em me abandonar.

Eu gemo, colocando meu telefone de volta no bolso, e relutante vou em direção à cafeteria. A apreensão se instala, crescendo a cada passo, mas eu a empurro e levanto meus ombros. Não é que eu não aguente mais, estou mais do que acostumada a ser um espetáculo. Ser a nova garota em uma cidade pequena já é ruim o suficiente, mas morar com os *irmãos Ames* era outra coisa completamente diferente. Todo mundo me odiava porque estava com ciúmes ou queria fazer amizade comigo na tentativa de abrir caminho para o círculo interno dos irmãos. E as calças deles. Todo mundo, exceto Valen.

Então não. Não são os sussurros, piadas e olhares que me preocupam. É o desconhecido que me incomoda, e este é apenas outro

ponto de interrogação gigante na minha vida. Sem Thayer, Holden e Danny, onde eu pertenço? Na melhor das hipóteses, as massas não me perceberão mais como uma ameaça nem uma entrada, e eu me tornarei invisível. Pior caso? As luvas vão cair, agora que não estou em suas boas graças.

Respirando fundo eu arrumo minhas feições, deslizando minha máscara no lugar e abro a porta. Mostrar fraqueza não é uma opção. No momento em que parecer intimidada eles atacarão. De cabeça erguida procuro Valen nas mesas de almoços lotados. Eu a encontro perto de um dos balcões e vou em sua direção. Instantaneamente sinto os olhos em mim, mas mantenho meus olhos em frente, não parando até chegar a Valen.

— Eu te odeio. — eu digo, inclinando-me para que ela possa ouvir.

— Você me ama. — ela argumenta. — Além disso, você tinha que acabar com isso mais cedo ou mais tarde. — A garota na nossa frente se vira para sair depois de pagar pela comida e passamos para o caixa. — Salada de frango e uma Coca Diet, por favor.

— E um sanduíche de peru. — digo com um olhar aguçado para Valen. Se ela vai me forçar a passar mais tempo com esses idiotas, pelo menos estou conseguindo algo com o negócio. Valen revira os olhos, acenando com permissão para a senhora do almoço.

Sanduíche embrulhado e um recipiente de salada na mão, vamos até uma das poucas mesas vazias. No minuto em que nos sentamos, meus olhos encontram minha mesa velha e, com certeza, Holden e sua equipe

estão lá. Ele está de lado no banco com Taylor Sanders entre os joelhos abertos, de costas para a frente dele. Não deveria me surpreender vê-la com Holden depois que ela ficou com Thayer, mas por algum motivo, isso acontece. Acho que não importa qual é, desde que sejam Ames.

Holden desliza um dedo por cima da blusa para dar uma boa olhada no seu peito e ela ri, dando um tapa na mão dele, embora ela esteja adorando a atenção. *Claramente, algumas coisas nunca mudam*. O garoto na frente deles ri, e meus olhos se voltam para o rosto dele.

— Quem é ele? — Eu pergunto, balançando a cabeça em sua direção.

Valen olha por cima do ombro. — *Isso...* — ela ri, apontando o garfo para ele, — É Chris Baker.

Meu queixo cai e olho de soslaio, tentando encontrar a semelhança. — De jeito nenhum. Desde quando Chris Baker começou a sair com Holden?

— Estranho, certo? E agora é apenas *Baker*. — ela diz em tom de zombaria.

— Além de estranho. Me pergunto como isso aconteceu.

Chris Baker foi a última pessoa que eu esperaria se juntar às fileiras do bonito e do popular. Eles não são exatamente um grupo acolhedor. Eu tive algumas aulas com ele, e ele sempre foi meio solitário. Tímido, ou talvez apenas quieto, mas agradável nas poucas ocasiões em que conversamos. Ele

geralmente estava coberto de preto, tinha cabelos escuros na altura do queixo e acho que nunca o vi sem seus fones de ouvido e uma câmera. Agora ele está usando um corte de cabelo bem curto, jeans justos, em vez dos folgados, e um decote em V branco esticado sobre o peito.

— Droga. — eu digo apreciando a vista. — Ele está muito bom.

— Foi do nada. Ele sentou-se à nossa mesa durante o almoço um dia no ano passado e apenas... nunca saiu.

Eu desembrulho meu sanduíche e comprimo um pedaço da ponta antes de colocá-lo na minha boca. O resto do almoço passa sem intercorrências, e Valen me conta o resto do drama de Sawyer Point que eu perdi. Ainda pego algumas pessoas olhando, mas acho que, na maioria das vezes, as pessoas ficaram entediadas quando perceberam que não haveria nenhuma ação.

Quando a campainha toca, eu levanto, e os olhos de Valen se prendem a algo atrás de mim. Eu sei que é Holden antes mesmo de me virar. Ele se eleva sobre mim, deixando apenas centímetros entre nós. Eu luto contra o desejo de me afastar. Conheço Holden e sei que isso não passa de uma tática de intimidação.

— Ei, irmãzinha. — diz ele, olhando para mim com um sorriso de Cheshire, um forte contraste com a maneira como ele reagiu na última vez que me viu.

— O que você quer?

— Que você volte para Shadow Ridge, mas aparentemente você não recebeu o memorando.

— Estou trabalhando nisso. — eu brinco. Assim que me formar, vou embora de Sawyer Point. E com alguma sorte, vou ficar fora desta vez.

— Ótimo.

CAPÍTULO 3

Shayne

— **E**u realmente acho que não é uma boa ideia. — eu digo, assistindo Valen se preparar no espelho.

— Discordo. Se esconder não vai facilitar as coisas.

— Eu não estou me escondendo. — eu argumento. Não voltei a Sawyer Point para ir a festas e a jogos de futebol. Se dependesse de mim, eu teria optado por obter meu GED ou terminar meu último ano on-line.

— Quanto mais cedo você mostrar que não é um alvo fácil, eles passarão para alguém que é.

Eu suspiro, inclinando-me contra a beirada da cama que é adequada para uma princesa. — Você nunca fica cansada disso? — Eu pergunto. Depois que Danny morreu, toda a minha vida mudou, e agora tudo o que importava parece tão... trivial. Entre meus problemas com o papai e o fato de eu ter sido jogada em uma escola onde todos são mais ricos e bonitos, eu me tornei profissional em me recompensar. Eu costumava lutar pela perfeição. Talvez se eu tivesse as roupas certas, o melhor cabelo, as melhores notas, eu seria boa o suficiente.

Admitir isso, mesmo para mim me faz estremecer. Aquela garota era fraca. Buscando validação em todos os lugares errados e em todas as

pessoas erradas.

Valen prende seu cabelo escuro e sedoso em um rabo de cavalo alto e apertado antes de se virar para me encarar. — É o último ano.

— Como eu poderia esquecer quando você me lembra a cada trinta segundos? — Eu provoco, interrompendo-a. Ela torce os lábios brilhantes e fica de pé, caminhando em minha direção, segurando meus ombros.

— Você pode não perceber agora, mas vai sentir falta disso um dia. Não deixe Holden e dois idiotas ciumentos arruinarem isso para você. Finalmente consegui minha melhor amiga de volta e quero me divertir um pouco.

Ela está certa. Eu sei que ela está. Quão ruim poderia ser? Não é mais como ter Thayer por perto, e é com ele que eu deveria me preocupar.

— Tudo bem. — eu concordo.

Um sorriso diabólico se espalha pelo rosto dela.

— O quê? — Eu pergunto, desconfiada.

— Aiden estará lá hoje à noite. — ela diz, observando minha reação.

— *Ok*?! — Isso soa mais como uma pergunta do que como uma afirmação. Aiden é um dos amigos mais próximos de Thayer e Holden. Ele é lindo e um dos caras mais brilhantes que existe nessa cidade, mas nunca saímos juntos.

— Ele está solteiro agora.

— Legal. — Eu torço o nariz.

Valen me lança um olhar. — Você é uma causa perdida. Você tem sorte de ser tão bonita assim. — Ela aperta minhas bochechas, falando com uma voz reservada apenas para conversar com bebês e animais, depois me dá uma olhada.

Olho para os meus shorts jeans cortados, converse branco e uma camisa branca apertada de mangas compridas. — O quê? — Eu pergunto defensivamente.

Ela inclina a cabeça para o lado, avaliando. — Uma pequena melhoria.

— diz ela, puxando meu cabelo para fora do coque bagunçado em cima da minha cabeça. Meu longo cabelo loiro cai no meio das minhas costas, uma leve onda neles desde que eu não me preocupei em secá-lo depois do banho. Valen me senta na cadeira da vaidade e eu observo no espelho enquanto ela usa sua chapinha ainda quente para endireitar apenas as pontas. Ela passa algo na palma de suas mãos antes de esfregar no meu cabelo, fazendo-o brilhar, depois termina pulverizando minhas raízes com algo que lhe dá muito mais volume do que eu tenho naturalmente.

— *Voila*. — ela anuncia, usando as duas mãos para bagunçar meu cabelo. — *Instant Angel's Secret Angel Hair.*

Eu aceno impressionada. — Você tem um dom.

Ela faz uma reverência com a cabeça. — Obrigada. Agora vamos.



Vinte minutos depois, estamos caminhando pela praia rochosa em direção às fogueiras ardentes a alguns metros de distância. A música soa de algum lugar, e há grupos de pessoas espalhadas por toda parte, espalhadas da praia até o penhasco acima de nós. Não há como todas essas pessoas irem a Sawyer Point. Não reconheço metade deles.

O namorado de Valen, Liam, está cercado por uma multidão de garotas da faculdade e por alguns amigos, mas quando nos vê se afasta deles.

— Ei, querida. — diz ele antes de enfiar a língua na garganta dela com uma mão na sua bunda. Liam está no Northeastern, mas você pensaria que ele estava do outro lado do mundo pela maneira como a cumprimenta.

Valen recua, sem fôlego. — Oi.

— Bem, olhe quem voltou dos mortos. — diz Liam enquanto passa os braços em volta de Valen por trás, agora percebendo minha presença. Valen lhe dá uma cotovelada nas costelas, enviando-lhe um olhar de desaprovação por sua má escolha de palavras. — Merda, foi mal. Bem-vinda a casa, Shayne.

— Muito melhor. — elogia Valen.

Reviro os olhos, odiando que ela pense que as pessoas devam pisar em ovos ao meu redor. Não sou uma florzinha frágil. — Ei, Liam.

— Vocês, senhoritas, precisam de uma bebida? Valen assente e Liam gesticula para que o sigamos.

— Então está indo bem, eu assumo. — eu digo, andando alguns passos atrás dele.

— Sim. — Ela encolhe os ombros.

Ele nos leva a um grupo de pessoas em volta de uma fogueira, os altos pedaços de madeira usados para acender o fogo formando uma tenda. Liam se inclina, pegando dois copos de plástico de uma sacola.

— Espero que cerveja esteja bem. Estamos fora das coisas fortes. — Ele puxa a mangueira enquanto seu amigo bombeia o barril, enchendo o primeiro copo para Valen. O amigo dele pega o segundo, enchendo para mim.

— Matt, esta é Shayne. — diz Liam, acenando com o queixo para mim. — Melhor amiga da minha garota. — Então ele olha para mim. — Matt vai para Northeastern.

— Legal. — eu digo, sem saber se devo ficar impressionada com essa informação ou se ele está apenas conversando. — Parabéns. — continuo. Quase pergunto o que eles estão fazendo em Sawyer Point, em vez

de em uma festa da faculdade, mas guardo para mim mesma, não querendo ofender. Matt é o típico garoto de fraternidade formal de Boston, com mangas compridas enroladas nos antebraços, bermudas cáqui, cabelo de boneco Ken e mocassim para completar. Em outras palavras, um milhão por cento *não é o* meu tipo.

Ele me dá uma piscadela, me entregando o copo. Liam puxa o braço de Valen, tomando uma cadeira vazia ao redor do fogo, antes de puxá-la para seu colo.

— Você ainda está no ensino médio? — Matt pergunta. Eu concordo.

— Legal.

Desvio o olhar, desconfortável com a maneira como ele olha para mim. Olho para o fogo, ouvindo-o estalar antes de cuspir algumas brasas que parecem se desintegrar no céu noturno. Estou hipnotizada pelas chamas, pelo cheiro, pelo som, enquanto Matt zumbe sobre algo ao meu lado. Algo além das chamas chama minha atenção, me fazendo olhar por mais tempo.

Holden, Christian e Thayer.

A visão deles juntos envia uma onda de tristeza pelo meu corpo. A ausência de Danny é quase tangível.

Os três não poderiam ser mais opostos, cada um com seu papel. Primeiro, está Holden. O playboy. O comediante. Tem um coração de ouro em algum lugar por baixo de toda essa devassidão. Depois, há Christian. O

atleta. Em uma via rápida para o sucesso. Inteiramente sério demais para alguém da nossa idade. Tem todo o seu futuro planejado. Por fim, há Thayer. A ovelha negra. O garoto mau. Ele rejeita sua popularidade como se isso fosse uma mancha em sua reputação, mas apesar disso, ele é sem dúvida o mais cobiçado dos *garotos Ames*. Ou talvez seja por causa disso.

Como se ele pudesse-me sentir olhando para ele, seus olhos encontram os meus através do fogo. Minha respiração trava, o coração paralisado. Trago meu polegar para minha mão oposta, esfregando a leve cicatriz levantada no meu pulso por reflexo. Ele parece chocado no começo, como se estivesse vendo um fantasma. Mas então esses olhos ficam frios e passam por mim como se ele não tivesse me visto. Minha garganta fica apertada quando lembranças de amor e perda proibidos e, finalmente, uma dor no coração me atingem de uma só vez. Mas eu as empurro, fechando os olhos para ganhar a compostura.

Ele é apenas um garoto que você pensava conhecer. Você não desmoronará ao vê-lo.

Uma mão no meu ombro rompe meu pânico. — Você está bem?

— Hmm? — Olho para ver... como é mesmo o nome dele? Matt. — Desculpe. — Balanço a cabeça. — Eu me distraí. — Como um ímã, meu olhar está sendo puxado de volta para Thayer, e Valen está de repente ao meu lado.

— Eu pensei que você tinha dito que ele se foi. — Minha voz está

quase um sussurro.

— Ele se foi. — diz ela, parecendo tão confusa quanto eu. — Eu juro. Eu não o vejo há meses.

Thayer está sentado em uma cadeira dobrável com uma garota debruçada sobre o seu colo de lado, com o braço enrolado nos ombros dele. Holden está no lugar próximo a ele, alheio, sendo sugado pelo pescoço por uma morena pequena no colo.

— Talvez eu devesse falar com eles. — Eu aceno para mim mesma. — Rasgar o curativo. O que acha? — Eu pergunto, olhando para Valen para confirmação. Já faz quase um ano. Tivemos tempo de seguir em frente. *Então, por que parece que ontem Thayer estava me rejeitando no celeiro?*

— Sim. — diz ela, mas ela não parece convencida.

Antes que eu possa me impedir de cometer um erro colossal, estou indo na direção deles.

Quando paro diante deles, nenhum deles reage. Os olhos de Thayer se erguem devagar para encontrar os meus, e não há nada além de apatia brilhando de volta para mim. Seus dedos deslizam pela coxa da garota, e meus olhos se prendem ao movimento, incapaz de desviar o olhar. A dor que me atravessa me pega completamente desprevenida, e meu estômago revira com ciúmes. Sinto lágrimas ardendo na parte de trás dos meus olhos, mas não há como eu deixá-las cair. Não sou a garota que fui no ano passado. Pelo menos é o que eu continuo dizendo a mim mesma.

— Umm... — Uma voz feminina me tira disso. — Quem é ela? — ela pergunta a Thayer.

— Ninguém. — Ele diz as palavras casualmente, mas eu sei que elas foram feitas para me machucar. E elas me machucam.

— Posso falar com você por um segundo?

Os olhos de Holden se abrem com o som da minha voz antes de estreitar maliciosamente. Christian ignora completamente minha presença enquanto finge ouvir algo que Chris Baker diz.

— Fale. — diz Thayer, seus dedos continuando seu caminho na coxa nua da garota.

Engulo em seco, tentando desviar o olhar.

— A sós? — Eu tento de novo.

— Como você pode ver, estou ocupado.

Eu quase vou embora. É claro que isso não vai acabar bem. Mas eu estou determinada a dizer minha parte e acabar logo com isso. Eu me mexo nervosamente, a incerteza picando minha espinha.

— Só porque nossos pais não estão juntos, não significa que não podemos ser...

— O quê? A*migos*? — Thayer me interrompe com uma risada amarga. — É isso que você estava prestes a dizer?

Não era isso que eu ia dizer, não com essas palavras, pelo menos,

mas tudo parece tão... genérico. Ele se levanta abruptamente, a garota no colo dele cai no chão com um grito chocado, mas ele nem sequer lhe dá um olhar. Ele entra no meu espaço, perto o suficiente para que olhos e ouvidos indiscretos não ouçam suas próximas palavras.

— Nós não somos amigos. Nós não somos nada.

— Meu erro. — eu digo, balançando a cabeça. Ele tem razão. Não reconheço essa versão fria dele.

Não sei por que olho para Holden, para sua reação, não é como se eu tivesse algum retorno dele. Mas ele já foi meu amigo também. Ele está me encarando com uma diversão silenciosa pintada em seus traços, enquanto a garota em seu colo continua seu ataque ao pescoço dele. *Nojento*.

— Corra agora, Shayne. Esta não é mais sua casa.

— Sim, eu concordo.

— Eu posso ver isso.

Virando-me, caminho para o lado oposto da praia que leva a uma área arborizada aberta. Eu vejo os olhos preocupados de Valen através do fogo, e ela se levanta como se fosse me seguir, mas eu balanço levemente minha cabeça, deixando que ela saiba que estou bem.

— Você voltou. — uma voz profunda vinda da minha esquerda diz. Eu me viro para encontrar Aiden parado em uma camisa preta e calça jeans justa. Eu tenho que admitir, ele não é horrível de se olhar com seus cabelos

escuros e encaracolados, lábios carnudos e olhos castanhos claros.

— Sim. — Enfio minhas mãos nos bolsos traseiros.

— O que foi aquilo?

— Política do ensino médio. — eu digo. — Aparentemente, fui rebaixada.

— Eu não me importaria com isso. Como você está?

Franzo o cenho, tentando descobrir o motivo. Não sei por que ele está falando comigo quando eu já fui declarada pária. Não é como se ele não tivesse notado. Olhando em volta para ver se alguém nos notou, vejo Taylor e Alexis fazendo uma careta em nossa direção. — Temos uma audiência. — eu sussurro conspiradora. — Você provavelmente não deveria ser pego falando comigo.

Ele passa os dentes pelo lábio inferior para conter um sorriso. — Eu não dou a mínima. Eu pretendo falar com você.

— E por que isso?

— Porque você não tem mais um pequeno exército de homens bloqueando todo e qualquer pretendente em potencial.

Ele diz isso como uma piada, mas serve apenas como um lembrete de quanto às coisas mudaram. Não que havia algum bloqueio de homens real acontecendo.

— Merda, coisa errada a dizer.

— Não, está tudo bem. — Eu aceno para ele.

Olho para Thayer mais uma vez, incapaz de resistir a olhar para ele. Ele está olhando diretamente para mim, o calor que eu normalmente vejo nos olhos dele em nenhum lugar para ser encontrado.

De repente, sinto vontade de ser resgatada. Não quero mais estar aqui. Eu considero pedir a Valen uma carona para casa, mas ela está atualmente com Liam, e eu não quero arruinar sua noite. Ela não o vê tanto com ele morando nos dormitórios da universidade.

— Ei, você está sóbrio? — Eu pergunto a Aiden.

— Como um juiz.

— Sente vontade de dar carona para uma garota até em casa?

— Só se conseguirmos comida primeiro.

— Fechado.

Depois de dizer a Valen que Aiden vai me levar para casa, ela relutantemente concorda em ficar. Entramos na caminhonete preta de Aiden, e ele se vira para olhar para mim.

— Algum pedido especial?

— Pizza. — digo sem hesitar.

— Não diga mais nada. Há uma pizzaria em Haverhill.

Ele joga a caminhonete na estrada, descendo o caminho estreito e

sinuoso que leva à estrada principal. É fácil conversar com Aiden. Ele é arrogante e espirituoso, mas respeitoso, e não muito insistente. Depois de dividirmos uma grande pizza de pepperoni e uma jarra de Pepsi, sinto-me cheia. E com um humor um pouco melhor do que antes.

— Estou tão cheia. — eu gemo, inclinando minha cabeça contra a cabine.

— Isso significa que você não vai comer isso? — Ele pergunta, sacudindo o queixo na última peça da bandeja de prata.

— É todo seu. — Eu rio.

Aiden dobra a fatia ao meio, devorando-a em duas mordidas, limpa as mãos e depois se levanta. — Pronta para ir?

Eu agarro minha bolsa, pegando algum dinheiro, mas ele me para.

— Deixa *pra* lá. — diz ele, jogando três notas de vinte sobre a mesa.

— Deixe-me pagar pela metade, pelo menos.

— Não. — Ele enfia a carteira de volta no bolso de trás, depois faz um gesto para eu ir na frente.

— Obrigada. — eu digo, virando-me para encará-lo, caminhando para trás em direção à frente do restaurante. — Pelo passeio e pela comida.

— Ele sorri para mim, mas então seus olhos se concentram em algo por cima do meu ombro.

— Essa não é sua mãe?

Eu me viro, esperando que ele esteja enganado, mas observo lentamente e lá está ela, toda arrumada, andando pelo estacionamento no braço de um cara.

Que diabos?

— Você quer ir dizer "*oi*"? — Aiden pergunta. Balanço a cabeça. — Não, tudo bem.

O cara ajuda minha mãe a entrar no banco de trás de um carro antes de subir atrás dela e depois sai do estacionamento. Se este é um encontro, por que sair da cidade? Não é pela comida, com certeza. E por que ela não mencionou isso? Talvez fosse uma reunião ou um cliente? Reviro os olhos para mim mesma. Não é provável. Não a essa hora da noite.

Parece que eu não sou a única com segredos.

CAPÍTULO 4

Shayne

*Eu pronuncio as palavras, cantando silenciosamente a "*Queen of the Night*", de Hey Violet, enquanto caminho até o refeitório quando uma mão sai, me puxando para uma sala de aula vazia. Eu grito surpresa e arranco meus fones de ouvido.*

— Feliz aniversário. — diz Thayer, me empurrando contra a parede ao lado da porta. Eu bato no ombro dele, esticando o pescoço para olhar pela janela retangular da porta.

— Alguém poderia ter visto você.

Thayer encolhe os ombros, curvando-se para agarrar minhas coxas, me elevando à sua altura. Minhas pernas envolvem automaticamente em torno dele, minhas mãos segurando seus ombros, e então seus lábios estão nos meus, famintos e exigentes. Eu abro para ele e sua língua empurra para dentro. Eu gemo, sentindo seu comprimento se contrair entre as minhas pernas, e vergonhosamente me mexo contra ele, buscando o atrito que preciso.

Ele se afasta, interrompendo o beijo muito cedo. — Então, aniversariante, o que você quer de presente? — Ele pergunta, sua voz grave.

— Qualquer coisa? — Eu mordo meu lábio.

— Qualquer coisa.

Eu me inclino para frente, colocando minha boca no seu ouvido. Meu coração está batendo forte, mas vou dizer assim mesmo. — Eu quero que você me toque de novo. — eu sussurro.

— Shayne... — ele geme. — Você não pode dizer coisas assim.

— Por quê? — Eu faço beicinho. Ele me tocou uma vez, e eu estou morrendo de vontade de sentir isso desde então.

— Porque agora eu tenho que andar com isso o dia todo. — diz ele, empurrando-me para demonstrar seu ponto de vista.

— Acho que vou ter que cuidar disso sozinha...

— Bem. Encontre-me no celeiro depois de termos bolo e presentes com nossos pais. Então eu vou te dar seu presente de verdade.

— Pronta? — Valen pergunta, me tirando da minha memória. Afasto meus olhos da sala de aula que desencadeou tudo isso, para encontrá-la fazendo uma careta, provavelmente me perguntando por que estou encarando a sala vazia e escura.

— Como sempre estarei.

Isso foi há um ano, quando as coisas com Thayer e eu começaram a esquentar. Eu o encontrei no celeiro naquela noite, e ele me deu exatamente o que prometeu. Thayer não era exatamente conhecido por sua moralidade, mas por algum motivo, ele lutou para ir mais longe comigo. Foi divertido,

emocionante e imprudente fugir. Mas, eventualmente, à medida que nossos sentimentos cresceram, ter que se esconder ficou velho. Mas não conseguimos impedi-lo, não importa quantas vezes tentamos terminar.

Saímos para o estacionamento dos estudantes, atravessando o lugar lotado até o Mercedes branco pérola de Valen. Como é meu aniversário e minha mãe teve que ir a uma viagem rápida de dois dias, estou comemorando com Valen. Eu não teria isso de outra maneira. De qualquer forma, não parece meu aniversário, sem Grey e minha mãe por perto.

Quando Valen me perguntou o que eu queria fazer, sugeri visitar a casa de Lizzie Borden em Fall River. Ela pensou que eu estava brincando. Eu não estava. Quando pensamos em coisas que eu poderia fazer aos dezoito anos, tudo se resumia a um clube de strip, um clube para maiores de dezoito anos ou um piercing ou uma tatuagem. O pensamento de algo permanente parecia muito intimidador, mas um piercing? Um piercing eu poderia fazer. Estou realmente empolgada.

— Você já conversou com Aiden? — Ela pergunta assim que entramos no carro, ligando o motor.

Eu dou de ombros. — Aqui e ali. — Faz uma semana desde que ele me trouxe para casa. Dissemos um oi, e ele me mandou uma mensagem algumas vezes, mas é isso. Acho que ele sabe que não estou interessada.

— Bem, isso é decepcionante. — Ela sai do estacionamento, indo para sua casa. Nossos compromissos não são até mais tarde hoje à noite.

— Por quê?

— Porque eu não quero que você perca seu ano inteiro pendurada no filho do seu ex-padrasto.

Eu olho para ela. Valen sempre suspeitou, mas após o funeral, era óbvio que algo havia acontecido entre Thayer e eu. Eu disse, atribuindo seu comportamento à tristeza, mesmo que eu não quisesse nada além de confessar tudo. A julgar pelo seu comentário, ela não o comprou.

— Eu não estou!

— Mhm.

— Você o viu no fim de semana passado. Ele me despreza. Ambos na verdade.

— É exatamente por isso que você deve se concentrar em outros garotos. Especificamente, aqueles que se parecem com Aiden.

— Eu não quero namorar *ninguém.*

Ela levanta um ombro. — Qualquer coisa que você diga.

Quatro horas depois paramos no prédio de tijolos vermelhos com a

grande janela panorâmica. Há uma placa com a inscrição *Heartbreak Ink* com uma placa de neon roxa embaixo que exibe as palavras *Tatuagens e Piercings*. Atrás de nós há um monte de carros estacionados em todas as direções, alguns que reconheço e outros que não. Quando vejo o Hellcat de Thayer, meu estômago revira de nervoso. Há uma série de bares e restaurantes nessa área, o que significa que todos se reúnem aqui. É praticamente a única outra coisa a fazer na cidade além da praia. Também é um ponto de encontro pré-festa, e meu palpite é que eles estão prestes a ir a uma festa da faculdade.

Valen desliga o motor e nós duas pulamos para fora do carro, caminhando em direção à loja bem iluminada. Quando estamos nos aproximando do prédio, Thayer, Holden e Christian saem da loja de conveniência ao lado. Thayer me vê primeiro, suas sobrancelhas demostrando sua raiva. Holden percebe a mudança de comportamento e segue seu olhar. Diversão brilha em seus olhos, enquanto ele diz algo que não consigo ouvir. Christian é o último a entender, mal nos reconhecendo com um olhar.

Encantador.

— Ignore-os. — diz Valen da minha esquerda.

Afasto meu olhar de Thayer e caminho até a calçada. A porta soa quando entramos, e um cara com uma camisa do Celtics e braços cheios de tinta colorida nos cumprimenta.

— O que posso fazer por vocês?

— Temos horário agendado para Valen e Shayne. — fornece Valen.

— Pode apostar. Eu sou o perfurador aqui, então vocês estarão comigo. Meu nome é Nate. Vou precisar das identificações e vocês duas precisam preencher tudo nesses formulários. — diz, puxando duas pranchetas de trás de um balcão. Ele entrega uma para cada uma de nós, e eu digitalizo o formulário de consentimento, sentindo uma leve onda de excitação. — Eu estarei pronto para você em apenas um minuto. — diz ele, e então desaparece em um dos quartos dos fundos.

— O que você decidiu? — Eu pergunto enquanto preencho minhas informações e tiro minha licença do bolso de trás antes de prendê-la no quadro.

— Nariz. — diz Valen, apontando para a narina. Ela não vai ter dezoito anos por mais alguns meses, mas tem uma identidade falsa. Porque, é claro, ela faz.

— Argola ou pino?

Ela torce os lábios, parecendo considerar. — Pino. E você?

A porta toca novamente antes que eu possa responder, e mesmo antes de me virar, sei que é Thayer. Com certeza, ele e Holden entram, inspecionando o local.

— Acho que você está no prédio errado. — diz Thayer. — O Chuck

& Cheese fica na próxima rua.

Volto para Valen, fingindo que eles não estão aqui, e toco a concha da minha orelha. — Estou pensando em fazer um pequeno aro aqui.

Valen cruza os braços sobre o peito. — Nós não viemos aqui para conseguir algo que você poderia ter quando tinha treze anos, Shaynie Baby.

Eu reviro os olhos. — Bem. Meu umbigo, então. Eu gosto da ideia de ter um piercing secreto. Algo que eu posso esconder facilmente.

— Uma ótima maneira de viver a vida no limite. — Thayer fala.

Eu giro, prendendo-o com um olhar. — Não me lembro de perguntar nada a você.

Nate, o perfurador, volta de trás, acenando com a cabeça para Thayer e Holden. — Você quer um retoquê? — Ele pergunta, dirigindo sua atenção para Thayer.

Ele tem uma tatuagem?

Thayer balança a cabeça em resposta.

— Estamos com elas. — diz Holden, sacudindo o queixo em nossa direção.

Reviro os olhos, entregando a Nate minha prancheta.

— Aniversariante? — Nate pergunta, olhando para minha licença.

— Sim. — Eu caminho, subitamente me sentindo um pouco

nervosa.

— Feliz aniversário então. Quem vai primeiro?

— Eu. — anuncia Valen, segurando sua prancheta para ele pegar.

— Tudo bem, garota corajosa. Escolha suas joias. Ele aponta para uma vitrine de vidro com todos os tipos de joias diferentes, junto com produtos da loja na forma de adesivos, gorros e camisetas.

Os dois andam até o balcão e eu sigo o exemplo. Enquanto Nate mostra a Valen as opções de argolas para o nariz, eu procuro em todos os diferentes tipos de joias. Alguns, eu nem reconheço. Eu bufo quando vejo uma barra curva com um coelhinho da Playboy pendurado no fundo.

— Você ficaria surpresa com quantas pessoas querem isso. — diz Nate, sorrindo. — Principalmente divorciados na casa dos trinta ou quarenta e poucos com uma nova tendência selvagem. — Ele pisca.

— Eu não estou julgando. — Sorrio. Cada um com sua mania.

Depois que Valen decide em um delicado anel de nariz pequeno, os dois desaparecem em uma cabine em algum lugar no corredor. Eu analiso as joias um pouco mais, meus olhos colaram em algo em particular. Duas coisas, especificamente.

— Você está com muito medo. — diz Thayer atrás de mim, sua voz perto do meu ouvido, e eu pulo, sem perceber que ele estava tão perto.

— Não, eu não estou. — Engulo em seco, sentindo-o se aproximar.

— Mentirosa. — ele acusa.

— Não se comporte como se me conhecesse. — eu respondo.

— Ah, mas eu conheço. Eu sei que secretamente, o que você realmente quer são esses. — diz ele, batendo os dedos na bancada de vidro, o braço roçando o meu no processo. — Mas no final, você vai recuar e jogar pelo seguro, porque boas garotinhas não têm piercing nos mamilos.

Não sei o que mais odeio. A maneira como ele está falando comigo ou o fato de estar certo. Mas isso não significa que ele me conhece. Ele me viu olhando para eles. É isso aí.

— Pronto! — Valen grita, saltando de volta em nossa direção. Thayer recua, e Holden nos observa atentamente do sofá no lado oposto do saguão. Alheia, Valen coloca as mãos sob o queixo, golpeando dramaticamente os cílios. — O que você acha?

— Isso foi rápido. — eu digo, andando para inspecionar o pequeno diamante que fica em sua narina levemente vermelha, como se meu coração não estivesse ficando louco dentro do meu peito. — Essa pode ser a coisa mais fofa que eu já vi.

— Adorei. — ela declara, virando-se para um espelho de corpo inteiro para admirá-lo um pouco mais.

— Ficou bonito. — diz Holden, apreciando seu tom.

— Foda-se.

— Sim, por favor.

A porta se abre, cortando suas brigas, e Christian entra gesticulando com a cabeça.

— Estamos saindo.

— Aproveite o seu piercing no umbigo. — provoca Thayer, e então os dois estão saindo pela porta.

Idiota.

Eu me viro, notando dois livretos de couro em cima da caixa de vidro, um escrito *Tatuagens*, o outro *Piercing* no Sharpie prateado. Eu folheio, verificando todos os diferentes piercings faciais, mas cerca de três páginas, faço uma pausa, incapaz de desviar o olhar.

Eu sempre pensei que eles eram bonitos, mas nunca algo que eu pudesse fazer. Eu nunca pensei em adquiri-las para mim, mas por alguma razão, agora que a ideia tomou forma, não posso abondoná-la. Ele está me atormentando desde que vi as joias . *Eu quero fazê- la*. *Eu* vou *fazer isso.* Algo um pouco rebelde, mas não tão permanente quanto uma tatuagem. E não posso negar que há algo interessante em saber que ninguém mais verá, a menos que decida mostrar a eles.

Nate dá a volta no balcão, perguntando quais joias eu gosto e aponto para o que quero.

— Não é isso que você está procurando. — Nate ri. — Os piercings

para umbigo estão aqui. — diz ele, colocando um dedo tatuado no vidro.

— Eu sei. Eu quero estes.

Seus olhos se voltam para os meus.

— Esses são para mamilos.

— Eu sei. — Eu arregalo meus olhos para ele.

Nate limpa a garganta, mas o profissional nele se recupera rapidamente rapidamente, arrancando uma bandeja de vários halteres da vitrine. — Vamos levá-los ao estande para que possamos discutir mais sobre isso.

Concordo com a cabeça, então Nate me leva a uma sala muito iluminada e com uma sensação estéril, com uma cadeira que me lembra a mesa de exames do meu ginecologista.

— Sente-se. — diz ele, fechando a porta atrás de si.

Meu coração dobra o ritmo e os nervos começam a se acalmar quando eu pulo na cadeira. Nate olha minhas mãos trêmulas e as fecho no meu colo, na tentativa de firmá-las.

— Você tem certeza disso? — Ele pergunta, levantando uma sobrancelha. — Um grande salto para a primeira vez.

Boas meninas não têm seus mamilos perfurados.

As palavras de Thayer tocam na minha cabeça. É uma atitude adolescente rebelde clichê para conseguir piercings em lugares

questionáveis? Provavelmente. Eu vou fazer assim mesmo?

Eu engulo em seco, depois dou um aceno firme. — Sim. Vamos fazer isso.

Um sorriso puxa seus lábios, e por algum motivo, é esse sorriso que me faz perceber de repente que esse cara vai ser íntimo e pessoal com meus mamilos. Nate senta em uma cadeira e vem em minha direção com a bandeja de joias na mão.

— Mas devemos nos apressar. Antes que eu possa desistir.

Ele ri, estendendo a mão para puxar um carrinho, depois coloca a bandeja no topo antes de focar sua atenção em mim. — Você pode levantar sua camisa para mim? Seu sutiã também precisará sair.

Concordo com a cabeça, respirando fundo. Puxo minha camisa por cima da cabeça, deslizo as alças do sutiã pelos braços e chego atrás de mim para liberar o fecho do sutiã, deixando-o cair no meu colo. Meus mamilos apertam dolorosamente, como se soubessem o que está por vir.

— Você tem mamilos perfeitos. — ele observa.

— Hum. — Não sei o que dizer sobre isso.

— Para piercing. — ele altera. — Eles são proporcionais e não planos, por isso ficarão ótimos.

— Ok.

Ele se inclina para perto, me inspecionando, e eu tento o meu

melhor para não me mexer enquanto as pontas dos dedos puxam levemente a ponta. — Acho que vamos usar um medidor de catorze, já que eles são bem pequenos. Vou deixar assim um pouco para acomodar o inchaço, mas você pode mudar quando estiver curado.

— Quanto tempo isso vai levar?

Nate levanta um ombro. — É difícil dizer. Quanto à dor, vai doer hoje à noite, e eles ficarão sensíveis por algumas semanas. Não *brinque.* — ele diz com aspas no ar, deixando claro seu significado. — Por quatro a seis meses.

Uau. Isso é muito mais do que eu imaginaria. Mas ainda não me influencia.

— Pronta?

— Sim.

Nate se levanta e faz alguma coisa no pequeno balcão do lado oposto da sala e volta com as mãos enluvadas segurando uma gaze branca.

— Para esterilizar. — Explica ele. — Você vai sentir algo gelado sobre a sua pele.

Ele passa o líquido frio pela direita primeiro, me fazendo tremer. Ele repete o movimento para o outro lado e depois se vira para o balcão mais uma vez. Quando ele se vira, ele tem algum tipo de dispositivo de metal em suas mãos, e eu sinto meus olhos arregalarem.

— Relaxe, é apenas uma pinça. Você é o tipo de garota que precisa conhecer cada passo? Ou apenas transar com o garoto o mais rápido possível?

— Definitivamente o último. Apenas me diga quando está chegando.

— Combinado. — Ele coloca o aparelho de tortura na bandeja e tira um Sharpie fino e roxo do bolso, mordendo a tampa com os dentes. Suas sobrancelhas franzem em concentração enquanto ele abaixa a cabeça para olhar mais de perto. Ele está tão perto que eu posso sentir sua respiração na minha pele enquanto ele aperta meu mamilo com a ponta do dedo. Ele desenha um pequeno ponto em um lado do meu mamilo, depois outro no lado oposto. Ele repete o movimento para o outro, depois se inclina para trás, inspecionando.

— Você quer ver? — Ele pergunta, me entregando um espelho.

Dou uma rápida olhada, desconfortável ao ver o reflexo do meu peito nu, mesmo estando de topless na frente dele o tempo todo. — Mhm.

— Deite-se.

Faço o que ele diz, trazendo as costas das mãos sobre os olhos enquanto minhas costas batem na mesa. Eu o ouço farfalhando e sinto metal frio contra a minha pele.

— Este é apenas o grampo. — Ele esclarece. Sinto meu mamilo sendo comprimido, mas não dói. É apenas desconfortável. — Ok, agora

respire fundo por mim, Shayne. — Ele instrui, sua voz suave como veludo, mas não faz muito para me confortar.

Inspiro profundamente, enchendo meus pulmões e, quando a solto, uma dor quente e aguda penetra em mim. Eu estremeço, apertando meus olhos com mais força, e minhas mãos voam para o lado, cravando minhas unhas no assento de couro.

— Boa menina. — Ele elogia. — A agulha já passou. Só estou passando a barra agora.

— Não diga agulha. — Eu consigo falar, apenas brincando. Eu sinto que vou vomitar. Meu corpo inteiro está tremendo.

— Mais um e você pode ir.

É o mesmo processo para o outro lado, e não sei se é porque estou esperando, mas juro que dói mais. A dor é intensa, mas é misericordiosamente rápida. Uma vez que a dor inicial diminui, ela se transforma em uma sensação mais maçante e latejante.

— Respire. — Nate instrui. Eu nem percebi que estava prendendo a respiração. Eu me concentro em respirar devagar e profundo, fazendo o possível para ignorar o que ele está fazendo. Enroscando a bola na barra, se eu tivesse que adivinhar.

— Tudo pronto. — Anuncia Nate, me ajudando a sentar, uma mão segurando a minha e a outra entre as omoplatas. Olho para baixo para avaliar os danos, mas estou agradavelmente surpreendida com o que vejo.

Uma barra pequena, horizontal e prateada decora cada mamilo, e não há nem uma gota de sangue.

— Eles ficaram ótimos. — eu digo com admiração na minha voz.

Não acredito que acabei de fazer isso.

— Sim, ficaram. — Nate concorda antes de limpar a garganta. Ele se inclina mais uma vez, estendendo a mão para ajustar os halteres. Meu estômago aperta com a sensação, sentindo-me enferma.

— Não há sangue. — penso em voz alta.

— Pode haver um pouco mais tarde. Vou lhe dar instruções para cuidados posteriores e revisar tudo, mas vou avisá-la agora, se você tomar banho com essas coisas de esponja... faça um favor a si mesma e jogue fora agora.

— Ok.

— Não há nada pior do que esquecer que você tem um novo piercing e agarrá-lo em uma daquelas cadelas. Confie em mim.

— Ai. — Desço da mesa, pegando minhas roupas que devem ter caído do meu colo.

— Eu pularia o sutiã por uma semana ou duas também.

Ficar sem sutiã na escola por duas semanas inteiras? Certo. Isso não será nada estranho.

Puxo minha camiseta por cima da cabeça, sem sutiã, estremecendo

quando o tecido atinge meu peito. Nate recita instruções sobre com que frequência as limpar e quanto tempo se abster de determinadas... atividades. E então estamos voltando para o saguão, com o sutiã enfiado na cintura na parte de trás da calça.

Valen aparece do sofá e vem em minha direção. — Isso levou uma eternidade. Vamos ver como ficou! — Antes que eu possa detê-la, ela está levantando minha camisa, expondo meu estômago.

— Sua pequena covarde! — ela exclama, rindo. — Eu sabia que você não faria.

Eu puxo minha camisa de volta, andando até o balcão com a caixa registradora. Ainda temos que pagar, então o gabarito está pronto.

— Cinquenta para você. — Ele aponta para Valen, e ela procura em sua bolsa por dinheiro. — E são geralmente quarenta e cinco cada, mas farei um desconto desde que é seu aniversário. Dê-me cinquenta e está tudo certo.

— Espera. — A cabeça de Valen se vira. — Você tem *dois* piercings? *Onde*? — Os olhos dela examinam meu corpo.

— Em algum lugar onde *ninguém* pode ver. — eu provoco, arregalando os olhos para ela. Entrego a Nate cinquenta, e mais vinte como gorjeta... o que não é exatamente uma mudança para mim, mas é o mínimo que posso fazer desde que ele me fez um desconto. — Mais uma vez obrigada. — digo a Nate, mudando de assunto enquanto ando para trás em

direção à porta.

Uma vez lá fora, fico aliviada ao descobrir que o conjunto de carros saiu. Valen corre para o carro e entra, mas eu não posso correr exatamente, então vou a passos lentos e constantes, e vejo a boca de Valen cair do banco do motorista.

— Sua pequena rebelde. — Ela ri quando eu abro a porta do lado do passageiro. — Mostre-me agora.

Entro e fecho a porta antes de inclinar meu corpo em sua direção. Eu enrolo meus dedos ao redor da barra da minha camisa, levantando-a rapidamente no meu queixo.

— Puta merda, eles são perfeitos. — ela grita. Eu largo minha camisa, depois olho para frente. — Quanto doeu?

— Muito. — eu admito. — Mas foi rápido. Você?

Ela abaixa o espelho retrovisor para admirar o nariz. — Surpreendentemente, nada demais. Meus olhos lacrimejaram, mas foi só isso.

Valen liga o carro e sai do estacionamento e começa o caminho de volta para casa. Conversamos um pouco mais, mas o tempo todo, meus pensamentos continuam voltando para Thayer e como ele está diferente. Ele nem sequer me desejou um feliz aniversário, e eu sei que isso é insignificante, considerando todas as coisas, mas é apenas mais um lembrete de que minha vida completou 18 anos. No ano passado, eu tive Danny,

Thayer e Holden. Eu tinha Grey. Agora, eu não tenho nenhum deles.

O carro de Valen diminui a velocidade, tirando-me dos meus pensamentos. Quando olho para cima, percebo que estamos indo para a casa dela, em vez da minha. Olho para ela com uma expressão interrogativa.

— Festa do pijama. — ela fala, como se a resposta fosse óbvia. — É seu aniversário. Você não vai passar o resto da noite sozinha em casa. Vamos pedir pizza, ficar bêbadas, assistir a merda de reality shows, e então provavelmente vou fazer você me mostrar mais uma vez.

Eu sorrio. — Estou dentro.

Ela desliga o motor e balança as chaves na frente do meu rosto. — Como se você tivesse uma escolha.

CAPÍTULO 5

Shayne

— **E**ntão, eu tenho pensado. — mamãe diz, como forma de me cumprimentar enquanto passo pela porta da frente depois da escola. Ela chegou em casa no domingo com um bolo de supermercado, mas além disso, eu não a vi muito, e não quis mencionar que a vi com um cara aleatório.

— Bem, olá para você também.

— Você já pensou em voltar para o time? — Ela pergunta, sem perder tempo indo direto ao ponto.

— Não. — eu digo simplesmente. — Mas eu posso ver que você tem pensado.

— Eu apenas acho que seria uma boa ideia. Você ainda está tentando recuperar o atraso, e ficará bem em suas solicitações da faculdade.

— Eu não sei. — Eu fui a capitã do time de vôlei nos últimos dois anos. Eu costumava jogar no ensino médio e no clube antes de nos mudarmos para Sawyer Point, e eu adorava. Mas, por alguma razão, no ano passado, eu apenas... perdi o interesse.

— Shayne. — ela começa colocando meu cabelo atrás da orelha e alisando os meus fios perdidos. — Quero que você tenha tudo o que merece nesta vida. Não quero que você dependa de ninguém.

Seu repentino comportamento sério me pega desprevenida. É apenas um esporte. Não vai fazer ou quebrar meu futuro. — Eu acho que você está sendo um pouco dramática.

— Se não o vôlei, que tal outra coisa? Como o grupo estudantil? Ou a equipe de debate? Aposto que você seria boa nisso.

— Mãe. — eu digo bruscamente, cortando-a. — Eu vou falar com o treinador, ok? — Eu digo apenas para acalmá-la, mesmo que eu não tenha nenhuma intenção de fazê-lo. Passar um tempo extra com Taylor e Alexis não está exatamente no topo da minha lista de tarefas. Prefiro me juntar à equipe de debate acima mencionada.

— Obrigada. — diz ela, sorrindo, mas não atinge seus olhos. Não que minha mãe tenha sido a criança-propaganda por ser feliz e despreocupada, mas ultimamente, tenho a sensação de que ela está preocupada com algo em grande estilo. E isso faz com que eu me sinta desconfortável. Digo a mim mesma que ela está nervosa depois de dois funerais no ano passado e de terminar seu relacionamento com August, mas algo me diz que está além. Faço uma anotação mental para ligar para Grey e ver se ele tem alguma ideia do que está acontecendo com ela, embora eu duvide que ele seja de muita ajuda. Duvido que ele atenda.

— Então, o que você fez no fim de semana passado? — Eu pergunto, tentando parecer indiferente enquanto caminho para a geladeira. Pego a jarra de água e me sirvo um copo. — Quando cheguei em casa seu

carro tinha sumido.

— Oh, nada de especial. Só tinha algumas coisas para fazer. — ela diz, não encontrando meus olhos, seguido de uma inalação profunda . — E você?

Eu bato a jarra no balcão, não muito gentilmente, fazendo-a recuar. Não posso exatamente chamá-la de mentirosa. Isso me incriminaria. Eu deveria estar na casa de Valen. — De verdade? — Eu cutuco, ignorando a pergunta dela. — Nada mesmo?

Ela encontra meus olhos, a suspeita finalmente chegando. — O que faço no meu tempo livre são negócios para adultos.

Eu zombei. *Negócio adulto?* — Eu aposto que sim. — eu brinco, minha sugestão clara.

— Shayne. — ela repreende, olhando para mim como se ela não me reconhecesse. *Já somos duas.*

Busco minha mochila, pegando tudo, exceto meu caderno e algumas canetas, depois tiro o cobertor na parte de trás do sofá e o enfio dentro da mochila antes de fechar o zíper. Dou de ombros e sigo para a porta. Não é que eu me importe com o que ela faz, mas se ela está planejando nos mudar com um cara novo, vou ter que descobrir outra coisa. Não estou me mudando novamente.

— Onde você vai?

Eu me viro e olho para ela por cima do ombro. — O que faço no meu tempo livre são *negócios para adultos*.



Quando chego ao celeiro, está começando a escurecer, e me xingo por não ter pensando em trazer uma lanterna. Aquele no meu telefone terá que servir. Erguendo a pedra, pego a chave e faço um trabalho rápido, destrancando o cadeado. Esses bosques nunca costumavam me assustar, provavelmente porque Thayer estava sempre comigo, mas agora, sozinha antes do anoitecer, estou um pouco tensa.

Fecho a porta atrás de mim, instantaneamente me sentindo mais segura, mais calma, agora que estou aqui dentro. Fecho os olhos e inspiro, sentindo o cheiro familiar. De tudo da minha vida *anterior*, acho que sinto falta de estar neste lugar, acima de tudo. *E da pessoa que estava aqui comigo*.

Afasto o pensamento, caminhando até o sofá. Largo minha bolsa no chão e tiro o cobertor antes de espalhá-lo sobre um lado do sofá. Ligando a lanterna do meu telefone, o apoio na almofada e recupero meu caderno e a primeira caneta que toco. Tento não pensar no fato de que o sofá está cheio

de sujeira e poeira, ou que este lugar provavelmente se tornou o lar de "Deus, sabe quantos insetos e bichos".

Sento-me, enfiando as pernas debaixo de mim e começo a escrever. E escrevo. E escrevo. Eu escrevo para o meu irmão. Eu escrevo para Danny. Eu escrevo para minha mãe e Grey. E eu escrevo para Thayer. Encho páginas e páginas de todas as coisas que nunca disse, de todas as coisas que nunca *direi*. E é só quando eu termino que percebo uma lágrima escorrendo pelo meu rosto. Trago dois dedos na minha bochecha, coletando a umidade antes de esfregar meu polegar e dedos até que estejam secos. Acho que não me permiti chorar desde a noite do funeral... por muitas razões. Eu não tinha o direito, e mais do que isso, eu tinha medo, de que quando começasse, não poderia parar.

Então, pego meu telefone e verifico o tempo, dez e quarenta e seis, e noto não apenas que minha mãe telefonou várias vezes, mas que meu telefone está agarrado à vida com uma bateria de 1%. — Oh meu Deus. — eu sussurro alto, empurrando meu caderno e caneta na minha mochila. Opto por deixar o cobertor. Eu voltarei amanhã.

Corro para a porta, ignorando a dor que puxa meus mamilos pelo movimento, e clico no cadeado. Segurando um braço no meu peito, eu corro pela floresta que eu conheço tão bem, esperando como o inferno que minha lanterna dure até eu voltar para minha casa. Eu não chego a mais de três metros antes que a esperança acabe e estou coberta pela escuridão.

— Foda-se. — eu xingo, tentando em vão ligá-lo novamente, mas é claro, isso não funciona. Eu respiro fundo, tentando desacelerar meu coração já acelerado. — Acalme-se, acalme-se, acalme-se. — eu repito para mim mesma em um sussurro. *Você já percorreu esse caminho mil vezes. Você consegue fazer isso.* Dou um único passo, e um galho sai de algum lugar atrás de mim. Eu congelo, girando. Não vejo nada, mas a escuridão me deixou mais consciente de cada som. Espero por longos segundos antes de atribuir a um esquilo ou algo assim, mas quando começo a andar novamente, ouço um ruído diferente. Desta vez, parece que folhas estão sendo esmagadas, e o barulho está vindo de algum lugar na minha frente, à minha esquerda. Mexendo da minha direita, minha cabeça está girando nessa direção, desejando não ser estúpida o suficiente para perder a noção do tempo sem uma lanterna.

Antes que minha imaginação possa correr solta, eu me apresso, correndo em direção a minha casa mais uma vez. Eu ouço passos atrás de mim, ganhando velocidade para acompanhar o meu ritmo, e é aí que o pânico começa a entrar. Não é um animal. É alguém. Na verdade, mais de uma pessoa. Eu vou tão rápido quanto minhas pernas me carregam, ofegando com o esforço. Consigo ouvir os passos deles se aproximando e, quando finalmente encontro coragem para olhar para trás, não vejo ninguém. Eu paro, examinando ao meu redor, meio imaginando se estou ficando louca. Mas quando me viro, uma figura grande e sombria fica bem na minha frente.

— Ahhhh.

Eu grito, meu coração despencando no estômago, mas as mãos voam, uma cobrindo minha boca, outra segurando a parte de trás da minha cabeça.

— Cale a boca.

Thayer? Eu tento forçar meus olhos a se ajustarem. Não consigo ver seu rosto, mas sei que é ele. Eu posso dizer por sua voz. O cheiro dele, tabaco e pinho.

Ele tira a palma da minha boca e puxa uma lanterna de algum lugar, banhando meu rosto com uma luz brilhante. Aperto os olhos, levantando a mão para proteger meus olhos.

— Alguém está me perseguindo. — eu digo, ainda sem fôlego, lançando um olhar atrás de mim.

— É isso mesmo? — Ele pergunta, e eu posso ouvir a diversão em sua voz. É quando entendo. Era ele. E provavelmente Holden, se eu tivesse que adivinhar.

— Vocês podem sair agora. — eu grito, me virando quando o medo dá lugar à frustração e ao constrangimento. Mais três lanternas se acendem, balançando na escuridão enquanto correm em nossa direção, gargalhando como hienas. Quando estão perto o suficiente, a lanterna de Thayer ilumina seus rostos, confirmando minhas suspeitas. Holden, Christian e Baker.

— Idiotas.

Eu tento passar por Thayer, mas ele bloqueia meu caminho. — O que você está fazendo?

— Indo para casa. — eu respondo.

— Não, o que você está fazendo *aqui* fora? — Ele esclarece, aproximando-se. — Você estava no celeiro?

Eu engulo em seco, não querendo que ele saiba que eu voltei para lá. Ele encontraria uma maneira de estragar tudo para mim de alguma forma.

— Não. — eu minto. — Eu fui dar uma volta. Não consegui dormir.

Ele sorri, as sombras da lanterna fazendo seu rosto parecer muito sinistro e se inclina ainda mais, abaixando a voz para que só eu possa ouvir. — Eu posso ajudá-la com isso. — Sua respiração na minha orelha leva arrepios que se espalham pelos meus braços. — Lembra da última vez que você *não conseguiu dormir?* — Ele provoca. — Quer que eu toque sua boceta de novo? Talvez eu use minha língua dessa vez.

Minhas bochechas queimam, as pontas dos meus ouvidos esquentam. — Foda-se. — Eu passo por ele, e desta vez ele me deixa ir.

— Vamos, Shayne. — ele grita atrás de mim. — Será como nos velhos tempos!

CAPÍTULO 6

Shayne

— **B**om dia, luz do sol. — diz Valen, olhando-me de cima a baixo. — Você parece uma merda.

— Não consegui dormir. — murmuro, nem me incomodando em ficar ofendida por seu comentário. A falta de sono junto ao fato de eu ter optado por uma camisa folgada para deixar meus piercings respirarem me fazem parecer uma sem teto.

Ontem à noite, depois da pequena façanha de Thayer, deitei e dei voltas a noite toda. Eu disse a mim mesma que eram os efeitos duradouros da adrenalina, mas era mais do que isso. *Eu posso ajudá-la com isso*. Suas palavras tocaram em minha mente repetidas vezes. Elas eram grosseiras e ofensivas, mas fizeram meu estômago revirar com... alguma coisa. Ironicamente, só adormeci quando finalmente parei de lutar contra o desejo de aliviar a tensão que ele criou. Então, acho que de certa forma, ele *me ajudou com isso.* Idiota.

— Dunkin 'para o almoço?

— É um encontro.

Nós nos separamos e eu entro no primeiro período, sentando-me perto da parte de trás. Depois que todos se acalmam, os anúncios da manhã

saem do alto-falante, me fazendo estremecer. A falta de sono me dá as piores dores de cabeça.

— Bommm dia, SPH. — a voz estridente de Taylor canta. — Primeiro o mais importante. Como todos sabem, tivemos que mudar nosso mascote e logotipo, porque era ofensivo... ou o que seja. — Eu bufo com o jeito que ela parece irritada com o fato. — Na semana passada todos nós votamos, e os resultados estão chegando! Em vez dos Sawyer Point Indians, agora somos... — ela interrompe e ouço um tambor abafado no fundo. — The Sawyer Point Tigers!

Metade da classe geme, a outra metade aplaude. Alguém joga uma bola de papel amassada, seguida por *vaias*. Estou feliz que finalmente paramos de ofender um grupo inteiro de pessoas em prol da tradição.

— A placa na frente, bem como o logotipo no piso do ginásio, serão atualizados para refletir essa mudança nas próximas semanas, por isso agradecemos sua paciência enquanto fazemos o possível para solucionar as funções da escola e o atletismo. Ok, agora que isso está fora do caminho, também tenho um anúncio do treinador Jensen. Os treinos de voleibol acontecerão na próxima semana no ginásio, todos os dias das três e meia às cinco. Se precisar de mais informações, pode visitar o treinador em seu escritório.

Prefiro arrancar meus olhos com uma colher.

Parte de mim está morrendo de vontade de ter um pouco de

normalidade. O voleibol é algo em que sou boa. Algo familiar e algo que eu gosto. Mas a maior parte de mim não quer lidar com tudo o que vem junto.

Pego meu caderno e uma caneta, dando uma rápida olhada ao redor para me certificar de que ninguém está prestando atenção em mim antes de abri-lo em uma página em branco. Mantendo a cabeça baixa, meu cabelo funciona como uma cortina, e eu abafo os anúncios enquanto escrevo.



Um pedaço de papel colado no meu armário me dá um frio na barriga. Eu deveria saber que não seria capaz de passar despercebida. Eu ando em direção ao meu armário, vendo as palavras escritas lá.

O que Shayne Courtland e baratas têm em comum?

Eu arranco, virando, esperando encontrar a graça, mas nada está lá. Ouço risadinhas e olho para ver Taylor e Alexis me observando com expressões divertidas. — Bom. — eu digo inexpressiva, amassando o pedaço de papel antes de jogá-lo no chão. Elas estão perdendo o jeito. Seus insultos costumavam ser espirituosos, mas esse nem faz sentido. Giro o dial, colocando minha combinação, e quando abro meu armário, um grito

assustador rasga minha garganta.

Eu pulo para trás, tropeçando em alguém enquanto dezenas de baratas gigantes rastejam umas sobre as outras, saindo do meu armário e indo para o chão. Estremeço, observando-as em todas as minhas coisas. Eu não tenho muito lá. Uma jaqueta extra, uma barra de granola, um pouco de protetor labial. Tudo isso será descartado.

Outra nota está pendurada do lado de dentro, chamando minha atenção.

Ambas são impossíveis de se livrar.

Minha cabeça vira para Taylor, mas seus olhos estão arregalados, horrorizados, como se ela não soubesse o que eu ia encontrar. Ela não chegaria perto dessas coisas. Então quem? Minha fechadura está intacta e o armário real não parece ter sido adulterado, pelo menos do lado de fora.

Thayer.

Ele é o único além de Valen que conheceria minha combinação. Os mesmos três números que eu uso para cada senha e cada armário. Mas por quê? Por que ele se esforçaria para me atormentar na escola? Ele nem vem mais aqui. Ele realmente me odeia?

— Droga, Shayne. Você realmente não deve deixar comida no seu armário. — diz Holden, chegando ao meu lado, inclinando-se perto do meu ouvido. — Isso chama os insetos.

Ah então Holden está fazendo o trabalho sujo de Thayer. Uma resposta desagradável está na ponta da minha língua, mas eu a mantenho para mim, preferindo um olhar. Eles querem que eu chore e fuja. Eles querem uma reação. E eu não vou dar.

— Quem fez isto? — O Sr. Beeney, um dos professores de ciências exige, correndo em nossa direção com o que parece ser um pequeno aquário de vidro. Ele cai de joelhos, pegando as baratas com as próprias mãos. — Estas são baratas sibilantes de Madagascar e são *animais de estimação*, não pragas. — O Sr. Beeney as guardava na sala de aula, e eu sempre evitava olhá-las quando estava no primeiro ano.

— Eu não ligo para o que são. Apenas tire-as do meu armário. — Meu estômago revira, meus lábios se encolhem de nojo enquanto o vejo lidar com eles.

— Agora você sabe como nos sentimos. — brinca Taylor. Alexis tem a decência de parecer arrependida, mas o resto do seu grupo age como se fosse a coisa mais engraçada que eles já ouviram.

Algo em mim muda, e percebo que minha maneira de fazer as coisas precisa mudar. Calada, quieta, mantendo minha cabeça baixa? Não fez isso desaparecer. Em todo caso, só piorou as coisas. Pessoas como Taylor, Thayer e Holden atacam os fracos.

— Obrigada. — digo a ela, amando o jeito que seu rosto se transforma em uma expressão confusa. — Você acabou de tornar as coisas

muito mais fáceis.

— Tanto faz. — diz ela, seus olhos se virando para o lado, sem saber como responder.

Eu me afasto, deixando o Sr. Beeney para cuidar de seus *animais* de *estimação* e vou direto para o prédio esportivo. Dane-se Taylor e Alexis. A merda Holden e Thayer. De agora em diante não vou permitir que eles ditem minhas escolhas. Começando por conversar com o treinador sobre voltar ao time de vôlei.

— Você está brincando certo?— Taylor grita, me vendo entrar na academia em uma blusa e shorts spandex. Coloquei um sutiã esportivo pela primeira vez desde que coloquei meus piercings e, para minha surpresa, não doeu.

— Não. — eu digo inocentemente, apertando meu rabo de cavalo. — É bom estar de volta. — Na verdade, é só um pouco aterrorizante. Mas eu vou fingir até conseguir. Conversei com o treinador na semana passada e, levando em consideração os detalhes do motivo pelo qual saí no ano passado, ele ficou mais do que feliz em me deixar voltar ao time. É claro que tenho que fazer testes como formalidade, mas nós dois sabemos que vou conseguir.

Taylor dá um passo em minha direção, entrando no meu espaço. — Se você acha que vai tomar o meu lugar como capitã da equipe só porque decidiu voltar, tem outra coisa a caminho.

— Eu não sabia que a capitã da equipe havia sido escolhida para este ano ainda. — atiro de volta. O pensamento nem me ocorreu, mas ela não precisa saber disso.

— Tudo bem, senhoritas. — a voz do treinador ecoa pelo ginásio antes que Taylor possa responder, batendo palmas para chamar a atenção de todos. — Primeiro, é bom ver rostos novos e familiares. Vamos começar com um aquecimento do grupo, dar algumas voltas e depois fazer parceria para alguma passagem. Terminaremos vendo como estão com suas habilidades de, sacar, bloquear, receber e definir. Nos próximos dias, passaremos testes para avaliar o trabalho com os pés e como vocês trabalham em equipe. Estamos prontas?

Concordo com a cabeça e duas garotas muito entusiasmadas aplaudem.

— Taylor, você lidera o aquecimento?

— É um prazer. — diz Taylor, enviando-me um sorriso antes começar.

A próxima hora e meia voa surpreendentemente rápido, e antes que eu perceba, o treinador apita e diz a todas que nos verá amanhã. Pego minha mochila nas arquibancadas e consigo sair para o estacionamento antes

que Taylor possa voltar para outra rodada. Estou suada, cansada e *aparentemente* fora de forma, e não há nada que eu queira mais do que ir para casa e tomar banho.

Quando chego em casa, está escuro, e a entrada vazia diz que minha mãe se foi. Novamente. Destrancando a porta, entro e ligo o interruptor da luz. Vou direto para o meu quarto, jogando minha bolsa na cama antes de tirar meus sapatos. Puxando minha camisa por cima da cabeça, me viro para jogá-la no meu cesto de roupa suja, mas congelo quando vejo Thayer de pé no meu quarto do outro lado da minha cama, minha camisa pousando nem perto do seu objetivo.

— Que diabos? — Eu grito, levantando meus braços para cobrir meu peito. — O que você está fazendo? — Bato uma mão atrás de mim, pressionando o interruptor da luz. Thayer está lá, de braços cruzados, expressão vazia em seu rosto estúpido e perfeito.

— Devolva. — Sua voz é plana e direta.

— Devolver o quê?— Sinto minhas sobrancelhas se arrepiarem em confusão.

Ele rodeia a cama, estendendo a palma da mão. — A chave do celeiro. Meu batimento cardíaco aumenta um pouco.

— Eu sei que você esteve lá. — Ele se aproxima e eu xingo por dar um pequeno passo para trás.

— Minha mãe estará aqui em breve.

Ele bufa, sem hesitar nem por um segundo. — Você acha que eu dou a mínima?

— O que aconteceu com você?— Não posso deixar de perguntar. Seus olhos escuros se estreitam, uma tempestade nublando seus traços perfeitos.

— Não se faça de boba, Shayne. Não combina com você.

Franzo a testa, olhando para aqueles olhos tristes, e meu coração se parte um pouco. — Eu gostaria de poder mudar o que aconteceu.

Thayer está no meu rosto em um instante, seus braços me prendendo na parte de trás da porta do meu quarto. — Não. — ele avisa, sua voz cheia de veneno. — Você nem deveria estar aqui.

— Onde mais eu estaria?— Eu sussurro, meu peito arfando, emocionada e aterrorizada por estar tão perto dele novamente. Ele está diferente agora. Imprevisível. Mas fisicamente ele ainda se sente como Thayer. Ainda se parece com ele. E meu corpo não está se comunicando com o meu cérebro porque ainda reage à sua proximidade. Seus olhos deslizam para baixo, hesitando no meu sutiã esportivo.

— O que temos aqui? — Ele passa a ponta do polegar sobre o material fino, diretamente sobre o meu mamilo. Eu tremo, me afastando. — Você realmente fez isso.

— Eles não podem ser tocados ainda.

Ele levanta a sobrancelha com a palavra *ainda*, e eu sou rápida para me corrigir.

— *Você* não pode tocá-los.

— Relaxe. — ele diz antes que eu possa me corrigir novamente. Ele empurra a parede, colocando espaço entre nós. — Você é a última pessoa que eu quero tocar.

Eu forço meu rosto a não desmoronar com suas palavras. O velho Thayer não era exatamente um escoteiro, mas esta versão? Esta versão fria e cruel não é o garoto por quem me apaixonei naquele celeiro.

— Saia. — eu digo, reforçando meu tom. — Agora.

— Me dê a chave e eu vou embora.

Eu considero entregar a chave, mesmo que seja para fazê-lo sair, mas a ideia de não ter acesso ao único lugar que sinto como em casa...

— Eu deixei cair.

— Besteira.

— A culpa é sua. — retruco. — Talvez se eu não estivesse sendo perseguida, não a teria abandonado.

Ele aperta os dentes antes de responder. — Fique longe, Shayne. Do celeiro, de Holden e de mim.

Quero perguntar novamente por que ele está fazendo isso. Por que ele está agindo como se eu fizesse outra coisa senão tentar estar lá por ele,

mas meu orgulho não me deixa. Não vou pedir uma explicação. Não vou implorar para que ele se importe comigo.

— Você é quem está na minha casa. — eu o lembro.

— Você ainda tem essa língua. — ele murmura, os olhos fixos nos meus lábios. — Mas seu irmão não está mais aqui para protegê-la, está?

Grey praticamente me criou, com minha mãe trabalhando o tempo todo. Ele era como um irmão, um melhor amigo, e a única figura paterna que eu já conheci, tudo em um. Na maior parte, considero-me uma pessoa responsável. Tirei boas notas e tentei seguir as regras. Exceto quando se trata de Thayer. Algo nele traz à tona o pior de mim, e nem consigo pensar com clareza quando ele está por perto. No entanto, e aparentemente não agora. Ele me deixou imprudente e eu adorei.

Ninguém jamais esperaria que nós dois nos apaixonássemos. Ele era o garoto mau. O solitário. A ovelha negra. Eu era apenas... Shayne. Irmã mais nova de Grey. Mas ele conhecia o verdadeiro eu e pensei que o conhecia de verdade.

— Ou talvez você seja quem o protege agora. — reflete Thayer.

O quê?

— Do que Greyson precisa se proteger? — Eu pergunto, sem entender o que ele tem a ver com isso. Grey, Danny e Thayer eram os mais próximos, sendo os mais velhos, mas quando Danny morreu, de alguma forma nos transformou nos Montagues e nos Capulets.

Antes que ele possa responder, ouço a porta da frente abrir meio segundo antes de ouvir os passos da minha mãe soando pela casa. Eu me viro, com os olhos arregalados, para olhar para Thayer. Se ele está nervoso, ele não demonstra. Se serve de alguma coisa, ele parece irritado com a interrupção. Eu, por outro lado, estou usando apenas short e sutiã esportivo, e tudo em que consigo pensar é em como isso vai ficar ruim.

— Shayne? — Minha mãe pergunta. — Como foi o vôlei... — Ela empurra a porta do meu quarto, parando quando vê Thayer. Seus olhos piscam para mim antes de pousar de volta no garoto pensativo no meu quarto.

— Thayer. — diz ela surpresa, levando a mão ao peito, os dedos delgados mexendo no colar.

— Elena. — Ele não se incomoda em esconder o desprezo em sua voz ou expressão. Minha mãe o olha com cautela, nenhum deles falando. Minha mãe nunca foi a pessoa favorita dos irmãos Ames, considerando o status e a afinidade de seu pai por levar para casa as caça fortunas, então não há amor perdido entre eles. Mas isso parece diferente, e não sei por que.

— Thayer me deu uma carona para casa depois dos testes. — A mentira sai facilmente da minha língua e vejo Thayer tenso pelo canto do meu olho. Eu nem vi o carro dele lá fora, mas se ela perceber, ela não verá a mentira.

— Que bom. — Seu tom é educado, mas seus lábios formam uma

careta.

— Você me conhece. Sempre disposto a ajudar sua filha. — Ele pisca.

Meu rosto queima com uma mistura de raiva e vergonha, seu significado não está perdido para mim, e ele sorri, sabendo exatamente que memória está tocando em minha mente.

— Eu pensei que você estava em Amherst. — Parece uma acusação.

— Ele já estava saindo. — Passo entre eles antes que ele possa responder. De repente, a sala parece muito cheia. Eles me seguem pelo corredor e pela casa, sem se dar ao trabalho de conversar. Mamãe espera na cozinha enquanto eu o levo para fora. Eu abro a porta, acenando com a outra mão. Seus olhos piscam em direção à cozinha, sabendo que ela ainda está ao alcance da voz.

— Te vejo em breve.

Não tenho a ilusão de que seja um adeus simples e amigável. É uma ameaça.

A semana seguinte voa alegremente sem intercorrências... quando se trata dos irmãos Ames, pelo menos. Taylor ainda é irônica e faz piadas nos treinos, mas onde Thayer e Holden são mais como lobos famintos, Taylor e Alexis são moscas. Irritante, mas inofensivo. O último dia de testes foi sexta-feira, e os resultados serão divulgados esta tarde no ginásio.

— Por que você parece nervosa? — Valen pergunta em torno de um bocado de iogurte. — Você sabe que vai conseguir.

— Eu não estou nervosa.

Ela me olha e reviro os olhos, desistindo da farsa.

— Faz um tempo e estou enferrujada. E se eles jogarem no JV?

— Que horror! — Ela zomba , arregalando os olhos comicamente.

— Cale-se. — A verdade é que não estou nervosa por fazer parte do time. Estou nervosa por jogar de novo, ponto final.

— Vamos. — Ela joga o iogurte na lata de lixo mais próxima e depois me puxa pelo cotovelo.

— O que você está fazendo?

— Vamos confirmar que você fez parte da equipe.

— Nós nem sabemos se a lista já está disponível.

Valen balança o queixo em direção ao corredor, onde vejo Taylor, Alexis e sua amiga Addison atravessando as portas duplas que levam ao saguão que liga a cafeteria ao ginásio. — Estou apostando que sim.

— Ok.

Quando atravessamos as portas duplas da academia, uma turma que não almoça no primeiro intervalo está jogando basquete na quadra e um grupo de garotas de vôlei está amontoado na lista do outro lado. Enquanto ando, o basquete de alguma forma acaba rolando para fora da quadra, parando logo antes de bater nos meus pés. Aiden nos vê, correndo. Nós nos vimos de passagem, mas não dissemos mais do que algumas palavras juntas desde que ele me trouxe para casa naquela noite. Achei que era só isso.

— Ei. — diz ele, parando na nossa frente. Eu me inclino para pegar a bola, entregando a ele. — Vamos sair de novo?

Eu arqueio uma sobrancelha. — Holden sabe que você está falando comigo?

Ele se abaixa um pouco para ficar mais perto da minha altura, como se estivesse me contando um segredo. — Ao contrário do que parece acreditar, eu penso de vez em quando sozinho.

Mordo o lábio, insegura. Ele é um *deles*. E se eu estou sendo sincera, ainda há uma parte de mim que sente um senso de lealdade equivocado em relação a Thayer, mesmo que ele tenha deixado claro que não quer nada comigo. Mas não seria ruim ter outro amigo.

— Bem. Poderia me fazer bem um amigo. — digo, não querendo que ele entenda errado. Aparentemente, ele não era tão calmo quanto pensava, porque suas sobrancelhas se erguem e ele passa a mão sobre o

sorriso.

— Droga, Shayne, você vai me jogar assim na *friendzone?*

Eu rio, sem saber o que dizer.

— Relaxe, eu estou brincando com você. Palavra do escoteiro. — Ele jura, segurando a palma da mão no peito. — Amigos, é isso. — Ele segura o telefone com a outra mão, e eu o pego, adicionando-me como contato.

Antes que eu possa responder, Taylor, Alexis e Addison marcham até nós.

— Boas notícias, Shayne. Você faz parte do time. — Diz Taylor em sua voz mais mimada. — Agora você pode trabalhar essa bunda gorda que adquiriu no ano passado. — Eu mordo minha língua, os olhos rolando para o céu e a paciência se esgota quando ela dá um tapa na minha bunda e foge.

— Acontece que acho a sua bunda fenomenal. — Aiden sorri, seus olhos examinando meu corpo. Eu tento sorrir de volta, mas isso parece falso nos meus lábios. Ela é uma idiota.

— É verdade. — Valen concorda, assentindo. — As pessoas pagam dinheiro por bundas como a sua.

— Aiden! — Alguém grita, levantando os braços com impaciência. Eu devolvo o telefone e, quando ele pega, seus dedos roçam os meus.

— Eu vou te mandar uma mensagem mais tarde. — Então ele está de volta ao jogo.

Acho que Holden não tem tanta influência quanto eu pensava.

— Você percebe que Taylor está com ciúmes porque está recebendo atenção, certo?

— Eu realmente não me importo com o que ela acha. — Não deixo que as palavras de Taylor cheguem até mim. Nesse ponto, ela dirá qualquer coisa que me faça duvidar de mim mesma.

Paramos nos dois pedaços de papel branco da impressora colados na parede. Abrindo caminho pelo grupo de garotas reunidas, vou direto para a lista do time do colégio e corro o dedo indicador pelos nomes, parando quando encontro o meu.

Fecho os olhos, a tensão deixando meus ombros. *Sim* .

— Estranho. — diz Valen, parecendo totalmente surpresa. — Nunca teria adivinhado que a ex-capitã teria feito de novo.

— Feliz por ter você de volta, Shayne. — diz uma voz atrás de mim, e me viro para encontrar o treinador Jensen se aproximando. Ele aperta meu ombro.

— Obrigada, treinador. — Eu sorrio, e desta vez não é forçado. Esta é a primeira vez que me sinto animada com qualquer coisa na escola desde o ano passado. Sem mencionar, que minha mãe não vai estar atrás de mim.

— O treino começa na próxima semana. Vejo você então. Eu aceno, e então ele está indo embora.

— Ainda temos alguns minutos antes do almoço terminar. — informa Valen. — Quer tomar um café?

— Vou passar. Na verdade, tenho algo a fazer. Os olhos dela se estreitam. — Parece misterioso.

— Dificilmente. Tenho que me encontrar com aquela conselheira que estou vendo. Até logo!

Vou para o escritório da senhora Thomas, parando primeiro no meu novo armário e pegando o meu caderno. Eu exigi um novo. Não havia nenhuma maneira no inferno de tocar no armário com barata novamente. Sua porta está aberta e, quando ela me vê, acena, telefone entre a orelha e o ombro. Entro fechando a porta atrás de mim. Quando ela faz um gesto para eu me sentar, eu puxo meu telefone para enviar uma mensagem rápida para minha mãe, deixando-a saber que faço parte do time enquanto espero.

— Desculpe. — diz ela, colocando o telefone de volta na base na parede atrás dela. — Como está indo o diário?

Mordo o lábio inferior, minhas mãos apertando as beiradas do meu caderno. — Não é tanto o diário no sentido tradicional. Mais como cartas e pensamentos aleatórios rabiscados sem qualquer rima ou razão.

— Sim? — Ela pergunta, sobrancelhas levantadas.

— Isso meio que aconteceu. — eu admito. — Mas eu estou escrevendo, por isso ainda conta. — eu digo, defensiva atando meu tom.

— Claro que conta. — ela concorda. — E as letras são um meio muito comum e eficaz. Anotar seus pensamentos e sentimentos sem censura que você sabe que nunca enviará pode ser curador. — Ela estende a mão. — Posso ver?

Hesito, não querendo que ela, ou qualquer outra pessoa, me veja no meu estado mais vulnerável. Trazer o diário para a escola já é arriscado. Se essas palavras chegassem a mãos erradas...

— Eu não vou ler nada, lembra? — Ela me lembra. — Eu só quero ver que você está preenchendo páginas.

Eu dou uma risada, entregando-a. *Oh, você encontrará páginas, tudo bem*.

Ela pega o diário e folheia as páginas rapidamente com o polegar, as sobrancelhas se juntando com o grande volume de palavras. Alguns são escritos como notas que você passaria na aula, outros são mais parecidos com poemas, e outros são apenas divagações incoerentes escritas de lado, de cabeça para baixo e tudo mais. Meu coração bate mais forte, esperando que ela não capte nenhuma informação particularmente incriminadora, mas então ela está devolvendo para mim.

— Bem? — Eu indico, impaciente por ouvir seus pensamentos e irritada por eu me importar.

— Eu acho que você vai precisar de um novo diário. — diz ela, com o rosto sorrindo. — Como você está se sentindo?

Eu dou de ombros. — Ainda não sei. Acho que não gosto da maneira como me sinto, mas quando comecei, não conseguia parar. Então, talvez eu seja apenas masoquista.

Isso me rende uma risada. — Bem, continue assim. Te vejo em duas semanas.

CAPÍTULO 7

Shayne

— **O**k, senhoras, vamos encerrar com um exercício que algumas de vocês se lembrarão bem. É chamado de saltar para atacar.

Um coro de gemidos ecoa por toda a academia, porque sim, é exatamente tão divertido quanto parece. O que quer dizer que não.

— Então vocês se lembram. — O treinador ri. — Mas é crucial que vocês sejam agressivas. Você não pode ter medo de cair no chão. Shayne!

— Ele diz, virando-se para mim. — Aqui em cima.

Aliviada por ser poupada desta rodada, vou em direção à rede, meu Asics rangendo contra o chão da academia. Eu me viro, a rede nas minhas costas, encarando o resto do time.

— Sarah e Taylor vão ajudar a jogar as bolas. Já que há seis, quero que você pare e se reveze. Três de cada vez.

A equipe se divide em três fileiras de duas, enquanto Taylor e Sarah se escondem sob a rede, indo para o carrinho de vôlei atrás de mim.

— O objetivo é que vocês trabalhem juntas para conseguir dez bons passes para Shayne. Vamos jogar as bolas, você as passa para Shayne, vira-se e marque a mão da sua companheira e depois vire rápido o suficiente para passar novamente. Vai ser mais rápido do que você pensa, então esteja

pronta. Todo mundo está pronto?

Todo mundo assente.

— Tudo bem, Shayne vai contar até que ela tenha dez passes bons, então você vai mudar. Se o seu passe for péssimo, não conta. Fica a seu critério.

O treinador apita, então ele, Taylor, e nossa companheira de equipe Sarah estão atirando bolas pela rede e as meninas lutam para chegar lá a tempo.

— Um! — Eu grito, pegando um antes de deixá-lo cair no chão.

Rapidamente se transforma em caos, bolas voando em todas as direções, as meninas correndo e pulando para pegar a bola.

— Dois!

— Vamos senhoritas. Vamos lá, vamos lá! — Grita o treinador.

Parece levar uma eternidade para chegar a nove. Eu posso dizer que as meninas estão sem fôlego por correrem de um lado para o outro. Elas estão perdendo força, mas finalmente, conseguem obter o último para mim.

— Dez! — Eu grito, ambas as mãos segurando a bola no ar.

O treinador apita, e eu me viro para encará-lo bem a tempo de uma bola bater no lado do meu rosto. Forte.

— Que diabos?! — Eu sei antes de pensar que Taylor é responsável e, quando vejo seu biquinho falso, sei que estou certa.

— Opa. Desculpe. — Ela diz, abaixando a cabeça para o lado em simpatia simulada.

— Eu tenho *muita* certeza que você sente. — eu digo, dando um passo em sua direção. Mas o treinador me para, puxando a parte de trás da minha blusa para me manter no lugar.

— Taylor, Shayne, fiquem aqui. Todas as outras podem ir.

Reviro os olhos, inspecionando minhas unhas enquanto espero que todos os outros saiam. Quando apenas nós três ficamos, o treinador finalmente fala.

— Vocês duas eram amigas no ano passado. — diz ele, esperando que uma de nós o informasse.

— As coisas mudam. — eu brinco.

Ele olha de um lado para o outro entre nós. Taylor está lá, os braços cruzados sobre o peito, o rosto da cadela firmemente no lugar.

— Isso vai ser um problema? — Ele pergunta, um ligeiro tom de voz.

— Não. — respondemos em uníssono.

— Bom. O primeiro jogo é em duas semanas . — avisa. — Resolvam tudo antes disso.

— Tudo bem. — Taylor cede.

— Bem.

Ela se vira e sai para o vestiário, mas pego minha mochila e minha bolsa de ginástica, indo direto para o estacionamento dos estudantes. Vou tomar banho e me trocar assim que chegar em casa. Estou suada, cansada e tenho um desejo irresistível de apresentar meu punho ao rosto presunçoso de Taylor, então é melhor para todos se eu sair agora.

Com o nariz no telefone, lendo uma mensagem da minha mãe sobre ser chamada para um trabalho de última hora, não estou prestando muita atenção ao meu redor. Uso minha mão livre, pescando distraidamente minhas chaves da mochila e, quando olho para cima, paro, vendo Thayer e Holden encostados no meu carro, os braços cruzados sobre o peito.

Meus olhos rolam, minha cabeça caindo para um ombro. — Seja *o que* for. — digo, apontando entre eles, — Não estou com disposição para isso hoje.

Dois pares de olhos duros me penetram, nenhum deles respondendo.

— Ok... — eu digo, caminhando em direção ao meu carro. Holden está contra o capô e Thayer está à direita, em frente à porta do lado do motorista. Aperto o botão de desbloqueio nas minhas chaves, mas quando pego a maçaneta, sou pega e jogada por cima do ombro de Thayer, minhas chaves, mochilas e telefone caindo no chão.

— Que diabos você está fazendo? — Eu grito, tentando sair do seu alcance, mas ele tem um braço apertado em volta da minha bunda e o outro

em volta das minhas coxas, tornando isso impossível.

— Pegue a merda dela. — ele ordena antes de se afastar do meu carro. Eu levanto minha cabeça, girando para ver o Range Rover preto de Holden parado do outro lado do estacionamento.

— Coloque-me no chão! — Eu chuto meus pés, tentando sair do seu abraço, sem sucesso. Holden corre à nossa frente e abre a porta de trás antes de jogar minhas coisas para dentro.

— Dirija. — Thayer diz a Holden, em seguida, afunda o ombro, me encolhendo no banco de trás. Eu me levanto, tentando pular, mas então ele está subindo, fechando a porta atrás dele.

Eu corro para tentar a outra porta, mas ouço as fechaduras clicando no lugar. Eu o destranco manualmente e, quando puxo a maçaneta, nada acontece. Thayer não reage. Ele não tenta me impedir, não me envia um daqueles sorrisos presunçosos. O tédio brilha em seus olhos, como se ele estivesse esperando que eu o tirasse do seu sistema para que ele pudesse prosseguir... qualquer que seja o seu plano.

— Realmente? Bloqueio de criança? — Eu balanço o cabo com força suficiente para achar que pode quebrar na minha mão.

— Se o sapato couber. — diz Holden do banco do motorista. Ele liga o carro, e depois sai do estacionamento. Caio para trás com o movimento repentino, batendo minha cabeça na janela.

— Ow! — Esfrego a parte de trás da minha cabeça e me coloco de

costas contra a porta, de frente para Thayer, com a mão direita no banco do passageiro da frente para me equilibrar. — O quê? As baratas e perseguições noturnas não foram suficientes? Você está adicionando sequestro à lista?

— Acalme-se, rainha do drama. Só queremos fazer algumas perguntas.

— E você não poderia fazer isso sem me trancar no seu carro? — Eu tento fortalecer minha voz, esperando que eles não possam detectar o desconforto que sinto. Eles não vão me machucar. Este é *Thayer*. Embora eu não tivesse imaginado que ele acabaria me odiando, mas aqui estamos nós.

— O que você sabe sobre o meu irmão? Eu olho em direção a Holden.

— Ele não. Meu outro irmão.

Danny .

— Que tipo de pergunta é essa?

Thayer acerta o encosto de cabeça atrás dele com o lado do punho e eu recuo, sem esperar. — Não brinque comigo, Shayne.

— Eu não sei de nada!

— O telefone dela está bloqueado. — diz Holden, estendendo a mão para Thayer por cima do ombro.

Thayer pega, digitando a senha, me dando uma olhada que não consigo decodificar quando funciona. Reviro os olhos e olho para longe. Eu

realmente preciso mudar minha senha... para tudo. Não sei o que ele espera encontrar, mas não brigo porque sei que ele não encontrará nada. Não tenho nada a esconder, principalmente quando se trata de Danny.

— Seu irmão está te ignorando? — Ele brinca, inclinando a tela na minha direção, exibindo nossa linha de texto unilateral.

— Ele está ocupado com a escola. — Eu tento pegar meu telefone, mas ele levanta o braço, mantendo-o fora de alcance. Um olhar sombrio passa por suas feições, mas ele o estuda rapidamente.

— Vou te perguntar mais uma vez. O que você sabe sobre Danny?

Balanço a cabeça, confusa, e abro a boca para dizer novamente que não entendo, mas ele me interrompe antes que eu possa dizer.

— Sobre... aquela noite. — ele esclarece. Seu rosto está tenso, os olhos tristes, e por um breve segundo, esqueço que ele está me mantendo aqui contra a minha vontade. Eu esqueço todas as coisas ruins que ele disse e fez, e eu só quero envolver meus braços em volta dele. Mas então sua máscara desliza no lugar, lembrando-me que o velho Thayer não está em lugar algum.

— Você sabe o que eu sei. — eu digo baixinho, esperando que Holden não perceba. Eu estava com ele quando descobrimos, afinal. — Ele caiu nas cataratas. — Eu tento não engasgar com as palavras.

— Ele caiu. — ele repete categoricamente. — Vamos, Shayne. Você vai me dizer que você, a garota que escuta assassinatos de podcasts e tem

uma teoria da conspiração para todas as coisas malditas, acha que é provável que meu irmão tenha dado um mergulho no maldito tempo de vinte graus? Sozinho?

Eu franzo a testa. — Você está dizendo que não foi um acidente?

— Balanço a cabeça, descartando o pensamento. Eu me perguntei o que aconteceu naquela noite, mas as pessoas se machucavam pulando do penhasco o tempo todo. Depois que Danny morreu, eles finalmente colocaram placas avisando contra isso. Mas nenhuma vez um assassinato entrou em minha mente. — Quem iria querer machucá-lo?

— É isso que eu vou descobrir. — ele promete. — E se eu descobrir que você está mentindo para mim...

— Eu não estou. — eu respondo.

— Já veremos.

CAPÍTULO 8

Thayer

— **V**ocê acha que ela está dizendo a verdade? — Holden pergunta, os olhos fixos em Shayne enquanto ela volta para seu carro. Não posso deixar de me divertir com sua atitude recém-descoberta. Quando Holden me disse que ela estava de volta, eu fiquei chateado, não, eu fiquei furioso. Como ela ousa mostrar seu rosto como se nada tivesse acontecido? Mas agora? Agora, nossos pequenos encontros são algo que espero de uma maneira que não consigo entender. Não que eu tenha sido capaz de entender algo sobre Shayne.

— Sobre não saber de nada? — Dou de ombros, observando sua bunda saltar naqueles malditos shorts de spandex que costumavam me deixar louco, então ela está jogando as mochilas no banco de trás antes de entrar no banco do motorista. — Talvez. Mas isso não a torna inocente.

— Como se fosse uma sugestão, Shayne abaixa a janela, estende o braço e joga o dedo médio para cima.

— Não. — Holden concorda. — Não é mais tão inocente, não é?

Eu vejo sua expressão faminta no espelho retrovisor e algo como uma onda de ciúmes rodou dentro de mim. Ele não sabe que Shayne já foi minha. Ninguém sabe. Ela era meu pequeno segredo sujo. E vai continuar assim.

Chegando ao redor do banco da frente, dou um tapa na lateral da cabeça um pouco mais forte do que o necessário.

— Merda. — ele grita, afastando os olhos de Shayne.

— Vamos. Estou dirigindo.

Holden sobe sobre o console do meio e eu saio, pulando no banco da frente.

— E agora?

— Faça amizade com ela. Mantenha seus amigos próximos e seus inimigos mais próximos e toda essa merda.

Holden me olha como se tivesse crescido duas cabeças em mim. — Como diabos eu devo fazer isso? Ela não está mais exatamente confiando em nós.

— Então *faça* ela confiar em você. Se ela souber de alguma coisa, acabará deixando escapar.

Segredos nunca ficam enterrados por muito tempo. Especialmente em Sawyer Point.

CAPÍTULO 9

Shayne

— **S**hayne? — A voz hesitante da minha mãe chama do outro lado da porta do banheiro. Afundo na água até que as bolhas cheguem ao meu queixo, certificando-me de que não tenho nenhuma joia especial aparecendo.

— Entre.

A porta se abre, revelando minha mãe, expressão preocupada no rosto. — Você recebeu minha mensagem?

Merda. Eu nunca respondi depois que Thayer e Holden me interceptaram depois do vôlei. — Desculpe, o treino atrasou e eu esqueci completamente.

Ela compra a mentira facilmente, caminhando até o banheiro para se sentar em cima da tampa fechada. — Tudo bem. Eu só quero ter certeza de que está tudo bem com você. Posso dizer para eles pedirem a outra pessoa. — ela oferece. — Cinco dias é muito tempo para ficar sozinha.

— Mãe. — eu digo categoricamente. — Eu tenho dezoito anos. Eu acho que posso lidar com isso.

Ela franze os lábios. — Eu sei que você *pode*. Não significa que você precise. Agora é diferente já que Grey se foi.

— Eu vou estar ocupada com a escola e os treinos a tarde, de qualquer maneira. Eu nem notarei que você se foi.

— Eu ligarei para o seu irmão para ele vir para casa no fim de semana, pelo menos.

— Isso não será necessário. — asseguro a ela. Meu irmão está em sua própria bolha fodida e inacessível agora, e nem tenho certeza de que ela percebe. O fato de ele estar a duas horas de distância é a cobertura perfeita. — Quem é desta vez? Alguém que eu conheça? — Eu pergunto, mudando de assunto.

— Algum atleta de destaque. — diz ela com um aceno de mão. — Ele *realmente* disse que saltos plataforma são obrigatórios para aeromoças.

— Nojento. — eu digo, franzindo o nariz. O trabalho da minha mãe parece glamouroso na superfície. Ela passa todo o seu tempo em jatos particulares, visitando o mundo e recebe dicas na forma de bolsas caras e joias chamativas. Mas ela também tem que lidar com homens habilidosos que acham que está oferecendo outros *serviços*, e há a possibilidade muito real de ser substituída por alguém mais jovem, mais bonita ou mais magra com um simples fechar de olhos. Eu não sei como ela faz isso.

Ela encolhe os ombros. — Pelo que ele está pagando, eu me vestiria como um palhaço e deixaria que ele me chamasse de Bozo.

Eu rio, espirrando bolhas nela. Quero pressionar para obter

detalhes sobre com quem ela esteve e por que ela tem sido tão reservada, mas esses momentos, quando sorrisos, conversas leves e brincadeiras são fáceis, são poucos e distantes entre esses dias. — Quando você vai?

— Segunda-feira. Pelo menos, tenho mais de um dia de aviso dessa vez.

Concordo e ela dá um tapinha nas coxas antes de se levantar. — Eu vou deixar você terminar. — Ela se afasta, parando na porta, uma mão na moldura. — Lembre-me de perguntar sobre as solicitações da faculdade mais tarde.

— Ah sim, o treinador está organizando excursões. — Outra coisa que esqueci de mencionar. Em breve, os treinadores da faculdade começarão a visitar os jogos, mas antes disso, o treinador quer que visitemos os campus vizinhos para conhecer e ter uma ideia da área. Não sei mais se estou interessada em uma bolsa de vôlei, mas acho que é bom manter minhas opções em aberto.

— Bem, ok. — As sobrancelhas da mamãe se levantam, agradavelmente surpresas, tenho certeza. Nós não falamos sobre planos para a faculdade desde antes do acidente. Ela está cheia de rodeios comigo, provavelmente devido ao fato de que eu era um caso perdido nos meses seguintes ao acidente, e não apenas por causa de Danny. Perder Thayer foi quase tão difícil quanto, e essa é a verdade fodida. — Isso é ótimo.

Dou a ela o que espero que seja um sorriso tranquilizador, e então

ela se vai, me deixando em paz. No segundo em que a porta se fecha, o sorriso cai do meu rosto, meus pensamentos voltando para Thayer em tempo recorde. Ele sempre foi intimidador, mas nunca tive medo dele antes. E embora eu ache que ele nunca me machucaria, ele me assustou hoje. Não era uma brincadeira estúpida do ensino médio.

O que ele estava procurando, afinal? Ele honestamente acha que algo assim aconteceu com Danny? Sua morte foi considerada um acidente, e eu aceitei facilmente essa resposta, todos nós aceitamos, mas será que era porque foi demais suportar a possibilidade de alguém machucá-lo de propósito? Estamos sendo deliberadamente ignorantes? Os pais nesta cidade são profissionais em fazer vista grossa. A geração deles é perfeita em manter as aparências. Falar honestamente e abertamente sobre coisas feias é considerado como lavar a roupa suja. Viver em negação é a moda.

Eu nunca me incluí nessa categoria. Eu sempre fui um pouco curiosa demais. Desde que me lembro, estou interessada em crimes, conspirações e, acima de tudo, na psicologia por trás do que torna as pessoas do jeito que são. Natureza ou criação? Thayer uma vez perguntou por que eu estava tão interessada nessas coisas, considerando que a grande maioria das vítimas são mulheres. Ele o comparou a um peixe que desfruta da *Deadliest Catch.*. Eu disse a ele que é porque conhecimento é poder. Isso me faz sentir mais segura. Mais preparada.

Mas quando algo trágico acontece com alguém que você conhece e

ama, chega perto demais de casa. Literalmente. Você nunca pensa que coisas assim, o *que* quer *que* seja, acontecerão na *sua* cidade ou na *sua* família. Mas a tragédia não discrimina. Coisas ruins acontecem por toda parte. Para todos.

Ou talvez, a morte de Danny tenha sido apenas um acidente. Talvez Thayer esteja em negação e simplesmente queira culpar alguém. Muito mais provável.

Suspiro, deslizando sob as bolhas, submergindo-me completamente e fechando os olhos, sobrecarregada com a direção dos meus pensamentos. Uma coisa está clara. O Thayer que eu conhecia há muito se foi, e em seu lugar está o fantasma do garoto que eu conhecia.

— Ei, irmãzinha.

— Jesus. — Eu pulo, não esperando que Holden estivesse lá quando eu saísse do meu carro. — O que você quer? — Não espero a resposta dele antes de entrar entre carros estacionados no caminho para a aula.

Holden está do meu lado, passando o braço em volta do meu pescoço. — Um cara não pode levar a irmã dele para a aula?

Eu paro abruptamente, girando para encará-lo. — Primeiro, eu não sou sua irmã, então pare de me chamar assim. — eu digo em um sussurro. — Segundo, não somos amigos há muito tempo. Agora você me odeia, lembra?

— Porra, Shayne, você quer um desentupidor para buscar mais coisas velhas?

Coisas velhas?

— Você literalmente me jogou em um carro e me sequestrou ontem.

— Novamente com o drama. E, tecnicamente, foi Thayer.

Eu saio, balançando a cabeça. *Inacreditável.* Holden corre até mim e me pega pelo cotovelo, me girando.

— Ouça. — diz ele, largando meu braço. — Eu estou sendo um idiota. Eu levanto uma sobrancelha. — Isso é um eufemismo.

— Nós tínhamos que saber. — ele continua como se eu não tivesse falado, passando a mão pelos cabelos castanhos escuros e grossos. — Quando você voltou, nos pegou desprevenidos. É difícil saber em quem confiar. Tem sido um ano de merda, ok?

Eu suspiro, olhando para o céu para evitar seus olhos de cachorrinho. Deixo Holden usar a morte de seu irmão para me manipular para ser sua amiga novamente. E mesmo assim, sabendo exatamente o que ele está fazendo, estou caindo igual um patinho.

— Sinto muito se nós assustamos você.

— Vocês não me assustaram. — estou um pouco na defensiva. Eu limpo minha garganta, olhando em volta e percebendo pela primeira vez que temos uma audiência. — Vamos esquecer, ok?

— Trégua? — Ele pressiona, não me deixando ir tão fácil assim. Eu vejo Valen caminhando através de um grupo de pessoas, vindo na minha direção, expressão perplexa.

— Tudo bem. Sim. — eu concordo distraidamente, não dando a ele a chance de responder antes que eu vá, na direção da Valen. Felizmente, ele não me segue.

— O que foi aquilo? — Ela pergunta, passando o braço ao meu. — Você está bem?

— Estou bem. — Balanço a cabeça com desdém, ainda confusa com a coisa toda e não totalmente convencida de que seus motivos são puros. — Ele pediu desculpas.

— Como ele deveria ter feito.

Olho por cima do ombro para encontrá-lo em pé no mesmo lugar, olhando diretamente para mim, exceto agora, Taylor, Alexis e o resto do grupo deles está reunido ao redor dele com várias expressões de desprezo e confusão estampadas em seus rostos.

— Eu acho.



As folhas trituram sob meus pés, me dizendo que o verão está chegando ao fim enquanto eu caminho em direção ao celeiro, e desta vez estou preparada. Depois da escola fiz uma parada rápida em casa para fazer uma mala, enchendo-a de coisas que eu poderia precisar. Uma lanterna movida a bateria, uma lanterna extra por precaução, uma garrafa de água, um sanduíche de manteiga de amendoim e, é claro, meu diário. Eu me sinto como uma criança despreparada que foge de casa.

Puxo um fone de ouvido, deixando-o pendurar livremente para que eu possa prestar melhor atenção ao meu redor. A última coisa que eu preciso é de Thayer para fazer outra de suas acrobacias. Fiquei alguns dias afastada para poder estar segura, mas depois de hoje, senti uma necessidade avassaladora de limpar meus pensamentos e, com alguma sorte, limpar minha cabeça. Como se Holden se desculpar não fosse estranho o suficiente, a hora do almoço foi ainda mais desconcertante. Valen tinha algo a fazer, então peguei uma água da cafeteria antes de sair, optando pelo meu carro. Holden chamou meu nome do outro lado da lanchonete e, naturalmente, os olhos de todos estavam em mim. Ele me acenou, gesticulando para eu me sentar com eles, apesar dos olhares sujos de Taylor, mas balancei minha cabeça em resposta, as sobrancelhas juntas em confusão, me perguntando

por que ele era tão inflexível.

Quando chego ao celeiro, paro o podcast que estou ouvindo sobre uma adolescente que matou seus próprios pais, enrolo meus fones de ouvido e os enfio no bolso da frente da minha mochila. Dando uma última olhada ao redor para me certificar de que estou sozinha, enfio a mão por baixo da camisa, puxando o colar que amarrei a chave no outro dia. Exceto quando vou destrancar, percebo que a porta não está trancada. A porta do celeiro está fechada, mas a fechadura está pendurada no gancho enferrujado, a trava aberta.

Não devo ter percebido isso na minha pressa de chegar em casa da última vez.

Abro a porta, deixando uma lasca de luz solar iluminar o caminho para o sofá. Vou deixá-lo aberto para aproveitar o sol até escurecer. Puxo a alça da minha bolsa no meu braço, sentando-me em cima do cobertor que deixei no sofá da última vez e depois coloco minha mochila no meu colo. Abro-a, pego a lanterna, meu diário e uma caneta. Quando estou cômoda, meu telefone vibra e a imagem da minha mãe pisca na tela.

— Ei. — eu respondo, trazendo o telefone para o meu ouvido.

— Onde você está? Acabei de chegar em casa e seu carro está aqui, mas você não está.

— Sim, eu deixei depois da escola. Estou na casa de Valen, trabalhando em um projeto.

— Ok. Então, suponho que você não esteja em casa para jantar?

— Eles me convidaram para comer aqui, se estiver tudo bem.

— Claro. — diz ela depois de uma pausa. — Só peça para Valen te levar para casa às dez.

O cheiro repentino de fumaça atinge minhas narinas e eu congelo, inspirando mais fundo.

— Shayne?

— Hmm? — Eu estou de pé, tentando descobrir de onde está vindo.

— Dez horas?

Eu giro, soltando o telefone com um grito quando vejo uma figura envolta em escuridão contra a parede dos fundos. Meu coração para e começa novamente quando percebo que é Thayer. Eu mal consigo entender sua forma, sentado em um banquinho velho, um tornozelo apoiado no joelho dobrado, mas sei que é ele.

— Shayne? — Eu ouço a voz preocupada de minha mãe flutuar do alto-falante e rapidamente me abaixo para pegar meu telefone de volta.

— Desculpe, larguei meu telefone. Eu tenho que ir, ok? O jantar está pronto.

Termino a ligação antes que ela possa responder, segurando a palma da mão no meu coração acelerado. — Jesus Cristo, Thayer. Você está

tentando me matar? — As palavras insensíveis saem da minha boca antes que eu possa recuperá-las, mas se isso o ofende, ele não mostra.

Ele se levanta, dando outra tragada no cigarro.

O cigarro queima mais forte quando ele inspira, e mechas de fumaça se enrolam no ar à sua frente. Ele o joga no chão, batendo com o pé antes de seguir em minha direção. — Então não sou só eu? — Ele pergunta, parando quando há meros centímetros entre nós.

— O quê? — Eu pergunto, franzindo o cenho.

— Você mentiu para sua mãe agora. Foda-se! Sabe-se lá quantas vezes você mentiu para mim.

— Eu não menti para você.

Ele diminui a distância entre nós, elevando-se sobre mim, depois puxa uma mecha do meu cabelo entre dois dedos. Ele pensa, esfregando os fios entre os dedos.

— Por que você ainda vem aqui, Shayne?

Meus olhos disparam para o meu caderno no sofá e ele segue meu olhar, concentrando-se nele. Nós dois corremos ao mesmo tempo, mas ele é mais rápido. Eu pulo nas suas costas, sua frente nivelada com o sofá, mas ele segura o caderno fora do meu alcance e rola debaixo de mim. De repente estou montando nele, respirando pesadamente, e posso senti-lo entre minhas pernas. Meus olhos se voltam para os dele. As narinas de Thayer se

alargam, os olhos se estreitando em fendas.

Engulo em seco, inclinando-me para alcançar o caderno novamente, mas ele o solta, deixando-o cair no chão com um forte ruído. Pairando sobre ele, olho de volta para baixo, vendo aqueles olhos escuros perfurando os meus. Eu não sei o que me possui para fazer isso, mas mudo meus quadris, apertando contra ele para aliviar a dor entre minhas coxas. Ele morde o lábio, puxando aquelas duas bolas de prata entre os dentes, em seguida, coloca um braço em volta da minha cintura, e antes que eu saiba o que está acontecendo, ele está me jogando nas minhas costas e deslizando entre as minhas pernas.

— É isso que você quer? — Ele pergunta, apoiando uma mão no braço do sofá acima da minha cabeça enquanto ele flexiona seus quadris. Eu suspiro, sentindo seu desejo pressionando em mim. Ele faz isso de novo e um gemido sai, minhas coxas se abrindo. — Porra, Shayne.

— Sua voz é rouca e torturada e eu sei que ele está sentindo isso também. Esse desejo está sempre lá, logo abaixo da superfície. Eu pensei que teria ido embora agora, *temia que fosse,* com tudo considerado.

Nossos corpos falam enquanto começamos a nos mover um contra o outro. Sua boca está tão perto da minha e nós dois estamos respirando irregularmente, nossos lábios roçando a cada movimento. Sua mão direita amassa meu peito através da minha camisa, e eu suspiro, sentindo a dor misturada com o prazer disparado direto para minha virilha.

— Faça de novo. — eu quase imploro. — Devagar.

Thayer apenas hesita por um segundo antes de perder a luta e circula o dedo em torno do meu mamilo, seguindo o contorno do piercing. — Sim, você não é tão inocente, não é, baby? — Ele brinca. O latejar entre minhas pernas se intensifica e minha boca se abre quando ele repete o movimento para o outro lado. Minhas mãos voam para seus ombros, precisando de algo para segurar, mas ele captura meus dois pulsos na mão esquerda, prendendo-os acima da minha cabeça.

— Sim. — eu respiro, balançando nele enquanto minhas inibições voam pela janela junto com o meu orgulho. Eu não deveria deixá-lo me tocar assim depois das coisas que ele disse e fez, mas aqui estou praticamente implorando por isso.

Ele levanta minha blusa do meu peito e eu fico tensa, interrompendo seus movimentos. — Eles ainda estão se recuperando. — explico. Não importa o quanto eu queira as mãos e a boca dele em mim sem a barreira da minha camisa, não vou arriscar. Eu já estou pressionando minha sorte para deixar isso ir tão longe.

— Eu só vou olhar.

Mordo o lábio inferior, subitamente me sentindo nervosa, mas aceno de qualquer maneira. Lentamente ele levanta minha camisa, expondo meus seios nus ao ar frio. Eu tremo e ele respira fundo com a visão. Ele abaixa a cabeça, ainda segurando minhas mãos acima da minha cabeça.

— Thayer. — eu aviso, me contorcendo debaixo dele.

— Você enganou todo mundo, não é? — Ele murmura, trazendo os lábios para a parte inferior do meu peito, beijando a carne sensível. — Eles não sabem sobre esse seu lado. — continua ele, afundando em mim ao mesmo tempo. — Tão inocente. Tão *pura*. Mas eles não sabem o que você gosta de fazer com seu meio-irmão no escuro.

O pulsar entre minhas pernas se intensifica apesar de suas palavras, ou talvez por causa delas, e eu acelero meus movimentos, perto do precipício. Ele dá uma última lambida no inchaço do meu peito antes de passar para o outro lado, a mão livre serpenteando em volta da minha cintura, me fazendo arquear nele.

— Oh Deus. — eu sussurro enquanto ele aperta contra mim, sua respiração quente na minha pele. Tudo o que posso sentir, cheirar e pensar é Thayer, e tê-lo me tocando assim está me sobrecarregando tanto física quanto emocionalmente. Tremo embaixo dele e não sei se vou chorar ou gozar primeiro, mas sei que não quero que ele pare.

Sua boca aberta sobre o meu mamilo, mal roçando a ponta, e quando seus piercings cutucam os meus, eu fico tensa, caindo pelo precipício. Thayer coloca uma mão embaixo do joelho para levantar minha perna, lentamente me levando de volta para a Terra, e quando eu finalmente abro meus olhos, ele está pairando sobre mim, ainda completamente vestido com seu capuz e tudo, olhando para mim com uma expressão inescrutável.

A realidade colide comigo muito cedo e de repente me sinto vulnerável e exposta, e odeio isso.

Como você pode amar e odiar uma pessoa que faz você se sentir assim?

Sem uma única palavra, Thayer captura a chave antes de arrancá-la do meu pescoço. Eu suspiro, sem esperar, e então ele guarda a corrente e se afasta de mim ficando de pé.

— Não minta para mim novamente.

CAPÍTULO 10

Thayer

***F**oda-se*. Droga. Eu bato a porta da frente, ignorando Holden e Christian com algumas garotas no sofá na sala da família, e vou direto para o meu quarto no andar de cima. Uma imagem de Shayne deitada e seminua brinca com a minha mente. Eu não deveria ter me permitido ficar sozinho com ela. Eu subestimei o efeito que ela ainda tem em mim. Ela está fodendo com a minha cabeça desde o momento em que voltou. Ela é a única coisa que me distrai do ano passado, mas não posso me esquecer de que ela desempenhou um papel. Talvez. Porra, eu não sei mais. Quando ela se foi, tudo ficou tão claro. Mas e agora? Agora não sei para que lado ela está. Eu não sei o que é real. Tudo o que sei é que não posso deixar que isso aconteça novamente.

Uma batida na minha porta me tira dos meus pensamentos, seguida pela voz de Holden. — Você está bem, cara?

— Tudo bem. — eu respondo, não querendo nenhuma companhia quando meu pau ainda está meio duro, mas ele abre a porta de qualquer maneira, entrando. Christian aparece atrás dele, sentando na cadeira à minha mesa enquanto Holden opta pela beirada da minha cama.

— O que é bem? — Holden pergunta.

— Volte para a sua festa.

— Nós nos livramos delas. — Christian responde, inclinando-se para descansar os cotovelos nos joelhos.

Eu aceno, depois junto meus dedos atrás da cabeça e solto um suspiro. — Faz quase um ano.

Holden balança a cabeça, olhando sem expressão, enquanto os olhos de Christian estão fixos em seus sapatos.

— Um ano inteiro, e ainda não temos respostas.

— Talvez não exista. — diz Holden, ainda não olhando para mim. — Talvez ele realmente tenha caído.

— Você disse que ele estava agindo com cautela no dia anterior. — eu o lembro. — Assim como papai. — Eu não saberia. Eu estava muito envolvido em uma bela distração loira com o rosto de um anjo para perceber qualquer outra coisa.

Holden coça a nuca. — Eu não sei, cara. Quando papai não está sendo estranho pra caralho?

Olho para o meu primo. — E você? Você acha que eu também estou viajando?

— Eu não disse isso. — responde Christian.

— Nossa família tem conexões. Seu pai é um maldito juiz, pelo amor de Deus, e nos foi negado um boletim de ocorrência porque a investigação está em andamento, mas ninguém está investigando. Por que

será?

— Eles não encontraram nada, T. — diz Christian. — É por isso.

— Ou eles estão encobrindo algo. — A questão é o motivo.

— Eu concordo que é suspeito *pra* caralho. — Holden diz.

— E se descobrirmos que alguém fez isso? — Eu pergunto, apenas para ter certeza de que estamos na mesma página.

Holden olha para mim sem um traço de humor em sua expressão. — Então temos o nossa vingança.

— Mesmo que seja Grey?

Ele encolhe os ombros. — Não importa quem seja. Pelo menos acho que Shayne não sabe nada.

Holden sempre teve uma queda por Shayne, mas estou começando a suspeitar da mesma coisa. Ela parecia sem noção de nada quando a interrogamos. Poderia ser uma cena, mas meu instinto me diz que não é.

Isso não muda o fato de que há uma boa chance de seu irmão ter matado o meu.

CAPÍTULO 11

Shayne

“Hate Me” de Ellie Goulding toca nos alto-falantes do meu carro, enquanto estou a caminho para a casa de Valen. Faz três semanas desde o incidente no celeiro. Meus dias consistiram em nada além de escola e vôlei. Além do ocasional olhar sujo e comentário malicioso de Taylor, tudo tem sido... normal. Holden ainda tenta falar comigo todos os dias. Ele até sentou comigo e Valen no almoço outro dia depois que eu mais uma vez me recusei a sentar na sua mesa, o que, por sua vez, acabou causando ainda mais uma cena.

Thayer, por outro lado, não apareceu nenhuma vez. É uma coisa boa. É o que eu queria. De qualquer maneira eu não poderia enfrentá-lo depois daquela noite no celeiro. Ele arrancou a chave do meu pescoço, depois me deixou deitada, me sentindo uma idiota por deixá-lo me tocar. Então por que me sinto rejeitada e pior do que isso... decepcionada?

Algo dispara na frente do meu carro, me arrancando dos meus pensamentos, e eu piso no freio para evitar bater nele, apertando meus olhos com força. Abro um olho, com o coração batendo forte, ao ver um homem com um capuz preto, as duas mãos apoiadas no capô do meu carro.

— Holden? — Eu pergunto incrédula. Eu estreito meus olhos, absorvendo seu estado desgrenhado e o sangue saindo de sua mão. Ele está

olhando para trás, como se estivesse esperando alguém vir atrás dele. Aperto o botão para abrir minha janela. — Holden! — Eu grito, finalmente chamando sua atenção. Quando ele percebe que sou eu, posso ver o alívio surgir.

— Obrigada, porra. — Ele contorna o carro, aproximando-se da porta do lado do passageiro e puxa a maçaneta. — Vamos, Shayne. Me deixe entrar.

Eu olho de soslaio, avaliando seus olhos vidrados e a maneira como ele balança os pés. Ele está realmente bêbado ou muito machucado. De qualquer maneira, ele está ferrado.

Os faróis aparecem no meu espelho retrovisor, saindo muito rápido. Entro em ação, apertando o botão de desbloqueio. Holden tropeça no meu banco do passageiro, enchendo meu carro com o cheiro de álcool e rapidamente fecha a porta. — Vai! — Ele grita.

Eu afundo o acelerador, meus pneus cantando contra a calçada. Uma vez que o carro não está mais visível no meu espelho retrovisor, eu chego atrás do meu assento, pegando minha camisa extra na minha bolsa de vôlei. — Aqui. — Atiro-a em Holden, e ele a envolve em sua mão.

— Bêbado ou machucado?

— Ambos. O primeiro mais que o último. — Ele ri. Balanço a cabeça. — Eu nem quero saber.

— Provavelmente será melhor. — ele concorda, reclinando o

assento para recostar-se. — Me acorde quando chegarmos em casa.

Casa.

A casa dele. Como em Whittemore. Onde Thayer mora. Eu não pisei ali por quase um ano. Meu estômago gira com a perspectiva de ver Thayer, minhas mãos apertando ao redor do volante. Então, novamente, eu não o vejo há semanas. Provavelmente ele está em alguma festa da faculdade. As chances de ele estar em casa na sexta-feira à noite são praticamente nulas.

— É melhor você não sangrar no meu carro. — murmuro. Tecnicamente é o carro antigo da minha mãe, mas ela agora dirige o carro da minha avó, então eu uso esse quando preciso. Não é chamativo. Um pequeno Nissan branco que me leva do ponto A ao ponto B. Mas é tudo que preciso.

Eu não espero que ele desmaie nos cinco minutos de carro até sua propriedade, mas quando eu paro em seu portão aberto e estendo a mão para sacudir seu ombro, ele murmura algo inteligível antes de adormecer imediatamente.

— Ótimo.

Eu sigo a longa e sinuosa entrada de automóveis que leva à casa, com medo entrando quando noto todos os carros alinhados em ambos os lados. Dezenas deles. Querido Papai deve estar fora da cidade. Essa é a única maneira que os meninos decidem dar uma festa. Não que seja exatamente

uma ocasião rara, ele sai frequentemente, ficando em seu apartamento na cidade quase todas as noites, e ele não dá a mínima, desde que eles limpem sua bagunça. Sigo a estrada até a entrada circular e contorno a velha fonte de água de tijolos cercada por flores silvestres que fica no centro, depois estaciono meu carro no parque.

— Chegamos. — eu digo, sacudindo seu ombro. Ele não se mexe. — Holden! — Eu falo. — Desperta. Levanta.

Ele finalmente acorda, olhando para mim como se não tivesse ideia de como chegou aqui.

— Você está em casa. — eu digo, apontando para a porta da frente. Ele examina os arredores, observando os grupos de pessoas bebendo nos degraus e espalhados pelo gramado.

— Obrigado, irmãzinha. — ele me insulta, pegando a maçaneta. Ele cai do carro, aterrissando na calçada, e um gemido segue.

Droga. Abro a porta e corro para ajudá-lo. Quase noventa quilos bêbado, suado e quase morto. Envolvo um braço em volta de sua cintura enquanto ele passa por meus ombros. Eu seguro seu braço no lugar, levando-o em direção à porta da frente.

Uma garota morde o lábio quando nos vê se aproximar, dando um pequeno aceno. — Ei, Holden.

Ela está brincando? Ela não percebe que ele mal está consciente?

— Seja útil e abra a porta. Você pode tentar novamente amanhã, quando ele não estiver em coma.

Ela pisca duas vezes antes de abrir rapidamente a porta da frente e segurá-la para nós. — Ele está bem? — Ela chama atrás de nós. Eu não me incomodo em responder.

"Hot Girl Bummer" explode no sistema de som, e há pessoas bebendo, dançando e se beijando em todos os cantos. — Você me deve por isso. — murmuro baixinho, ignorando os olhos curiosos, e vou direto para as escadas. Holden mantém seu próprio peso surpreendentemente bem até o fim. Quando chegamos ao topo, lanço um olhar para a porta preta que leva ao quarto de Thayer, a do outro lado de onde eu costumava dormir, e é apenas minha sorte que mesmo em seu estado de embriaguez, Holden percebe.

— Ele está diferente agora. — diz ele, do nada.

— Todos nós estamos. — Eu limpo minha garganta. — Vamos. Estamos quase lá.

Percorremos o corredor repleto de fotos antigas da propriedade em vários estados que datam do século XIX. Queimou no início dos anos 1900, mas minhas fotos favoritas sempre foram as anteriores ao

incêndio. Este lugar tem muita história e sempre me fascinou.

Os pés de Holden de alguma forma se enroscam nos meus, me deixando sem equilíbrio. Nós dois caímos, ele sofrendo o impacto da queda, eu caindo em cima dele. Seus braços vêm em volta da minha cintura, me segurando quando eu tento me levantar.

— Oh meu Deus, me solte. — eu lamento, tentando sair de seu abraço.

— Você é quente e cheira bem e eu sinto sua falta. — Não sei se o álcool está falando ou se existe alguma verdade, mas ele parece sincero e isso parte meu coração um pouco. Às vezes esqueço que há um garoto com sentimentos sob toda essa bravata e sarcasmo. Não perdemos apenas Danny. Todos nós nos perdemos. — Todos nós sabemos, até Thayer.

Eu aperto meus lábios. *Até* Thayer. Ok. — Vamos lá. — eu digo, dando um tapinha em seu peito. — Vamos levá-lo para a cama.

— Que porra é essa? — Uma voz cresce atrás de nós. O peito de Holden treme de tanto rir e eu viro minha cabeça para ver Thayer ali, com uma expressão assassina no rosto. Reviro os olhos, afastando Holden, e desta vez ele me deixa ir.

Holden pega minhas mãos estendidas e tento puxar seu corpo pesado.

— Uma pequena ajuda seria legal. — eu grito por cima do ombro.

Thayer franze a testa, olhando entre nós dois antes de andar em nossa direção e puxar o braço de Holden ao redor do pescoço para levantá-lo. — Que porra aconteceu?

— Eu não sei. Eu o encontrei assim.

— Onde?

— Arrowhead Trail. Eu estava dirigindo para casa e ele estava lá. Assim. — eu digo, gesticulando para o seu estado sangrento.

— Thayer? — Uma voz feminina chama. Meu estômago cai quando vejo uma linda morena de pernas compridas, vestindo apenas um sutiã e shorts de pé na porta de Thayer. — Por que está demorando tanto? — Ela inclina a cabeça para o lado, enrolando o cabelo em volta do dedo.

— Você pode lidar com isso daqui. — eu digo, me virando rapidamente para sair. Eu sei que houve outras garotas. Não sou burra o suficiente para pensar que ele não seguiu em frente. Mas saber e ver são duas coisas completamente diferentes. Enfio meu cabelo atrás da orelha, descendo os degraus o mais rápido que posso sem realmente fugir.

— Whoa, garota, onde você vai com tanta pressa? — Aiden me pega pelos ombros quando chego no último degrau, me puxando para um abraço.

— Eiiii, o que ela está fazendo aqui? — Taylor pergunta, segurando um copo que combina com o tom de seus lábios em minha direção enquanto ela entra da outra sala. — Você sabe que não mora mais aqui, certo?

— Eu estava saindo. — digo a Aiden, ignorando o comentário de Taylor. Ela está bêbada e se sente ameaçada pelo fato de eu ter acabado de descer do andar superior, então nada que eu possa dizer vai irritará mais do que o que inevitavelmente está passando por sua cabeça. Deixe-a chegar a suas próprias conclusões.

— Tome uma cerveja comigo antes de ir. — Aiden é deslumbrante, esse tipo de atleta quente, com um rosto quadrado e cachos grossos, escuros. Seus olhos de mel contra a pele bronzeada. Lábios carnudos.

Infelizmente, apenas idiotas com piercing nos lábios parecem ter efeito em mim nos dias de hoje.

— Meu carro está lá fora. — Eu levanto o polegar por cima do ombro. — Vejo você mais tarde?

— Quer que eu leve você? — Ele pergunta.

— Ela é uma menina grande, Aiden. — Taylor diz.

Olho de volta para o topo da escada e encontro Thayer olhando para mim, inclinando para a frente com as mãos apoiadas no corrimão. Eu me forço a desviar o olhar, precisando sair daqui.

— Vejo você na segunda-feira. — murmuro, virando-me para a porta. Dou a volta em torno de um garoto fumando na escada e entro no meu carro. Estou meio surpresa que ninguém fodeu com ele. Dirijo direto para casa, sendo o mais silenciosa possível quando entro.

— Shayne, querida, é você? — Minha mãe pergunta do quarto dela.

— Sou eu. — eu respondo de volta.

— Não se esqueça de trancar.

Eu respiro um suspiro de alívio que ela não planeja continuar uma conversa. — Ok. Noite! — Vou direto para o meu banheiro, tirando minhas roupas e tênis antes de entrar no chuveiro. Fecho os olhos e fico sob a corrente de água quente, deixando-a tomar conta de mim.

Em que diabos Holden se envolveu? O fato de Thayer parecer saber tanto quanto eu não parece certo. Thayer e Holden sempre se moveram como uma unidade, sempre em sincronia. Ele estava fazendo algo que não queria que Thayer descobrisse? Ou apenas decidiu foder por capricho? O último parece mais provável.

Pego o meu gel de banho e coloco sobre uma toalha úmida que substituiu minhas buchas por enquanto e o levo ao meu peito, tomando cuidado para evitar meus piercings. Depois que Thayer brincou com eles, eles ficaram doloridos por alguns dias, mas tive sorte que foi tudo o que aconteceu. *E Deus, valeu a pena* . Eu nunca senti nada assim. Eu estava com sobrecarga sensorial, e acho que naquele momento, uma brisa pesada teria me enviado para o limite.

Eu tiro esses pensamentos da minha cabeça. Ele provavelmente está transando com aquela garota de seis maneiras desde domingo enquanto

eu estou aqui revivendo algumas carícias como uma idiota. Jogo a toalha e ela cai no chão do banheiro, depois giro a torneira com muita suavidade, desligando a água. Entrando no tapete macio, pego a toalha do gancho na parte de trás da porta e a enrolo em volta de mim.

Em pé na frente do espelho embaçado deslizo minha mão sobre ele, apenas o suficiente para ver meu rosto no reflexo. Como tudo ficou tão louco? E o que diabos Holden estava fazendo?

Depois de escovar os dentes e vestir a camisa de vôlei do ano passado, mando um texto rápido para Grey.

Eu sinto sua falta. Me liga.

Quando dez minutos se passam sem resposta, eu sei que não terei notícias dele esta noite, se é que realmente terei alguma. Eu rastejo para a cama em um quarto que ainda não parece meu e sonho com um garoto que nunca realmente foi meu.

CAPÍTULO 12

Shayne

A aula passa devagar como sempre, mas eu consigo passar sem incidentes. Já está no fim do dia e, como temos um jogo hoje à noite, tivemos que usar nossos agasalhos para a escola. Calça preta com estampa lateral e camisas de uniforme marrom e preto, vestindo nosso novo mascote. Abrindo meu armário, enfio minha mochila dentro, pegando apenas meu livro de cálculo e um lápis.

— Você está me evitando, irmãzinha?

Fecho meu armário para ver Holden parado lá com o braço apoiado no armário ao lado do meu, parecendo não ter acontecido nada. Você nunca imaginaria que ele parecia um

morto-vivo duas noites atrás.

— Deixe-me adivinhar. Você transou com a filha do cara errado. — Eu brinco, colocando minha bolsa no ombro antes de ir embora. Holden entra em sintonia comigo.

— *Esposa.* — Ele corrige e eu bufo, sabendo que há uma possibilidade muito real de ele não estar brincando. Quando entramos na aula juntos, Taylor já está lá, atirando punhais em mim com os olhos.

— Melhor você ir. Sua pequena namorada não parece muito feliz.

— Eu provoco, deslizando em uma mesa no lado oposto da sala.

— Ela vai viver. — Ele sorri, tomando a mesa ao lado da minha, mas depois se concentra em algo atrás de mim, e seu sorriso vacila. Franzo o cenho, olhando por cima do ombro para ver dois policiais entrando na sala. Todos na sala de aula trocam olhares confusos enquanto falam em voz baixa com o Sr. Turner.

— Escute. — diz Turner com uma voz mais séria do que a que ele costuma usar. — Esses policiais gostariam de conversar com vocês sobre um incidente que ocorreu no fim de semana.

Um dos policiais com cabelos escuros e lisos se move para a frente da classe, para se dirigir a nós. — Como ele disse, ocorreu um incidente na noite de sexta-feira envolvendo uma das casas de nossos oficiais. Acredita-se que o autor seja um estudante daqui, portanto, se alguém sabe alguma coisa, ou talvez viu alguma coisa, agora é a hora de falar.

Ninguém diz uma palavra enquanto os policiais examinam a classe com expressões expectantes. Engulo em seco, olhando para Holden pelo canto do olho. Ele passa um lápis entre o polegar e o indicador, parecendo entediado, mas eu sei que é um ato. A roupa toda preta. O nariz ensanguentado. Era ele. Não era de um marido enfurecido que ele estava fugindo. Era da polícia e, deixando-o entrar no meu carro, sem saber, me tornei cúmplice.

Sento-me, cruzando os braços sobre o peito, irritada por ele me

arrastar para isso.

Quando fica claro que ninguém vai falar, ele diz novamente. — Tudo bem, se alguém tiver alguma informação, deixarei nosso cartão com seu professor. — Ele se vira para o Sr. Turner. — Obrigado por nos deixar interromper.

O Sr. Turner assente, apertando a mão do policial. Todo mundo começa a conversar sobre o que poderia ter acontecido e quem poderia ser. Enquanto os oficiais se aproximam da minha mesa, um estreita os olhos, olhando-me cautelosamente. Ele faz uma pausa ao meu lado, batendo duas juntas na minha mesa.

— Shayne Courtland? — Ele pergunta, e meus olhos se erguem para encontrar os dele.

— Sim? — Meu estômago se agita, a ansiedade fazendo meu coração bater duas vezes.

— Se importa se tivermos uma palavra com você no corredor por um segundo?

— Hum. — Olho em volta, sem saber o que dizer.

— Só vai demorar um minuto. — diz ele, garantindo-me. Concordo, saindo da minha mesa. Eu arrisco um olhar para Holden, e posso dizer que ele está nervoso pela maneira como seu maxilar fica tenso.

— Eles estão autorizados a fazer isso? — Uma garota que eu não

conheço pergunta em um tom abafado.

— Não é como se eles estivessem interrogando alguém. — Responde um garoto chamado Jason. — Eles não precisam de permissão para falar conosco.

— Ele tem razão. Isso fica a critério da escola. — Explica Turner. — Agora vamos voltar ao trabalho.

Cruzo os braços sobre o peito enquanto os sigo para fora da sala de aula. Assim que estamos no corredor e a porta está fechada, eles não perdem tempo chegando ao ponto. — Havia um carro parado na Arrowhead Trail ao mesmo tempo do incidente que corresponde à descrição do seu veículo.

Eu pisco, surpresa. — Como você sabe qual carro eu dirijo? — Como eles *me* conhecem?

— Cidade pequena. — O segundo oficial responde depois que eles trocam um olhar. — Estávamos prestes a ligar para você. Você viu alguma coisa?

Balanço a cabeça. — Não.

— Então por que você parou no meio da estrada? — Olhos suspeitos se estreitam para mim.

A pergunta me pega desprevenida. Eu deveria dizer a verdade. Não devo nada a Holden, e esse tipo de problema é a última coisa que preciso.

Com os braços ainda cruzados, viro a cabeça em direção à janela da porta, procurando-o. Ele está me observando atentamente, sua expressão ilegível.

— Era um cervo. — Eu digo, afastando meus olhos de Holden.

— Um cervo. — Ele repete, ceticismo entrelaçando seu tom.

Eu balanço minha cabeça. — Sim. Ele disparou para fora da floresta.

— Eu golpeio o ar com o braço. — E correu para a frente do meu carro.

O oficial número um olha para o outro, os dois tendo uma conversa silenciosa. Não é como se fosse uma história improvável. Isso acontece o tempo todo.

— Você o acertou?

— Não. Pisei no freio a tempo, mas isso me assustou. Levei um minuto para me recompor e depois fui para casa.

O policial número dois pega um bloco de notas e escreve algo.

— Fiz algo de errado? Preciso ligar para minha mãe? — Franzo a testa, dando-lhes o meu melhor olhar inocente de olhos arregalados, empurrando meus lábios em um beicinho.

— Não, não. — O oficial número um é rápido para me tranquilizar. — Estamos quase terminando aqui. Você não viu ninguém a caminho de casa?

Eu aperto meus lábios, fingindo pensar sobre isso. — Não, não que eu possa me lembrar.

— Ok. — Ele suspira. — Se você se lembrar de algo que possa ser útil...

— Ele interrompe, estendendo a mão para me oferecer seu cartão. Eu o pego entre os dois dedos dele, assentindo enquanto leio as informações.

Edward Wood

Distintivo de oficial # 580

Departamento de Polícia de Sawyer Point

Abaixo estão o seu e-mail, telefone e número de fax.

— Obrigada.

— Tenha um bom dia. — diz ele enquanto o outro cara abaixa o queixo antes de se virar para sair. — E cuidado com os cervos.

A tensão sai dos meus ombros e eu solto um suspiro de alívio enquanto volto para a aula. Eu ignoro Holden pelo resto da aula, mesmo que possa sentir seus olhos em mim, e quando a campainha toca, eu sou a primeira a sair. Holden me alcança e captura meu cotovelo, me girando para encará-lo.

— Obrigado. — Seus olhos que me lembram muito de Thayer não mantêm sua alegria habitual. Ele está sendo sincero, deixando a máscara deslizar um pouco.

— O que quer que você esteja fazendo, me deixe de fora.

— Qual é o seu problema? — Ele pergunta, franzindo a testa, como se ele realmente não entendesse.

— Meu problema? Poderíamos ir para a cadeia. — sussurro entre dentes, olhando ao redor para me certificar de que ninguém está ouvindo.

Holden zomba, um sorriso nos seus lábios. — Relaxe, ninguém vai para a cadeia.

— Eu sei que você está acima da lei, mas nós, pessoas normais, não temos o luxo de ter famílias com bolsos profundos.

— Você realmente acha que eu deixaria você se ferrar assim?

— O que eu devo pensar? Algumas semanas jogando bem não mudam o ano que passou.

Algo como mágoa brilha em seus olhos, mas ele a esconde quase tão rapidamente quanto veio. — Justo. — Ele me olha de cima a baixo, como se estivesse me vendo sob uma nova luz, dando alguns passos para trás.

— Holden...

— Não. Entendi. — Ele vira as costas para mim e eu suspiro.

— O que foi aquilo? — Valen pergunta, aproximando-se de mim.

— Eu acho que machuquei seus sentimentos.

— Ele tem sentimentos? — Ela zomba ofegante.

— Aparentemente sim.

— Interessante. — Ela inclina a cabeça, olhando a forma dele se afastando enquanto desaparece na multidão de estudantes que se agitam por um segundo antes de se voltar para mim. — Você está pronta para o grande jogo hoje à noite? — Ela pergunta com um sotaque ridículo de Vallery Girl.

— Totalmente. Você vem?

— Depende. Você vai sair comigo neste fim de semana? Eu pressiono meus lábios. — Certo.

— Então é um encontro.

Quando nos viramos para sair, ela para o estacionamento e eu para a academia, vejo a senhora Thomas vindo em nossa direção.

— Não vejo você há um tempo, Shayne. — diz ela, sutil como sempre. — Você vai passar na minha sala essa semana? — Ela diz isso como uma pergunta, mas nós duas sabemos que é um aviso.

Concordo com a minha resposta e ela me dá um sinal de positivo antes de virar a esquina. Fiquei distraída e, honestamente, com Thayer tirando meu acesso ao celeiro, não tive vontade de escrever.

— Eu tenho que ir. — digo a Valen. O treinador decidiu que

deveríamos ter alguma *ligação com a equipe de* antes, então, em vez de ir para casa, eu vou tomar sorvete com a equipe. *Yay.* E para piorar a situação, como jogadoras do time do colégio, temos que assistir os calouros e os jogos da JV para mostrar nosso apoio antes de jogar.

— Boa sorte, botão de ouro. — Valen dá um tapa na minha bunda. — Quebre uma perna ou o que for.

Nós vencemos o jogo.

Estou com calor, suada e ainda estou com muita adrenalina quando saio do ginásio em direção ao estacionamento. Eu não percebi o quanto senti falta desse sentimento até hoje à noite. Eu não posso nem reclamar do passeio de união da equipe. Com o treinador lá, Taylor não fez nada, e sair com algumas das minhas antigas companheiras de equipe fez eu me sentir bem. Valen saiu logo após o jogo, sabendo que demoraria um tempo até que eu pudesse me afastar do time, e com mamãe em outra viagem noturna, estou sozinha, mas mesmo isso não é suficiente para me desanimar.

Isto é, até eu ver meu carro. Plano no chão com os pneus, todos os quatro pela aparência, cortados. *Você deve estar me fodendo* . A raiva

queima um buraco na boca do meu estômago, minhas unhas deixando marcas de meia-lua no interior das palmas das mãos. O fato de eles ainda estarem fazendo isso comigo mesmo depois de eu ter saído para ajudar Holden, e também para mantê-lo longe de problemas é inacreditável.

— Oh meu Deus. — uma voz suave e aguda diz atrás de mim. Eu me viro para ver Ashley, uma das garotas do meu time. — Quem faria isso?

— Oh, eu sei exatamente quem foi. — Eu cerro os punhos, querendo gritar. Mas, em vez disso, respiro fundo para me recompor antes de falar novamente. — Ei, você acha que poderia me dar uma carona para casa?

— Não vou mais me fingir de morta.

— Sim, é claro. — diz ela, olhando para mim com pena nos olhos. — Eu estou bem aqui. — Ela aponta para um pequeno carro esportivo prateado.

— Obrigada. — Eu a sigo até o carro, entrando no lado do passageiro antes de puxar o cinto de segurança sobre o peito. — Você sabe onde eu moro?

Ela liga o carro pressionando o botão. — A não ser que você ainda esteja morando em Whittemore, não sei. — Sua voz tem uma dica de um pedido de desculpas.

— Na verdade, é exatamente onde eu quero que você me leve.

CAPÍTULO 13

Thayer

— **V**ocê acha que eles sabem que era você? — Eu pergunto ao meu irmão idiota. Holden balança a cabeça.

— Não. Eles foram de sala em sala perguntando a todos.

— Eles vieram até a minha também. — diz Christian, recostando-se na cadeira. — Eles não sabem nada.

— Que porra você estava pensando? — Pergunto a Holden pela décima vez desde a outra noite. Sua impulsividade não é novidade, mas essa merda está em outro nível. Quando eu saí há algumas semanas, ele parecia estar pronto para deixar para lá.

— Eu te disse. Eu estava bêbado como uma merda. Parecia uma boa ideia naquele momento.

— Sim, bem. Da próxima vez que você decidir que todas as missões são impossíveis e bater fora do veículo de um detetive, avise-nos primeiro.

Ele gira uma tampa de cerveja na mesa, um olhar estranho no rosto.

— O quê? — Eu pergunto.

— Nossa garota me ajudou. Novamente.

Minhas sobrancelhas atiram na minha linha do cabelo, ignorando que ele se refere a Shayne como *nossa garota* . — Como assim?

— Ela estava sentada ao meu lado quando aqueles policiais vieram em nossa classe. Eles a tiraram da aula para questioná-la. Ela teve a chance de me entregar, mas não o fez.

— No entanto. — Christian continua.

Holden encolhe os ombros. — É possível. Eu não sei, cara. Eu confio nela.

Mais uma vez, Shayne consegue foder com a minha cabeça, e eu não sei qual versão dela é a real.

O som da porta da frente se abrindo e batendo na parede faz com que nós três pulemos, prontos para uma briga. O que eu não esperava é ver Shayne invadindo a cozinha em seu uniforme de vôlei, parecendo tão linda e gostosa. Quando ela vê que estamos todos aqui, ela vacila por meio segundo antes de juntar tudo.

— Qual de vocês idiotas fez isso?

Seu cabelo está em um rabo de cavalo bagunçado, as bochechas coradas e ela está usando shorts de spandex que não deixam nada para a imaginação, joelheiras ainda em volta das pernas. Meu pau pula nas minhas calças ao vê-la.

— Você vai ter que ser mais específica do que isso. — digo a ela,

cruzando os braços sobre o peito. Na outra noite ela não podia sair daqui rápido o suficiente, e agora ela está praticamente quebrando a porta como se fosse a dona do lugar?

— Meu carro. — diz ela entre dentes. — Você furou meus pneus.

Eu me viro para olhar para Holden e Christian, sobrancelhas levantadas em questão. Ambos levantam as mãos, proclamando sua inocência.

— Acabou. Eu aguentei suas brincadeiras, eu deixei você me empurrar, eu não sei, talvez por *culpa.* — ela divaga. — Eu salvei sua bunda, guardei seus segredos. — Ela aponta para Holden. — E é assim que você me paga?

Ele se aproxima dela, diminuindo a distância entre eles. — Não fui eu. Mas você deixou claro antes que pensa o pior de mim, então acho que não deveria me surpreender.

— Não. — Ela balança a cabeça, passando um dedo no peito dele. — Você não vai conseguir isso. Você não pode me manipular e me fazer sentir culpada por ser honesta.

Não sei do que eles estão falando agora, mas está claro que perdi alguma coisa e não gosto da maneira como ela me faz sentir. Como se eles estivessem em algo que eu não estou.

— Não fomos nós. — diz ele novamente, levantando os braços. Ele balança a cabeça, frustrado, e volta a se sentar à mesa.

Shayne olha para mim em questão.

— Gostaria de pensar que sou um pouco mais criativo que isso.

— Você quer dizer como as baratas? — Ela responde de volta. — Isso foi muito inteligente.

Eu me aproximo dela, ocupando seu espaço. — Estou ficando muito cansado de ser acusado de merda que não fiz. — Ela tenta se manter firme, mas a maneira como sua garganta se move quando engole em seco mostra seus nervos. — Você parece pensar que eu passo muito mais tempo pensando em você do que eu realmente faço. Não se iluda. — É uma mentira pura e simples que ela não ocupou todos os meus pensamentos desde que voltou, e mesmo antes disso, se estou sendo honesto comigo mesmo. Mas ela não precisa saber.

— Ok. E não foi você quem me jogou no seu carro contra a minha vontade também, tenho certeza. Apenas outro cara usando seu rosto.

Touché.

— Meninos. — Ouço meu pai gritar. — Vocês foram criados por lobos? Por que a porta da frente está aberta?

Ao som de sua voz a expressão de Shayne se transforma de raiva em medo em tempo recorde. Penso em escondê-la pelas costas, não querendo que meu pai se envolva em nada disso, mas é tarde demais, porque seus passos ficam mais altos, prestes a entrar a qualquer momento.

Tanto meu pai quanto meu avô parece usar expressões incertas correspondentes. — Shayne. — diz meu pai, tentando, e falhando, parecer agradável. — Bem, devo dizer que isso é uma surpresa.

— Olá Sr. Ames. — ela tropeça em suas palavras, sem saber mais como se referir a ele. Não que ela o chamasse de *pai*. Seus olhos arregalados disparam para os meus, implorando que eu a salve.

Ele a avalia por um momento e os nervos picam minha espinha. Eles não se veem há quase um ano, e eu não tenho ideia de como ele vai reagir ao fato de ela estar aqui em casa. — Não seja ridícula. Você sabe que pode me chamar de August. — Ele sorri. — Estou pensando em fazer uma visita desde que ouvi dizer que você estava de volta.

— Eu estava apenas a levando para casa. — eu interrompo antes que ela pudesse responder, inclinando meu corpo na frente do dela.

— É claro. — ele diz com facilidade, seus olhos mudando entre nós dois, mas no momento em que sairmos por aquela porta, eu sei que ele vai exigir respostas. E só posso esperar que Holden e Christian apresentem algo meio crível. — Dê a Elena minhas lembranças.

Ele está fazendo o possível para ser educado, mas meu avô, por outro lado, não parece ter a mesma ideia. Ele a olha com tanto desdém que me pega desprevenido. Parece que não sou o único que guarda rancor. Ainda mais surpreendente é o fato de que minha necessidade de a proteger ainda está viva e bem, enterrada sob todo o ressentimento.

— Certo. — Shayne assente, uma carranca puxando suas belas feições.

Dou um olhar para Holden dizendo a ele para controlar os danos e ele me dá um aceno quase imperceptível para que eu saiba que ele entendeu, e então eu estou saindo de casa com Shayne logo atrás de mim.

CAPÍTULO 14

Shayne

O que eu estava pensando? Não acredito que acabei de invadir Whittemore como um psicopata. Para ir até lá deveria ter um plano meio elaborado na melhor das hipóteses. Eu não sabia se alguém estaria em casa, mas definitivamente não esperava ver August. Ele *nunca* está em casa. Mesmo quando morávamos lá, eu podia contar quantas vezes interagi com ele nas duas mãos. Se eu pensava que Thayer era frio, August era gelo. Mas os dois não têm nada como o avô.

Ele é dinheiro velho e tem aquele ar de superioridade. Ele claramente não esqueceu o nosso último encontro no funeral, e o jeito que ele estava olhando para mim era como se chegasse a alguma conclusão. Era como se ele estivesse tentando ver dentro da minha alma e descobrir alguma coisa.

Thayer caminha na minha frente, indo para o Challenger Hellcat preto fosco. Até o veículo dele parece sinistro. Eu ignoro a maneira como meu estômago revira com a ideia de estar dentro dele novamente. Ele abre a porta e eu sento no banco de couro liso, puxando o cinto de segurança sobre o peito.

— Onde está o seu carro? — Thayer pergunta, olhando diretamente para a entrada escura. Ele aperta o botão de ignição e o motor

ruge, o assento vibrando embaixo de mim. Um arrepio percorre minha espinha, lembrando como era voar pelas estradas secundárias à noite, com a mão de Thayer segurando minha coxa.

— Shayne. Seu carro. Cadê? — Thayer repete. Eu zombo. — Como se você não soubesse.

Suas narinas se abrem, claramente perdendo a paciência quando ele olha para mim.

— Certo, tudo bem. Você não fez isso. — concordo, cruzando os braços e recostando-me na cadeira. — Está no estacionamento da escola. Saí depois do meu jogo e o achei assim. — Mas se ele não fez, quem foi? Taylor não teria tido tempo. Ela ficou comigo a maior parte do dia, pelo menos. O mal-estar se insinua, e me vejo desejando que tenha sido Thayer. Melhor o diabo que você conhece do que o diabo por conhecer.

Passamos o restante da curta viagem para casa em silêncio enquanto *"What It Is to Burn"* toca suavemente. Tantas coisas me passam pela cabeça e quero aproveitar essa rara demonstração de decência humana, perguntando a ele tudo o que evitou me dizer. Por que ele ficou frio comigo naquela noite no celeiro? O que aconteceu depois que eu saí? Por que ele parece nunca ir à escola? Mas meu orgulho não me deixa perguntar nada disso.

— Sua mãe se foi? — Ele pergunta, e eu posso ouvir o julgamento em seu tom. Ele abaixa a cabeça para olhar pelo para-brisa a minha casa.

Sem luzes. Sem carros. Nenhum movimento.

— Está fora da cidade a trabalho. — digo breve.

— Ela faz isso com frequência?

Eu dou uma risada. — Você quer dizer *trabalhar*? Sim. Ela não tem o luxo de ficar em casa. — Meu tom é arrogante e defensivo, mas vi como as pessoas nesta cidade a trataram. Eu ouvi os sussurros. Mas, para Thayer, quando foi o pai que a deixou na pior, foi um golpe baixo.

— Obrigada pela carona. — Abro a porta e, quando saio e a fecho atrás de mim, Thayer está fora do carro, contornando o capô do Challenger.

— Há algo que você está tentando dizer? — Ele pergunta, parando na frente dos faróis acesos.

— Nem todos nós nascemos com uma colher de prata na boca.

Ele ri sombriamente, diminuindo a distância entre nós. Dou um passo para trás, as costas das minhas coxas atingindo o para-choque dianteiro. — É disso que se trata? — Ele pergunta, colocando uma mecha de cabelo rebelde atrás da minha orelha, e eu luto contra o arrepio que ameaça rolar através de mim. Não é justo que seu toque seja tão doce quando suas palavras cortam como uma faca. Não é justo que ele ainda tenha esse efeito em mim. Ele amplia sua postura, tornando nossa diferença de altura menos aparente. — Porque você não parecia se importar com isso quando estava me implorando para te foder.

Minha respiração prende e eu empurro seu ombro, mas ele mal se move. Ele olha para o ombro com um sorriso, como se mal o sentisse.

— Diga-me o por quê. — eu exijo. — Por que você me odeia tanto?

— Finalmente cuspi a pergunta que atormentou meus pensamentos por quase um ano inteiro.

Vejo o músculo sob sua mandíbula tremer, as narinas dilatando, e sei que apertei um nervo. — Porque eu faço.

— Então por que você continua voltando? — As palavras abafadas saem da minha boca antes que eu possa detê-las.

— Porque eu tenho que voltar. — Seu polegar desliza sobre o pulso que pula no meu pescoço com sua admissão. Talvez eu não seja a única que não consiga romper essa conexão. Talvez esteja matando ele tanto quanto está me matando.

Lentamente, ele inclina o rosto em direção ao meu, seus lábios roçando minha bochecha a caminho da minha boca. Meus olhos se fecham, o coração alojado na minha garganta enquanto espero que ele faça o seu movimento. Eu levanto os dedos dos pés um pouco, e isso é tudo o que preciso. Sua mão segura meus cabelos e sua língua lambe os meus lábios, buscando a entrada. Eu o deixo entrar, sentindo sua língua deslizar contra a minha com um gemido. *Ele está me beijando*. Depois de todo esse tempo, ele está me beijando, e eu quase esqueci como me sentia. Minhas mãos encontram o capuz dele, apertando o material em meus punhos para eu ficar

de pé.

As mãos de Thayer envolvem minha cintura e ele me puxa para o capô, sem interromper o beijo. Ele se coloca entre as minhas coxas, e eu deito no metal frio, puxando a frente do moletom para trazê-lo comigo. Plantando meus pés no capô e dobrando meus joelhos, eu passo minha língua em seu piercing, ganhando um grunhido. Então ele está deslizando a mão pelo meu estômago, parando entre as minhas coxas. Minha cabeça cai de volta no capô com um baque quando seus dedos me esfregam no meu short. Isso é loucura. Não deveríamos estar fazendo isso, especialmente em um lugar aberto como este. Mas nunca consegui agir com razão quando se trata de Thayer.

Seus lábios encontram o meu pescoço, sugando e mordendo enquanto me aproxima do limite, mas no pior momento, visões da garota em seu quarto cortam a névoa da luxúria. Quando ele se afasta e as pontas dos dedos mergulham na barra da minha bermuda, eu agarro seu pulso, parando-o.

— Você estava com outra garota na outra noite. — As palavras parecem infantis em voz alta, mas eu não sou uma destruidora de relacionamentos.

Thayer ri sombriamente contra o meu pescoço, enviando um calafrio pela minha espinha. — Você acha que isso faz de você minha namorada ou algo assim? — Ele pergunta, depois esfrega os dentes no meu pescoço.

— Te odeio. — Mesmo enquanto digo as palavras, estou arqueando, precisando de mais.

— Diga-me outra mentira. — Sua mão aperta contra o meu estômago e desliza sob meus shorts e minha calcinha. Minhas mãos soltam de seu pulso, quase um protesto. — Diga-me mais pequenas mentiras desses seus belos lábios. — Seus dedos me separam e eu ofego, apertando seu pulso, e ele geme apreciando. — Isso não parece ódio.

Meus joelhos se abrem, uma parte doentia de mim está respondendo suas provocações, e ele empurra um dedo para dentro. Não me escapa que eu tive um jogo mais cedo e eu deveria tomar um banho. Eu nem quero saber como eu estou, cabelo bagunçado, ainda de uniforme, joelheiras e tudo, e ele enfiando o dedo em mim em cima do capô de um carro. Qualquer esperança de manter meu orgulho intacto voa pela janela quando eu o incentivo a acelerar seus movimentos, guiando seu pulso para se mover mais rápido.

— Porra. — Thayer geme, sua mão livre puxando meu short para baixo para lhe dar um melhor acesso. Ele bombeia a mão mais rápido, e eu puxo a barra de sua camiseta, querendo sentir sua pele, mas ele me impede.

Dou um grunhido frustrado e ele responde empurrando minha camisa no meu peito, raspando os dentes sobre o meu piercing através do meu sutiã esportivo branco. O orgasmo que não vejo chegando me atinge com força e rapidez, e aperto os dedos dele, a boca se abrindo em um grito silencioso.

Quando volto para a Terra, abro meus olhos e encontro a atenção de Thayer fixa onde ele lentamente desliza os dedos para dentro e para fora de mim, parecendo atordoado. Eu lambo meus lábios que estão secos do ar frio, ainda tremendo. Thayer tira os dedos de mim, dando dois tapinhas na minha boceta, e eu recuo, ainda sensível.

— Bem-vinda a casa, Shayne.

CAPÍTULO 15

Shayne

Eu odeio Thayer Ames.

Pelo menos é o que eu digo a mim mesma toda vez que meus pensamentos se voltam para ele e como ele me deixou no capô do carro com os meus shorts ainda em volta das minhas coxas. Atingindo um nível de idiota totalmente sem precedentes, ele se afastou, entrou no carro, ligou o motor e segurou minha mochila esquecida da janela, balançando- a com dois dedos, enquanto esperava que eu me recompusesse. Coloquei meu short de volta no lugar e me tirei, junto com a minha dignidade, do capô antes de entrar em casa sem olhar para trás.

Apenas quando acho que ele finalmente está me mostrando um pouco de algo real, ele tem que arruiná-lo sendo um idiota. E eu sou a idiota que se apaixonou por ele. Novamente.

Para piorar as coisas, ainda não sei o que vou dizer à minha mãe sobre o meu carro. Se fosse um pneu, eu poderia inventar uma história sobre furar ou passar sobre um prego ou algo assim. Mas quatro deles furados? Não há como negar que foi intencional, e isso fará com que ela se preocupe comigo e como estou... me readaptando .

Sem mencionar o ônus financeiro. Não consigo nem imaginar com precisão quanto custará a substituição de quatro pneus. Oitocentos dólares?

Mil? Ela não fala de dinheiro comigo, diz que não é da minha conta se preocupar com finanças, mas sei que estamos lutando. Grey está indo para uma das melhores faculdades do país, e não é como se ele tivesse uma bolsa de estudos. Viver em Sawyer Point também não é exatamente barato.

— Tudo bem, senhoritas. — grita o treinador, tirando-me dos meus pensamentos. — Por hoje é isso. Mais uma vez, bom trabalho ontem à noite. Vamos carregar a mesma energia durante a temporada. Aproveitem o seu dia de folga amanhã, então temos um jogo contra o Mountain View na quinta-feira.

Jogo minha bola no cesto e, quando me viro, vejo Holden sentado na arquibancada do outro lado do ginásio. O que diabos ele está fazendo aqui? Ele esteve lá o tempo todo? Reviro os olhos quando noto que Taylor o encontra ao mesmo tempo, um sorriso sedutor se espalhando por seu rosto enquanto ela caminha em sua direção. Ele se levanta, caminhando em direção a ela.

— Ei, sexy. — diz ela timidamente, uma vez que está a poucos metros de distância.

Holden a nota, aparentemente pela primeira vez, e mal a reconhece com um movimento do queixo antes de passar por ela. O rosto de Taylor está vermelho como uma mistura de raiva e vergonha. A única coisa pior que a rejeição para uma garota assim é *a* rejeição *pública*. Porque seus amiguinhos, junto com toda a equipe, apenas testemunharam a coisa toda.

— Ei, irmãzinha.

— Pela última vez... — eu digo, olhando para ele.

— Sim, sim, você não é minha irmã. O som disso me deixa quente, o que posso dizer? — Ele pega minha bolsa e coloca a mão nas minhas costas enquanto caminhamos pelo ginásio.

— Que diabos está fazendo? — Eu sussurro.

— Thayer disse que você precisaria de uma carona. Eu bufo. Que galante. — Não de você.

— Eu pensei que estávamos além disso. — diz ele, parecendo entediado.

— Você nem percebe o que acabou de fazer, não é?

— O quê? — Suas sobrancelhas se juntam, genuinamente confusas, e eu balanço minha cabeça, divertida com o quão inconsciente ele pode ser.

— Como se eu já não estivesse na lista dela, *isso* me fez um alvo ainda maior.

— Quem? Taylor? — Ele pergunta, olhando para trás para vê-la ali parada, fervendo. — Foda-se ela. Ela não é minha namorada. Nós transamos, duas vezes.

Uau. Esses garotos Ames com certeza sabem como tratar uma garota. Não que isso seja novidade para mim. Holden nunca teve um relacionamento exclusivo o tempo todo que eu o conhecia.

— Ok, antes de tudo, nojento. Segundo, não importa. Ela acha que *eu sou o* que está em seu caminho.

— E você se importa porque...?

Eu paro para olhar para ele. Eu... eu não sei. Por *que* eu me importo? Não é como se eu tivesse medo dela. Só prefiro evitá-la se puder evitar. Eu *não* ligo. Parece que a missão dela na vida é tornar a minha vida um inferno, então prefiro não entregar a ela munição. *E ela dormiu com seu irmão na noite do funeral.* Não que eu possa realmente culpá-la por isso. Não é como se ela soubesse sobre Thayer e eu. Ainda assim, Taylor sempre foi uma garota malvada.

— Eu vou consertar. — ele promete.

— Não.

— Eu vou consertar. — ele me interrompe, sua voz mais firme desta vez, então ele pega minha mão na dele. — Vamos.

Relutantemente eu o sigo, mesmo sabendo que a ideia dele de *consertar* sem dúvida piorará as coisas. É como quando a mãe do garoto nerd liga para a escola para dizer que ele está sendo sacaneado pelos colegas e acaba ficando dez vezes pior. É assim que os valentões operam.

Uma vez que estamos do lado de fora, paro de andar, percebendo que meu carro se foi. Valen me pegou na escola esta manhã e ainda estava estacionado quando chegamos lá.

— Droga!

— Qual é o problema? — Holden faz uma careta.

— Meu carro foi rebocado.

Ele encolhe os ombros, provavelmente sem entender por que estou chateada. E por que ele iria? Dinheiro não é um problema para ele. Mas tudo o que consigo pensar é como isso será adicionado a outras centenas ou duas à lista de despesas.

Holden abre as portas e eu subo no banco do passageiro. A música "Drowning" começa a tocar quando ele liga o carro, mas ele rapidamente o desliga. Nós dois sentamos lá em silêncio por um instante, e eu sei que nós dois estamos pensando em Danny.

— Eu também sinto falta dele. — admito, sentindo-me estranha falando sobre Danny em voz alta. Este tem sido o elefante na sala desde que voltei, mas talvez seja hora de começarmos a falar sobre ele. Talvez seja assim que eles, *nós,* vamos nos curar.

Holden aperta os dentes, ligando o carro. *Ok, talvez ele ainda não esteja lá*.

— Você ouviu alguma coisa da polícia? — Eu pergunto, decidindo que uma mudança de assunto é provavelmente o melhor.

Ele relaxa visivelmente. — Não.

— Isso é bom. O que você estava fazendo lá, afinal?

Uma mão no volante, ele olha para mim, uma expressão sombria no rosto. — Soprando um pouco de vapor.

Eu estreito meus olhos para ele, não entendendo.

— Posso confiar em você?

Eu dou uma risada amarga. — Você *pode* confiar em *mim*? Não fui eu quem fez algo para que você questionasse minha lealdade.

— Eu não estou brincando. — diz ele, sua voz segurando um tom incomumente sério. — Ninguém pode saber. Nem meu pai, nem sua mãe. Ninguém.

Concordo com a cabeça, apreensão girando no meu estômago.

— Algo está errado, Shayne. — Sua mão aperta o volante. — Alguém sabe de alguma coisa e está encobrindo.

Balanço a cabeça, confusa. — Mas por que alguém iria querer fazer isso?

— É isso que vamos descobrir.

Eu busco respostas no meu cérebro. Nada disso faz sentido. O carro diminui a velocidade e olho pela janela, notando que estamos perto da minha casa. — Ei, encoste. — eu digo, desafivelando.

— O quê? Aqui?

— Sim. Vou andar o resto do caminho.

— Está escuro.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — E? Minha entrada de carros está logo ali. — digo, apontando para o caminho de cascalho que leva à minha casa. — Minha mãe está em casa e eu estou descendo. — Preciso de todo o tempo extra que puder para descobrir como diabos vou explicar a situação dos pneus. Além disso, prefiro não responder a perguntas sobre por que Thayer estava no meu quarto há algumas semanas e agora Holden está me deixando. Ela tem estado um pouco intensa ultimamente. Obrigada pela carona.

Eu pulo do carro e jogo minha bolsa por cima do ombro. O ar frio da noite me faz esfregar os braços enquanto caminho para casa. Infelizmente, acho que não há como dizer a verdade a minha mãe. Vou ter que convencê-la de que foi aleatório. Que eu não sou o alvo. Tudo está bem. Estou bem.

Paro quando noto meu carro. Na minha garagem. Com quatro pneus novos. Como se nada tivesse acontecido.

— Que diabos? — Eu dou uma volta no carro, dando uma rápida olhada. Como ela já cuidou disso? Gostaria de saber se a escola ligou para ela. Ou, mais provavelmente, a empresa de reboque. Preparando-me para o terceiro grau, subo a varanda e abro a porta da frente. Sigo o som farfalhante vindo da cozinha e encontro minha mãe em pé no balcão com uma infinidade de caixas de comida.

— Bem a tempo. — diz ela, pegando alguns pratos do armário acima da sua cabeça. — Eu pedi chinês. — Ela coloca um pouco de macarrão em um prato. — Como foi o jogo ontem à noite? Me desculpe por não ter conseguido ir.

Eu fico ali, observando-a carregar meu prato com frango e legumes, esperando que ela mencione o carro.

Ela contorna o balcão, colocando o prato na minha frente antes de me puxar para um abraço. — O que, você não sentiu falta da sua mãe?

— Ela pergunta quando eu não retribuo seu abraço imediatamente.

— Desculpe. — eu digo, saindo dela e passando os braços a sua volta. — Não é isso. Longo dia.

Ela se afasta, me avaliando. — Por que você não dirigiu hoje?

— Hmm? — Eu olho para ela. — Oh, eu andei com Valen.

Ela assente, sem questionar a mentira, depois vai fazer um prato para si mesma. Um pensamento me ocorre e eu me abaixo, pescando minhas chaves no bolso da frente da minha mochila. Mas elas não estão lá. Abrindo o compartimento principal, eu o derrubo, despejando todo o conteúdo. Sem chaves.

Que diabos? Eu sei que elas estavam aqui. Eu as joguei depois de trancar meu carro quando Ashley me deu uma carona. Eu estou de pé

abruptamente, andando em direção à porta da frente.

— Onde você vai?

— Esqueci algo no meu carro. — falo por cima do ombro. Eu abro a porta, correndo pela varanda e para o meu carro. Puxando a maçaneta, vejo que está destrancada, minhas chaves no banco do motorista. Meu cérebro está prestes a entrar em curto-circuito, se perguntando quem está fodendo comigo agora, quando algo pendurado no espelho retrovisor chama minha atenção.

A chave do celeiro. *Thayer*. Eu tiro a chave do espelho, sentindo o metal frio e enferrujado na palma da minha mão. Ele fez isso? Por quê? Por que ele se esforça para me ajudar? E por que devolver a chave? Se enviar sinais mistos fosse um esporte olímpico, ele seria um medalhista de ouro.

Talvez seja um truque. Talvez isso não signifique nada. Mas não consigo deixar de me perguntar se esse é o velho Thayer voltando para mim pouco a pouco.

CAPÍTULO 16

Shayne

— **E**u não posso acreditar que estou aqui por vontade própria. — eu digo, trazendo o copo de plástico vermelho da cerveja aos meus lábios. Valen e eu já tomamos algumas bebidas enquanto nos arrumamos em minha casa, e percebo que não estou tão desconfortável quanto pensei que ficaria. Holden nos pediu para irmos hoje à noite, e eu realmente comecei a baixar minha guarda com ele um pouco. Eu disse não no começo, mas Valen me convenceu, porque Liam cancelou sua visita neste fim de semana e ela queria uma distração.

— É estranho estar de volta? — Valen pergunta, examinando a multidão de pessoas. A casa está cheia e animada e, de alguma forma, isso me faz sentir melhor. Todo mundo está preocupado demais em ficar bêbado e encontrar alguém com quem ficar, facilitando a mistura. — Quero dizer, desde que você morava aqui?

Assentindo, lambo o excesso de cerveja dos meus lábios. — Sim. — eu digo, a palavra saindo da minha boca. Vejo Holden vindo do outro quarto, atravessando a multidão de pessoas bêbadas. Acho que todos na cidade entre dezessete e vinte e cinco anos estão aqui. Isso não é novidade, no entanto. Como os meninos Ames têm idades diferentes, suas festas sempre foram uma mistura de ensino médio e superior. Mas eles geralmente são

mais seletivos de quem e quantas pessoas deixam entrar. Isso... isso está em outro nível.

— Bem, veja quem não amarelou! — Holden grita, estendendo os braços. Quando ele dobra os joelhos e passa os braços em volta da minha cintura, solto um grito surpreso, segurando minha cerveja enquanto ele me gira.

— Holden, minha bunda!

Ele me coloca no chão e puxa meu vestido de volta onde ele subiu, e eu dou um tapa em suas mãos.

— Droga, Shayne. — ele observa, olhando-me de cima a baixo, olhando meu mini vestido estampado com tiras finas. É um pouco curto e um pouco apertado demais, mas eu o combinei com o Converse preto em vez de salto para torná-lo mais casual.

— Cale a boca. — eu digo, revirando os olhos, mas as pontas dos meus ouvidos ardem sob sua atenção. — Pare de me olhar assim.

Passo a maior parte dos dias em shorts spandex e camisetas largas de vôlei, e senti vontade de me vestir pela primeira vez. Então me processe. Não vou mentir e dizer que a possibilidade de ver Thayer aqui não levou em consideração minha decisão, que é todo tipo de confusão, considerando como deixamos as coisas. Ou melhor, como ele me deixou. Quase nua. Em cima do carro dele.

— Thayer vai amar isso. — diz ele, tirando-me dos meus

pensamentos.

— O quê? — Eu falo, surpresa. Ninguém sabe sobre nós, então o comentário me pega desprevenida junto com a notícia de que Thayer está aqui em algum lugar. Eu não tinha certeza de que ele estaria com o ato de desaparecer que ele gosta de fazer.

— Nada. — Ele se vira para Valen, cumprimentando-a com um movimento do queixo. — E aí Valentina?

Ela lhe dá um sorriso malicioso, odiando que ele usasse o nome completo dela. — Nada demais Holden Cock.

— Sempre tão agradável. — Holden ri, raspando os dentes sobre o lábio inferior. — Mas se você quiser segurar *meu* pau, tudo o que você precisa fazer é dizer a palavra.

Valen balança a cabeça, com um sorriso nos lábios.

— Vamos lá, vamos ver o que há nos fundos.

Holden agarra minha mão, me puxando através da multidão, e Valen segue, agarrando meu ombro. Holden para na cozinha para pegar outro copo e enchemos o nosso. Bebidas na mão, voltamos para onde pessoas estão agrupadas em várias partes do quintal. À esquerda, um jogo desagradável de pong de cerveja acontece e, à direita, dobrada no canto, fica uma fogueira com apenas algumas pessoas. Christian, Baker, Taylor, Alexis e Aiden. Christian e Baker trocam um olhar que eu não me importo em decodificar, e as meninas parecem irritadas porque a concorrência feminina

está invadindo seu território.

— Por que ela está aqui? — Taylor pergunta, acenando em minha direção, uma sensação de déjà vu se aproximando.

— Porque merda, ela é da família, e ela tem mais direito de estar aqui do que você jamais terá. — Holden me choca, junto com todos os outros ao que parece. — E se sua bunda insegura e insignificante não aguentar, você pode dar o fora.

Ninguém fala. Alexis desvia os olhos, tomando um gole de sua bebida, mas juro que vejo um sorriso. Aiden sorri, recostando-se na cadeira, e Taylor procura apoio, sem encontrar nenhum. Valen, claro, é quem rompe o silêncio bufando uma risada, e eu dou uma cotovelada no seu lado.

— Ótimo. — diz Holden, levantando o copo. — Agora que está resolvido, vamos nos divertir.

Todo mundo volta a conversar com exceção de Taylor, que parece estar tramando minha morte. Eu sei que Holden pensa que está ajudando, mas mais uma vez, ele apenas cutucou o urso. Eu decido aqui e agora que terminei de me importar com Taylor. O que ela vai fazer? Iniciar outro boato desagradável sobre mim? Arremessar insultos para mim nos corredores? *Como vou sobreviver?* Observe o sarcasmo.

Holden se senta ao redor do fogo entre Christian e Baker, e Valen fica com o restante ao lado de Aiden, enquanto eu fico aqui ainda atordoada, imaginando o que diabos aconteceu.

— Ei, loirinha.

Olho para a esquerda e vejo Aiden recostado em sua cadeira Adirondack usando um capuz puxado sobre a cabeça com as cordas amarradas em um laço, calças de moletom combinando e tênis brancos. Ele é tão gostoso que consegue fazer com que até os óculos de sol pareçam elegantes e caros.

— Você está toda arrumada para mim? — Ele pergunta, os olhos me percorrendo da cabeça aos pés, mas de alguma forma, isso não parece de uma maneira obscena.

Inclino minha cabeça, sobrancelha levantada. — Obviamente. — eu provoco. Aiden é tentador, mas uns olhos sombrios surgem em minha mente, espontaneamente, e eu sei que não seria justo segui-lo quando estou querendo outra pessoa.

Ele dá um tapinha no colo dele. — Sente-se.

— Desculpe. — eu digo, empurrando meus lábios em um beicinho. — Estou aqui com meu namorado.

A confusão em seu rosto se transforma em diversão quando eu estico a mão em direção a Valen, e ela me puxa para seu colo.

— É verdade. Ela é minha.

Eu dou uma risada e ela se mexe de volta na cadeira, abrindo espaço para eu me sentar entre suas pernas.

— Vi um pornô que começou assim uma vez. — diz Holden, esfregando as mãos.

— Só uma vez? — Christian zomba.

Taylor revira os olhos. — Fingindo ser lésbica por atenção. *Que original.*

Holden lança um olhar de aviso e ela levanta as mãos bem cuidadas em rendição falsa. — Desculpa. — Ela encolhe os ombros de uma maneira que diz que não está arrependida. — Velhos hábitos nunca morrem.

— Isso é chamado de piada. Você deveria tentar algum dia. — eu digo. Ela está sempre tão ocupada tentando ser a mais bonita, a mais rica, a mais inteligente, a mais atlética, que eu não acho que ela saberia o significado de diversão.

Ela me dá um sorriso malicioso e depois desvia os olhos, efetivamente encerrando a conversa. Eu não sei como eu fui amiga dela. Quero dizer, éramos *frenemies* na melhor das hipóteses, mas mesmo ser *simpática* com Taylor parece impossível neste momento.

— Acho que o verão acabou oficialmente. — Eu tremo, feliz pelo fogo. Eu deveria ter trazido uma jaqueta.

— Beba mais. Isso vai te aquecer. — brinca Valen, guiando meu

copo até minha boca com a palma da mão. Normalmente, quando saímos, uma de nós se limita a uma ou duas bebidas, se a outra planeja ficar bêbada, mas desde que eu moro do outro lado da floresta, podemos participar.

Os caras caem em uma conversa sobre basquete, e Valen revira os olhos, completamente desinteressada. No começo, estou tensa, ainda não completamente à vontade aqui, mas depois todos caímos em uma conversa e começo a relaxar. Taylor ainda parece chateada, como se minha mera presença a ofendesse, mas ela não faz nenhum comentário malicioso adicional. Quanto mais eu bebo, mais relaxo. Estou me sentindo quente por causa do fogo e do álcool, apoiando-me em Valen, com os pés empoleirados na beira da fogueira de tijolos.

— Levanta. — diz Valen, batendo no topo das minhas coxas. — Precisamos de mais cerveja.

Levanto muito rápido e tropeço um pouco, me sentindo mais embriagada do que pensava. Aiden se levanta e suas mãos me seguram na minha cintura.

— Você está bem? — Ele pergunta calmamente.

— Eu estou *tão* bem. — Eu rio. Não abaixei minha guarda assim há mais de um ano e parece que um peso começou a levantar do meu peito. Não totalmente, mas o suficiente para perceber. O suficiente para respirar um pouco mais fácil.

Uma risada soa no ar da noite, e eu olho para cima e vejo Thayer

parado na varanda acima de nós, as mãos apoiadas na beirada, me encarando com punhais. Um pequeno grupo de pessoas está lá em cima com ele, e uma garota chamada Lissa sussurra algo em seu ouvido, pressionando os seios na lateral do braço dele. Lissa se formou no ano passado, mas parece que ela ainda não desistiu de fazer Thayer a notar. Eu franzo a testa, olhando para longe.

— Cuide dela. — diz Valen, apontando um dedo ameaçador para Aiden. — Eu volto já.

— Eu preciso me reabastecer também. — Holden fica de pé e os dois entram juntos. Uma vez que eles se foram, Taylor aproveita a oportunidade para se aproximar de mim, e eu posso dizer pelo olhar em seu rosto que ela está muito animada com a bomba que está prestes a lançar sobre mim.

— Já que você gosta tanto de piadas, quer ouvir uma engraçada?

— Ela pergunta, inclinando a cabeça para o lado com uma expressão inocente falsa no rosto.

— Vamos ouvir. — eu brinco. Ela vai dizer de qualquer maneira.

— Ok, é uma boa. — Ela bate as mãos sob o queixo. — Você está pronta?

Quando eu não respondo, ela continua, colocando as mãos em volta da boca em um sussurro falso. — É você. Você é a piada.

Faço um beicinho, acariciando o topo de sua cabeça. — Vamos trabalhar nisso. Você vai melhorar com a prática.

— Oh, isso não é tudo. — diz ela quando eu começo a me virar. Faço uma pausa, esperando que ela termine. — A única razão pela qual você está aqui agora é porque Thayer disse a Holden para se aproximar de você. Mas é super fofo que você realmente tenha pensado que eles eram seus amigos.

O quê? Eu vacilo, não esperando isso.

— Que porra é essa, Taylor? Calma. — Aiden fala.

— O quê? Você não acredita em mim? Apenas pergunte a ele.

— Tay! — Christian dispara, e o olhar em seu rosto é tudo que preciso saber que é verdade. O jeito que Holden se virou tão repentinamente e basicamente me forçou a ser sua amiga novamente. O jeito que ele está sempre lá, seja no almoço, entre as aulas ou me pegando no treino.

Meu estômago revira, me sentindo estúpida, mas não exatamente surpresa.

— Aproveite enquanto dura, porque o seu tempo aqui... — ela abaixa a voz, aproximando-se o suficiente para se elevar sobre mim, — está quase acabando.

— Obrigada pelo aviso. — eu consigo forçar o sarcasmo no meu tom.

— A qualquer momento. — Ela sorri.

Eu me viro para o quintal lateral, sabendo que há um portão por onde posso sair, para não precisar voltar pela casa.

— Shayne. — Aiden chama, mas eu aceno para ele.

— Estou bem. Eu estarei de volta em um minuto.

Eu ouço briga entre Christian, Baker e Taylor, mas continuo. Eu chego ao perímetro do quintal, fora dos grupos de pessoas, olhos grudados no meu Chucks enquanto sigo a cerca em direção ao portão. Usando minha mão livre, puxo meu telefone da bolsa no quadril e abro a linha de texto de Valen para que ela saiba que estarei na frente.

— Onde você vai com tanta pressa? — Uma voz desconhecida pergunta insinuando. — Eu lembro de você.

Paro quando Ryan... *se* aproxima, cerveja na mão. Eu não sei muito sobre ele, além de ele jogar basquete com meu irmão e ter se formado no ano passado. — Sou eu. — eu brinco. Não estou com disposição para conversa fiada, então me movo ao redor dele. Ryan se afasta, bloqueando meu caminho, e sua cerveja empurra com o movimento, derramando no meu peito. Eu suspiro, balançando meus braços para sacudir o excesso de cerveja antes de beliscar o tecido molhado do meu vestido e puxá-lo para longe do meu peito.

— Merda, foi mal. Deixe-me cuidar disso para você.

Antes que eu possa piscar, seu copo cai no chão, esquecido, e ele envolve seus braços em volta das minhas costas, trazendo sua boca ao meu peito com todo o desespero de um vampiro recém-transformado precisando se alimentar.

— Nojento! Saia de cima de mim! — eu grito, empurrando-o para longe antes que ele seja capaz de fazer contato. Eu tento passar por ele, e ele me bloqueia mais uma vez, nervoso com a rejeição. Justo quando estou pronta para dar uma joelhada no meio das suas pernas, um punho dispara, atingindo o lado do seu rosto, fazendo sua cabeça virar para o lado.

CAPÍTULO 17

Shayne

Eu pulo para trás, de olhos arregalados, enquanto Thayer segura a gola da camisa de Ryan antes que ele se recupere do golpe para depois jogá-lo no chão.

— Espere. — Ryan grita, segurando seu rosto, olhando para Thayer, o sangue escorrendo de seus lábios. — Eu não sabia que ela era sua garota. Foi mal, cara.

Thayer se lança contra ele, mas eu seguro sua camisa. — Pare!

Ryan se encolhe, levantando os braços para proteger o rosto, mas para minha surpresa, Thayer me escuta, parando no último segundo. Em vez disso, ele cospe no chão ao lado dele.

— Oh, isso é adorável. — eu digo secamente. — E eu teria cuidado disso.

— Que porra você fez?

Holden e Aiden devem ter ouvido a comoção, porque eles estão correndo até nós usando expressões confusas correspondentes.

— O que diabos aconteceu? — Holden grita, olhando de Thayer para a forma de Ryan deitado na grama.

— Estou indo embora. Foi o que aconteceu. — Eu vou caminhando

para o portão lateral.

— Livre-se dele. — ouço Thayer pedir, e então estou sendo apanhada e jogada por cima do ombro dele. Novamente.

— Coloque-me no chão, Thayer. — eu exijo, me contorcendo em seus braços.

— Você está bêbada.

— E você é um idiota!

Thayer não responde, mas acho que o ouço rir enquanto ele volta para casa. Meu cabelo está preso no meu rosto e estou feliz pela barreira que cria entre mim e todos que estão olhando para nós. Sinto um puxão no meu vestido, nas minhas coxas, seguido pelo calor da palma da mão de Thayer na minha bunda, me protegendo de olhares indiscretos. *Que cavalheiro*.

Todo o sangue corre para a minha cabeça, e ficar de cabeça para baixo não faz nada para ajudar a sensação bêbada vertiginosa. Assim que Thayer entra, as pessoas se separam como o Mar Vermelho, abrindo caminho para ele. Ouço uma mistura de assobios, risadas e aplausos, e tento mais uma vez não pensar.

— Shayne, que diabos? — Eu ouço a voz de Valen. Coloco minhas mãos contra as costas de Thayer para me levantar, procurando-a. — Dois minutos! Eu deixo você por dois minutos! — Ela abandona a bebida e depois corre atrás de nós, mas Holden a intercepta, com a mão contra o estômago dela. Eu pego o olhar feroz que ela dá a ele antes de Thayer virar a esquina e

depois subir as escadas. Quando chegamos ao longo corredor, ele gira para a direita, abrindo a porta.

Ele está me levando para o quarto dele? Meu estômago revira, e não por causa do álcool. Faz muito tempo desde que estive aqui, e não tenho certeza se quero estar agora. Thayer chuta a porta atrás de si, depois caminha até o centro do quarto e me joga na cama.

Eu grito, saltando em seu colchão, jogando meus braços atrás de mim por reflexo. Os olhos de Thayer voam pelo meu corpo, pousando na minha calcinha exposta, e eu rapidamente puxo meu vestido, apertando minhas pernas com força.

— O que há de *errado* com você? Você acabou de me trazer aqui para cima como um namorado ciumento! Você percebe como é isso?

— Por que eu deveria dar a mínima para o que eles pensam? Acabei de te salvar.

— Me salvar? — Eu bufo, incrédula. — Ou foi apenas uma parte do seu grande plano para "*se aproximar de mim*"? — Uso aspas no ar para levar meu argumento, mas Thayer não reage como eu pensei que ele faria. Ele não parece ter sido pego. Eu me levanto, diminuindo a distância entre nós. — Não era real, era?

— O que não foi real?

— Qualquer coisa. Você consertando meu carro. Me dando a chave do celeiro. Holden... — eu falo. — Você o fez fingir ser meu amigo. E para

quê? O que ele esperava conseguir?

— Eu disse a ele para *cuidar de* você. — ele esclarece.

— Como se isso fosse muito melhor.

— Não sinto muito, Shayne.

— Claro que você não sente.

— Eu precisava saber se podia confiar em você.

— E? — Eu pergunto, levantando uma sobrancelha, desafiadora.

— O júri ainda está fora.

— Ótima conversa. Você não precisa voltar para Lissa? — Percebo meu erro no momento em que as palavras saem dos meus lábios. Thayer passa os dentes pelo lábio inferior, capturando seu piercing.

— Agora, olhe quem está com ciúmes. — ele acusa, se aproximando de mim.

— Apenas uma observação.

Ele coloca um dedo embaixo da alça no meu ombro, deslizando-o para frente e para trás sob o material fino, provocando. Afasto sua mão, não querendo que ele veja como ele me afeta, mesmo quando ele está agindo como um idiota irracional e insuportável.

Batidas na porta, nossas duas cabeças se voltam para o som. — Shayne, você está bem? — A voz de Valen chama, uma mistura de irritação e

preocupação.

— Peça para ela sair. — diz ele, baixo o suficiente para que apenas eu possa ouvir.

— Por que eu deveria?

— Porque isso não a envolve.

— O que é *isso*? — Eu pergunto. Sinto que todos ao meu redor estão envolvidos em algo que não estou.

— Você tem perguntas? Eu concordo.

— Livre-se dela e eu lhe direi o que você precisa saber.

— Ela não dirigiu até aqui. Saímos da minha casa. Não vou deixá-la sair sozinha.

— Vamos levá-la para casa em segurança.

— Você vai responder minhas perguntas?

— Eu disse que vou lhe contar o que você precisa saber.

Eu aperto meus lábios, olhando em seus olhos tempestuosos. — Sem acordo.

Valen bate de novo. — Estou a dois segundos de chamar a polícia.

— Não, ela não vai! — Holden grita, diversão clara em sua voz.

— Devolva isso!

Os sons deles brigando do outro lado da porta me dizem que ele

pegou o telefone dela.

Thayer estreita os olhos. — Bem. Eu responderei suas perguntas. Eu sorrio vitoriosa. — Estou bem!

— Isso não é bom o suficiente. Quero ver que você está bem. — a voz abafada de Valen chama.

Meu coração incha e meu peito se enche de orgulho. Eu a sujeitei a histórias de horror suficientes para ela ir embora sem ver por si mesma. Não que Thayer seja capaz de alguma dessas coisas. Mas regra número um? Você nunca conhece verdadeiramente ninguém. Regra número dois? Nunca, sob nenhuma circunstância, deixe seu amigo em paz em uma situação potencialmente perigosa.

Passo por Thayer e abro a porta. Os olhos de Valen estão cheios de suspeita quando ela olha entre nós, depois empurra a porta para examinar a sala.

— Estou bem, prometo.

— Você está encharcada. — ela aponta.

— Não me olhe assim. Ryan Matthews encharcou-a com cerveja, depois tentou enfiar a língua na garganta dela. — explica Thayer.

Valen levanta as sobrancelhas, olhando para mim para confirmação. Reviro os olhos, depois aceno com a cabeça. — Eu vou explicar tudo amanhã, ok?

Ela cruza os braços, parecendo refletir sobre isso. — Melhor ser uma explicação incrível. — ela cede.

— Onde está o Christian? — Thayer pergunta a Holden.

— Ele e Baker estão se livrando de Ryan.

— Mande todo mundo ir embora, depois leve-a para casa.

— De bom grado. — Ele sorri, devolvendo o telefone de Valen para ela. Ela o tira da mão dele, dando-lhe um olhar ameaçador.

— Não, obrigada. Prefiro rastejar para casa.

Os olhos de Holden brilham com um brilho perverso. — Isso pode ser arranjado.

— Valen, por favor, deixe-o levá-la. — Holden não é uma ameaça. Conivente e manipulador, claro, mas não é perigoso. Ela também sabe disso. Ela está apenas sendo teimosa, não que eu a culpe.

— Bem. — Ela se vira para as escadas, até a metade do caminho antes de se virar. — E você está vindo?

— Com alguma sorte. — Holden murmura baixinho.

— Diga a Christian para ficar por aqui. Nos encontre aqui depois que a deixar.

Holden assente antes de seguir Valen.

Thayer coloca um braço em volta de mim para fechar a porta e eu

me encolho, virando-me para encará-lo com um olhar. — Comece a falar.

— Ainda não.

Balanço a cabeça, irritada com esses jogos. — Bem. Eu preciso me limpar. — digo, apontando para o meu vestido molhado que gruda em mim como uma segunda pele. Sinto cheiro de cerveja e me sinto como um rato afogado. Se vamos ter algum tipo de reunião, não vou ficar assim.

Thayer aponta o queixo em direção ao banheiro do corredor. — Você sabe onde fica o chuveiro. Vou deixar algumas roupas na pia.

— Ótimo. — eu respondo, virando para a porta. Abro e entro no corredor, hesitando na porta do meu antigo quarto, em frente ao de Thayer. Minha curiosidade está estendendo a mão, pairando sobre a maçaneta, mas eu a largo no último segundo. Esse não é mais o meu quarto. Esta não é a minha casa, e esta não é a minha família.

— Está vazio. — Thayer responde à minha pergunta não dita, sua voz muito mais perto do que eu pensava que ele estava. Uma pilha de roupas aparece na minha frente em cima da palma da mão estendida.

Eu engulo em seco. *Claro* que está vazio. O que eu esperava, que eles o mantivesse para mim, só por precaução? Sem uma palavra, pego as roupas e viro para a porta à esquerda do meu antigo quarto, depois a fecho atrás de mim. Eu tranco a fechadura e jogo as roupas na bancada de mármore. Coloco minhas mãos na beirada, observando a pia branca, os chuveiros do teto que caem sobre você como chuva e a banheira grande e

separada para o lado, separada apenas por uma divisória de vidro. A casa da minha avó não é um barraco, mas não se compara ao luxo da propriedade dos Ames.

Eu tiro meus Chucks molhados, então dou de ombros e tiro as alças, empurrando meu vestido pelo meu corpo, deixando-o cair no chão. Olho no espelho com novos olhos, como se não tivesse passado uma hora na frente dele antes, tentando ver o que Thayer vê. Minhas bochechas estão vermelhas, o mesmo com a ponta do meu nariz. Meus olhos estão vidrados e meu rímel está um pouco borrado no meu olho direito. Um lado dos meus cachos ficou liso, graças à cerveja de Ryan. Estou uma bagunça e, pela primeira vez, minha aparência reflete exatamente como estou me sentindo por dentro.

Toco a torneira na parede de pedra, abrindo-a. Eu empurro minha calcinha pelos quadris, depois chuto-as para se juntar ao meu vestido e sapatos antes de pisar embaixo do grande chuveiro retangular. Fecho os olhos, deixando a água quente cair sobre mim por longos segundos, permitindo-me apreciá-la por apenas um minuto. Depois que meu minuto acaba, faço um rápido trabalho de esfregar meu corpo com um sabonete de corpo masculino que encontro na prateleira embutida e lavo meu cabelo com um xampu e condicionador sofisticados que nem consigo pronunciar o nome, tentando inutilmente não perceber o cheiro de Thayer.

Pego uma toalha limpa dobrada na prateleira, depois enrolo o

material macio em volta de mim e dou um nó no peito, saboreando o quanto é mais macia do que minhas toalhas. São as pequenas coisas insignificantes como essa que você não percebe que sente falta até tê-las novamente. Andando em direção ao espelho, tiro minhas roupas do balcão, avaliando o que Thayer me deu. Uma camiseta branca lisa e um minúsculo par de shorts pretos. Franzo a testa, segurando o short na palma da mão. Estes são meus?

Abrindo a porta, atravesso o corredor e volto para o quarto de Thayer. Ele está lá, de cabeça baixa, fazendo algo no telefone. Olhos entediados encontram os meus, mas não sinto falta do brilho de fome neles antes que ele o esconda. Eu jogo os shorts nele e eles batem no seu rosto antes que ele os pegue.

— Por que você os guardou? — Eu exijo. Gotas de água escorrem dos meus cabelos e descem pelas minhas pernas, deixando uma poça aos meus pés. Pareço e me sinto como uma pessoa louca, mas já não me importo.

— Não se iluda. Eles estão aqui desde que você os deixou.

Os deixei? Minhas bochechas queimam quando percebo a que noite ele está se referindo. Ando pelo chão, diminuindo a distância entre nós. — Por um ano? — Eu pergunto ceticamente.

Ele encolhe os ombros. — Eu sempre amei sua bunda em spandex.

— Deus, Thayer, por que você está tão confuso? — Meus olhos procuram os dele por respostas que eu sei que não vou encontrar. — Você

me diz para deixá-lo em paz e depois me procura. — Minha voz abaixa para um sussurro. — Você me toca e depois me deixa...

— Isso te deixa louca? — Ele pergunta, sua voz soando como um sussurro. — Que seu cérebro quer me odiar, mas seu corpo... seu corpo me ama. — Ele esfrega um polegar na minha bochecha, capturando uma gota de água. — Mas você me deixou tocar em você de qualquer maneira porque você não pode resistir a mim, pode? E você não pode suportar isso de si mesma.

Seu tom presunçoso me enfurece. Ainda mais porque há uma ponta de verdade nisso. Mas endireito meus ombros, decidindo ganhar espaço.

— Eu poderia dizer o mesmo de você. — começo, brincando com o nó na minha toalha com os dedos. Seus olhos seguem o movimento enquanto ele passa os dentes sobre o lábio inferior, os dois piercings brilhando com o movimento. — Você parece não ficar longe de mim e se odeia por isso, não é? — Seus olhos se apertam nos cantos, e eu sei que o estou atingindo.

— Você está brincando com fogo, Shayne. — ele avisa, dando um passo para trás, mas continuo assim mesmo.

— A única diferença é que sou eu quem satisfaz as minhas necessidades, sem ter que dar nada em troca. — Reunindo uma confiança que não sinto, largo minha toalha, deixando-a cair no chão.

A garganta de Thayer balança quando ele engole, e ele perde a luta para impedir que seu olhar caia no meu peito. O ar frio faz meus mamilos apertarem quase dolorosamente enquanto vejo seus olhos famintos percorrendo meu corpo.

Ouço a porta bater no andar de baixo e sei que tenho menos de um minuto para encerrar isso antes que eles entrem.

— Parece-me que é você quem está conseguindo o final mais curto neste cenário. — Eu tento arrancar o short da sua mão, mas ele o mantém fora do alcance, acima da cabeça. Eu passo por eles e seus braços livres ao redor da minha cintura, me girando antes que ele me puxe para a cama. Ele se instala entre as minhas pernas, seu peito contra o meu.

— Primeiro de tudo. — ele começa empurrando sua virilha em mim. — Quem disse que minhas necessidades não estão sendo atendidas por outra pessoa?

Eu praticamente rosno, empurrando-o para longe, mas ele coloca meus braços acima da minha cabeça. — Segundo, você pagará por isso mais tarde.

Meu peito se agita quando ele segura meu olhar, sua boca abaixando para colocar um beijo suave na ponta do meu mamilo. Eu tremo, sentindo a umidade entre minhas pernas, mas dois passos na escada me atingem como um balde de água fria. Thayer sorri conscientemente antes que ele me afaste, então ele está jogando minhas roupas para mim. Eu as

pego quando elas pousam no meu peito e faço uma careta para ele.

— Vista-se e encontre-nos na sala de bilhar.

Assim que a maçaneta se vira, ele bloqueia a entrada e sai, fechando a porta atrás de si.

Eu gemo, passando as roupas no meu peito. Como diabos ele sempre ganha?

CAPÍTULO 18

Thayer

Eu ajusto meu jeans, tentando esconder meu pau que está tentando romper meu zíper. Porra. Estou perdendo o controle. As linhas estão começando a ficar apagadas, e estou ficando desleixado. Eu não sei o que diabos eu estava pensando trazendo-a para o meu quarto na frente de todos, alimentando os rumores que cercaram Shayne desde que ela se mudou conosco, mas está ficando mais difícil ficar longe dela. É como uma compulsão. Ficando sob sua pele, acendendo esse temperamento, sentindo suas pequenas respirações quentes na minha pele quando eu a faço gozar. É um vício. Um vício doente e tóxico.

Eu digo a mim mesmo que não há nada de errado em tocá-la, contanto que eu não a deixe ir além, mas até eu sei que estou jogando um jogo perigoso. Estar com Shayne é uma ladeira escorregadia e é impossível não querer mais.

Ela também mudou. Ela sempre foi uma boa garota em seu âmago, mas o lado dela, que ela mantém trancado, a pequena fogueira que só eu pude vislumbrar antes, está abrindo caminho até a superfície. E aquele truque que ela acabou de fazer? Não vi isso chegando. Quando ela entrou, molhada, sem maquiagem, eu queria empurrar sua toalha, dobrá-la e enterrar meu pau nela por trás. E quando ela largou a toalha, seus longos

cabelos loiros curvando-se em torno de seus seios empinados, as minúsculas barras de metal em seus mamilos, eu quase fiz exatamente isso. Foi preciso a contenção de mil santos para não transar com ela naquele momento.

— O que é tudo isso? — Holden pergunta de seu lugar no sofá. Christian se senta também, enquanto eu estou na frente da TV que se estende pela parede da sala de bilhar, os braços cruzados sobre o peito.

Quero respostas, e ela também. Mas antes que ela chegue aqui... — Alguém está *fodendo* com Shayne. Algum de vocês dois? — Ambos balançam a cabeça.

— Eu te disse, cara. Não fui eu. Minha suspeita está em Taylor. Ela sempre teve problemas com Shayne, mesmo quando eram *amigas*. — diz ele, usando aspas no ar. É verdade. Taylor não joga bem com os outros, mas ela realmente não tinha escolha antes. Estar conosco ofereceu uma certa quantidade de proteção. Isso fez Shayne intocável. Fora dos limites. Taylor parece pensar que *foder* com Shayne é um jogo justo agora que nossos pais se separaram, e eu aposto que esse tipo de pensamento não se limita a Taylor.

— É apenas uma merda de garota. Coloquei-a em cheque hoje à noite, para que ela não seja um problema. — diz Holden com desdém.

Passei a mão pelos cabelos, assentindo. Faz sentido, mas algo me diz que há mais do que isso.

— O que há com vocês dois? De repente vocês se importam de

novo?

— Pergunta Christian. Não posso dizer que o culpo por não entender quando não consigo entender isso sozinho.

Antes que eu possa responder, Shayne limpa a garganta, parada na porta. Seu cabelo molhado cai sobre um ombro, minha camiseta chegando quase até os joelhos, dando-lhe a ilusão de estar nua por baixo.

— Ei. — Ela dá um aceno incomodado.

Holden dá um tapinha na almofada ao lado dele. — Venha sentar, irmãzinha.

Ela o olha, mas não comenta enquanto atravessa a sala, os braços cruzados sobre o peito, ainda desconfiada. Eu posso dizer que estar aqui novamente a deixa desconfortável apenas pela sua linguagem corporal. Ela se senta no lado oposto do sofá, deixando uma distância saudável entre ela e Holden, ocupando o mínimo de espaço possível.

— Por que estou aqui?

— É o que eu gostaria de saber. — diz Christian.

— Bro, que porra é essa. — Holden diz.

— Não, está bem. Ele é o único que está fazendo algum sentido para mim. — diz Shayne.

— Você quer respostas. Nós também.

— Então, vamos colocar essa merda na mesa então. — sugere

Holden, recostando-se no sofá e chutando os pés sobre a mesa na frente dele.

— Tudo bem. — Shayne diz, o ceticismo entrelaçando seu tom quando ela olha para mim. — Por que você disse a Holden para se aproximar de mim?

Eu olho para Holden e sua boca grande.

— Primeiro de tudo, eu nunca fingi isso com você. — diz ele, jogando uma piscadela para ela, e Shayne pisca sem graça antes que ela se levante como se fosse sair.

— Tudo bem, espere. — diz ele, respirando, olhando para mim. Concordo com a cabeça, dando-lhe permissão silenciosa para ser real com ela. Já faz um ano e ainda não temos respostas. Nosso caminho não está funcionando. É melhor tentar uma tática diferente.

— Alguns meses atrás, começamos a pensar no dia em que Danny...

— ele interrompe, ainda sem poder dizer as palavras, e limpa a garganta antes de olhar para o teto, a cabeça apoiada nas costas do sofá, joelhos saltando. — Algo não parecia certo. Nós brincamos nessa floresta e nas cachoeiras a vida toda. Não tinha como ele cair. E ele com certeza não se matou.

— Mesmo que ele quisesse acabar com a sua vida, ele não faria isso lá. — Eu indico. — Quantas vezes todos nós pulamos daquele penhasco?

Não é uma queda mortal. Pode ser, mas está longe de ser assim. Saltamos do mesmo penhasco desde os doze anos. Se eu quisesse me matar, seria infalível.

Shayne assente, seus olhos brilhando com empatia que quase dói de se olhar.

— Então começamos a buscar, certo? — Holden diz, levantando a cabeça para olhar para ela. — Tentei encontrar a chamada nove-um- um. O relatório da polícia... alguma coisa. Mas não chegamos a lugar algum. A merda está trancada mais forte que o Fort Knox.

Seus lábios se contraem, franzindo as sobrancelhas. — Eu pensei que as chamadas de emergência eram de registro público.

— Elas deveriam ser. — digo, impressionado que ela soubesse disso, mas não totalmente surpreso. — Alguém está se esforçando para garantir que seja sigiloso.

— Isso é…

— Suspeito *pra* caralho? — Holden oferece.

— Sim. — Ela acena com a cabeça lentamente, parecendo um pouco atordoada com a informação. — Isso está relacionado aos policiais que estavam procurando por você? — Ela pergunta, olhando para Holden.

Ele concorda. — Não temos permissão para obter uma cópia do boletim de ocorrência porque supostamente está em andamento, mas o

detetive não fez nada. Bati no carro dele com um taco de beisebol. Não foi o meu melhor momento.

Maldito idiota.

— Espere, você não tinha um taco quando eu te encontrei.

— Deixei cair na floresta.

— Você está de brincadeira? Você deixou um taco para trás, provavelmente com sangue depois de fugir de uma cena de crime. Você também poderia ter deixado seu nome e número, Holden. O que você estava pensando?

— Eu estava pensando que estava *muito bêbado e sinto falta da porra do meu irmão e quero respostas*. Da próxima vez vou ligar para um profissional. — ele diz enfaticamente. — Nem todos temos amplo conhecimento sobre serial killers e como não ser pego.

Shayne revira os olhos, mas seu rosto suaviza com as palavras dele. — Mas isso ainda não responde minha pergunta. O que eu tenho a ver com isso? Por que você não confia em mim?

Holden hesita, sem saber como proceder, e Christian permanece quieto.

— Porque achamos que sabemos quem fez isso. Danny teve uma discussão com alguém no dia anterior. — digo, recostando-me na estante que atravessa a parede e cruzo meus braços, observando-a atentamente por

sua reação.

— Tudo bem, e?

— Era Grey.

CAPÍTULO 19

Shayne

— **E**ra Grey.

— O quê? — Eu expiro a palavra. Precisando me sentar, eu caio de volta no sofá, tentando entender tudo o que ouvi nos últimos minutos. Ele nunca mencionou uma discussão. — Não. — Balanço a cabeça. — Vocês não entendem. Grey ficou destruído após Danny... Ele *ainda* está destruído. — Olho os olhos de Thayer, desejando que ele acredite em mim. — Você não tem ideia do quanto isso o destruiu. Ele mal fala comigo. Ele nem voltou para casa.

Os três trocam olhares, e quase consigo ouvir seus pensamentos não ditos. Eles acham que o comportamento de Grey vem da culpa.

— Eu conheço meu irmão. — eu digo defensivamente. — E mesmo que eles tivessem discutido, e daí? Eles eram melhores amigos. *Irmãos.*

— Eu aperto os dentes. — Só porque não somos sangue...

— Relaxe. — Thayer levanta as mãos, se aproximando de mim como se eu fosse um animal ferido.

— Nós não temos provas. É por isso que estamos tentando preencher os espaços em branco aqui. — Acrescenta Holden. — Precisamos saber o que mais aconteceu.

— Então você pensou que eu estava cobrindo Grey. — Eu digo, ainda tentando juntar as coisas. Por isso se voltaram contra mim. Contra todos nós.

— Seria tão louco supor que você seria leal à sua família? — Thayer pergunta, parando na minha frente.

— Vocês são minha família! — Eu deixo escapar, frustrada, antes de perceber o meu erro. — Ou... eram. Naquela época.

— Ainda somos família. — diz Holden, olhando para mim com aqueles olhos de cachorrinho.

Uma risada amarga sai da minha boca. — Vocês dois me trataram como merda. — Christian nunca foi particularmente sincero sobre como se sentia por mim. Tive a sensação de que ele ficou fora disso, e desde que ele não estivesse se esforçando para me deixar infeliz, isso foi bom o suficiente para mim, independentemente de como ele se sentisse. Thayer e Holden, por outro lado... eles me machucaram. Porque eu cuidava dos dois de uma maneira que não me importava com muitas outras pessoas na minha vida.

— As famílias brigam. — Ele encolhe os ombros.

Thayer não repete os sentimentos de Holden, mas ele se senta entre nós no sofá enorme. Inclino minhas costas contra o apoio de braço para enfrentar os dois, passando os braços em volta dos joelhos dobrados.

— Eu tenho outra pergunta. — eu digo, mudando de assunto. Eu tenho muitas outras perguntas, mas a maioria é para Thayer, e tenho certeza

que ele fez essa pequena reunião de família de propósito, sabendo que eu não perguntaria nada a ele sobre nós. — Por que nossos pais cancelaram o noivado? — Um dia, tudo estava bem, ou tão bem quanto poderia ser, considerando tudo. No dia seguinte, disseram-me para arrumar minhas coisas.

Holden e Thayer trocam um olhar de conhecimento.

— O quê? — Eu pergunto, olhando entre os dois, me sentindo um pouco tensa. — Eu quero saber.

— Os comentários é que sua mãe estava tendo um caso. — diz Holden.

Eu rio, na verdade rio alto. — Comentários? Isso é ridículo. Qual dona de casa ciumenta começou esse boato?

— Meu pai. — diz Thayer.

— O quê? — Franzo o cenho, sem acreditar nisso por um segundo. Mas então me lembro da noite em que a vi com outro homem. Era ele? Mas por que ela não disse nada? Se ela estivesse tendo um caso de um ano, você pensaria que eu teria sido apresentada ao cara, ou pelo menos, ciente de sua existência. É isso que ela está escondendo?

— Não se machuque pensando tanto. — brinca Holden.

— Eu vou desmaiar. — Christian anuncia com um bocejo, de pé. Ele ficou tão calado que quase esqueci que ele estava aqui.

— O que, sem festa do pijama com seu namorado, Baker?

— Sem provações Holden.

Christian dá uma risada zombeteira e move o pulso, imitando uma punheta, e então ele está subindo as escadas, deixando Holden e Thayer rindo atrás dele.

— Eu deveria ir para casa. — Estico meus braços acima da cabeça, subitamente me sentindo exausta. Minha bebedeira se foi há muito tempo, e não há nada que eu queira mais do que cair na minha cama.

— Eu vou te levar de manhã. — diz Thayer. — Você pode ficar aqui.

— Uh, eu não acho que seja uma boa ideia.

— Por que não?

— Porque eu não moro mais aqui, porque é estranho, porque nossos pais provavelmente perderiam a cabeça... — Eu indico as razões. — Faça sua escolha.

— Quem se importa, e eles não vão descobrir. — Holden argumenta em cada ponto. — Vamos lá, vamos colocar um filme e ter uma festa do pijama aqui como nos velhos tempos.

Eu estreito meus olhos. — Nós nunca fizemos isso alguma vez.

— Então é hora de começarmos. — Ele pula, pegando alguns cobertores da parte de trás do sofá e jogando-os para mim, pegando o controle remoto e depois se espalhando no cobertor que Christian estava

ocupando um minuto atrás.

Olho para Thayer, tentando ler seus pensamentos. Sem surpresa, ele não revela nada. — Você vai me levar para casa logo pela manhã? — Não é como se eu não pudesse ir para casa se tudo se resumisse a isso. Eu poderia tecnicamente voltar para casa agora, se estivesse acordada para um passeio de vinte minutos até tarde da noite pela floresta. Sozinha.

Thayer me dá um aceno de cabeça e suspiro alto. Eu nem sei que horas são. Quando Thayer me deixou no andar de cima para me vestir, peguei meus sapatos e roupas molhadas no chão do banheiro, lavei meu vestido na pia, depois os dobrei e empilhei no canto do banheiro, certificando-me de guardar minhas roupas íntimas dentro do meu vestido. Depois que liguei para Valen para ter certeza de que ela chegou em casa em segurança e prometi contar-lhe tudo amanhã, joguei meu telefone em cima de minhas roupas e depois entrei meio envergonhada.

Cansada demais para discutir, caio contra as almofadas, puxando o cobertor de caxemira cor de creme sobre mim, com os joelhos dobrados no peito.

— Boa garota. — elogia Holden, e eu detecto uma pitada de emoção em sua voz. Como se ele estivesse genuinamente feliz por me receber aqui.

— Não posso prometer que ficarei acordada. — Aviso.

— Então você não vai se importar se eu colocar isso?

As categorias de pornografia preenchem a tela e Holden usa o telefone para rolar pelas opções. Ele está literalmente transmitindo pornografia do telefone para a TV. Eu não sabia que isso era possível. Ele clica em uma intitulada *Meia-irmã fodida pelo irmão excitado enquanto os pais estão fora*.

— De verdade? — Reviro os olhos com a seleção dele.

— Quero dizer, a menos que você seja muito puritana...

Dou de ombros, tentando o meu melhor para parecer imperturbável, esperando que Thayer seja o único a desligá-lo. Holden ri, aceitando isso como permissão concedida, depois cruza as mãos atrás da cabeça, cruza os tornozelos e concentra sua atenção na cena exibida na TV.

— Promete que não vai contar para mamãe e papai que eu escapei?

— A linda e jovem morena pergunta, empurrando os lábios em um beicinho enquanto ela abre as pernas em convite, seu minúsculo vestido amontoado no alto dos quadris. Seu “meio-irmão” se move em direção à cama, colocando as mãos nos joelhos abertos dela.

— Depende. Você finalmente vai me deixar foder essa boceta apertada?

Ela coloca um pé no peito dele quando ele tenta se mudar. — Uma

vez. — ela diz com firmeza. — Eu vou deixar você me foder uma vez, se você prometer não contar.

— Combinado.

É brega. E tão obviamente roteirizado. Mas meu pulso acelera e a excitação que eu estava sentindo volta com uma vingança. Sinto meus mamilos apertarem dolorosamente debaixo da camisa de Thayer, e minha respiração fica presa quando o cara na tela empurra sua cueca para baixo antes de deslizar nela sem preâmbulos. Os dois gemem quando ele se move dentro dela, e depois de apenas alguns segundos, ele a joga de bruços e a empurra por trás. Mordo o lábio, apertando minhas coxas.

Fechando os olhos, eu mesmo vou pensar em outra coisa que não esteja na tela, mas tudo o que meu cérebro estúpido consegue fazer é imaginar Thayer dentro de mim, seus lábios no meu pescoço e as mãos nos meus quadris enquanto eu o monto.

— Desligue. — a voz zangada de Thayer invade minha fantasia. Meus olhos se abrem para encontrá-lo me olhando com os punhos cerrados ao lado e uma protuberância perceptível em seu jeans.

Minhas bochechas queimam e desvio o olhar. Holden ri conscientemente, saindo do aplicativo. It de Stephen King *substitui* o pornô. *Muito melhor.* Minha frequência cardíaca volta ao normal depois de alguns minutos e meus olhos começam a ficar pesados. Inclino-me o suficiente para deitar minha cabeça na almofada, mantendo minhas pernas enroladas,

afastadas de Thayer, mas então sinto a mão dele no meu tornozelo antes que ele puxe minhas pernas para descansar em cima de seu colo, uma de cada vez. Fico ainda mais surpresa quando ele não me libera. Sua mão direita permanece enrolada no meu tornozelo.

— Obrigada. — murmuro, voltando minha atenção para o filme, mesmo que não consiga me concentrar em outra coisa a não ser na sensação dos dedos quentes no meu tornozelo. Seu polegar desliza para frente e para trás, mas seus olhos estão presos na TV, me fazendo pensar se ele está ciente de que está fazendo isso. Quando as pontas dos dedos dele passam pelas minhas panturrilhas, até o interior das minhas coxas e voltam a se esconder embaixo do cobertor, sei que é intencional. Os arrepios surgem sobre a minha pele, mas não faço um movimento para detê-lo.

Pelo que parece uma eternidade, seus dedos continuam movendo para cima e para baixo nas minhas pernas, avançando um pouco mais a cada passo, provocando. Quando ele finalmente alcança a costura da minha bermuda, eu estou praticamente tremendo de desejo. Meus olhos se abrem para garantir que Holden não esteja ciente do que está acontecendo bem ao lado dele. Não consigo ver o seu rosto, mas sua mão está pendurada no lado do sofá, dizendo que ele desmaiou. O polegar de Thayer pressiona contra meu clitóris através do tecido fino da minha bermuda, e meus olhos se fecham com a sensação. Ele apenas aplica a menor quantidade de pressão, esfregando círculos lentos, e eu separo minhas pernas, incentivando-o a me dar mais, mesmo que eu não deva deixar isso acontecer. Eu *deveria* estar

parando isso.

Thayer geme, então as duas mãos estão nos meus quadris, puxando meu short para baixo. Em pânico, cubro suas mãos com as minhas, parando-o. Olho para Holden mais uma vez, mas ele ainda está na mesma posição, dormindo e inconsciente.

— Lembra quando eu disse que você pagaria por esse pequeno show mais tarde? — Ele pergunta, sua voz baixa e grave. — É mais tarde agora.

Mordo o meu lábio, nervosa, mas lentamente solto as suas mãos, incapaz de resistir à tentação. Meu coração bate contra as minhas costelas enquanto Thayer desliza meu short pelas minhas pernas, colocando-as entre as almofadas. Sua palma quente desliza pela minha perna esquerda, empurrando meu joelho para debaixo do cobertor, depois ele repete o movimento com o outro. Estendendo a mão, ele arrasta o polegar contra o meu lábio inferior. Quando minha boca se abre, seu dedo médio passa por meus lábios.

— Chupe. — ele instrui. Eu fecho meus lábios em torno de seu dedo, chupando levemente enquanto ele desliza para dentro e para fora. Seus olhos brilham enquanto ele observa minha boca, então ele a puxa para fora, substituindo-a por um dedo diferente. — Novamente.

Eu faço o que ele diz. Uma vez satisfeito, sua mão se move sob o cobertor, encontrando o calor entre as minhas pernas. Seus dois dedos do

meio apertam contra mim, esfregando para cima e para baixo antes que ele os enrole para empurrar dentro de mim.

— Porra, isso é apertado. — Thayer murmura.

Suas palavras me estimulam, mas lanço um olhar nervoso para a forma adormecida de Holden mais uma vez.

— Relaxe. Ele não pode ver nada.

Suas palavras pouco fazem para me acalmar. O cobertor cobre o que estamos fazendo, mas isso não significa que ele não tenha ouvidos. Felizmente, o filme é alto, porque estou muito excitada para parar o que estamos fazendo. Holden pode acordar a qualquer momento, mas acho que o elemento adicional do medo de alguma forma aumenta a intensidade.

— Mostre-me aqueles seios perfeitos. — diz ele, curvando os dedos, atingindo um lugar dentro de mim que eu não sabia que existia. Eu fico tensa, arqueando para fora do sofá com um gemido.

— Shayne. — ele quase rosna. — Levante sua camisa.

Eu puxo a barra da minha camisa para cima, mantendo meus braços pressionados para os meus lados para empurrar meu peito juntos para seu benefício.

— Porra, isso é bom. — Os olhos de Thayer escurecem quando ele levanta a lateral do cobertor e abaixa a cabeça para ver por baixo, vendo seus dedos bombearem para mim. Ele lambe os lábios e depois desaparece

debaixo do cobertor. Antes que eu saiba o que está acontecendo, sinto sua língua quente e molhada saindo para me provar. Eu suspiro, meus quadris se sacudindo no sofá. A mão livre de Thayer serpenteia no meu estômago e cobre minha boca enquanto a língua dele continua me lambendo.

Eu abro as minhas coxas, bêbada com a sensação. Ele me fode com os dedos enquanto chupa e lambe, e não demora muito para eu tremer embaixo dele. Eu posso ouvir como estou molhada com cada movimento de sua mão, e quando começo a apertar seus dedos, ele acelera o ritmo enquanto simultaneamente chupa meu clitóris em sua boca.

Eu grito, incapaz de me segurar, e Thayer pressiona a palma da mão com mais força contra a minha boca. Mordo-o, com o peito arfante, quando ele me traz de volta à Terra com movimentos suaves com a ponta da sua língua.

Puta merda.

Meu cabelo gruda na minha testa úmida, meus ouvidos ainda zumbem. Esse foi sem dúvida o orgasmo mais intenso que eu já tive. Ainda estou recuperando o fôlego quando a cabeça de Thayer aparece debaixo do cobertor antes que ele se arraste em cima de mim, me beijando com força. Eu gemo em sua boca quando seus jeans pressionam meu centro ainda sensível, incapaz de não esfregar contra ele. Mãos ásperas seguram minhas coxas e então ele está me levantando do sofá.

— O que você está fazendo? — Eu sussurro, meus braços

envolvendo seu pescoço em reflexo enquanto ele se afasta, suas mãos se movendo para apertar minha bunda. Holden pode acordar. Christian ainda pode estar acordado, pelo que sei. No entanto, Thayer está me carregando pela casa seminua.

— Ainda não terminamos.

CAPÍTULO 20

Thayer

Eu não sei o que diabos eu estou pensando. Shayne tem um jeito de entrar na minha cabeça e me fazer querer coisas que sei que não posso ter. Coisas que eu não mereço. Quanto mais tempo passo com ela, mais em conflito me sinto. Minha dor não quer apenas companhia. Quer Shayne. E por alguma razão fodida, ela também me quer.

Ela acha que eu não ligo para ela. Ela acha que eu gosto de foder com seu corpo, sua mente e suas emoções por diversão. O que ela não sabe é que estou lutando comigo todos os dias. Culpa por querer ela como eu quero. Culpa por amarrá-la. Culpa por encontrar um pedaço de felicidade nela quando Danny está apodrecendo sete palmos debaixo da terra. Sou atraído por ela pela mesma razão que a odeio.

Ela me faz sentir.

Eu poderia ter matado Holden quando ele transmitiu essa porra de pornografia. Eu deixei acontecer, só para ver a reação de Shayne, esperando que ela protestasse. Em vez disso, eu a observei enquanto ela os observava foder na tela, seus lábios se abrindo um pouco, um rubor subindo por seu pescoço. Ela gostou. Talvez até desejasse que fosse ela. Sua respiração mudou, saindo em pequenos suspiros, e a luxúria em seus olhos espelhava a minha. Dizer que não deu certo seria o mínimo. Eu estava duro *pra* caralho,

precisando tocá-la. Prová-la. Estar tão profundo dentro dela que nós dois esqueceríamos nossas famílias, nossas tragédias, nossas vidas fodidas e tudo o que nos mantém separados.

Desde o dia em que ela entrou no celeiro, houve algo entre nós. Estávamos todos perto, Holden, Grey, Danny, Shayne e eu. Mas Shayne era minha. E enquanto levo seu corpo, apertando-o a mim pelo corredor até o meu quarto, sei que ela ainda é.

Entrando no meu quarto, eu chuto a porta atrás de mim e depois olho para a minha cama, deixando Shayne nos meus lençóis. Ela cai com um grito, seu cabelo loiro claro contrasta fortemente com os meus lençóis pretos. Ela franze a testa, sentando e puxando minha camiseta para baixo para se cobrir.

— O quê? — Eu pergunto, minha paciência se esgotando. Meu pau está prestes a estourar através do meu zíper.

Seu nariz pequeno se torce, olhando meus lençóis com desdém. *Ela tem uma veia possessiva*. E isso só me deixa mais duro.

— Ninguém esteve aqui por um bom tempo. — eu digo, rastejando sobre ela, minhas mãos apoiadas em ambos os lados de sua cabeça.

— Isso é uma mentira.

Oh, certo. A garota da noite em que Holden decidiu virar um rebelde. Eu nem sei o nome dela. Tudo o que sei é que enquanto eu estava cuidando dos meus próprios negócios, ela entrou no meu quarto. Quando

eu disse a ela para dar o fora, ela caiu de joelhos, seus dedos abrindo o botão do meu jeans em tempo recorde. Por um breve momento, considerei deixá-la me chupar. Achei que ela poderia ser uma boa distração do diabo debaixo de mim. Mas ela era toda errada. Os peitos dela eram grandes demais. O cabelo dela era da cor errada. Em suma, ela não era Shayne. E, como se vê, meu pau não queria nada com ela. Assim que eu fechei minhas calças e disse a ela para sair, ouvi a comoção no corredor.

— Ela tentou. Eu não estava interessado.

Shayne estreita os olhos para mim, procurando sinais de mentira. Ela não encontrará nenhuma. — Se eu deixar você me tocar de novo, você vai voltar a ser frio e me deixar logo depois?

— Provavelmente. — eu respondo com sinceridade. Desapontamento e talvez até um brilho de dor aparece em seus olhos e sinto uma pontada de arrependimento por colocá-lo lá. — A menos que…

— A menos que o quê? — ela pergunta, seus olhos presos no meu peito, evitando o meu olhar. Seus dedinhos brincam com as cordas do meu capuz enquanto ela espera minha resposta.

— A menos que você queira ficar.

Que porra estou dizendo?

Esperançosos olhos azuis encontram os meus, e é *esse* olhar ali que me diz o que eu já sei. Eu não deveria ter dito isso. Isso só tornará as coisas

mais difíceis quando essa coisa, seja o que for, inevitavelmente explodir em nossos rostos. Mesmo que ela não soubesse de Grey, seu irmão ainda é responsável pela minha morte. É algo de que você não segue adiante.

— Aqui? — Ela pergunta, seu tom um pouco defensivo. Cauteloso. Ela não confia em mim. Eu não confio nela. E até que isso mude, as paredes que acumulamos no último ano permanecerão firmemente no lugar.

Concordo com a cabeça silenciosamente, descendo a cabeça para beijar sua clavícula. Ela arqueia o pescoço em convite, virando a cabeça para o lado. Ela cheira tão bem, uma combinação do meu shampoo e algo singular, Shayne. Deslizo minha mão entre suas coxas, sentindo sua boceta ainda escorregadia com a evidência de seu orgasmo. Eu provoco seu clitóris com a ponta do meu dedo, trabalhando-o novamente.

— Você vai dormir na minha cama, Shayne? — Eu pergunto antes de pegar seu lóbulo da orelha entre os dentes, puxando. — Porque acho que é hora de aproveitar algo disso. — Eu jogo as palavras anteriores dela de volta para ela.

Shayne estremece debaixo de mim enquanto balança na minha mão, mas ela não me dá as palavras que eu quero ouvir.

— Sim ou não? — Eu pergunto, deslizando um dedo dentro dela. Suas mãos levantam para agarrar meu bíceps.

— Sim. — ela respira. — Mas vamos conversar primeiro.

Eu gemo, sabendo que estava chegando, mas meu dedo não para

de bombear. — Você pode falar. Eu farei isso.

— Você consertou meus pneus. — diz ela, tentando manter a voz normal.

— Você ajudou Holden. — digo como explicação.

— Você dormiu com Taylor. — ela acusa, a mágoa em sua voz evidente.

Faço uma pausa nos meus movimentos, olhando para as piscinas azuis dela. Eu puxo meus dedos, minha mão agarrando em seu quadril. — Eu nunca fiquei com ela. Assim que vi seu rosto, eu a fiz sair.

Seus olhos se arregalam de surpresa, e o alívio que vejo neles faz alguma coisa em mim. Eu sabia que ela pensava que eu tinha fodido Taylor, e eu a deixei pensar isso. Eu *queria que* ela *pensasse*. Mas agora... agora me sinto um idiota.

— Minha vez. Aiden quer você.

— Eu não o quero.

— Eu não quero que mais ninguém te toque.

— O mesmo vale para você.

— Combinado.

— Thayer?

— Sim?

— *Me toque*.

— É um prazer. — Recuando, tiro a jaqueta antes de voltar à minha posição com os braços a segurando embaixo de mim, as palmas das mãos apoiadas no meu colchão.

Shayne olha para mim, olhos arregalados e inocentes. — Eu quero tocar em você desta vez.

Suas palavras vão direto para o meu pau. — Então faça. — eu digo, minha voz estrangulada.

Seu olhar entre nós, enquanto dedos tentativos estendem para desabotoar meu jeans. Ela puxa o zíper, arregalando os olhos como se estivesse abrindo um presente na manhã de Natal, e então ela está empurrando meu jeans para baixo.

Eu a ajudo, levantando-me para me livrar deles antes de voltar entre suas coxas quentes. — Levante sua camisa. — Eu quero vê-la toda. Shayne faz melhor, puxando-a para cima e por cima da cabeça antes de jogá-la no chão. Seus peitos são lindos. Dois punhados perfeitos, um pouco mais cheios na parte inferior, e pequenos mamilos rosados decorados com esses piercings. Eu ainda não posso acreditar que ela seguiu adiante, mas estou feliz que ela fez, porque é a coisa mais quente que eu já vi na minha vida.

Seus dedos estão quentes quando mergulham dentro da minha cueca e meu abdômen se aperta quando me envolvem.

— Oh, porra. — Estendo a mão para puxar minha camisa para que

eu possa ver tudo acontecendo entre nós. — Tire.

Uma mão puxa minha boxer enquanto a outra fica em volta de mim, então ela *me* olha, como se estivesse esperando por mais instruções. Não me ocorreu até esse exato segundo que ela poderia não ter muita experiência. Ela morou conosco desde os quatorze anos até completar dezessete, e a maior parte foi passado comigo. Eu apenas assumi que, quando ela fosse embora, ela encontraria um cara novo para dar todas as suas primeiras vezes.

— Você já fez isso antes?

— É claro. — ela diz com um tom defensivo, como se a pergunta a embaraçasse, mas eu não me importo.

— Aperte com mais força.

Ela aperta mais forte ao meu redor, e eu gemo, fechando os olhos. Lentamente, ela começa a tocar o meu pau, movendo a mão para cima e para baixo, e é bom, *pra caralho*. Depois de alguns golpes, ela me solta, mas então eu olho para cima para vê-la colocando a mão na boca. Sua língua passa por seus lábios para lamber a palma da mão, e então ela o envolve novamente.

Porra, isso é quente. Não sei se foi a mudança em si ou foi Shayne. Minha aposta é no último, porque tudo o que ela faz me excita. Seus olhos estão colados no lugar em que ela me segura quando começa a se mover mais rápido, fazendo meus quadris estremecerem. Meus braços estão

começando a se esforçar por me segurar, mas Shayne está com a mão no meu pau pela primeira vez, e eu não estou fazendo nada para estragar tudo.

Eu mergulho minha cabeça para beliscar o inchaço de seus seios antes de trazer meus lábios até os seus mamilos. Meus pierciengs chocam com os seus e ela geme, então eu faço de novo. Eu não sei quão sensíveis eles são, mas ela não me impede, então eu continuo arrastando meus lábios sobre a ponta endurecida várias vezes antes de mudar para o outro lado. Sua respiração fica irregular, e quanto mais eu a excito, mais rápido sua mão se move.

Shayne geme, arqueando o peito do colchão, e eu me afasto, ajoelhando entre as suas pernas dobradas.

— Esfregue seu clitóris.

Olhos hesitantes e cheios de luxúria encontram os meus, e ela molha os lábios em um gesto nervoso, aproximando os joelhos. Levanto minha camisa, prendendo-a entre o queixo e o peito antes de envolver minha mão em volta do meu pau. Os lábios de Shayne se separam enquanto ela me observa. Eu uso minha mão livre para segurar seu joelho, abrindo lentamente as pernas. Ela deixa as coxas se abrirem e, em seguida, dois dedos serpenteiam entre as pernas, esfregando o clitóris.

Ela também é perfeita lá embaixo. Completamente depilada. E eu sei em primeira mão que ela tem um gosto tão bom quanto parece.

Começo a me foder com meu punho enquanto a vejo esfregar

pequenos círculos, observando fascinada enquanto sua boceta fica escorregadia. Sua mão esquerda amassa o seio, e a visão dela se tocando assim é quase o suficiente para me fazer gozar. Apenas quando eu acho que não pode ficar melhor, sua mão se lança para agarrar meu pau, me puxando para sua boceta quente e molhada. Eu caio para frente, minha mão esquerda pressionado no colchão acima do ombro dela.

— Porra, Shayne. — eu gemo, soltando minha mão para deixá-la assumir o controle.

Ela pressiona minha ponta contra seu clitóris, se libertando enquanto sua mão trabalha meu eixo. Ela me desliza através de sua umidade, seus quadris contra mim. Seria tão fácil deslizar dentro dela agora. Estou prestes a explodir, e posso dizer que ela também está, então empurro dois dedos nela sem aviso prévio, ao mesmo tempo em que passo minha língua no seu mamilo.

Shayne geme alto *pra caralho* enquanto seu corpo fica tenso, e então ela está tremendo ao redor dos meus dedos repetidamente. Sua mão continua se movendo, tirando meu orgasmo.

— Porra. — observando o modo como meu esperma reveste seu clitóris. O corpo de Shayne fica mole, sua mão afrouxando enquanto ela desliza lentamente minha ponta através da nossa bagunça combinada. Não querendo arriscar, eu a tiro, puxando minha cueca de volta no lugar, e pego sua camisa descartada do chão. Trago-o entre suas pernas para limpá-la e ela

se encolhe, ainda sensível. Suas bochechas estão rosadas e seus olhos estão vidrados, um olhar satisfeito neles. Ela pisca lentamente, e eu percebo o quanto ela deve estar cansada.

Ela fica bem na minha cama. Bem demais. E esse sentimento aqui é exatamente o por que eu não me deixei ir mais longe com ela antes. Eu sabia que não iria querer parar. Nenhum de nós fala da realidade que acaba de nos atingir.

Shayne puxa meu lençol ao redor dela, e eu vejo a parede dela começando a subir de volta no lugar, então coloco uma calça de moletom, apago a luz e me deito na cama com ela, puxando seu corpo nu e mole de volta ao meu peito. Ela fica tensa no começo, mas depois começa a relaxar, e sua respiração se acalma, me dizendo que adormeceu.

Afasto o indicio de culpa que tenta me quebrar, me permitindo o conforto temporário de ter Shayne de volta na minha cama. Não sei o que isso significa para nós, mas vou me preocupar com as consequências amanhã.

CAPÍTULO 21

Shayne

O braço pesado de Thayer está bloqueado em torno de mim, sua respiração saindo em inalações fortes atrás de mim. Não sei o que me acordou. Tudo o que sei é que tenho uma súbita vontade de fugir. Dormir aqui, estar aqui assim com ele... é uma má ideia. Isso me faz querer coisas que sei que não posso ter. Após as revelações da noite passada, sinto que viramos uma página, mas todo mundo sabe que as palavras ditas no calor do momento devem ser tomadas a sério. Não quero ver a decepção em seus olhos que sempre aparece depois que cedemos à tentação. E eu definitivamente não quero arriscar fazer a caminhada da vergonha e ser vista por Christian ou Holden.

Eu me dou trinta segundos. Trinta segundos para absorver a sensação do braço de Thayer enrolado na curva do meu quadril, sua mão segurando meu peito, mesmo dormindo. Eu imagino como seria se ele fosse apenas um garoto e eu apenas uma garota e nossos pais nunca tivessem se conhecido. Eu me pergunto como as coisas seriam agora se Danny não tivesse morrido. Quando meus trinta segundos acabam, eu saio de seu abraço, tentando o meu melhor para não o acordar. Ele geme enquanto dorme, rolando de costas enquanto eu me sento na beirada da cama, usando nada além de seu perfume e as marcas que sua boca deixou na minha pele, e

sinto falta de seu calor imediatamente. Sua camisa subiu o suficiente para expor as linhas em V que levam abaixo de sua calça de moletom e eu mordo minha unha do polegar, tendo que me convencer a não voltar para a cama.

Mas a nossa história não é um conto de fadas. Está mais para uma tragédia shakespeariana. Me permitir acreditar no contrário é patético, e permitir que essa coisa vá além do que já é, é imprudente. Porque quando tudo desmoronar, eu serei a única me sentindo vazia e sozinha. Novamente. Levanto-me, usando um braço para passar pelo meu peito nu, e empurro meu cabelo selvagem do meu rosto, procurando minhas roupas.

Merda. Onde estão meus shorts? Repito os eventos da noite passada em minha mente, tentando lembrar o que fiz com eles, quando percebo que eles ainda devem estar lá embaixo. Vou ter que usar o vestido da noite passada. Andando na ponta dos pés até minha pilha de roupas sujas, minhas esperanças são frustradas quando pego o tecido frio e molhado. Penso em colocá-lo de qualquer maneira, mas depois vejo o moletom descartado de Thayer no chão ao lado da cama.

Bom o suficiente.

Inclinando-me, eu o tiro do chão e deslizo meus braços pelas mangas antes de fechar. Também considero roubar um par de cuecas dele, mas sua cômoda fica do outro lado do quarto e não quero arriscar ser pega. Felizmente, o moletom dele bate no meio da minha coxa, então eu deslizo no meu Converse, coloco minha calcinha molhada no bolso e decido

abandonar o vestido completamente. Eu não me importo se eu voltar a vê-lo, mas não vou deixar minha calcinha no chão de Thayer. Pegando minha bolsa, eu a coloco sobre a cabeça, a alça sobre o peito e, com um último olhar para a forma adormecida de Thayer, saio.

Fecho a porta atrás de mim, soltando lentamente a maçaneta para não fazer barulho. Desço as escadas, encolhendo-me quando um dos degraus range abaixo do meu pé. Na ponta dos pés, descubro um número profano de copos e garrafas vazias deixadas em todas as superfícies. Sem dúvida, daqui a algumas horas, Holden chamará uma equipe para encobrir as evidências.

Quando estou no pé da escada com a porta da frente à vista, dou um suspiro de alívio. Isto é, até a abrir, revelando August. Eu congelo, enraizada no último degrau, com o coração acelerado. O choque em seu rosto coincide com o meu, enquanto seus olhos percorrem minhas pernas nuas, subindo até meus cabelos selvagens. Ele faz uma careta para mim, sua expressão perturbada e irritada. Ele calmamente coloca a pasta na mesa da entrada, fechando a porta atrás de si. Seus olhos passam por mim, percebendo a bagunça, mas ele não parece se importar de uma maneira ou de outra.

— Qual? — Ele pergunta.

— Como? — Inclino minha cabeça, sem entender o significado dele.

— De qual deles você acabou de sair da cama? — Ele levanta uma

sobrancelha questionadora, sua voz severa.

Franzo a testa, meu estômago revirando com os nervos. Que tipo de pergunta é essa? Não importa o fato de eu ter acabado de me arrastar para fora da cama de Thayer. — Nenhum. — eu minto.

— Tenho certeza que você percebeu que não tem mais um quarto aqui. — Olhos verdes castanhos escuros que me lembram muito de Thayer me perfurando.

— Estou ciente. Adormeci no sofá na sala de bilhar.

— Ah. — ele diz conscientemente. — Beberam demais, não é? — Ele está me dando um fora, mas posso dizer que ele não acredita em mim.

— Sim. — Eu lambo meus lábios secos, lançando um olhar para cima. Eu estava tão decidida a sair daqui sem ser detectada apenas alguns minutos atrás, mas agora daria qualquer coisa para Holden ou Thayer acordar e me salvar desse embaraço. — Como eu não bebo muito, decidi jogar pelo seguro e dormir aqui.

Ele assente, deslizando as mãos nos bolsos. — Thayer está acordado? Parece uma pergunta complicada, e o fato de ele perguntar sobre Thayer especificamente me deixa ainda mais tensa. Talvez não tenhamos sido tão cuidadosos quanto eu pensava. Eu dou de ombros, jogando fora. — Não tenho certeza. Acabei de acordar e deveria ir encontrar uma amiga.

Outro aceno. Quando ele não fala, tomo isso como minha sugestão para sair. Eu desço do último passo, passando por ele, mas sua mão sai,

pegando meu braço. Eu paro, dando um olhar aguçado para o dele, onde ele me segura, uma apreensão subindo pela minha espinha. Ele percebe meu desconforto e solta seu aperto imediatamente, dando um passo para trás.

— Como está seu irmão?

Sinto meus pelos se arrepiarem, e fico confusa pela súbita mudança de assunto.

— Eu não o vi na cidade. — ele diz quando percebe minha confusão. — Apenas certificando-me de que está tudo bem. — Parece mais uma pergunta do que uma afirmação. É possível que August ainda cuide da minha mãe?

— Ele está bem. — eu minto novamente. — A escola o mantém ocupado, então não o vemos tanto quanto gostaríamos.

Algo genuíno brilha em seus olhos, mas ele esconde antes que eu possa entender. — E você? Eu estava preocupado que você e os meninos não se dessem bem, mas vejo que a preocupação era infundada.

— Estou bem. — Eu deixo assim. Ele está claramente buscando informações, e eu não vou morder a isca. Não entendo o interesse repentino em nossas vidas. Se ele se importa, então onde ele esteve no ano passado? Penso no que Holden disse sobre minha mãe ter um caso, mas descarto a possibilidade. Por que quando algo dá errado, a primeira reação deles é culpar minha família?

— Bem, eu vou deixar você chegar a seu encontro. — diz ele,

dispensando-me enquanto afrouxa a gravata em volta do pescoço. Eu vou para a porta mais uma vez, e desta vez, ele não me impede.



Eu praticamente corri para casa pela floresta. O sol estava começando a nascer, mal espiando por entre as árvores, me dizendo que ainda era antes das sete. Se eu não estivesse com tanta pressa, teria sido a manhã perfeita para passear no celeiro. Eu nunca fui uma pessoa da manhã, mas há uma certa tranquilidade nas primeiras horas. Thayer me disse uma vez que podia dizer a que horas era com base em quais pássaros estavam cantando, mas o canto se foi com o clima quente. Nesta época do ano, é calmo e tranquilo, e o ar é fresco. O único som era meus sapatos correndo pelas folhas caídas.

Eu consegui entrar furtivamente em minha casa sem ser detectada. Peguei uma banana da prateleira de frutas, precisando de algo para revestir meu estômago vazio, depois tirei os sapatos e rapidamente subi as escadas para o meu quarto. Eu terminei metade da minha banana antes de chegar lá, joguei meu telefone morto no carregador e rapidamente desmaiei no conforto da minha própria cama. Não me preocupei em tomar banho ou até

trocar de roupa.

Eu acordo com Valen de pé em cima de mim, uma mistura de nojo e preocupação estragando suas feições. — O que, mas que porra!

— O que foi? — Eu resmungo, meio acordada.

— Eu liguei para você a manhã toda. — Ela olha para a mesa ao lado da minha cama e pega o telefone, mostrando as chamadas e mensagens perdidas antes de jogá-lo em mim. — Você me deve respostas. E um banho. — Ela puxa a ponta do meu cobertor, olhando por baixo. — Você está vestindo cuecas?

Eu puxo o cobertor de volta e Valen sobe na minha cama, cruzando as pernas longas. Sento-me e tropeço na cama para trancar a porta do meu quarto.

— Ohhh , ela trancou a porta. Isso significa que é algo quente.

— Valen mexe as sobrancelhas.

— Você não tem ideia. — murmuro, voltando para ela.

— De quem é esse moletom? — Ela puxa a bainha enquanto eu rastejo de volta para a minha cama, puxando o cobertor sobre o meu colo.

— Eu nem sei por onde começar. — Tirando o elástico do meu pulso, jogo meu cabelo em um coque bagunçado no topo da minha cabeça.

— Vamos começar com o fato de que Thayer a carregou como um homem das cavernas na frente de toda a cidade.

Eu formulo no meu cérebro a coisa certa a dizer. Não sei porque estou tendo tanta dificuldade em contar. Por tanto tempo nos encontramos em segredo, sabendo que estava errado, mas incapaz de ficar longe um do outro. Nós sabíamos que isso poderia arruinar nossa família, que corríamos o risco de ser separados se alguém descobrisse. Por isso, aproveitamos momentos roubados em que ninguém estava olhando e passamos quase todo o nosso tempo no celeiro. Tivemos que nos esconder por tanto tempo que me acostumei a mentir para todos ao meu redor. Tornou-se automático. Mas não contamos a ninguém, e as coisas não se desmoronaram. Elas quebraram.

Não é que eu não confie em Valen. Contamos tudo uma a outra. Mas Thayer era diferente. Queria que nosso segredo ficasse escondido em segurança dentro de nosso celeiro, sem interferir nas opiniões ou julgamentos de ninguém. Eu senti como se eu dissesse isso em voz alta, seria um choque. Mas não há mal em dizer a ela agora que não há mais nada a proteger, e eu poderia precisar de alguém para conversar.

— Antes de Danny morrer, Thayer e eu estávamos... *juntos*. Tipo...

— Eu sabia! — Ela exclama, batendo no colchão. — Você fodeu seu meio-irmão, não foi?

Eu arregalo meus olhos para ela, gesticulando em direção à porta. Esta é uma conversa que eu não quero que minha mãe ouça. — Grita um pouco mais alto!

Valen sorri, fechando os lábios e jogando fora uma chave invisível. — Prossiga. — ela sussurra.

Respirando fundo, decido contar tudo a ela. Conto a ela sobre a noite do funeral, quando quase lhe dei minha virgindade. Eu digo a ela como eu disse a ele que o amava, e ele me disse para sair. Eu digo a ela sobre ver Taylor lá em seu quarto mais tarde naquela noite. Falo sobre as suspeitas em torno da morte de Danny, sobre o comportamento estranho de Grey e sobre como Holden e Thayer acham que ele pode ter algo a ver com isso. Tudo o que tenho escondido derrama-se como uma banheira transbordando, mas não consigo parar.

Valen passa por todas as emoções enquanto eu vomito minha diarreia verbal, e quando eu termino, tudo o que ela faz é me puxar para um abraço.

— Eu deixei Valentina Solorio sem palavras. — Eu meio que rio no suéter dela.

— Você deveria ter me dito.

— Eu sei.

— Mas eu entendo por que você não fez.

Eu ouço o riso abafado de Valen e me afasto, olhando para ela com as sobrancelhas levantadas em questão.

— Sinto muito. — diz ela, balançando a cabeça. — Isso apenas faz

meu coração mesquinho tão feliz. Taylor vai *morrer* quando descobrir.

— Valen! Você não ouviu nada do que eu disse? Ela não vai descobrir. Não há nada *a* descobrir.

— Por quê? Não é mais como se ele fosse seu meio-irmão. E mesmo que ele fosse... — ela interrompe, um brilho diabólico em seus olhos.

Reviro os olhos, caindo de volta no meu travesseiro. — É complicado.

— Então descomplica. — diz ela simplesmente.

— Eu não sei se é possível. — Eu queria que fosse. Eu gostaria que pudéssemos deixar de lado as mentiras, segredos e mágoas entre nós. Eu gostaria que pudéssemos guardar nossas espadas e nos dar uma chance. Mas esse tipo de otimismo pertencia à garota que confessou seu amor pelo garoto no celeiro, apenas para ter o coração partido. Aquela garota aprendeu a lição.

Valen solta um suspiro, caindo de volta no travesseiro ao meu lado. Nós duas olhamos para o teto, perdidas em pensamentos.

— Vamos conversar sobre outra coisa. — eu digo.

— Eu acho que Liam vai terminar comigo. — Seu tom é casual, traindo a tristeza que sei que ela deve sentir.

— O quê? — Eu pergunto, rolando para o meu lado para encará-la. — Por que você acha isso?

Ela mantém os olhos focados no teto. — Eu não sei. É apenas um sentimento, sabe? Estamos nos afastando. Mal falamos mais ao telefone. Ele não veio me ver nos últimos dois fins de semana.

— Talvez ele esteja apenas ocupado. — ofereço. — Ele é louco por você.

— Ou talvez ele esteja cercado por universitárias gostosas e ele não esteja mais tão interessado em mim.

Eu dou uma risada. — Você está brincando certo? Não há um homem entre doze e duzentos anos que não queira você.

— Sim, por uma noite.

Quando percebo que ela está falando sério, o sorriso cai do meu rosto. Valen é linda, confiante e forte, e ela sabe disso. É diferente ela deixar um garoto entrar na cabeça dela assim. Sua repentina demonstração de insegurança me pega desprevenida, mas também me conforta de uma maneira estranha. Todos nós temos nossa própria merda.

— Então vá até ele. Surpreenda-o e passe o fim de semana com ele. Mostre a ele o que está perdendo.

Valen morde o lábio, considerando isso antes de virar a cabeça para olhar para mim, um sorriso se espalhando por seu rosto. — Eu tenho uma lingerie nova que eu estava esperando para usar.

— Não é exatamente para onde eu estava indo com isso, mas

também funciona. — Eu rio.

— Ok. Chega de sentir pena de nós mesmas. — Valen se senta, puxando meu braço para me trazer com ela. — Você vai tomar banho. Vou pedir pizza e depois assistiremos ao documentário do serial killer que você está tentando me forçar a ver.

— Quem precisa de namorados quando sua melhor amiga sabe o caminho até o seu coração?

Eu pulo da cama e ela bate na minha bunda.

— Realmente triste que essa seja sua ideia de um bom momento. Mas de nada.

CAPÍTULO 22

Shayne

Eu corro escadas abaixo, parando na cozinha para pegar um muffin antes de sair para a escola. Minha mãe está no balcão, de costas para mim, caneca de café em uma mão e o telefone no ouvido, falando em voz baixa. Eu diminuo meus passos, tentando não alertá-la para a minha presença.

— Não é a hora certa. — diz ela, parecendo exasperada. — Eles tiveram um ano difícil. Todos eles. Eles agora estão encontrando seu novo *normal*.

Com quem ela está falando? Ela faz uma pausa e meu ritmo cardíaco acelera com suas palavras enigmáticas, como se tivesse informações que ainda não estou a par.

— Não depende apenas de você. Outra pausa.

— O que você espera que eu faça? Trancá-la em seu quarto? — Ela sussurra. — Ela é uma adolescente, August.

August? *Ótimo*. Ele provavelmente está me denunciando pela outra noite. Eu reviro meus olhos. Que amigo.

— Mãe, eu já estou indo! — Eu chamo enquanto tiro um bolinho de mirtilo do recipiente de plástico no balcão. Ela se vira para me encarar e eu aceno rapidamente para ela antes de me virar para sair. Ela sai do

telefone, dizendo a August que eles continuarão a conversa mais tarde e depois está chamando meu nome.

— Shayne, espere!

Meus ombros ficam tensos quando eu lentamente me viro, pronta para a palestra que certamente virá.

— Eu sei que você tem muita coisa acontecendo na escola e no vôlei, mas eu poderia precisar da sua ajuda para limpar alguns dos quartos no andar de cima.

Eu não estava esperando isso. — Ok.

— Quanto mais cedo pudermos limpar este lugar, mais cedo eu posso vendê-lo.

Isso me dá uma pausa. — Vender? Por que você venderia?

— Por que não? — Ela pergunta, como se esse fosse seu plano o tempo todo. — Grey está vivendo por conta própria. Você vai para a faculdade em breve. — Ela olha em volta. — Este lugar é muito grande e com muita responsabilidade apenas para mim.

— É isso que você quer? — Eu sei que o relacionamento da minha mãe com os pais dela era difícil, mas esse é o lar de sua infância. Ela tem que ter algum apego a isso. — Esta casa não tem nenhum valor sentimental para mim, mas esta cidade sim, e a perspectiva de não ter um motivo para voltar faz meu estômago se revirar.

Ela encolhe os ombros. — É realmente minha única opção, Shayne. Vou vender a casa para algum idiota rico, fazer você entrar na faculdade e comprar uma bela casa de três quartos em algum lugar entre você e Grey.

Eu aceno. — Ok. Bem, vou me atrasar. — digo, levantando o polegar por cima do ombro. — Conversamos depois?

— Vá, vá. — diz ela, colando um sorriso no rosto. — Estarei no seu jogo hoje à noite.

Eu quase esqueci que tinha um jogo.

— Há um jogo, certo? — Ela olha para o telefone, tocando na tela. — Eu poderia jurar que era hoje.

— Não, é hoje. Vejo você hoje à noite então.

O telefone dela toca novamente e ela me acena antes de voltar para a cozinha. Eu ando até o meu carro, pulo para dentro e ligo o motor, minha mente indo em 27 direções. Por um capricho, tento ligar para Grey novamente enquanto estou saindo da garagem. Talvez ele atenda desta vez.

Sem surpresa, ele não atende.

— Idiota. — murmuro, jogando meu telefone no banco do passageiro.

Começo a dirigir, batendo os dedos no volante. Eu não quero ir para a escola hoje. Eu quero respostas.

Foda-se.

Viro à esquerda em vez de à direita e pego a estrada.



Uma parada para abastecer, tomar um café e uma hora e treze minutos depois chego ao campus de Grey. Eu só estive aqui uma vez com minha mãe para ajudar Grey a se mudar, então eu não tinha certeza se me lembraria de como encontrar seu dormitório, mas sim, o encontrei.

Eu estou na frente da porta dele, de repente nervosa. Balanço a cabeça, me castigando internamente. *Este é seu irmão, idiota*. Aquele que aprendeu a trançar meu cabelo para o voleibol quando minha mãe estava fora da cidade para trabalhar. Aquele que sempre me dava uma colher extra de açúcar mascavo na minha aveia porque sabia que eu amava. Aquele que sempre me apoiou, não importa as circunstâncias.

Respirando fundo, levanto meu punho para bater na porta. Não ouço nada, então bato de novo, desta vez mais alto, inclinando-me para ouvir.

— Calma, porra. — a voz do meu irmão chama, soando menos do que satisfeita. Eu o ouço andando ao redor, e então a maçaneta está girando. — Eu disse para você parar de deixar sua chave aqui... oh! — Ele

para quando percebe que sou eu e não seu companheiro de quarto.

Parece que ele acabou de sair da cama. Seu cabelo está bagunçado, a barba por fazer por mais tempo do que eu já vi antes.

— Surpresa. — digo fracamente, agachando-me debaixo do braço que mantém a porta aberta.

Ele me segue em seu dormitório, chutando a porta atrás de si. — Você não deveria estar na aula?

— Você não? — Eu jogo de volta.

— Touché. — Ele coça o queixo, desconfortável. — O que você está fazendo aqui, Shayne? — Ele volta para a cama e se joga na beira dela. Garrafas de cerveja e recipientes de comida cobrem o chão e todas as superfícies do lado dele. Do outro lado da sala, há uma cama combinada e alguns recipientes de armazenamento com rodas embaixo, uma mesa que deve ser para os dois e não muito mais.

Eu ando e paro de pé na frente dele, braços cruzados sobre o peito. — Eu tenho ligado para você. Muito.

— Eu estive ocupado.

— Sim, então você viu. O que está havendo com você?

— Não há nada.

— Juro por Deus, Grey, se você mentir para mim mais uma vez. Você não atende às minhas ligações, mal responde às mensagens de texto e

não põe os pés em Sawyer Point há quase um ano. Mesmo antes de voltarmos para Sawyer Point, você raramente nos visitava.

— Por que eu faria? Não há mais nada naquela cidade para mim.

Ai. — Obrigada.

— Droga, Shayne, não foi isso que eu quis dizer.

— Então o que você quis dizer? Porque você me abandonou quando eu mais precisei de você.

Os olhos de Grey estão cheios de preocupação quando ele olha para mim. — Como assim? — Eu paro de andar. — O que há de errado?

Nas semanas que se seguiram à morte de Danny, Grey já havia saído, física e mentalmente, antes mesmo de sairmos de Whittemore. Ele voltou para a escola, então não faz ideia do que aconteceu durante esse tempo.

— Danny morreu, mamãe e August se separaram e você foi embora. E agora...

— Agora o quê?

— Agora eu só estou... sozinha. — Parece patético até para meus próprios ouvidos, mas eu continuo. — Mamãe está escondendo alguma coisa. Você nunca mais falou comigo. Todo mundo está guardando segredos. Eu tive que voltar para a cidade onde todos os meus velhos amigos me odeiam.

— Retrocede. O que há com a mamãe?

Eu reviro meus olhos. Claro que essa é a parte da história em que ele se concentrará. — Eu não sei. Você conhece aquela coisa estranha que ela faz quando está mentindo?

Ele concorda.

— Ela tem feito muito. E eu a vi com um cara qualquer há algumas semanas, parecendo bastante próxima. Ainda esta manhã ela estava sussurrando no telefone com August.

Suas sobrancelhas franzem em pensamento enquanto ele tira uma camiseta descartada do chão e a puxa sobre sua cabeça. — Não vejo como esse é exatamente um caso de FBI, Shayne.

— Não é só isso. — eu digo, me sentindo frustrada. Grey se move pela sala, passando um pouco de desodorante debaixo dos braços, depois pega o chapéu da mesinha ao lado da cama. — Eu não consigo explicar. Eu sinto que há algo acontecendo que não sabemos.

Grey continua se movendo pela sala, olhando para qualquer lugar, menos na minha direção enquanto ele recolhe suas chaves e carteira. Seu comportamento cauteloso está começando a me fazer sentir tensa.

— Você teve uma briga com Danny? — Eu pergunto à queima-roupa. Tempos cinzentos e um sentimento desconfortável sobem pela minha espinha. — Na noite em que ele morreu. — esclareço.

— Onde você ouviu isso? — Ele pergunta, seu tom defensivo, seus olhos castanhos finalmente encontrando os meus.

— Thayer mencionou.

— Você ainda está conversando com Thayer? — As sobrancelhas dele se erguem.

— Por que não?

— Eu não quero você perto dele. Ou qualquer um deles.

Eu dou uma risada amarga. — Isso é forte, vindo de alguém que nem se dá ao trabalho de retornar uma ligação. — Eles estiveram lá para mim mais do que ele no ano passado, o que é realmente algo considerando que éramos inimigos apenas três segundos atrás.

— Me desculpe, ok? — Ele grita. — Eu estava passando por minha própria merda, preso na minha cabeça, e não sabia que você também passaria por isso.

— Apenas me diga o que aconteceu naquela noite.

— Eu não posso.

Balanço a cabeça, decepção rolando de cima de mim em ondas. — Diga-me que você não teve nada a ver com isso.

— O quê? — Ele grita, levantando a cabeça para encontrar os meus olhos, e eu vejo a conclusão neles. — É por isso que você está aqui? Você acha que *eu* matei Danny?

— Não. — eu digo, considerando minhas palavras e quanto dizer a ele. Eu decido sair e apenas dizer, porque já faz quase um ano de sigilo, e todo mundo sabe que os segredos só podem se esconder no escuro. É hora de lançar alguma luz. — Mas alguém fez.

— Explique.

— Thayer e Holden acham que alguém empurrou Danny. E que outra pessoa está tentando encobri-lo.

— O que os faz pensar isso? — Diz passando a mão pelos cabelos castanhos claros.

— Algo não encaixava, então eles tentaram pegar uma cópia da ligação nove-um-um e está em sigilo. Eles também não querem dar o relatório da polícia.

Os olhos do meu irmão se arregalam, e ele solta um suspiro, voltando a sentar na beira da cama. — Tivemos uma discussão. Admito. Mas não foi nada sério.

— Então por que você não disse isso?

— A última vez que conversamos, estávamos brigando, e então ele simplesmente... se foi. Você sabe o quanto eu gostaria de poder voltar e mudar as coisas?

Antes que eu possa responder, sua porta se abre, assustando nós dois.

— Merda, foi mal. — diz um cara, e presumo que seja seu companheiro de quarto. — Eu vou te dar um pouco de privacidade.

— Que nojento, cara. Esta é minha irmã. Shayne, esse é Jace. Jace, minha irmã.

— Ei. — eu digo com um aceno, mal olhando para ele antes de voltar para o meu irmão. — Eu tenho que voltar. Eu tenho um jogo hoje à noite. Mas você deveria ligar para a mãe. Ela sente sua falta.

Eu me viro para sair, passando por seu colega de quarto no meu caminho para a porta. O vazio entre meu irmão e eu parece maior do que nunca, mas sua voz me para. Eu me viro, esperando ele continuar.

— Eu não fiz isso.

Concordo com a cabeça, querendo muito acreditar nele, mas sei que ele não está me dizendo algo. Eu vim aqui para respostas. Em vez disso, estou saindo ainda mais confusa do que nunca.

CAPÍTULO 23

Thayer

Estou fazendo algo que nunca pensei que faria novamente. Tudo por causa de uma pequena garota loira que está me deixando louco. Depois da noite passada, ela me deixou antes de eu acordar. *Ela me* deixou. Eu ficaria ofendido se não estivesse me divertindo tanto com a tentativa dela de ganhar vantagem. E um pouco excitado. Eu estava preparado para recuar, deixá-la voltar para mim, mas Holden mencionou que ela não estava na escola hoje. A curiosidade tomou conta de mim, então fui à sua casa, mas o seu carro não estava lá. Shayne não faltou um dia de aula em sua vida, então o que era tão importante que ela faltou hoje?

Então aqui estou eu, no ginásio da minha antiga escola, praticamente a perseguindo como um filhote de cachorro apaixonado. O logotipo no chão mudou para um tigre, mas todo o resto é o mesmo. As pessoas, as bandeiras do campeonato que revestem as paredes, o cheiro.

— Você espera que eu acredite que ela não é a razão pelo seu atrasado estado de espírito da escola? — Holden diz, acenando com a cabeça para o grupo de jogadoras de vôlei amontoadas em círculo ao redor do treinador, com os braços em volta da cintura uma da outra. Eu encontro Shayne rapidamente, graças ao fato de que ela é mais baixa do que o resto do time, incapaz de desviar meus olhos do jeito que sua bunda fica com

aqueles shorts.

Elas se separam, ocupando seus lugares na quadra. Shayne vai para o meio, curvando-se para ajustar as joelheiras, e Holden respira fundo. — Todo esse bolo e nem é meu aniversário. — Seus olhos estão colados na bunda de Shayne e aquelas coxas grossas e tonificadas que eu tinha no meu rosto ontem à noite.

Engulo em seco, forçando-me a não reagir, quando tudo o que quero fazer é nocautear o rabo dele por sequer olhar para ela. Ele está me testando, me observando e esperando por uma reação, então eu não dou a ele. Eu não perguntei por que ele queria ir a um jogo de vôlei feminino e ele não perguntou por que eu me ofereci para ir com ele. Contanto que ele não esteja tentando ter uma oportunidade com Shayne, eu não dou a mínima para o motivo dele.

— Venha. — Enfio as mãos nos bolsos da frente, caminhando até uma fila vazia em direção à parte de trás das arquibancadas, evitando os olhares e sussurros quando passamos pelo grupo de líderes de torcida sentadas juntas na frente, provavelmente passando o tempo antes do jogo de futebol. Vir aqui foi uma má ideia por mais de um motivo. Não é difícil alguém juntar dois e dois, especialmente quando não consigo tirar os olhos de Shayne por mais de dois segundos.

É barulhento *pra caralho*, mas abafo o som de assobios sendo tocados, pessoas aplaudindo, ordens sendo gritadas pelo treinador e tênis

deslizando no chão da quadra enquanto vejo Shayne fazendo suas coisas. Eu sempre soube que ela era boa pelo quanto jogava, mas nunca a vi em ação até agora.

A garota do outro time saca, e a bola chega em Shayne rapidamente. Ela estende os braços, as palmas das mãos juntas, mas é tarde demais. A bola a atinge bem na clavícula, e ela cai de bunda. O apito soa e seus companheiros de equipe correm para ajudá-la a se levantar. Ela acena, voltando à posição com as mãos apoiadas nos joelhos dobrados. Seus olhos estreitam, como se desafiassem a garota do outro time, e ela estica o pescoço de um lado para o outro. A bola volta mais rápido, mas desta vez Shayne está pronta. Ela leva a bola para o levantador que a empurra para outra garota que depois a arremessa por um ponto. Então Shayne está de volta, cobrindo em caso de bloqueio.

Ela sorri, um olhar que irradia superioridade em seu rosto enquanto cumprimenta suas companheiras de equipe.

Meu pau pula nas minhas calças. Porra, isso é quente. Não estou ansioso para me sentar aqui com meu pau meio duro.

Finalmente, elas vencem o jogo. As líderes de torcida se levantam, juntando seus pompons e, em seguida, Holden coloca uma das mãos no meu ombro.

— Encontro você em casa. — diz ele, pulando antes de correr pelas arquibancadas. Ele vai direto para as líderes de torcida, que ficam

emocionadas em vê-lo. Exceto por uma. Valen torce o nariz quando ele diz algo para ela, e então ela levanta o dedo médio antes de ir embora. *Boa sorte com isso*.

A equipe de vôlei se dispersa para encontrar sua família ou amigos depois de conversar com seu treinador. Shayne morde o lábio, pressionando os dedos dos pés para examinar as arquibancadas. Eu vejo o minuto em que ela percebe que sua mãe não está aqui, seus ombros caídos. Um pouco da emoção escoa de seus olhos, mas ela esconde sua decepção em tempo recorde. Ela olha em volta, como se para garantir que ninguém capte o flash da vulnerabilidade, mas eu sou o único que vê. Eu provavelmente sou o único que a viu. A versão dela que importa, de qualquer maneira. Algo atormenta minha consciência vendo a coisa toda acontecer, mas eu a guardo.

Shayne vai para o saguão, então eu sigo o exemplo, ficando longe o suficiente para que ela não note minha presença. Quando ela entra no vestiário das meninas, eu passo para trás, esperando que todos saiam. Depois de dez minutos inteiros sem que ninguém entre ou saia, inspeciono meus arredores para me certificar de que estou sozinho antes de me esconder.

Vejo Shayne em pé na frente de um armário, de costas para mim, enrolada em uma toalha. Seu cabelo está preso no alto da cabeça, mechas molhadas grudam no pescoço, mas o resto está seco. Jogando a toalha dentro do armário, ela se inclina para puxar uma calcinha branca pelas

pernas. Meu pau pula com a visão enquanto eu diminuo a distância entre nós sem fazer barulho. Uma vez que ela está ao alcance do meu braço, eu a puxo para mim, envolvendo meus braços em volta da sua cintura por trás. Ela grita, tentando se soltar, e eu cubro a boca dela com a palma da minha mão.

— Shh. — eu sussurro, e o corpo de Shayne perde parte de sua tensão quando ela percebe que sou eu. Coloco meus lábios no pescoço dela, sugando a pele macia na boca antes de lamber. Ela estremece, inclinando a cabeça para o lado para me dar um melhor acesso. — Você está me evitando.

Ela tira minha mão da sua boca. — Você sentiu minha falta. — ela acusa.

Eu a giro, estendendo a mão para pegar sua bunda, segurando-a com força. — Eu senti falta *disso*.

Seus seios nus estão pressionados contra o meu estômago enquanto ela olha para mim com olhos indagadores. — O que você está fazendo aqui?

— Eu assisti você jogar. — eu digo, evitando a pergunta dela principalmente porque eu não sei como diabos responder. Eu nem sei a resposta.

— Você viu? — As sobrancelhas dela se juntam em confusão. Eu aceno. — Você é meio durona.

Sua expressão presunçosa rapidamente dá lugar a surpresa quando eu a levanto e a prendo contra o armário. Suas pernas envolvem minha

cintura enquanto seus braços circundam meu pescoço.

— Eu estava duro o tempo todo. — digo, empurrando meus quadris contra ela para ilustrar meu argumento.

Shayne solta um pequeno gemido, seus olhos caindo na minha boca. Ela quer me beijar. E eu deveria ir embora agora, terminar isso antes que a merda fique mais bagunçada do que já está. Em vez disso, estou me aproximando, apoiando uma mão no armário acima da cabeça dela. Sua língua umedece os lábios enquanto seus dedos deslizam para cima do meu cabelo, me puxando para mais perto. Seus lábios carnudos cruzam os meus, e então sinto sua língua chocar contra meus piercings no canto dos meus lábios. Eu gemo, empurrando seu calor, querendo puxar sua calcinha para o lado e transar com ela aqui e agora.

A boca de Shayne se move contra a minha, sua língua deslizando timidamente para dentro a princípio, mas então seus braços se apertam em volta do meu pescoço, suas coxas me apertando enquanto ela aprofunda o beijo. Entro em ação, beijando-a com força, mas lentamente, enquanto ela aperta sua boceta contra a protuberância nas minhas calças.

Enganchando minhas mãos debaixo de suas coxas, eu a acompanho até o banco entre as fileiras de armários, trazendo-a para cima de mim. Ela não perde o ritmo, trazendo as palmas para os dois lados do meu rosto enquanto sua boca se move contra mim, seus quadris se movendo para frente. Seus movimentos são confiantes e é quente *pra caralho* vê-la assim,

tirando o que ela precisa de mim, mas se ela não parar em breve, eu vou explodir minha porra como um estudante do ensino médio na sua primeira vez.

De repente o som da porta se abrindo e batendo ecoa pelo vestiário, fazendo com que nós dois congelássemos, os olhos de Shayne se arregalam de pânico. Quando não ouvimos mais nada por alguns segundos, eu a levanto, depois me levanto do banco.

— E se alguém nos visse? — ela sussurra.

É por isso que devo ficar longe dela. Não importa o quanto eu queira odiá-la, não importa o quanto eu queira culpá-la, minha necessidade por ela é mais forte. Sempre foi.

— Está tudo bem.

— Está tudo bem? — Ela repete incrédula, enfiando a mão no armário para puxar uma camisa por cima da cabeça. — Tudo bem que alguém possa ter me visto nua em cima do meu ex-meio-irmão?

— Eu vou cuidar disso.

Ela zomba, puxando uma calça de moletom e uma jaqueta da bolsa dentro de seu armário.

— Você pegou meu moletom? — Eu pergunto, lembrando que desapareceu na manhã em que ela escapou da minha cama.

Ela fecha a porta do armário, virando-se para encontrar meus

olhos.

— Eu não tive muita escolha. — diz na defensiva.

— Eu preciso dela de volta.

— Tudo bem.

CAPÍTULO 24

Shayne

— **E**stá tudo bem? — Thomas pergunta, olhando para as minhas últimas anotações como se estivesse lendo o manifesto de um homem que planeja explodir uma cidade inteira, em vez das divagações adolescentes angustiantes que são.

— Tudo bem. — eu digo com falsa alegria. Ultimamente não tenho muito a dizer. Então me processe. Seus olhos demoram um pouco demais em uma página classificada como X, então eu impacientemente estendo a palma da mão, limpando a garganta.

— Certo. — diz ela, piscando rapidamente. *Tanta coisa para não ler meus pensamentos pessoais*. Gentilmente ela coloca o diário na minha mão e eu o pego de volta, me sentindo exposta. — Vamos mudar de assunto. — ela sugere.

— Por favor.

— Faculdade.

— Ou talvez não.

— Shayne. — ela repreende, inclinando a cabeça. — Você tem opções.

— Eu sei. — asseguro a ela antes que ela lance seu discurso sobre

bolsas de estudo e ajuda financeira que sei que nem serei elegível. Todos aqui, inclusive o orientador, sabem que eu não sou como o resto das crianças na Sawyer Point High. Minha mãe pode ter vindo de dinheiro, mas ela não recebeu um centavo de seus pais. — Na verdade, eu vou visitar os campus com minha equipe na próxima semana.

As sobrancelhas dela se erguem, surpresa. — Perfeito. Mais alguma coisa que você queira conversar?

— Não.

— Então eu vou te ver em duas semanas.

Enfio meu diário na bolsa, depois dou de ombros enquanto saio pelo corredor. Nossa reunião terminou um pouco tarde, então a maioria dos alunos já voltou para a aula depois do almoço, mas quando viro a esquina, vejo Christian e Baker discutindo em voz baixa. Dou um passo para trás, espiando pela parede. Christian segura o colarinho de Baker, empurrando-o contra um armário. Por um segundo, acho que ele vai bater nele, mas depois o solta, dando um passo atrás. Baker o empurra para longe, ajeitando a camisa.

— Não esqueça quem fez de você quem você é. — ameaça Christian. — Você não está fodendo *nada*. Eu posso derrubá-lo com a mesma rapidez.

— Digo o mesmo. — Baker zomba.

De repente uma porta da classe bate atrás de mim, chamando sua

atenção. Dois pares de olhos furiosos se fixam nos meus, e eu sei que fui descoberta. Não me importo em fingir o contrário. Christian aperta o maxilar, olhando na minha direção, e então ele está indo na direção oposta. Baker hesita, me encarando com um olhar que não consigo decodificar antes de desaparecer na sala de aula à direita dos armários.

Que diabos foi isso? A amizade deles nunca fez sentido para mim, e isso só aumenta minha confusão.

Corro para o meu último período, silenciosamente entrando na aula e tomando a mesa vazia ao lado de Holden, que me dá uma piscada. Eu me pergunto se ele está entendendo o que está acontecendo com Christian e Baker, ou se ele está no escuro como eu. Faço uma anotação mental para perguntar a ele mais tarde.

Uma hora depois a campainha toca e Holden e eu saímos da aula juntos. Valen está animada, e eu não vou vê-la hoje à noite, então vamos direto para o estacionamento dos estudantes.

— Oh, eu quase esqueci. — diz Holden, parando. Eu paro também, olhando para ele com expectativa. Ele enfia a mão no bolso antes de mostrar um pequeno pacote de tecido preto e depois o pendura no dedo indicador. — Eu acho que isso pertence a você.

Minhas bochechas queimam quando percebo que ele está segurando meu short da outra noite e minha mão dispara para arrancá-lo dele. — Que diabos! — Enfio-os na minha mochila, olhando ao redor para me

certificar de que ninguém mais viu Holden Ames me entregando o que certamente parecerá ser minha calcinha para os espectadores.

— O quê? — Ele pergunta com fingida sinceridade. — Encontrei esse menino mau enfiado na almofada do sofá. Pensei que você poderia querer ele de volta.

Eu aperto meus lábios, caminhando rápido em direção ao meu carro, e ouço sua risada atrás de mim.

— Vamos lá, Shayne. — Ele ri, me alcançando.

— Você é um idiota.

— É engraçado, no entanto. Não me lembro de você tirar a roupa no meu sofá. Parece algo que eu lembraria. — Ele arqueia uma sobrancelha escura, seus olhos percorrendo meu corpo. — Será que um certo filme deixou todo mundo excitado?

Eu bufo. — Como você gostaria...

— Quero dizer, eu entendi. Também me esquentou, mas da próxima vez não espere que eu desmaie antes de cuidar disso. Estou mais do que feliz em prestar meus serviços.

— Deus, você é nojento. — eu digo, revirando os olhos, aliviada e envergonhada por ele pensar que eu me masturbei no sofá enquanto ele estava dormindo, em vez de ficar com o seu irmão.

— Faz parte do meu charme. — diz ele, segurando seu peito.

Ele tem razão.

Em um tom sério... ele diz enquanto eu pulo no banco do motorista. Ele fica entre mim e a porta, uma mão apoiada no topo do meu carro. — Semana que vem.

É tudo o que ele tem a dizer. Na próxima semana é o aniversário de um ano da morte de Danny. Às vezes parece que uma vida inteira passou, e outras vezes apenas alguns segundos. Concordo com a cabeça, esperando que ele continue.

— A escola está planejando alguma coisa em homenagem a Danny. Não sei se você tem um jogo ou o que quer que seja.

— Não seja idiota, Holden. Claro que estarei lá. — Eu pego sua camisa, puxando-o para um abraço. Ele prende os dois braços em volta da minha cabeça, me segurando no peito, o perfume de sua colônia e desodorante me sufocando.

— Ok, ok. — eu digo, empurrando-o, e então ele está bagunçando meu cabelo com a palma da mão pesada antes de fechar minha porta e ir embora.

Talvez seja o aniversário de Danny. Talvez seja o fato de que, pela primeira vez em muito tempo, sinto que tenho um pedaço da minha família de volta, mas em vez de me sentir feliz ou contente, sinto como se estivesse esperando que tudo ocorresse de novo.

É apenas uma questão de tempo.

CAPÍTULO 25

Thayer

— **E**ntão, eu devo esperar você aqui o tempo todo agora? — Meu pai pergunta enquanto atravesso a porta da frente, antes mesmo de ter a chance de deixar as chaves.

— Alguma coisa em mente, velho? Não estou com disposição para essa merda. — Eu passo a mão pelo meu cabelo, sacudindo a chuva.

Ele coloca dois dedos de uísque em um copo, pousando a garrafa com um baque alto contra a bancada. Dou uma olhada em seus olhos injetados de sangue e sei que ele já bebeu mais alguns antes desse. Ele nunca esteve por perto, e eu preferi assim, mas desde a morte de Danny, ele está aqui menos ainda. Nas raras ocasiões em que ele está por perto, ele está bêbado, não que eu o culpe. Sua esposa abandonou ele e seus filhos, e então o filho favorito morreu. Isso não inclui incontáveis relacionamentos e um compromisso fracassado. A vida não foi exatamente fácil para ele.

— Só que ultimamente você está muito em casa para alguém que vai para a escola com o meu dinheiro.

— Está tudo sob controle. — Eu mantenho a calma, sabendo que isso poderia facilmente se transformar em uma explosão para a qual eu não tenho energia, depois viro para as escadas.

— Você acha?

Eu paro no meio do caminho, olhando para ele por cima do ombro. — Se você está tentando dizer algo, diga. Eu não tenho a noite toda.

Ele se move ao redor do balcão, avançando em mim. — Estou dizendo que você não vai continuar jogando sua vida fora enquanto estiver embaixo do meu teto. Começando após o memorial. Você vai para a aula. Você arruma suas coisas. Ou você vai embora.

— E se eu não fizer? — Eu desafio.

— Então vou cortar o seu dinheiro.

Um sorriso lento se espalha pelo meu rosto. — Se você acha que o dinheiro é o que me motiva, você claramente não me conhece.

— Não dando a ele a chance de responder, eu giro os calcanhares, indo para a porta.

— Para onde você vai?

— Você quer que eu vá embora? Estou indo.

Sua expressão chocada é a última coisa que vejo antes de bater a porta atrás de mim, saindo na chuva. Ele realmente pensou que poderia usar o dinheiro para conseguir o que queria? Por que diabos ele de repente tem um problema com a minha presença aqui, afinal? Dinheiro não é um fator. Eu sei disso. Minha mensalidade não era nada para ele. Talvez ele saiba mais sobre Danny do que está revelando, e ele não quer que eu esteja xeretando.

Quem diabos sabe?

Trovões retumbam ao longe, e eu sei onde quero estar. Antes que eu possa pensar melhor, ignoro meu carro, entrando na floresta. O Hellcat é barulhento *pra caralho*, e eu não quero acordar a mãe dela. Pego meu telefone, usando-o para iluminar meu caminho através das árvores escuras, a árvore onde caiu o raio, o celeiro e, finalmente, até a beira da propriedade onde fica a casa da sua avó.

O carro de Shayne e o jipe de sua mãe estão na garagem, então eu vou até à janela de Shayne ao lado da casa. Enfio meu telefone no bolso coloco os dedos nas bordas frias de metal da tela molhada, abrindo facilmente. Erguendo-me, balanço minha perna pela janela aberta e levanto, minhas botas molhadas deixando uma poça no chão. A luz da lua mal passa por entre as árvores, apenas o suficiente para eu ver sua forma adormecida. Ela está de costas para mim, com uma perna nua e bronzeada presa por cima dos cobertores.

Sem pensar nas consequências, tiro as botas e a roupa até estar só com a minha boxer. Tentando manter meus passos leves, deslizo na cama atrás dela, enrolando meu braço em volta de sua cintura.

— Thayer. — ela diz meu nome em um gemido sonolento. O fato de ela me conhecer, mesmo dormindo, é suficiente para meu pau começar a ficar duro. Eu a puxo para mais perto até que suas costas estejam niveladas na minha frente, sua pele quente aquecendo meu peito frio. Ela geme com a

sensação, totalmente acordada agora, seu corpo tenso contra mim.

— Sou eu. — eu digo rapidamente, não querendo que ela grite e acorde sua mãe.

— Thayer? — Ela pergunta, sua voz rouca de sono enquanto ela se vira para mim. — O que você está fazendo aqui? — Ela se senta e o cobertor cai, revelando seu corpo. Ela está vestindo nada além de uma camiseta branca e calcinha. Mesmo no escuro, eu posso ver o contorno de seus piercings nos mamilos.

— Eu não sei. — eu digo, dando-lhe a resposta honesta.

— Você está bem? — Suas sobrancelhas franzem e ela passa a mão pelo cabelo selvagem para afastá-lo do rosto.

Eu não respondo. Coloco minha mão atrás de sua coxa, levando-a a levantar o joelho para me montar. Rolo de costas, alisando as mãos na parte superior de suas coxas, vendo seus mamilos endurecerem sob o tecido fino. Eu posso sentir o calor de sua boceta através da calcinha enquanto ela se mexe contra mim um pouco, mas eu aperto suas coxas, parando seus movimentos.

Ela faz beicinho, olhando para mim.

— Venha aqui. — eu digo, minha voz de repente grossa. Ela se reposiciona, suas pernas retas entre as minhas, seu rosto centímetros acima de mim. Deslizo minha mão em seus cabelos, trazendo sua boca para a minha. Os lábios de Shayne se separam em um gemido, sua língua deslizando

contra a minha. Suas mãos chegam ao meu rosto, uma perna subindo no meu quadril em um esforço para se aproximar. Eu seguro seus quadris que balançam contra mim, tentando ignorar que eu poderia estar dentro dela com alguns ajustes rápidos. Meus polegares esfregam a pele exposta acima da cintura de sua calcinha, e ela chupa minha língua, fazendo meu pau inchar ainda mais.

— Pare. — eu digo, interrompendo o beijo, demonstrando um autocontrole que eu não sabia que possuía. Shayne se afasta, a confusão brilhando em seus olhos. — Eu não vim para isso.

— Então para que você veio? — Ela sussurra.

Eu não sei. Eu não sei como dizer a ela que eu só queria estar perto dela. Ser egoísta por uma noite antes de voltarmos ao nosso jogo de gato e rato. Em vez de dizer qualquer coisa, saio de baixo dela, depois rolo para o meu lado, trazendo-a de volta para minha frente novamente. Enfio o braço direito sob o travesseiro, embaixo da cabeça, depois coloco a mão esquerda no seu estômago, segurando-a perto. Eu posso sentir seu coração batendo, sua respiração ainda irregular, mas lentamente sinto a tensão deixar seu corpo, sua respiração voltando ao normal.

Eu passo os meus piercings labiais para frente e para trás em sua pele, do pescoço até a ponta do ombro nu, amando o jeito que ela estremece e se derrete em mim.

— Como você sabia que minha janela estaria aberta?

— Ela murmura, sua voz me dizendo que está prestes a adormecer.

— Está chovendo. Você sempre deixa sua janela aberta quando chove.

CAPÍTULO 26

Shayne

Eu olho para o meu telefone, desejando que brilhe, com uma resposta de Grey. Eu mandei uma mensagem para ele sobre a cerimônia memorial de Danny, e ele disse que pensaria. Eu realmente pensei que ele apareceria, e acho que Thayer e Holden estão usando a presença dele, ou a falta dela, para determinar se ele está escondendo algo ou não. Se ele é culpado de alguma coisa, ele não ousaria mostrar seu rosto. *Ele faria isso?* Eu conheço meu irmão. Eu sei que ele não machucaria ninguém, muito menos Danny, mas e se ele *souber* alguma coisa? Seu comportamento suspeito está ficando cada vez mais difícil de justificar, não apenas para Thayer e Holden, mas para mim mesma. E o fato de eu estar duvidando dele, por sua vez, *me* faz sentir culpada.

— Nada ainda? — Valen pergunta, olhando por cima do ombro para o meu telefone.

Balanço a cabeça, enfiando o telefone no bolso enquanto August se dirige ao palco no topo da escada do lado de fora da entrada da escola. Thayer, Holden e William estão sentados atrás do palco, junto com Christian e seus pais, Samuel e Elyse. Eu só vi Samuel algumas vezes em várias reuniões de família, mas acho que nunca tivemos uma conversa real. Ele é alto e imponente, como o resto dos homens de Ames, mas parece mais

acessível que August e William. Talvez seja devido ao fato de ele realmente sorrir. O povo de Sawyer Point deve amá-lo, visto que ele é uma autoridade eleita.

Sinto uma gota nas costas da minha mão, mas o cheiro da chuva iminente me deu a volta há vinte minutos. A família Ames está protegida pelo toldo, mas o resto da cidade se amontoa, compartilhando guarda-chuvas com as pessoas que vieram preparadas. A orquestra da escola toca uma peça clássica triste quando dois alunos distribuem castiçais brancos para que todos possam segurar.

Olho para Thayer, que consegue parecer ao mesmo tempo letal e elegante em seu casaco de lã com uma camisa e uma gravata por baixo, enquanto eu uso minha jaqueta Sherpa bege de tamanho grande, calcas pretas e Adidas, e me sinto malvestida. Eu gostaria de ter usado algo mais apropriado para a ocasião. Sempre um pouco rebelde, seu cabelo ainda está desgrenhado, despenteado daquela maneira perfeitamente imperfeita, e ele mantém seus piercings. Seu rosto está vazio, sem emoção, mas seus olhos tristes o denunciam.

Como se ele pudesse ouvir meus pensamentos, seus olhos examinam a multidão, me procurando. Ele segura meu olhar e eu tento *lhe* dar um sorriso tranquilizador. Eu sei que ele não está ansioso por isso. Se há duas coisas que Thayer odeia, é ser o centro das atenções e das emoções. Adicione o motivo desta reunião e é a tempestade de merda perfeita.

O braço estendido de Valen aparece na minha frente, entregando-me uma vela acesa com um papel ao redor para pegar a cera, afastando minha atenção de Thayer.

— Obrigada.

Eu me viro, procurando por Grey mais uma vez, mas no fundo eu sei que ele não vem. No entanto, vejo minha mãe por perto, e ela levanta a mão, me dando um aceno discreto com os dedos, ainda em seu traje de aeromoça. Ela fez um voo rápido hoje, mas sai amanhã de manhã para uma longa viagem, então duvido que ela fique por muito tempo. Tem que ser desconfortável para ela mostrar seu rosto ao redor dessas pessoas, mas Danny era praticamente seu enteado, e se separar de August não muda isso.

A música termina quando a voz de August enche o ar. — Obrigado à orquestra de Sawyer Point. — diz ele antes de pigarrear. — É difícil acreditar que já faz um ano que meu filho foi tirado de mim, de todos vocês, desta terra. Daniel era uma luz nesta comunidade. Ele amava sua família e amigos, sua escola, seu jogo e, acima de tudo, seus irmãos.

As mãos de Thayer se fecham em punhos em cima de suas coxas.

— Nossa família não é a única que sofreu uma perda. — continua August. — A cidade inteira chorou conosco. Orou conosco. E, finalmente, foi o seu amor e apoio que nos fizeram superar.

Ele realmente está exagerando. Thayer também deve pensar se o jeito que ele revira os olhos é algo que deve ser seguido. Deslizo meu olhar

para Holden para encontrar uma reação semelhante. Ele balança o joelho, parecendo impaciente e está apenas começando. Christian olha para o chão, torcendo os dedos.

— Em sua homenagem, criamos o Daniel Ames Memorial Scholarship Fund. A cada ano, dois estudantes recebem uma bolsa de vinte mil dólares.

Todo mundo aplaude, mas eu luto para não revirar os olhos. As pessoas de Sawyer Point não precisam exatamente de ajuda. August levanta a mão, silenciando.

— A experiência da faculdade de Daniel foi interrompida. Espero que dessa tragédia possa surgir algo de bom. Poderemos fazer a diferença na vida dos jovens nos próximos anos e manter viva a memória de Daniel.

Mais uma salva de palmas.

— Acho que o treinador Shaw tem outra coisa que ele gostaria de anunciar.

O treinador de basquete se junta a eles. Ele aperta a mão de August antes de retornar ao lugar vazio entre Holden e William, depois sobe ao palco.

— Está começando a chover. — ele começa gesticulando para a chuva. — Então, eu vou fazer isso rápido. Danny, como o chamamos, era um jogador excepcionalmente talentoso e um garoto ainda melhor. Eu tive sorte de tê-lo no meu time e sorte de conhecê-lo. Como muitos sabem, no ano

passado, muitos de vocês pediram a aposentadoria do número de Danny.

O técnico olha para Christian e Holden, e eles tomam isso como uma sugestão para ficarem de pé. Eles andam atrás da fileira de assentos para pegar algo de uma caixa grande, depois seguem para o palco, cada um segurando um lado. Eles o sustentam no suporte, depois removem o tecido preto para revelar um grande quadro com a camisa de Daniel, com o número dezesseis abaixo do sobrenome. Algumas fotos estão alinhadas na lateral do quadro, junto com o que parece ser uma citação que não consigo ler de onde estou.

— Estou feliz em anunciar que fizemos isso acontecer. Isso ficará no lobby do ginásio. Dessa forma, um pedaço de Danny sempre estará conosco aqui em Sawyer Point High.

As pessoas aplaudem e um cara, provavelmente do time de basquete, aplaude alto antes que alguns de seus amigos se juntem. Holden e Christian trazem a camisa de volta para a caixa atrás das cadeiras antes de voltar para seus lugares. Quando o ruído diminui, uma tela do projetor à esquerda acende. Forever Young, de Bob Dylan, e uma foto de Danny quando bebê enche a tela, depois uma quando criança segurando uma bola de basquete, uma dele e Thayer na praia com talvez quatro ou cinco anos de idade, outra dos três irmãos abrindo presentes na manhã de Natal.

Quando ele chega ao ensino médio, torna-se uma linha do tempo de todos os seus prêmios e realizações, desde esportes a acadêmicos. À

medida que a música termina, as imagens se tornam mais recentes. Uma foto durante um jogo de basquete depois de marcar o ponto de vitória com as mãos no ar enquanto sua equipe corre para abraçá-lo, com a roupa de formatura. A foto de formatura. E a último é de Danny, Thayer, Holden e Christian nas cataratas, alinhados com os braços sobre os ombros um do outro. Eu lembro desse dia. Foi um dos últimos bons momentos que tivemos juntos.

Meu queixo começa a tremer quando as lágrimas que eu estou tentando evitar cair, finalmente caem, e Valen coloca o braço em volta de mim, me puxando para ela. Ela funga, e eu sei que ela está chorando também, enquanto envolvo meus braços em torno dela, com cuidado para manter a vela longe. Meus ombros começam a tremer, e eu viro minha cabeça em seu peito para esconder meu rosto. A única coisa pior do que chorar é chorar em público. Não que alguém me culpe. Não há um olho seco à vista. Ainda assim, sinto que estou sob um microscópio.

Um som alto vindo do topo da escada me faz recuar e ver Thayer se afastando, sua cadeira tombada para trás. A multidão se separa quando ele a atravessa. Eu quero segui-lo, para garantir que ele esteja bem, mas as pessoas já suspeitam de algo. Não posso arriscar levantar a suspeita de seu pai. Quando ele está passando por mim, eu pego a palma da sua mão na minha. Ele não olha para mim, mantendo o olhar para frente, mas o polegar desliza sobre o meu pulso, acariciando a cicatriz ali. A coisa toda acontece em menos de dois segundos, e então ele está indo em direção ao

estacionamento.

Holden se levanta para ir atrás dele, mas William o impede com uma mão no ombro. Ele diz algo em seu ouvido, e as narinas de Holden se abrem, ele aperta o maxilar quando senta relutante. A apresentação de slides termina e August agradece a todos por terem vindo.

Quando a multidão começa a se dispersar, apago minha vela e a entrego a Valen. — Eu vou falar com Holden.

Ela assente. — Vá. Me ligue mais tarde.

Eu *lhe* dou um abraço, vendo Holden e Christian se afastando atrás dela. Mas eles não estão indo para o estacionamento. Eles estão andando pela escola, presumo que estejam no estacionamento dos estudantes, enquanto August e Samuel são parados por pessoas que dão suas condolências e elogiam sua generosidade. Eu ando em direção a eles, mas minha mãe chama meu nome, me impedindo.

Merda. Eu esqueci que ela estava aqui.

— Onde você vai? — Ela pergunta, a preocupação gravada em suas feições. Seus olhos estão vidrados de tanto chorar, mas ela ainda parece elegante.

— Oh. — eu hesito, tentando pensar em alguma coisa. — Eu preciso pegar algo do meu armário antes que eles fechem a escola. — eu digo, passando o polegar por cima do ombro.

— Ok. Quer que eu espere por você?

— Não, tudo bem. Eu deveria me encontrar com Valen. Se estiver tudo bem para você.

Ela torce os lábios, considerando, e cada segundo parece uma hora, porque eu só quero encontrar Thayer. Mas primeiro, preciso falar com Holden.

— Certo. — Ela suspira, me puxando para um abraço. — Eu vou sair entes de você acordar, então diga que me ama. — Ela dá um tapinha no meu cabelo enquanto me segura.

— Eu te amo. — asseguro a ela. — Tenha uma boa viagem.

Quando ela sai, eu corro escada acima, em direção à escola. Felizmente, as portas ainda estão destrancadas, então eu decido atravessar o corredor e sair pela entrada dos fundos em vez de ir pelo perímetro para economizar tempo. Meus sapatos molhados rangem contra o chão, enquanto eu corro pelo corredor, e quando abro as portas traseiras, vejo o Rover de Holden saindo do estacionamento.

— Merda. — eu grito.

Pego meu telefone para mandar uma mensagem de texto para ele, mas vejo movimento à minha esquerda na minha visão periférica e olho para Christian e seu pai, Samuel, tendo o que parece ser uma discussão acalorada ao lado da Mercedes de Samuel. Escondo-me atrás de um pilar para não ser vista. O rosto de Samuel está a centímetros do de Christian, e embora eu não

possa ouvir o que ele está dizendo, sei que eles não estão discutindo sobre o clima. As mãos de Christian estão fechadas em punhos ao seu lado, sua coluna ereta, como se estivesse se segurando para não reagir.

As mãos de Samuel disparam para dar um soco em Christian, e então ele o joga contra a lateral do carro. *Jesus*. Eu não estava esperando isso. Aparentemente, ele não é tão genial quanto parece. Christian diz alguma coisa e, de repente, o punho de Samuel volta e bate no lado do rosto dele. Eu suspiro, passando a mão sobre a boca, o estômago revirando. Ele faz isso de novo e de novo, e quando Christian desliza para o lado do carro, aterrissando em uma poça no chão, Samuel o chuta no estômago, fazendo-o gemer de dor.

Eu não penso. Eu apenas reajo. Eu corro em direção a eles sem considerar as consequências. Tudo o que sei é que, se não intervir, Christian poderá se machucar gravemente. Christian me vê primeiro, seus olhos se arregalando como se estivesse me alertando para ficar fora da vista. Mesmo que eu quisesse ouvir, é tarde demais, porque Samuel percebe, virando-se para me olhar por cima do ombro com um olhar enlouquecido. Ele dá um passo atrás de Christian, alisando o paletó e estudando suas feições quando eu caio de joelhos para ajudá-lo.

— Afaste-se de mim. — Christian resmunga, apertando o estômago.

Franzo a testa, tentando colocá-lo de pé de qualquer maneira, mas

ele se afasta do meu alcance e fica por conta própria. O sangue escorre de seu lábio e ele passa as costas da mão pela boca. Levantando-me, olho entre eles. A adrenalina está fazendo meu coração bater forte nos ouvidos, a apreensão subindo pela espinha ao ver Samuel me olhando.

— Veja o que você fez. — diz Samuel a Christian antes de voltar para mim. Ele avança em mim e, instintivamente, dou um passo atrás. De repente, não estou me sentindo tão corajosa.

— Pai. — diz Christian, mas ele ignora, diminuindo a distância entre nós.

— Como você pode imaginar, tem sido um pouco de uma noite emocional. — Sua voz é calma, mas mortal, e deslizo minha mão no bolso do paletó, segurando meu chaveiro de autodefesa em forma de orelhas de gatinho que Grey me deu alguns anos atrás. — Seria uma pena se você tivesse a impressão errada de mim.

Balanço a cabeça, deslizando os dedos pelos orifícios do chaveiro, pronta para usá-lo, se necessário, mas esperando como o inferno que não chegue a isso.

— Este é um negócio de família, e tenho certeza de que não preciso lhe dizer como é imperativo que continue assim.

Olho para Christian, cujos olhos me imploram para recuar, mas endireito meus ombros, fortalecendo minha voz. — Apenas deixe-o em paz e eu não direi nada.

Samuel levanta as sobrancelhas enquanto ri, olhando para Christian. Quando ele se vira para mim, a diversão se foi, substituída pela raiva mal contida. — Muito corajoso da sua parte me dizer como lidar com meu filho.

Engulo em seco quando ele dá outro passo ameaçador em minha direção.

— Pai! — Christian grita, e desta vez sua voz é mais firme. Samuel faz uma pausa. — Ela não vai contar a ninguém. Eu cuido disso.

Samuel passa a mão pelo cabelo para alisá-lo de volta no lugar antes de voltar para o carro. — Limpe sua própria merda desta vez. — Ele cospe, colocando um dedo no peito de Christian. Sem outra palavra de nenhum deles, ele se vai, deixando-nos sozinhos no estacionamento.

— Você está bem? — Ele pergunta.

— E você?

— Estou bem. Escute, Thayer e Holden... — ele para, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

— Eles não sabem. — eu falo, terminando sua frase. Ele concorda. Começo a me perguntar como algo assim pode passar despercebido, mas então percebo que nunca suspeitei de nada e praticamente vivi com o cara. Christian fica em Whittemore com tanta frequência que ele tem seu próprio quarto lá, e eu nunca notei machucados ou ferimentos.

Talvez seja por isso que ele não gosta de ficar com os próprios pais.

— Há quanto tempo isso...

Christian balança a cabeça, me cortando. — Eu não quero falar sobre isso. Você está procurando Thayer?

— Eu estava tentando pegar uma carona com Holden. Eu vim com Valen.

— Vamos lá. — diz ele, balançando a cabeça em direção ao BMW preto no local próximo onde Samuel estava estacionado. Ele tira as chaves do bolso, estremecendo com o movimento.

— Você quer que eu dirija?

— Eu consigo. — diz ele, com um tom cortante.

Quando entramos no carro, ele liga o motor e eu puxo o cinto de segurança sobre o peito. Nenhum de nós fala quando ele sai do estacionamento, indo em direção a Whittemore.

— O que você vai dizer a eles? — Eu pergunto, referindo-me ao seu estado, todo machucado e cheio de sangue.

— Eu vou lidar com isso. — Suas mãos apertam o volante.

— Ok.

CAPÍTULO 27

Shayne

Quando chegamos em Whittemore, a primeira coisa que eu noto é que o Hellcat de Thayer não está aqui. Uma sensação estranha me atinge quando Christian estaciona o carro ao redor da fonte, parando bem nos degraus da entrada. Tirando o cinto de segurança, abro a porta e saio, mas paro quando percebo que Christian não faz nenhum movimento para se levantar.

— Você não vai entrar? — Eu apoio uma das mãos na porta, curvando-me para ver dentro do carro.

— Eu tenho que me limpar. — diz ele, apontando para o rosto. *Oh, certo.* — Diga a Holden que eu vou ligar para ele mais tarde.

Mordo o lábio, indecisa entre querer falar alguma palavra de apoio e não dizer nada, me sentindo desconfortável. Acabo decidindo: — Obrigada pela carona. — Eu me endireito, me virando para os degraus, ouvindo música antes mesmo de abrir a porta da frente. Minha mão na maçaneta quando a voz de Christian me para.

— Shayne.

Olho para ele por cima do ombro, mas ele não fala, uma expressão de conflito no rosto.

— Eu não vou dizer nada. — eu asseguro.

Ele acena com a cabeça, com o maxilar apertado.

— Mas você deveria contar a eles.

Ele sai sem responder e eu abro a porta, a música ficando mais alta. Subo as escadas na ponta dos pés, seguindo o som de "Go Fuck Yourself" para a sala do segundo andar. Não sei se August está por aqui em algum lugar, então olho pelo canto encontrando Holden com duas garotas quase nuas ajoelhadas na frente dele e uma garrafa nos lábios. Sua postura é ampla, calça ao redor dos tornozelos. Sua gravata está afrouxada e sua camisa está aberta. Uma das meninas está com o seu pau na boca, enquanto a outra dá atenção as bolas.

Eu me encolho, mas não consigo desviar o olhar, parada em algum lugar entre enojada e intrigada.

— Ei, irmãzinha. Você chegou a tempo para a festa.

A garota que está chupando seu pau se afasta, liberando-o com um barulho, mas ela não parece envergonhada pela minha presença. Uma resposta contundente está na ponta da minha língua, mas então noto a tristeza em seus olhos e a maneira como ele balança os pés. Ele não parecia bêbado no memorial. Ele conseguiu beber tanto assim dentro dos vinte minutos que levou para que eu chegasse aqui?

— Onde está seu irmão? — Eu pergunto, cruzando os braços como se eu não estivesse afetada pela cena na minha frente.

Ele dá uma risada amarga. — Sete palmos debaixo da terra.

Jesus, Holden.

As meninas trocam olhares, claramente desconfortáveis com a virada embaraçosa da conversa.

— Oh, você quer dizer Thayer? Provavelmente fazendo a mesma coisa que eu, com alguma sorte. — Seu sorriso é largo, mas seus olhos o traem. Ele está me testando, esperando por uma reação. E talvez até tentando me machucar.

Ele me encara, mas eu desvio o olhar, balançando a cabeça, decepcionada, depois me viro para sair sem dizer mais uma palavra. Se fosse outro dia, eu teria dito para ele ir à merda. Se fosse outro dia, eu diria que se fodam todos esses garotos Ames. Mas hoje à noite, eles estão sofrendo. *Hoje à noite*, eles não têm ninguém cuidando deles, evidentemente, nem mesmo um ao outro. Christian está sendo abusado secretamente por seu pai, Holden se automedica com bebidas e sexo a três e, provavelmente Thayer se autodestrói, Deus sabe onde.

Esses idiotas depressivos serão a minha morte.

CAPÍTULO 28

Thayer

Eu não aguentava mais um segundo dessa merda. Eu não conseguia sentar lá enquanto meu pai fazia o papel do pai de luto do menino de ouro, reduzindo a vida inteira de Danny a uma coleção de realizações. Como se ele fosse apenas uma extensão de meu pai, e não sua própria pessoa. Falso. Toda aquela maldita cerimônia de merda era falsa, até as pessoas que choravam por ele.

Exceto Shayne.

O olhar em seu rosto refletia tudo o que ela estava sentindo por dentro, e vê-la chorar esta noite fez algo comigo. É confuso *pra caralho* querer proteger e punir alguém ao mesmo tempo, mas eu não poderia fazer nenhum dos dois, mesmo que quisesse. Tudo o que eu podia fazer era ficar lá, como um maldito leão em um zoológico.

— Thayer? — A voz de Shayne me chama. Eu deveria saber que ela me encontraria. Pode até ser a razão pela qual subconscientemente escolhi este lugar. Mas eu sou muito duro, muito fodido para estar perto dela agora. Fico com a cabeça inclinada, as mãos apoiadas no encosto do velho sofá de couro que pedi para o celeiro quando comecei a vir para cá alguns anos atrás.

Ela caminha ao meu lado e sinto seu calor contra o meu lado, mas não levanto meu olhar.

— Eu pensei que você poderia precisar de uma amiga.

— Eu não quero ser seu amigo. — respondo.

— Então o que você quer? — Ela sussurra.

— O que eu quero? — Repito, girando minha cabeça para olhar para ela. — O que eu quero é que você saia.

— Por quê? — Ela pergunta com os dentes cerrados.

— Porque mesmo enquanto você está aí parada com lágrimas nos olhos, tudo que eu quero fazer é dobrar o seu corpo e transar com você até que eu não sinta nada além de sua boceta apertada estrangulando o meu pau. Então, a menos que você queira terminar o que começamos neste celeiro há um ano, sugiro que você saia.

Eu espero que ela vá embora. Talvez até chore. O que eu não espero é que ela levante a ponta dos dedos dos pés, trazendo aqueles lábios rosados ao meu ouvido.

— Então faça isso. — Shayne se atreve, seus seios pressionando em mim.

Dou uma risada amarga, dando um passo para trás. — Não.

— Por que não?

— Porque você não aguentaria.

— Tente. — diz ela, levantando o queixo desafiadoramente.

Aperto meu maxilar com tanta força que estou surpreso que meus dentes não quebrem sob a pressão. Estou tentando fazer a coisa certa, mas minha força de vontade está diminuindo rapidamente. Se ela quiser jogar esse jogo, não vou desistir. Eu caio no sofá, colocando as mãos atrás da cabeça como se eu fosse um cliente.

— Tire suas roupas.

Mais uma vez, ela faz o inesperado. Suas mãos tremem enquanto ela abre o zíper da jaqueta e a deixa cair no chão. Sua camiseta branca é a próxima, revelando dois triângulos de malha pretos que não fazem nada para esconder os seios perfeitos por baixo. Esses piercings que amo tanto ficam visíveis através do tecido, tornando meu pau ainda mais duro. A velha Shayne estava tão preocupada com o que as outras pessoas pensavam, que ela não era fiel a si mesma. Os piercings, o esmalte preto nas pontas dos dedos, a boca inteligente... toda a prova de que ela está aqui e vai apenas fazer. E eu nunca a quis mais.

Ela engole em seco, colocando os polegares no cós da calça antes de empurrá-las pelas pernas e tirar os sapatos. Ela dá um passo à frente apenas com o sutiã e a calcinha combinando, afastando-se da pilha de roupas descartadas. Ela está perto o suficiente para tocar. Mordo o lábio inferior, meus olhos percorrendo seu corpo doce enquanto ela levanta uma mão para puxar a gravata, cabelos loiros grossos caindo em volta dos ombros. É preciso cada grama de autocontrole para manter minhas mãos atrás da cabeça.

Shayne cutuca meu joelho no dela, esperando por mais instruções.

— Tudo.

Ela olha para mim, mesmo quando chega atrás para abrir o sutiã, uma mão segurando-o no peito. Por um segundo, acho que ela vai perder esse jogo perigoso que estamos jogando, mas então a mão dela cai, deixando o sutiã cair no chão entre nós.

Foda-se. Deslizo a mão para baixo, para apertar meu pau nas calças e Shayne sorri, sabendo que ela está ganhando. Sua calcinha é a última a sair, então ela está dando outro pequeno passo em minha direção, completamente nua agora. Eu finalmente cedo, minhas mãos disparando para agarrar a parte de trás de suas coxas. Eu a puxo para o meu rosto enquanto eu abro suas pernas por trás. Shayne engasga, suas mãos voando para agarrar minha cabeça em busca de equilíbrio enquanto eu separo seus lábios inferiores com a língua e seu suspiro se transforma em um gemido quando dou uma longa lambida. Seus joelhos quase dobram, mas eu a seguro firmemente, chupando o seu clitóris .

— Não. — ela respira, puxando-me de volta pelos meus cabelos. Eu limpo minha boca com as costas da minha mão, inclinando minha cabeça para o lado. Ela não pode parar isso agora.

— Sua vez. — diz Shayne, me dando um olhar aguçado.

Eu aperto meu queixo, a encaro enquanto desabotoo os botões da minha camisa, um por um. Não devo ser rápido o suficiente, porque então

Shayne está de joelhos na minha frente, dedos impacientes puxando meu cinto. Eu levanto o suficiente para deixá-la puxar minhas calças e boxers pelas minhas pernas, jogando-as atrás dela. Seus olhos travam no meu pau, grosso e duro. Eu seguro a base, estendendo para ela.

— Sente-se em mim.

Ela não hesita, me montando, um joelho de cada lado. Minhas mãos encontram a curva da sua cintura enquanto ela empurra minha camisa sobre meus ombros, empurrando-a pelos meus braços. Prendo a respiração, esperando a reação dela.

— Thayer. — ela respira surpresa, suas sobrancelhas se juntando enquanto os dedos da sua mão se estendem para traçar as linhas de tinta que correm do meu ombro até o meu pulso, onde o raio me atingiu. Quando as marcas começaram a desaparecer, eu decidi que queria mantê-las, então tive minhas cicatrizes tatuadas. Mostrar a ela era admitir que eu mantive um pedaço dela comigo. Um pedaço que eu não estava disposto a largar.

— Quando? *Porquê?*

Coloco minha boca no seu peito, ignorando suas perguntas, enquanto meus lábios passam por seu mamilo, enquanto meus dedos encontram seu clitóris. Acaricio-a até que seus olhos se fechem, suas mãos apertando meus ombros. Ela já está tão molhada.

De repente, ela está puxando minha mão, abaixando-se sobre mim. Assim que sua boceta molhada e quente faz contato com a ponta do

meu pau, ela congela, olhando nos meus olhos.

— Thayer. — Sua voz contém uma pitada de pânico, como se ela acabasse de perceber o que estamos prestes a fazer.

Eu deveria detê-la. Eu deveria ir embora para sempre. Mas, em vez disso, eu digo: — Continue, querida. Está tudo bem.

Shayne

— **C**ontinue, querida. Está tudo bem.

Thayer mantém uma mão na minha cintura e desliza a outra pelo meu cabelo, segurando a parte de trás do meu pescoço. Eu aceno sem palavras, e então eu estou lentamente sentando no seu pau. Seu estômago fica tenso quando sua ponta grossa rompe minha entrada e a dor é forte o suficiente para roubar minha respiração. Faço uma pausa para me adaptar à sensação, meus olhos arregalados encontrando os dele. Isso está realmente acontecendo. Thayer finalmente está dentro de mim, e não há como voltar agora, mesmo que eu quisesse. Eu lambo meus lábios, e ele me beija. Meus

lábios se separam em um gemido e ele aproveita a oportunidade para deslizar sua língua para dentro. Quanto mais ele me beija, mais eu relaxo. Depois de alguns segundos, começo a me inclinar pouco a pouco, esticando-me ao redor dele até que esteja completamente dentro de mim, minha bunda atingindo o topo de suas coxas.

— Shayne. — ele diz meu nome, sua voz estrangulada.

— Não se mexa. — eu digo, minha voz trêmula. Meus dedos agarram seus ombros, como se minha vida dependesse disso. Os olhos escuros de Thayer se voltam para os meus.

— Esta é sua primeira vez. — Ele afirma isso como um fato, não uma pergunta.

Concordo com a cabeça, e seus olhos brilham com algo que não consigo identificar antes que eles se fechem.

— Eu quero isso. — asseguro a ele, começando a mover meus quadris em pequenos círculos.

Thayer se afasta, olhando entre nós com um gemido.

— Porra.

Eu me sinto completa da melhor maneira. Thayer nem se mexeu, e isso já é melhor do que qualquer coisa que eu já experimentei antes. Eu não deveria estar surpresa. Este é Thayer. Tudo com ele é apenas... mais. *Nós* somos mais.

— Eu preciso que você se mova, Shayne. — ele fala, suas mãos apertando minha bunda.

Apoiando minhas mãos em suas coxas atrás de mim, eu o monto devagar, fascinada por ver seu comprimento deslizar dentro e fora de mim. Os olhos de Thayer estão colados onde nos conectamos, observando atentamente. Suas mãos acariciam meu estômago, e quando ele passa os polegares pelos meus mamilos, eu fecho meus olhos, minha cabeça caindo para trás.

Logo sinto vontade de me mover mais rápido, então me sento para frente, usando seus ombros como alavanca enquanto levanto, depois deslizo lentamente para baixo e repito o movimento.

— Assim mesmo. — elogia Thayer, suas mãos guiando meus movimentos. — Boa garota. — Suas palavras me estimulam e eu começo a me mover mais rápido, precisando de mais, pois a dor dá lugar ao prazer. Eu apoio minhas mãos em seus ombros, mantendo-o perto enquanto mexo meus quadris. Seu estômago duro pressiona contra meu clitóris, me dando o atrito que eu preciso, e quando sua língua toca contra meu mamilo, eu me sinto apertando em torno dele, provocando- lhe um gemido. Eles sempre foram sensíveis, mas agora estão ainda mais. Eu poderia ter um orgasmo somente com sua boca.

— Você continua fazendo assim e eu não vou durar muito. — adverte.

— Nem eu. — confesso, inclinando-me para levar meu mamilo aos lábios dele novamente. Desta vez seus dentes raspam sobre o meu piercing e então ele está puxando-o profundamente em sua boca, chupando com força. Isso envia um choque direto para a minha boceta e eu me sinto apertando em torno dele novamente.

— Oh meu Deus. — eu lamento. Eu nem reconheço minha própria voz. Eu não me reconheço. Eu pareço uma versão carente, louca por sexo, mas já não me importo. Thayer suga com mais força e uma onda de calor me inunda quando me sinto crescer ainda mais.

— Foda-se. — Thayer amaldiçoa, me virando, então ele está deslizando de volta em mim. Eu suspiro, meus quadris levantando do sofá enquanto ele bombeia em mim. — Ouça como você está molhada.

— Ele prende meus tornozelos nos ombros, um dos seus joelhos no chão e um pressionando a almofada enquanto me fode, como se estivesse tentando ir mais fundo. Como se ele já não estivesse metido nas partes mais profundas de mim.

— Thayer. — eu chamo. Eu posso sentir isso crescendo.

Seu cabelo está molhado de suor e seu pescoço está tenso. Minhas mãos alisam suas costas para subir aos seus ombros musculosos, puxando-o para perto de mim.

— Goze. — ele diz, já sabendo. — Goze em mim.

Ele desliza a mão entre nós para acariciar meu clitóris e é tudo o

que eu preciso. Minha cabeça se inclina e meu corpo inteiro formiga enquanto eu grito, minhas unhas cravando em sua pele úmida antes de correr pelas suas costas. Thayer respira fundo e eu rapidamente o solto, pensando que o machuquei, mas então ele pega uma das minhas mãos, colocando-a de volta onde estava. Arrasto minhas unhas pelas costas dele novamente e sua boca se abre, os olhos se fechando. Usando minha mão livre, eu puxo seu rosto para o meu, chupando os dois piercings no canto do lábio. Thayer fica tenso antes que ele entre em mim uma, duas, três vezes, e então ele está puxando seu pau, sua mão bombeando, os músculos do estômago flexionando quando seu sêmen derrama sobre a minha coxa.

Ele cai em cima de mim, sua respiração irregular. Sua bochecha pressionada contra o meu peito e ele ainda está no meio do sofá enquanto nós dois tentamos recuperar o fôlego, o peso do que acabamos de fazer finalmente se aproximando. Eventualmente ele me pega e depois vira nossas posições, então eu estou deitada sobre dele. Ele estende um braço para pegar o cobertor na parte de trás do sofá, espalhando-o sobre nós. É grande o suficiente para cobrir dos pés até a parte inferior das costas, mas Thayer é como uma fornalha embaixo de mim, então não importa.

— Eu machuquei você?

— Não. — *Sim.*

— Você está bem?

— Sim. — *Não.*

Para ser sincera, não sei o que estou sentindo. Tantas emoções me dominam de uma só vez, dificultando a escolha de uma. Se eu tivesse que escolher um adjetivo, eu ficaria com... nervosa. Estou esperando esse momento há três anos, e foi melhor do que qualquer coisa que já consegui conjurar em minha imaginação, mas e agora? É nesse momento que Thayer fica frio e me deixa de novo?

Mas então eu sinto o dedo dele traçar minha coluna para cima e para baixo e depois para trás novamente, enviando um arrepio pela minha pele. Eu relaxo um pouco, derretendo nele.

Sigo o desenho de galho que se arrasta pelo braço com as pontas dos dedos. Aquela noite foi uma das piores da minha vida, tinha que ser para ele também, então por que ele iria querer um lembrete permanente? Não posso negar que é lindo. De alguma forma, me sinto mais perto dele, de ter essa memória, essa conexão que ninguém mais pode tocar.

— Por que você fez isso? — Eu finalmente pergunto.

Thayer não responde. Em vez disso, ele leva meu pulso à boca, pressionando os lábios contra a marca correspondente.

— Eu vou levá-la para casa.

O breve momento de ternura se foi, sua máscara volta ao lugar e, de repente, sinto frio. Eu solto uma risada amarga, me afastando de seu calor. Eu não estou surpresa. Seria estúpido pensar que isso mudaria qualquer coisa. Eu levanto, rapidamente puxando minha calcinha pelas

minhas pernas.

— Shayne.

Eu não respondo, procurando no chão o resto das minhas roupas. Jogo minha camiseta por cima da cabeça antes de colocar a jaqueta.

— Shayne.

Colocando meu cabelo atrás da orelha, olho ao redor do espaço mal iluminado para me certificar de que não estou esquecendo nada quando vejo meu sutiã. Colocando-o no bolso da jaqueta, vou até onde deixei meus sapatos e os calço.

— Shayne, pare por um minuto!

Eu finalmente o encaro, encontrando-o vestindo suas calças, seu peito arfando, olhos em conflito.

— Está tarde. Você provavelmente deveria verificar Holden. — Eu o dispensei, mantendo meu tom leve na tentativa de não parecer afetada.

Ele franze a testa, e o vinco entre seus olhos se aprofundando é a última coisa que vejo antes de me afastar.

CAPÍTULO 29

Shayne

Já faz uma semana desde que entreguei minha virgindade a Thayer numa bandeja de prata, e eu não o vi ou ouvi falar dele uma vez. Passei meu fim de semana fazendo lição de casa e ajudando minha mãe a limpar alguns quartos desarrumados no segundo andar, mas estava muito distraída para me concentrar em qualquer um deles. Meus pensamentos vacilaram entre o que aconteceu no celeiro e de volta ao segredo de Christian. Sinto-me culpada por esconder isso de Thayer, mas prometi a Christian que não diria nada. Só não sei quanto tempo posso cumprir essa promessa. Não parece certo manter algo assim em segredo. Eu ainda não consigo entender isso. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, nunca acreditaria. Eu acho que monstros vêm de todas as formas diferentes, até homens de família carismáticos com sorrisos amigáveis. O comportamento irritadiço de Christian faz sentido para mim agora.

Quando a segunda-feira chegou, Holden agiu como se a noite de sexta-feira nunca tivesse acontecido, e fiquei feliz em seguir a corrente. Christian me evitou completamente, o que não foi inesperado. Eu queria falar com ele, para ter certeza de que ele estava bem, mas a única vez que o vi foi almoçando com todos, e mesmo assim ele saiu rápido. Vê-lo me fez sentir um pouco melhor, porque ele não parecia estar com dor, e eu me

perguntei se isso era porque ele não estava sofrendo, ou se ele era simplesmente bom em esconder os fatos.

Baker também estava visivelmente ausente. Pensei em sua briga no corredor, sabendo que de alguma forma estava relacionado. Todas essas peças estão no quebra-cabeça, mas não consigo descobrir como fazê-las encaixar. Eu nem sei se elas são do mesmo quebra-cabeça.

— Shayne! — Valen coloca os dedos na frente do meu rosto, me arrancando dos meus pensamentos.

— Desculpa. — Balanço a cabeça, concentrando minha atenção nela enquanto caminhamos para nossos carros. — O que você disse?

— O que está acontecendo com você? — Ela estreita os olhos para mim. — Você está distraída o dia todo.

— Não dormi muito noite passada.

Valen mexe as sobrancelhas. — Não teria nada a ver com esse seu meio-irmão sexy, teria?

Eu reviro meus olhos. — Ele *não* é meu meio-irmão. — Eu sinto que eu deveria tatuá-lo na minha testa neste momento.

— Shayne Elizabeth Courtland, você transou com ele? — Seus olhos se arregalam, e ela para, encarando-me.

— Não! — Eu falo, olhando em volta para me certificar de que não temos uma audiência. Como ela começaria a adivinhar isso com base em

uma resposta? — Quero dizer *sim,* mas não. — eu sussurro.

Os olhos dela se abrem, confusos. — Eu não estou entendendo.

— Eu te ligo mais tarde. — eu prometo, não querendo ter essa conversa aqui, dando-lhe um abraço antes de ir para o meu carro.

— Você é uma idiota! — Ela grita enquanto eu vou embora.

Quando abro a porta, encontro um moletom dobrado no banco da frente. Eu examino o estacionamento, procurando pelo Challenger de Thayer. É apenas um moletom preto liso, mas eu sei que é dele. Eu o vi usá-lo mil vezes. Mordo o lábio para não sorrir, lutando contra o desejo de fazer algo estúpido, como trazê-lo ao nariz e ver se cheira a ele.

Não. Não desmaie, sua idiota. Você deveria estar com raiva. Ele não pode te dar outro gelo.

Jogando-o no banco do passageiro, entro, coloco o telefone no colo e enfio a chave na ignição. Antes que eu possa sair do lugar, meu telefone vibra entre as minhas coxas.

Mantenha sua janela aberta esta noite.

O número é um que não reconheço, mas só existe uma pessoa que enviaria esse texto. Nervos e emoção se misturam com a promessa de vê- lo. *Ugh*. Eu nunca conheci alguém tão quente e frio na minha vida, para não mencionar irritante, impossível e cheio de *vontades*.

Tente dizer isso para as borboletas no meu estômago.



O resto da noite passou devagar, sem piedade. Tenho certeza de que não tinha nada a ver com o fato de que eu passei cada segundo angustiante antecipando o que Thayer estava fazendo. Ele planejou terminar essa coisa entre nós? Ele planejava voltar e agir como se nada tivesse acontecido? Eu disse a mim mesma que não ia abrir minha janela, que não seria aquela garota que faria o que ele dissesse sem fazer perguntas. Mas no final, deixei a janela aberta, prometendo a mim mesma que teria uma conversa real com ele sobre como me sentia. Sem tocar. Sem sexo. Pelo menos não antes de eu ter algumas respostas reais.

Eu estou no meu closet, vestindo shorts e uma camiseta de renda combinando. Não. Isso não serve. Eu preciso de mais roupas. Algo desarrumado e... pouco atraente. Eu não quero que ele fique convencido, pensando que eu usei isso para ele. Puxo meus shorts nas coxas e tiro minha blusa antes de trocá-la por uma calça folgada e um moletom bege. Eu estou na frente do espelho de corpo inteiro no meu armário, girando a cintura algumas vezes para que elas fiquem no lugar. Meu rosto está sem maquiagem, cabelo em um coque bagunçado. Pareço quase uma sem-teto. *Perfeito.*

Quando passa das dez horas e ele ainda não está aqui, começo a suspeitar que ele não virá. Subo na cama, tiro meu telefone e fones de

ouvido da mesa de cabeceira e encontro um episódio do meu podcast favorito para passar o tempo. Cinco minutos. Vou dar a ele mais cinco minutos.

Não sei quanto tempo se passou, mas quando me levanto, encontro Thayer parado dentro do meu quarto. *Merda*. Eu devo ter adormecido. Só posso ver sua silhueta ali, sua estrutura alta e imponente. Aperto o interruptor da pequena lâmpada ao lado da minha cama, iluminando o quarto com pouca luz, depois balanço minhas pernas sobre a lateral do meu colchão, movendo-me em direção a ele.

— Oi. — eu digo, as borboletas de antes retornando com força total.

— Oi.

Estamos nos olhando, observando um ao outro e, de repente, tudo o que eu tinha planejado dizer morre na minha língua. Fazia apenas uma semana, mas eu sentia sua falta. Seu cabelo escuro está perfeitamente desgrenhado, sua tatuagem de raio saindo da manga de sua camiseta. Eu acho que ele não se importa em escondê-lo, agora que eu já vi. Eu não sei quem se mexe primeiro, mas de repente, eu estou pulando em seus braços, suas mãos segurando minha bunda enquanto minhas pernas envolvem sua cintura, nossas bocas colidem.

Thayer geme satisfeito, suas mãos apertando minha bunda antes que ele me puxe mais alto, nunca interrompendo o nosso beijo. Ele nos vira,

batendo minhas costas na parede ao lado da janela enquanto sua língua continua a foder minha boca. Ele nunca me beijou assim, sua língua se movendo lenta e com certeza de uma maneira que me consome. Eu diria que ele sentiu minha falta também.

— Espere. — eu digo, empurrando seus ombros. — Sem beijos.

— Com beijos. — ele argumenta, seus lábios encontrando minha garganta. — Eu quero beijar outras coisas também. — Suas palavras enviam um choque entre as minhas pernas, e eu arqueio contra ele, dando-lhe melhor acesso. Ele já está duro enquanto morde e chupa a pele sensível entre meu pescoço e clavícula, e eu não consigo deixar de mover meus quadris nele.

— Estou brava com você. — digo em voz alta, e não sei se estou falando com ele ou tentando me lembrar.

— Eu sei. — Sua palma quente desliza sob a minha blusa de moletom, seu polegar roça no meu piercing me fazendo tremer, meu mamilo tenso sob seu toque.

— Explique-se. — Minha cabeça cai para trás, cada terminação nervosa formigando.

— Mais tarde.

Essa única palavra corta a névoa da luxúria, me dando força para impedir isso. Puxando minhas pernas, deslizo pelo seu corpo e depois volto para a minha cama, colocando alguma distância necessária entre nós. Se

vamos fazer isso, preciso de espaço.

— Agora.

Thayer se vira para mim, erguendo uma sobrancelha.

— Na outra noite. — eu começo, sabendo que ele não vai oferecer informações de bom grado. Vou ter que arrancar, pedaço por pedaço. — Você se arrependeu? Você se arrependeu... de mim? — Meu coração bate forte no peito, meu estômago revirando com os nervos esperando por sua resposta.

Os músculos de sua mandíbula flexionam. Ele não diz nada, mas o olhar em seus olhos me diz tudo que eu preciso saber.

CAPÍTULO 30

Thayer

Três longos anos de preliminares finalmente veio à tona, e até mesmo em meus sonhos mais selvagens eu jamais teria imaginado como seria bom estar dentro dela. O fato de ela ser virgem me deixou mais do que um pouco em conflito. Isso complica as coisas, mas ao mesmo tempo, eu amo que ela tenha me esperado. Eu tentei ficar longe. Eu até tentei voltar para a aula. Eu pensei que alguma distância de Shayne faria algo para diminuir minha necessidade por ela, mas eu deveria saber que não iria funcionar. Ela se foi por quase um ano e, quando voltou, era como se não tivesse passado o tempo. Eu a fiz parecer uma vilã em minha mente, mas quando olho para ela, tudo o que vejo é minha Shayne.

— Na outra noite, você se arrependeu? — Seus olhos me imploram para dizer não. — Você se arrependeu... de mim?

Hesito, sem saber como responder a isso, e vejo a mágoa cortá-la.

— Então por que você está aqui? — Ela pergunta, sua voz aumentando o tom. — Se você se arrependeu, por que veio aqui? — Ela caminha até a mesa no canto do quarto, pegando o moletom que deixei no carro dela mais cedo. — O que é isso? — Ela exige, segurando-o na minha frente. — Você me fode, depois desaparece. Você pega sua jaqueta de volta e me deixa isso? — Ela joga em mim e eu não faço nenhum movimento para

pegá-lo, deixando-o cair no chão aos meus pés.

— Vir aqui foi uma péssima ideia.

— Por quê? — ela pergunta, seu tom ficando frustrado. — Por que você tem medo de sentir alguma coisa? Talvez de sentir algo *por mim?*

Quando eu não respondo, ela continua.

— Porque Deus proíbe que você me mostre algo real, certo? Toda vez que você começa a me deixar entrar, você se fecha e depois diz ou faz algo para me machucar e me afastar.

— Você acha que eu não *sinto*? — Eu finalmente respondo. — Tudo o que faço é sentir desde que você voltou! E toda vez que vejo seu rosto me lembro da noite em que Danny morreu. A noite em que falhei com ele. Por sua causa. E então, dentro de todos os dias possíveis, eu durmo com você no aniversário de sua morte.

Ela recua, claramente magoada com minhas palavras. Mas elas continuam saindo da minha boca, incapazes de parar. — Você quer que eu fale sobre meus sentimentos? — Eu pergunto, diminuindo a distância entre nós. Os belos traços de Shayne se erguem, franzindo o queixo delicado. — Toda vez que estou com você parece uma traição a ele.

E aí está. Eu não percebi completamente até esse momento, mas é a verdade.

— Você me culpa. — diz ela em um sussurro atordoado, e eu posso

dizer que o pensamento nunca antes esteve em sua mente. Eu vejo as rodas girando enquanto ela junta as peças. — Então não importa se Grey é inocente, importa? É por minha causa. Você me odeia porque *me* culpa.

— Eu *me* culpo por estar muito envolvido com você. Mesmo sabendo o que seu irmão poderia ter feito, eu ainda quero você. O que isso diz sobre mim? Que eu não posso ficar longe da irmã do cara que provavelmente matou meu irmão?

Eu continuo.

— No começo eu estava com raiva. Tão zangado. Eu queria atear fogo em tudo o que amava, apenas para vê-lo queimar. E você estava no topo dessa lista. Então eu te afastei. Eu queria machucá-la porque doía em mim. Então você se foi, e essa raiva era tudo o que me restava. Usei-a como uma tábua de salvação, porque enquanto sentia essa raiva, não precisava sentir mais nada. Isso foi até você voltar. Você me distraiu do show de merda que minha vida se tornou, e eu apreciei a distração no começo. Eu ansiava por estar perto de você, apenas para te irritar. Eu precisava dos nossos encontros. Eu disse a mim mesmo que não havia problema em tocar você, para tomar um pouco do conforto que me dava, desde que eu não deixasse ir longe demais.

Enfio meus dedos no meu cabelo, andando pelo quarto.

— Mas então eu comecei a esquecer todas as razões pelas quais eu estava com tanta raiva, e de repente, um dia eu acordei e Danny não foi meu

primeiro pensamento logo pela manhã. — Paro de andar, olhando nos olhos dela. — Foi você.

As lágrimas estão escorrendo pelo seu rosto, e ela não faz nenhum esforço para enxugá-las.

— Então sim. Me arrependo, mas só porque quero fazer de novo.

— Dou um passo em sua direção. — E de novo. E de novo. Eu não pretendia ir tão longe.

Ela engole em seco, cruzando os braços. — Então devemos terminar agora, Thayer. — Ela assente com as próprias palavras, como se tentasse se convencer. — Porque eu não acho que posso aguentar te perder de novo se... — ela interrompe, furiosamente limpando as lágrimas que caem por suas bochechas. — Você tem que ir. Você tem que ir embora.

Diminuindo a distância entre nós com dois grandes passos, eu agarro seu queixo, forçando-a a olhar para mim. Os cílios se fecham, molhados de lágrimas, os olhos azuis mais brilhantes que o normal.

— E se eu não souber como ir?

— Então apenas... não vá.

Nos movemos um para o outro ao mesmo tempo, nossos lábios colidindo. Inclino-me para colocar as mãos atrás de suas coxas e a levanto, carregando-a para a cama. Não há mais palavras, apenas lábios famintos, mãos frenéticas e fortes respirações entre nós. Eu solto minhas mãos das

suas coxas, e seu corpo desliza pelo meu. Puxo a bainha do moletom e ela levanta os braços para mim enquanto eu o puxo sobre sua cabeça, revelando seus seios nus. Eu os coloco em minhas mãos, apertando, e ela derrete ao meu toque.

Quando ela foi embora, não achei que sentiria sua falta. Como eu poderia quando ela raramente se afastava dos meus pensamentos? Nossas memórias me atormentavam, e se eu pudesse tê-las apagado completamente da minha mente, eu teria apagado. Mas na semana passada, eu senti sua falta como se tivesse perdido um membro do meu corpo. O raio pode ter marcado minha pele, mas Shayne marcou o que sobrou do meu coração.

Os dedos de Shayne se agarram a barra da minha camisa e ela se levanta na ponta dos pés para tirá-la. Quando ela ainda não consegue alcançá-lo, eu faço por ela, deixando-a cair no chão.

— Eu provavelmente deveria ter perguntado isso antes, mas você está no controle de natalidade?

Ela acena para mim, com as mãos do meu lado.

Obrigado, *porra*. — Da próxima vez, eu estarei preparado. Mas agora, quero você nua.

Ela se levanta, os braços agarrados aos meus ombros nus enquanto pressiona os lábios nos meus. Tomando isso como permissão, eu a empurro para trás alguns passos até que suas coxas batam em sua cama. Ela desliza,

deitada de costas, e eu tomo um minuto para admirar a vista.

— Você é linda.

— Então me foda. Agora. — Ela sorri.

— Como quiser.

Tiro as calças e os sapatos no processo, depois deslizo o moletom pelas pernas. Eu o jogo para juntar a pilha de roupas no chão antes de tentar enterrar meu rosto entre suas coxas macias, mas minha língua mal encontra seu clitóris antes que ela me puxe para cima de seu corpo.

— Eu só quero sentir você.

Sem outra palavra levanto a perna dela pelo meu quadril e empurro para dentro. Ela não estava brincando. Ela já está molhada e pronta, mas mais apertada do que nunca. Seus lábios roçam os meus a cada movimento dos meus quadris, nossas duras respirações se misturam. Suas sobrancelhas se juntam como se estivesse com dor, mas quando desacelero, ela balança freneticamente a cabeça, enfiando os calcanhares na minha bunda.

Tomando sua sugestão sutil, sento-me nos calcanhares e agarro sua cintura, puxando-a para mais perto. Eu começo a fodê-la, forte. Shayne apoia as mãos na cabeceira da cama, segurando-a. Meus olhos estão colados no lugar que estamos conectados, vendo meu pau desaparecer em sua boceta. Eu posso dizer que Shayne está chegando perto, porque esses pequenos sons sexys saindo de sua boca estão ficando mais altos. Inclino-

me para frente, cobrindo a boca com a palma da minha mão e depois coloco dois dedos entre nós para brincar com seu clitóris.

— Estou quase. — Shayne geme na minha palma enquanto suas unhas raspam nas minhas costas. Isso combinado com a maneira como ela se contrai ao meu redor me deixa perto do limite.

— Faça isso de novo. — eu a encorajo, trazendo minha mão para segurar levemente a sua garganta. Ela ainda está contraindo ao meu redor, mas ela faz isso de novo, aplicando um pouco mais de pressão dessa vez.

Eu puxo rapidamente, mal conseguindo sair antes de derramar meu sêmen sobre a parte interna da sua coxa.

Shayne

— **A** jaqueta que você pegou antes... — diz Thayer do nada.

— Sim?

— Era do Danny.

Claro que sim. Deus, eu sou uma idiota. — Eu sinto muito. Eu não sabia.

— Não peça desculpas. Essa é a única razão pela qual eu a queria de volta.

Eu subo em cima dele, montando seu torso quando um pensamento me ocorre. — Então você me trouxe a sua? — Eu pergunto, passando meus dedos pelo seu abdômen musculoso.

— Sim. — Ele estreita os olhos para mim, seu abdômen tenso sob os meus dedos.

— Isso significa que estamos *indo* como *estáveis*? — Eu balanço minhas sobrancelhas. — Eu recebo seu anel de formatura em seguida?

Thayer morde seus lábios, e posso dizer que ele está tentando não sorrir. Então ele está nos virando e me prendendo embaixo dele, segurando minhas mãos no colchão acima da minha cabeça. — Eu não sei. O que significa "*estáveis*"? Porque se isso significa que eu consigo fazer isso... — Ele desliza dentro de mim em um impulso suave. — Sempre que eu quiser, então sim, estamos *estáveis*, Shayne.

Eu suspiro, trazendo meus joelhos para contornar suas costas enquanto ele entra em mim, bem fundo, me dando aquele atrito contra meu clitóris que eu preciso.

Em algum lugar no fundo da minha mente, eu sei que Thayer será minha ruína. Vou me preocupar com as consequências mais tarde. Mas agora?

Agora eu estou feliz.

CAPÍTULO 31

Shayne

Acordar com Thayer na minha cama é... surreal. Mas também parece certo. Estou do meu lado, minha bochecha pressionada contra seu peito e seu queixo repousa no topo da minha cabeça, nossas pernas entrelaçadas. A janela ainda está aberta e o ar fresco da manhã esfria as minhas costas, mas estou contente demais para me mover.

Thayer se mexe, rolando de costas, o movimento levando o cobertor com ele. Ele estica os braços sobre a cabeça, e não posso deixar de admirar a pronunciada forma de V antes que meu olhar se abaixe, vendo seu pau já duro. Sem pensar, deslizo pela cama até meu rosto ficar nivelado com os quadris dele e puxo o cobertor sobre minha cabeça. Eu lambo a parte inferior do seu pau e ele se sacode na minha língua, me dando a confiança para levá-lo dentro da minha boca. Mãos apoiadas em seus quadris, eu faço exatamente isso, envolvendo meus lábios em torno da ponta lisa. Eu nunca fiz isso. Não sei o que diabos estou fazendo. Mas quando o sinto estremecer, sei que estou fazendo algo certo.

— Oh, porra. — Thayer tira o cobertor da minha cabeça e levanta os quadris para estar mais profundo, os olhos meio abertos enquanto ele me observa.

Chupo levemente e suas mãos caem sobre minha cabeça para guiar

meus movimentos enquanto ele lentamente fode minha boca. Ficando mais corajosa, envolvo minha mão em torno da base e começo a mover seu comprimento enquanto chupo sua cabeça, e ele morde o lábio, a cabeça caindo de volta para o travesseiro.

— Shayne. — a voz da minha mãe chama, me fazendo liberá-lo com um *plop*.

— Merda! — Eu pulo da cama. Rapidamente visto meu moletom, fazendo sinal para Thayer sair pela janela. Ele se move no ritmo de um caracol, balançando as pernas sobre a cama, seu enorme pau duro ereto. Eu arregalo meus olhos para ele, meu coração batendo forte, mas ele não tem pressa enquanto pega a cueca do chão antes de puxá-la para cima. Quando ouço os passos da minha mãe ficando mais altos, empurro- o para o meu armário. Eu nem tenho a chance de fechar a porta antes que minha mãe apareça.

— Oh. — diz ela, provavelmente surpresa com o fato de eu estar aqui apenas com uma camiseta, embora seja longa o suficiente para cobrir minha bunda. — Eu não pensei que você acordaria tão cedo.

— Eu preciso de um banho, então acionei o alarme um pouco mais cedo.

Ela assente, comprando a mentira. — Eu vou estar fora quando você chegar em casa da escola, então queria ter certeza de que eu poderia te abraçar. — Ela me puxa, me apertando com força. — Há sobras na geladeira

e vou deixar algum dinheiro no balcão para você passar a semana.

— Obrigada. — digo em seu cabelo com perfume de laque. Quando ela se afasta, percebo que sua maquiagem está mais pesada que o normal, seus cabelos em cachos perfeitos e macios. Deve ser muito difícil para ela colocar tanto esforço em sua aparência.

— Por que sua janela está aberta? Está congelando aqui. — ela diz, dando um passo em direção à minha janela, mas eu a intercepto.

— Eu gosto de frio.

— Você está bem? — Ela pergunta. — Você parece... estranha.

— Estou bem. — eu digo rapidamente, quase rápido demais, tentando olhar para qualquer lugar, menos o armário à minha direita.

— Eu sei que o ano passado foi difícil... — ela interrompe. *Jesus mãe*. Agora não é a hora de abrir o coração, não quando Thayer está escondido no meu armário. E arriscaria adivinhar que ele não seria muito solidário com a nossa situação, considerando que ainda acha que Grey é responsável pela morte de Danny. Isso me lembra, eu ainda preciso informá-lo da minha visita a Grey.

— Mãe, eu juro que estou bem.

Ela torce os lábios antes de decidir deixar para lá. — Ok, bem, tenha cuidado. Não se esqueça de trancar a porta quando sair.

Concordo com a cabeça e com um beijo na minha bochecha, ela se

vai. Assim que a porta se fecha, Thayer me puxa para o armário. — Você é um idiota. — eu digo enquanto ele me puxa contra ele, meu peito pressionado contra seu torso.

— Isso é novidade para você? — Ele sorri, deslizando a mão entre nós e mergulhando sob o meu moletom antes de deslizar um dedo entre as minhas pernas, me separando.

— E se ela tivesse visto você? — Eu fecho meus olhos, agarrando seus braços, em um esforço para ficar de pé.

— Então ela saberia que eu tenho fodido seu anjinho perfeito em forma de filha quando todo mundo está dormindo. — diz ele, esfregando- me em círculos lentos e deliciosos. Eu caio contra ele, minha bochecha pressionada contra sua camisa enquanto ele continua a me deixar tonta com suas palavras e dedos. E quando estou prestes a explodir, ele remove a mão.

— O quê?

— Você vai se atrasar. — ele interrompe meu protesto.

— Foda-se a escola. — eu faço beicinho, puxando sua mão de volta para onde eu preciso. — Eu posso faltar um dia.

Thayer geme: — Sim?

— Mhm. — Em algum lugar no fundo da minha mente, eu sei que minha mãe ainda está aqui em algum lugar porque ainda não ouvi o carro dela sair da garagem, mas não consigo parar. Um tema recorrente quando se

trata de Thayer.

Thayer, por outro lado, não parece ter o mesmo problema, porque afasta a mão mais uma vez.

— Então faça as malas. Volto para buscá-la em uma hora. Isso me tira do sério. — O quê?

— Você me ouviu. Sua mãe está saindo da cidade, de qualquer maneira. Venha comigo por uma noite.

— Onde?

— Isso importa?

Reviro os olhos, sabendo muito bem que eu iria a qualquer lugar com ele.

— Isso foi o que eu pensei. Uma hora.

Depois que Thayer saiu eu pulei no chuveiro, fiz minha rotina rápida de maquiagem de dez minutos, depois sequei meu cabelo, deixando-o baixo e reto. Decidi usar uma camisa branca de mangas compridas com gola alta e joguei um vestido azul-marinho escuro com um decote de coração e

pequenas bolinhas brancas por cima, combinando-as com tênis brancos.

Quando eu arrumo uma mala com uma jaqueta, uma muda extra de roupa e minha escova de dente, ouço o estrondo profundo do Hellcat de Thayer subindo a estrada. O som envia uma emoção pela minha espinha, meu coração dá um salto no peito. Há certas coisas que eu sempre associarei com Thayer. Tempestades, raios, o cheiro de chuva e tabaco e o som de seu Challenger.

Eu praticamente pulo para fora da minha casa, a mochila comigo. Thayer está esperando por mim, encostado no capô do carro no lado do passageiro, os braços cruzados sobre o peito. Corro os degraus e, quando ele percebe que não vou desacelerar, seus braços disparam para me pegar antes que eu pule neles.

— Oi. — eu digo, incapaz de esconder o sorriso do meu rosto.

— Que cara é essa? — Ele pergunta, suas sobrancelhas se juntando enquanto suas mãos apertam minha bunda.

— Apenas feliz.

Ele levanta uma sobrancelha, um olhar estranho cruzando suas feições, mas depois ele se vira comigo nos braços, caminhando a curta distância até a porta do lado do passageiro. Ele abre, me segurando com uma mão, antes de me deixar cair dentro e puxar minha mochila em um movimento suave. Ele joga minha bolsa no banco traseiro, fecha a porta e depois contorna a frente do carro, pulando ao meu lado.

— Então, você vai me dizer para onde estamos indo?

Ele me ignora, apertando o botão que liga o motor, e ele ruge à vida, vibrando meu assento. — Rodovia ou Rota Turística?

— Rota Turística. — digo sem hesitar, clicando o cinto de segurança no lugar. A interestadual seria mais rápida, para onde quer que estejamos indo, mas eu amo o jeito que Thayer conduz essa coisa em estradas secundárias. E vamos ser honestos, não tenho pressa.

— Essa é a minha garota. — diz ele, puxando os anéis dos lábios entre os dentes. O comentário é imprudente, mas meu interior estúpido e feminino se transforma em mingau de qualquer maneira.

Ele pisa no acelerador, dirige saindo da garagem e, em seguida, acelerando pela estrada longa e sinuosa que liga Heartbreak Hill à cidade. Alguns minutos depois a mão de Thayer desliza entre as minhas pernas, segurando a parte interna da minha coxa. Esse pequeno gesto me faz sentir inesperadamente emocional. Memórias de Thayer dirigindo sem rumo por horas com uma mão no volante e a outra na minha coxa surgem em minha mente, fazendo-me sentir falta de como costumava ser. Pensávamos que as coisas eram complicadas naquela época, quando nossa única preocupação era não ser descobertos. O que eu daria para voltar ao que éramos, para ter apenas mais um dia de todos nós juntos.

Não sei quanto tempo passa, pelo menos uma hora, talvez mais, quando finalmente percebo para onde estamos indo.

— Amherst? — Olho para ele, erguendo uma sobrancelha. Sei que ele estuda aqui, só não sei por que ele *me* trouxe para cá.

— Você está com fome? — Ele estaciona na frente de um café com um toldo preto que lê *The Black Sheep Deli & Bakery*.

— Faminta. — Confusa, mas faminta. Ele desliga o motor e nós dois saímos, caminhando até o café. Thayer abre a porta e eu entro primeiro, vendo as caixas de doces e alguns bolinhos assados. Acima, há menus no quadro-negro com os especiais do dia escritos em cores neon.

— Você já esteve aqui? — Eu pergunto, examinando o menu.

— Onde diabos você está se escondendo? — Um cara com avental pergunta atrás de nós, dando um tapa no ombro de Thayer. *Eu acho que isso responde à minha pergunta.*

— Em casa. — diz ele, não oferecendo mais explicações do que isso. O homem olha para mim, cruzando os braços tatuados sobre o peito antes de enviar a Thayer um olhar conhecedor.

— Ei, garota. Prazer em conhecê-la. Eu sou Brax. — Ele estende a mão e eu a aperto enquanto Thayer revira os olhos.

— Eu sou Shayne.

— Vocês estão com fome? O que você está comendo? — Ele pergunta a Thayer. — Turkey Club e um café? — Isso é estranhamente específico. Thayer deve vir muito aqui se ele sabe seu pedido de cor.

Thayer olha para mim. — O que você quer?

— Isso parece bom para mim.

— Faça dois. Com um pouco de Ranch e uma limonada para ela.

— Entendi. — diz Brax, andando atrás do balcão.

Mordo minha bochecha para esconder um sorriso divertido quando entramos em uma cabine, Thayer de um lado, eu do outro.

— Não me olhe assim. Somente me lembrei do que você gosta de beber. Não é grande coisa.

E o fato de eu gostar de mergulhar meus sanduíches no Ranch. Mas eu deixo passar. — Então, viajamos quase duas horas para comer sanduíches?

Thayer passa a mão pelo cabelo, parecendo desconfortável, e é aí que me bate. Oh meu Deus. *Thayer está tentando me levar para um encontro?* — Pensei que você gostaria de ir a algum lugar onde poderíamos *baixar a guarda*.

— É perfeito. — Eu lhe asseguro. E realmente é. É perfeito porque isso aqui é tudo que eu sempre quis. Ir a algum lugar e *ficar* sem os olhos de todos em nós, pensando em todos os nossos movimentos.

Nossa comida chega rapidamente, e eu não perco tempo falando.

Nós comemos em silêncio, e mesmo que seja bom estar com Thayer, minha consciência culpada me atormenta. Eu ainda não contei de

Christian. Ou o encontro com meu irmão. Não que eu esteja fazendo algo errado falando com meu próprio irmão, mas Grey é um ponto de discórdia entre Thayer e eu.

— Eu vi Grey. — eu digo, mexendo na ponta do meu canudo. Thayer fica tenso, empurrando o prato vazio para o centro da mesa.

— Sim?

Eu concordo. — Ele não atendeu minhas ligações, então eu apareci em seu dormitório. — Inclino-me para frente, meus cotovelos apoiados em cima da mesa. — Ele admitiu ter discutido com Danny, mas jura que não teve nada a ver com o que aconteceu.

— Bem, que alívio. — diz ele, sarcasmo pingando de cada palavra. — Agora eu posso dormir à noite. Você conhece muitas pessoas que confessariam assassinato, Shayne?

Eu estremeço com a palavra *assassinato.*

— Eu acho... — Eu hesito, sentindo-me em conflito enquanto Thayer espera em silêncio eu terminar. — Acho que ele está escondendo algo de mim.

Espero outra observação sarcástica, pelo menos. O que não espero é que ele enfie a mão no bolso de trás para tirar a carteira e jogar cinquenta em cima da mesa.

— Vamos lá.

Thayer se levanta da cabine e se dirige para a porta, sem se preocupar em esperar por mim ou dizer adeus ao amigo. Eu o sigo, com raiva de mim mesma por trazer isso à tona agora e arruinar o que quer que seja. As coisas ficaram boas por dois segundos inteiros, e eu tive que me auto sabotar como uma idiota.

Thayer já está no carro quando eu saio. Deslizo para o banco do passageiro e ele sai sem dizer uma palavra. Fico quieta, deixando-o processar ou refrescar-se ou o que ele precisa fazer, encostando minha testa na janela fria. Cinco minutos depois estamos entrando em um complexo de apartamentos. Olho para ele quando estaciona e joga o carro no estacionamento. Ele abre a porta e sai do carro, depois se abaixa quando eu não me mexo para sair.

— Você vem?

Saio do carro, fechando a porta atrás de mim enquanto entro no prédio alto e tenho um pressentimento ruim. Thayer se dirige para a entrada e eu o sigo dentro do prédio, pelo saguão e para dentro de um elevador. — Onde estamos?

O elevador para e saímos para o corredor. Thayer para na frente de uma das portas e enfia uma chave na fechadura. — Meu apartamento.

— Empurrando a porta aberta, ele gesticula para eu entrar primeiro.

Entro, boquiaberta no apartamento moderno que é

completamente o oposto de Whittemore. É um piso plano aberto com grandes janelas de vidro que cobrem toda a parede. A sala de estar é composta por um sofá único e uma TV montada na parede oposta. Há um corredor à esquerda e a cozinha à direita. — Você vive aqui?

Ele chuta a porta atrás de si. — As vezes.

— O que mais eu não sei sobre você?

— Quando você o viu? O dia que você faltou a escola? — Ele pergunta, ignorando minha pergunta. Eu respiro fundo. Acho que estamos fazendo isso agora.

Eu concordo. — Como você sabia?

— Por que você não me contou?

— Você estava sumido, lembra? — Eu respondo antes de suavizar meu tom. — E... eu estava com medo.

— De quê? — Ele pergunta, seus olhos vazios de emoção.

— De perder você. — eu digo honestamente. — Eu não...

— O quê? — Seus olhos escuros encontraram os meus, esperando minha resposta.

— Eu não quero sentir isso de novo. E há tanta *merda* entre nós, entre nossas famílias... não vejo como isso não vai acabar mal.

Thayer dá um passo à frente, acabando com o espaço entre nós. — Foda-se nossas famílias. Acabei de ter você de volta. Não vou deixar você ir

tão cedo.

— O quê? — Meus olhos se voltam para os dele. — Mas e se Grey?

— Nem consigo terminar a frase.

— Então vamos lidar com isso.

— E agora?

— Agora, você leva sua bunda até a mesa.

O calor se espalha através de mim com suas palavras. Olho para ele, questionando, e ele puxa a camisa por cima da cabeça, jogando-a no sofá. Engulo em seco, meus olhos o devorando.

— Shayne...

Ok. Mesa. Vou até a pequena mesa retangular preta e me viro para encará-lo, apoiando as mãos na borda.

— Suba. — diz ele, me levantando sobre a mesa. Minhas mãos pousam atrás de mim para me manter firme, meus joelhos dobrados. As mãos de Thayer deslizam pelas minhas pernas e minha respiração fica presa quando mergulham sob o meu vestido. Seus dedos enrolam em volta da minha calcinha rosa, deslizando-a pelas minhas coxas. Ele a puxa pelos meus sapatos antes de deixá-la cair no chão.

— Abra suas pernas para mim, baby.

Os olhos de Thayer estão colados entre minhas pernas enquanto eu lentamente deixo minhas coxas se abrirem, pés plantados na mesa. Ele

coloca uma mão embaixo do meu vestido que está amontoado na parte superior das minhas coxas, pressionando o polegar contra o meu clitóris. Eu suspiro, meus olhos se fechando com a sensação.

— Mostre-me esses peitos bonitos.

Inclino-me para frente, empurrando as alças do meu vestido antes de tirar minha camisa. Os arrepios surgem sobre a minha pele e meus mamilos se contraem.

— Apoie-se nos cotovelos.

Faço o que ele diz enquanto desabotoa a calça, puxando uma camisinha do bolso de trás antes de enfiar o jeans nas pernas. Ele segura seu comprimento, acariciando para cima e para baixo enquanto seus olhos famintos parecem satisfeitos. Ele nem sequer me tocou ainda, e estou praticamente tremendo de antecipação. Querendo acabar com o seu controle, empurrá-lo para me tocar, eu lambo meu dedo médio antes de colocar minha mão entre minhas coxas. Eu uso esse dedo para me esfregar, e seus olhos brilham com a visão. Eu levanto meus joelhos mais alto, apenas meus tênis tocando a mesa agora enquanto deslizo meu dedo para dentro.

— Você é tão perfeita. — ele murmura, e então ele está se inclinando entre as minhas pernas abertas, capturando meu mamilo com os lábios.

— Thayer. — eu digo, arqueando em sua boca. Seus dentes puxam meu piercing e eu ouço o invólucro de camisinha se abrindo antes que ele

role por seu comprimento. Ele me ajuda a ficar de pé, depois me vira de frente para a mesa e eu tropeço para frente, minha mão segurando a borda da mesa enquanto Thayer empurra meu vestido pelos meus quadris. Ele levanta um dos meus joelhos sobre a mesa, e então ele está empurrando dentro de mim, mãos apertando minha cintura enquanto ele geme de prazer.

— Eu não vou deixar você ir. — diz ele novamente, sua palma deslizando para segurar levemente minha garganta, mantendo minhas costas em seu peito enquanto estica os quadris para frente. — Mas se eu descobrir que Grey fez isso, não mostrarei nenhuma piedade a ele.

— Eu sei.

Ele pressiona seus lábios na minha espinha, me beijando, e então ele está empurrando meu peito contra a mesa.

— Ótimo.

— Por que você nunca vai à aula? — Eu pergunto, chegando atrás dele enquanto ele está no balcão da cozinha, circulando meus braços em torno de seu torso nu. Depois que Thayer me fodeu na mesa, nós fodemos

mais duas vezes. Uma no chão e outra no sofá, bem em frente à janela de vidro. Por volta das nove horas, percebemos que precisávamos de comida, então ele pediu pizza. Estou dolorida, saciada e com sono, tentando absorver tudo antes que tenhamos que voltar à realidade amanhã.

— Parecia errado.

Pressiono minha bochecha contra suas costas, minhas mãos em seu estômago enquanto espero que ele me explique.

— Continuar com a minha vida, ir para a faculdade... Danny deveria estar aqui para tudo isso. Parece que estou deixando-o para trás.

Meus pensamentos voltam para quando Valen disse que não o via há meses. Ela ficou tão surpresa ao vê-lo em Sawyer Point quanto eu. — Foi por isso que você voltou para casa?

Ele captura meu pulso, examinando as linhas fracas que o raio deixou, seu polegar esfregando a pele sensível. — Voltei para você.

— Não, você não voltou. — Eu rio. — Você me *odiava.* — Às vezes, ainda acho que ele me odeia em algum nível. Meu maior medo é que ele nunca seja capaz de me ver como antes do acidente.

— Eu nunca te odiei. Eu odiava não poder ter você.

CAPÍTULO 32

Shayne

Bocejando, vou até a cozinha para fazer um lanche tarde da noite, depois de terminar o dever de casa que deixei para trás. Entre Thayer me mantendo acordada a noite toda ontem e meu jogo depois da escola hoje, mal consigo manter os olhos abertos. Não que eu esteja reclamando. Valeu a pena perder o sono e a dor que o treinador me deu por ter perdido o treino.

Pego o queijo e a manteiga da geladeira antes de ir para o fogão. Eu sigo no piloto automático, pegando a frigideira e passando manteiga no pão, perdida em pensamentos, quando ouço o som de cacos de vidro vindo do outro quarto. Eu pulo de volta com um grito e depois congelo com a mão na boca. Quando não ouço mais nada, bato cegamente a mão no balcão atrás de mim, procurando o meu telefone. Volto para a despensa, fechando a porta o mais silenciosamente possível, quando meus dedos trêmulos conseguem clicar no nome de Thayer.

— Shayne? — Ele pergunta, preocupação evidente em seu tom. Eu nunca ligo para ele.

Coloco minha mão na boca e no alto-falante do meu telefone, tentando manter a voz baixa. — Acho que alguém invadiu minha casa.

— Meu coração ameaça bater no meu peito.

— Estamos chegando. — diz ele imediatamente. — Onde você está?

— Escondida na despensa.

— Boa. Fique aí. Não saia até que você me ouça.

Um cheiro estranho atinge minhas narinas e inspiro, tentando decifrá-lo. Cheira a... tecido queimado.

— Merda. — eu xingo.

— O quê? — Thayer late no telefone.

— Acho que sinto o cheiro de algo queimando.

A voz em pânico de Thayer grita algo para Holden, presumivelmente, e então eu ouço o sinal revelador de seu Hellcat. Ele diz outra coisa, mas a adrenalina faz meu pulso bater nos ouvidos, dificultando a audição.

Abro lentamente a porta da despensa e espio. Quando não vejo ninguém, pego a frigideira do fogão e saio correndo, correndo em direção à sala de estar da frente, confirmando meu medo. Um pequeno incêndio arde no chão em frente à janela quebrada. — Há um incêndio. — eu consegui dizer antes de largar o telefone e a frigideira.

— Merda, merda, merda. — estou tentando formar um pensamento coerente. *Extintor de incêndio*. Eu sei que vi um em algum lugar quando nos mudamos. Eu corro até o armário da entrada e abro a porta,

vendo o recipiente vermelho na prateleira acima da minha cabeça. Eu fico na ponta dos pés para alcançá-lo, esticando o braço o mais longe possível, as pontas dos meus dedos roçando-o. Eu pulo, tentando derrubá-lo da prateleira, mas só acabo empurrando-o para mais longe.

Arranco um cabide por baixo de um casaco e o uso. — Vamos! Vamos. — Finalmente, sou capaz de retirá-lo da prateleira e pegá-lo antes que ele atinja o chão. Corro, desejando que minhas mãos trêmulas consigam no tempo suficiente para fazer o que precisa ser feito. Puxando o anel, aperto a alavanca e, em seguida, uma nuvem branca explode a partir do bico, extinguindo o fogo.

Uma batida na porta da frente me faz pular, mas então vejo um Holden atordoado em pé na frente da janela quebrada. Corro para destrancar a porta e Thayer entra, examinando o local.

— Você está bem? — Ele pergunta, me olhando. Ainda em choque, tudo o que posso fazer é assentir.

— Vou verificar a floresta. — diz Holden antes de sair, e depois Thayer me puxa para ele, arrancando o extintor dos meus dedos até que caia no chão.

— Você tem certeza que está bem? — Suas mãos seguram meu rosto, forçando-me a olhá-lo.

Concordo com a cabeça novamente e seus dedos se agarram ao meu pescoço enquanto ele se abaixa para me dar um beijo rápido nos lábios.

— Você viu alguém?

— Não. — Balanço a cabeça. — Eu estava fazendo algo para comer quando ouvi o vidro da janela quebrando. — eu digo, apontando para o enorme buraco na minha janela. — E então eu liguei para você.

— Você não chamou a polícia? Ou mais alguém?

— Só você. Imaginei que você estaria mais perto... — Começo a explicar, mas ele me interrompe.

— Não, você fez bem. Isso é bom.

Ele se afasta de mim, os pés esmagando o vidro quebrado, e então ele está agachado, arrancando algo do chão, inspecionando.

— O que é isso?

— É um pedaço de uma garrafa de cerveja.

— Nada. — anuncia Holden, aparecendo na porta antes de ir até Thayer. — Quem quer que fosse, já se foi. — Ele balança o queixo em direção ao objeto preso entre os dedos de Thayer. — Coquetel Molotov?

— É nisso que estou pensando. — concorda Thayer. Eles trocam um olhar que me deixa ainda mais tensa.

— O que isso significa?

— Isso significa que não foi um acidente.



Sento-me de pernas cruzadas no sofá enquanto Thayer e Holden estão na minha frente, em sua casa.

— Você vai me dizer que também é trabalho de Taylor? — Thayer diz para Holden que balança a cabeça.

— Não. A outra merda, talvez. Mas isso foi longe demais, até para ela.

— Talvez tenha sido apenas uma brincadeira aleatória. — Ofereço, sabendo muito bem que não era algo assim. Mas a alternativa me assusta demais para considerar. Ambos me encaram com um olhar, e eu levanto minhas mãos em falsa rendição. — Ou talvez não.

— Além de Taylor, há mais alguém que tem algo contra você? — Isso vem de Thayer.

— Apenas vocês. — Eu brinco, mas minha piada é ruim.

— Isso não é engraçado, Shayne. — Holden retruca.

Afasto-me surpresa com o quão chateado ele parece estar.

— Você vai ficar aqui até sua mãe voltar. — diz Thayer.

— O quê? — Eu fico de pé, o cobertor caindo do meu colo no chão.

— Não. Se você não percebeu, há um buraco gigante na minha sala de estar. Não posso deixar assim. E eu preciso ligar para minha mãe. — Algo que eu tenho medo.

— Vamos consertar sua janela, mas você não vai ficar aqui sozinha. Na verdade, você nem vai no banheiro sozinha até descobrirmos quem está por trás disso.

— Thayer. — Isso é ridículo.

— Isso não é brincadeira, Shayne. Alguém tentou *te machucar*. Você entendeu isso? Você percebe o que poderia ter acontecido? Mais alguns segundos e as chamas atingiriam as cortinas e toda a sua casa pegaria fogo. Com você dentro.

— Ele está certo. — diz Holden, braços cruzados sobre o peito. — Nós já enterramos um irmão.

Certo, me dê um soco no estômago, por que não?

— E o seu pai?

— Ele está no apartamento na cidade. Agora que o memorial passou, ele não tem motivos para voltar. E se ele fizer, então foda-se ele. O que ele pode fazer?

— Dizer à minha mãe. — afirmo o óbvio.

— Foda-se ela também. — Thayer responde. — Não vamos agir como se eles estivessem preocupados de estar por perto para seus filhos.

Eu quero argumentar que minha mãe está lá para mim da única maneira que ela pode, que tudo o que ela faz é dar uma boa vida a Grey e a mim. Mas não é a hora. E ele tem razão. Independentemente do raciocínio, eles estão ausentes em nossas vidas. Sempre cuidamos de nós mesmos. É o que fazemos.

— Bem. — Caio de volta no sofá, puxando o cobertor sobre mim.

— Vamos levá-la para pegar algumas coisas depois da escola amanhã. — diz Thayer, e então ele está caminhando em direção ao seu quarto sem nem um adeus.

— Vou pegar um travesseiro para você. — oferece Holden, coçando a nuca.

— Obrigada.

Ele se foi apenas por um minuto, e eu já estou começando a cochilar, minha cabeça apoiada no braço do sofá. É como se toda a adrenalina passasse, me deixando completamente esgotada. Minha mente enlouquece tentando processar os eventos desta noite, mas meu corpo desiste.

Holden volta, me entregando o travesseiro. Ele hesita como se fosse falar algo, mas reconsidera. — Boa noite.

— Noite. — eu digo, deslizando para baixo e enfiando o travesseiro debaixo da minha cabeça.

Não sei quanto tempo passa e acordo assustada quando alguém me levanta do sofá. Meu coração martela no meu peito enquanto meu cérebro desorientado tenta acordar.

— Sou eu. — a voz profunda de Thayer soa perto do meu ouvido.

Eu relaxo instantaneamente, passando os braços em volta do pescoço dele, sentindo o calor de seu peito nu enquanto ele me carrega pelas escadas e entra em seu quarto. Ele se senta na cama antes de se deitar, me trazendo com ele. Seu braço está embaixo de mim, me segurando perto, minha cabeça em seu peito, minha coxa sobre suas pernas, e eu volto a dormir, me sentindo segura demais para uma garota cujo coração corre o risco de ser quebrado novamente.

CAPÍTULO 33

Shayne

— **S**hayne. — A voz de Thayer penetra minha consciência. Minha mente lentamente sai da névoa induzida pelo sono, e pisco para um teto que não é meu, sentindo o calor ao meu lado. Então tudo corre de volta para mim. A janela. O fogo. Thayer me trazendo para o quarto dele no meio da noite. — Eu estava esperando que fosse um sonho. — Eu resmungo, rolando e enterrando meu rosto no travesseiro de Thayer.

Ele ainda está sem camisa, deitado de costas ao meu lado. — Não. E você vai se atrasar para a escola. Holden está no chuveiro, então, a menos que você queira que ele a encontre na minha cama... — ele para, esperando minha resposta.

Sento-me rapidamente, passando a mão pelos cabelos. — Estou de pé.

Thayer estica a mão para coloca-la atrás do meu joelho, me puxando para montar em seu estômago. Eu coloco minhas mãos em seu peito enquanto as suas agarram minhas coxas, seus dedos deslizando sob a barra da minha bermuda, mas elas não vão além.

— Você está bem?

Concordo, colocando meu cabelo atrás da orelha.

— Vamos descobrir quem fez isso.

— Eu sei.

O som de passos no corredor me faz sair de cima dele. Eu levanto, me afastando da cama no momento em que Holden abre a porta, olhando entre nós com olhos desconfiados. Seu cabelo está molhado e ele está vestindo uma camiseta branca lisa e moletom preto que diz *Pare de olhar para o meu pau.*

— Você não vai vestido assim para a escola. — Eu rio.

— Então veja. — Ele balança as sobrancelhas. — Pronta para ir?

Olho para os meus shorts de dormir e a parte de cima de alças finas. — Pareço estar pronta?

Holden bate palmas. — Bem, vamos rápido, irmãzinha.

Eu passo por ele, descendo as escadas para pegar minha mochila. Enfio apressadamente algumas roupas dentro, pegando as primeiras coisas que vi antes de Thayer e Holden me arrastarem para fora de minha casa na noite passada, que era um par de jeans com buracos nos joelhos e uma camiseta preta lisa e justa. Ainda por cima, com o moletom de Thayer, passo dois minutos no banheiro do térreo para escovar os dentes e colocar meu cabelo em um rabo de cavalo. Faço uma pausa, olhando para o meu reflexo cansado. Meus olhos estão inchados e minhas bochechas estão vermelhas, mas não trouxe maquiagem e, sinceramente, não me importo o suficiente para tentar esta manhã.

Meu estômago revira com a ansiedade que só cedeu enquanto eu estava ao lado de Thayer. Sei que era "apenas" uma janela, mas o pensamento de que alguém quer me machucar, *realmente* me machucar me deixa pouco à vontade.

— Vamos. — Holden grita, batendo na porta do banheiro.

Eu estremeço, respirando fundo, e limpo o olhar infeliz do meu rosto. Abro a porta, dando-lhe o dedo do meio. Ele se lança para frente, tentando mordê-lo enquanto passo, mas sou mais rápida. Nós caminhamos até a porta, e Thayer está parado no vestíbulo, esperando.

— Fique de olho.

Eu reviro os olhos. — Ninguém vai fazer nada na escola. — Estou assustada, mas até eu sei que isso é um exagero.

— Talvez não, mas se você prestar atenção nos sinais, poderá descobrir quem está por trás disso. Preste atenção. Se alguém está te observando, se você notar pessoas sussurrando quando você entra em uma sala...

Eu dou uma risada. — Bem-vindo à minha vida cotidiana.

— Não é só isso. Preste atenção nas pessoas que *não estão* falando com você. Se eles se sentirem culpados, provavelmente evitarão você.

— De alguma forma, acho que essa pessoa não tem nenhuma culpa em relação a mim. — murmuro.

Ele olha para Holden. — Você informou o Christian?

— Eu vou fazer na escola. A operação Smother Shayne está em pleno vigor. — ele diz, jogando um braço por cima do meu ombro.

Hoje deve ser divertido. E não é uma boa *diversão.*



— Você está bem? — Valen pergunta, espremendo-se entre Holden e eu na mesa do almoço. Christian senta em nossa frente, fazendo algo em seu telefone. Enviei uma mensagem para Valen ontem à noite, mas estávamos atrasados para a escola, então não tive tempo de informar todos os detalhes esta manhã.

— Sim. — Eu dou de ombros, falando com indiferença. — Só um pouco assustada.

— Então, o que exatamente aconteceu? Alguém jogou algum tipo de *bomba* pela sua janela?

— Coquetel Molotov. — diz Holden em torno de um bocado de seu hambúrguer. A visão disso me deixa enjoada. A ansiedade de tudo o que está acontecendo matou meu apetite.

Valen torce o nariz para ele. — O que é isso? — Ela pega um pedaço de seu pretzel macio e o coloca na boca.

— Menos perigoso que uma bomba. Normalmente é para intimidar ou enviar uma mensagem, em vez de causar danos reais. — Christian responde. — Fique feliz por estar na cozinha quando isso aconteceu.

— Isso é realmente um alívio. — eu digo.

— Ok, mas é fogo. O fogo sempre *é* perigoso. Quem diabos faria isso? Eu dou de ombros, tão ignorante quanto ela.

— Você quer dormir na minha casa por um tempo? Você sabe que pode ficar o tempo que quiser.

— Não ela não pode. — Holden se intromete. — Ela está ficando conosco.

Valen levanta uma de suas sobrancelhas perfeitas. — Ela é minha melhor amiga. Consiga a sua.

— Ela é minha irmã. — Holden joga para trás. — Consiga a sua.

Eu reviro meus olhos com a briga deles. — Quero ficar perto da minha casa até que a janela esteja fechada, mas tenho a sensação de que aceitarei sua oferta em breve.

— Bom.

— Então, quando você vai ver Liam? — Eu pergunto, desesperada por uma mudança de assunto.

— Hoje. Vou sair cedo para fazer a viagem.

— Idiota. — Holden tosse em seu punho e eu dou uma cotovelada nas costelas, fazendo-o estremecer.

— Ele vai fazer dessa coisa persistente um hábito? — Valen pergunta, enviando-lhe um olhar sujo.

— Infelizmente.

— Acostume-se a isso, baby. — Holden sorri largamente, mostrando seus dentes brancos perolados.

— Consiga uma vida, *baby*. — ela zomba.

— Cadela.

— Bisbilhoteiro!

A campainha toca, tirando-me da minha miséria, e Valen se levanta da mesa, despeja a bandeja e depois sai na direção da classe.

— Seja legal com ela. — eu digo enquanto nós três estamos indo para o salão principal.

Holden afasta o olhar de sua bunda em retirada. — Eu seria muito, muito legal com ela se ela apenas me deixasse.

Eu dou uma risada. — Vejo você depois da aula.

Uma vez que Holden está fora de vista, eu corro para alcançar Christian, que está alguns passos à minha frente. — Ei.

Ele para, virando-se para mim quando o corredor se esvazia.

— Eu só queria ter certeza de que você está bem.

Ele franze a testa para mim, mas há tristeza em seus olhos. Um peso neles, e não me lembro se esteve sempre lá ou se é algo recente. — Estou bem.

Foi o que ele disse naquela noite também.

— Eu não disse nada.

— Eu sei.

— Mas eu não gosto de guardar esse segredo. — eu admito.

— Não se preocupe comigo, Shayne. Eu sou um garoto grande.

Balanço a cabeça, frustrada. — Você está me colocando em uma situação de merda. — Eu tento uma abordagem diferente.

— Sim, bem, ninguém pediu para você enfiar o nariz onde não foi chamada.

Franzo a testa e ele revira os olhos. — Eu cuido disso.

Eu aceno, indo embora, sabendo que estamos em um impasse.

— Shayne. — ele chama.

— Sim?

— Estou feliz que você esteja bem. — diz ele, seu tom estranhamente sincero.

— O mesmo para você.

Aula chata após aula chata, tento fazer o que Thayer disse. Tento prestar atenção ao meu entorno, mas não percebo nada diferente de qualquer outro dia. Taylor ainda dá um golpe quando pode, e se alguma coisa, com Holden e Christian me acompanhando, chamo ainda mais atenção do que o normal. Era exatamente isso que eu não esperava. A cereja no topo do bolo é quando Thayer está nos esperando no estacionamento, em pé na frente do carro depois da escola. — Isso definitivamente vai alimentar o boato.

— Vejo você em casa. — Holden ri, acenando com o queixo para agradecer Thayer antes de ir em direção ao seu Rover.

Casa.

Aquelas borboletas estúpidas estão de volta ao ver Thayer parado ali, de jeans preto e camisa preta, sua tatuagem à mostra, mãos enfiadas nos bolsos da frente. Vou até ele, segurando meu fichário no peito. — Eu poderia pegar uma carona com Holden.

— Você poderia. — ele concorda, abrindo a porta para mim.

— As pessoas vão falar.

Ele encolhe os ombros. — Deixe que falem.

CAPÍTULO 34

Shayne

É assim que as coisas acontecem na próxima semana. Holden me leva para a escola e Thayer me pega na maioria dos dias. Eles vêm aos meus jogos e tentam ir aos meus treinos, até que o treinador os manda esperar do lado de fora por causa da distração das minhas companheiras de equipe. Thayer tinha alguém para consertar a janela e ficou como nova depois de dois dias. Surpreendentemente, a única perda foi o tapete caro da minha avó, que jogamos fora, e uma marca de queimadura na madeira. Vou me preocupar em como explicar isso para minha mãe mais tarde.

Toda noite nós saímos juntos, às vezes com Christian, às vezes somos apenas nós três. Thayer me leva para o quarto dele depois que todo mundo dorme, e todas as manhãs saio de sua cama, completamente fodida, antes de Holden e Christian acordarem para se arrumar. Nós não falamos sobre meu irmão. Nós não falamos sobre Danny. Tornou-se nosso novo normal, e estou começando a temer voltar para casa em alguns dias.

A campainha toca, anunciando o fim do dia, me tirando dos meus pensamentos. Levanto-me, recolhendo minhas coisas, e quando saio para o corredor, fico surpresa ao descobrir que Holden não está magicamente lá, esperando por mim. *Ótimo.* Talvez ele esteja finalmente percebendo que não preciso de segurança na escola. Eu caminho pelo corredor lotado, indo para

tirar minha jaqueta do meu armário. É sexta-feira, então não quero deixar ela aqui no fim de semana.

As pessoas começam a sussurrar e rir, todos os olhos em mim. O medo se desenrola dentro de mim. *E agora?* Reviro os olhos, passando por eles, mas paro quando vejo por que eles estão reagindo.

Filha da Puta está pintado com spray de tinta preta em negrito no meu armário. Instintivamente procuro Taylor. Ela pode não ter jogado uma bomba na minha janela, mas isso... *essa* é a marca dela. E quando vejo seu rosto presunçoso, sei que estou certa.

— Fazer isso em um armário com tinta spray é uma vergonha. Falta criatividade e originalidade, mas *é* um movimento clássico de garota má. Eu dou um sólido C.

— Se o sapato couber. — ela responde.

A raiva ferve em meu interior, e eu me sinto atingindo meu ponto de ruptura. Há tanta coisa que uma pessoa pode aguentar antes que ela finalmente se rompa. Eu entro em seu espaço, apoiando-a na direção da fila de armários no lado oposto do corredor.

— Você é patética.

— Eu? — Ela grita, suas sobrancelhas atingindo seu couro cabeludo. — Você é obcecada pelo seu meio-irmão. Sério, Shayne. É assustador.

O calor sobe pelo meu pescoço e até as pontas dos meus ouvidos. Largo minha mochila e empurro seus ombros. Suas costas batem contra os armários, os olhos arregalados, a boca escancarada em choque. — Foda comigo de novo, Taylor. — digo com os dentes cerrados.

— E prometo que será a última vez.

Não bata nela, não bata nela, não bata nela.

— Ou você quer que seu irmão me mate também?

Eu vou bater nela.

Eu enrolo meus dedos em um punho antes de enviá-lo diretamente para seu pequeno nariz perfeito. A cabeça de Taylor bate contra o armário, e então ela está em choque enquanto um coro de suspiros e aplausos enchem os corredores. Ela me olha incrédula por um segundo, depois entra em ação, gritando como uma alma penada enquanto se lança em mim.

Um par de braços vem em volta da minha cintura, me afastando.

— Whoa, whoa, whoa. — diz Holden. — Acalme-se, garota. — Ele se abaixa para pegar minha mochila, jogando-a por cima do ombro. Todos os olhos estão sobre nós enquanto Taylor está lá, com o peito arfando. Ela está envergonhada. Muito provavelmente enfurecida. Mas ela cruzou a linha.

— Você está acabada. — diz ele, apontando um dedo no rosto de Taylor.

— Holden...

— Vamos. — ele diz para mim, ignorando-a enquanto me conduz pelo corredor com a mão na parte inferior das minhas costas. Um professor enfia a cabeça para fora da sala de aula, procurando a fonte do tumulto, mas continuamos caminhando em direção às portas duplas que levam ao estacionamento dos alunos.

Abro a porta, mas o vento forte a abre ainda mais. O céu está escuro com uma tempestade iminente, as nuvens rolando. O carro de Thayer está visivelmente ausente, e estou aliviada por ter alguns minutos para me recompor antes de vê-lo. Meu coração está batendo forte. Eu nunca bati em alguém assim antes, e odeio o que fiz. Não porque ela não merecia, mas porque era exatamente isso que ela queria de mim. Ela queria ficar sob minha pele, obter uma reação minha, e eu entreguei a ela em uma bandeja de prata.

Entramos no Range Rover de Holden e saímos do estacionamento, fazendo a pequena viagem para Whittemore. O Hellcat de Thayer está estacionado na entrada circular e Holden para atrás dele, estacionando antes de olhar para mim.

— Como está sua mão?

— Dói. — eu resmungo.

Ele ri, saindo do carro. Abro a porta e pulo, meus sapatos esmagando o cascalho enquanto sigo Holden pelas escadas. Ele vai direto para a cozinha, onde Thayer está no balcão, comendo um sanduíche.

— Que porra aconteceu?

— Shayne deu um soco no rosto de Taylor. — diz Holden com toda a alegria de uma criança de cinco anos brincando com sua mãe.

As sobrancelhas de Thayer saltam, sua expressão divertida.

— Ela mereceu. — Eu dou de ombros.

— Ela estava procurando. — Holden concorda, estendendo a mão para roubar a metade restante do sanduíche de Thayer, mas ele bate com a mão na dele.

— O que ela fez?

Holden conta o que aconteceu, do armário ao comentário sobre Grey, e os olhos verde-escuros de Thayer encontram os meus em uma pergunta silenciosa. Eu dou de ombros. Eu não acho que ela realmente sabe sobre nós. — Eu acho que ela está amarga por eu estar bem com vocês novamente e divulgou um boato de que isso é verdade.

— Você está bem? — Thayer pergunta.

— Sim. — Mordo o lábio, assentindo. Por que eu não estaria bem? Não é como se eu estivesse tendo um caso secreto com meu ex- meio-irmão que acha que meu irmão de verdade matou seu irmão enquanto alguém de fora está tentando me assustar e cadelas maldosas estão me chamando de filha da puta na frente de toda a escola.

Estou bem.

CAPÍTULO 35

Thayer

No momento em que Holden sai pela porta da frente, estou subindo as escadas, procurando Shayne. Eu ouço o chuveiro aberto e entro no banheiro cheio de vapor, fechando a porta atrás de mim. Eu planejava conversar com ela sobre o que aconteceu na escola, mas no momento em que a vejo ali nua, de costas para mim enquanto a água derrama sobre ela, perco todo o pensamento coerente.

Ela é linda *pra caralho*. Tão diferente, mas tão parecida com a garota que se mudou há três anos. Ela é mais forte, mas ainda vulnerável. Confiante, mas humilde. Quente *pra caralho*, mas inocente. Como se ela pudesse sentir meus pensamentos, ela me olha por cima do ombro.

— Thayer! — Shayne me repreende, virando-se, erguendo os braços para cobrir o peito. A água do chuveiro cai ao seu redor, pingando das pontas dos cabelos, gotas abraçando suas curvas enquanto deslizam por seu corpo. Ela é perfeita demais.

— Ele se foi. — Eu tiro a roupa em tempo recorde, e o olhar de Shayne cai no meu pau, percebendo que já estou duro. Eu ando atrás dela, segurando seus seios enquanto mergulho minha cabeça para beijar seu pescoço. Ela estremece, inclinando-se para mim.

— Vire-se. — murmuro contra sua pele.

Ela faz o que eu digo, ansiosa pelo que estou prestes a lhe dar. Caindo de joelhos, levo meu rosto ao nível de sua boceta e puxo meus pirciengs entre os dentes, admirando a vista.

— Levante sua perna.

Ela o faz, apoiando o pé no banco embutido. Eu passo a mão na parte de trás de sua outra perna, trazendo meus lábios para suas coxas. Meus dentes beliscam a carne macia, provocando, nunca indo exatamente onde ela precisa de mim. Shayne perde a paciência, passando as mãos pelos meus cabelos molhados e me puxando na direção dela. *Porra, isso é quente*. Quando minha língua desliza contra seu pequeno clitóris, ela esfrega contra mim, incapaz de ficar quieta. Eu gemo, pegando seu pé e colocando no meu ombro. Deslizando minha palma sobre sua bunda, eu a seguro no meu rosto, lambendo e chupando até que suas pernas estejam tremendo com a necessidade de gozar.

— Vire-se. — Eu ordeno com uma voz estrangulada.

Sem fôlego, ela faz o que eu digo e depois coloco a mão nas costas dela, empurrando-a para frente.

— Bunda para cima. Mãos na parede.

Shayne arqueia sua bunda perfeita em forma de coração e deslizo minhas mãos sobre sua carne, apertando. Eu a abro, inclinando-me para lambê-la. Shayne se afasta com um suspiro, sem esperar, mas eu seguro seus quadris no lugar. Eu a lambo do clitóris até a bunda e em todos os lugares.

Ela geme, e é o som mais sexy que já ouvi, pressionando os peitos contra a parede do chuveiro, e eu sei que ela está tão bêbada com a sensação que me deixaria fazer qualquer coisa.

— Você vai me deixar fazer o que eu quiser? — Eu pergunto, minha voz cheia de luxúria. Ela fica tensa com minhas palavras.

— Isso não.

Eu rio contra sua coxa. — Eu prometo que vou fazer você gozar.

— Ok. — Sua voz é um sussurro.

Eu a viro mais uma vez, de costas contra a parede, e deslizo um dedo dentro de sua boceta.

— Sim. — diz ela enquanto minha boca desce sobre seu clitóris enquanto eu a fodo com os dedos. Não demora muito para que seus movimentos acelerem, tornando-se frenéticos. Eu sei que ela está prestes a gozar, então deslizo meu dedo entre a sua bundo. Shayne fica tensa de novo, mas eu a esfrego enquanto minha boca chupa seu clitóris. Logo ela está pressionando sua bunda contra o meu dedo, querendo mais. De bom grado dou a ela, gentilmente trabalhando meu dedo médio em sua bunda.

— Oh, merda. — Shayne engasga, e eu olho para cima para ver seus olhos fechados, lábios abertos.

Ela é tão apertada em volta do meu dedo. Eu vou devagar no começo, deixando-a se acostumar, mas depois me movo mais rápido

enquanto puxo seu clitóris na minha boca, chupando com força. Seu estômago tenso e apertado, e seu corpo trava com seu orgasmo iminente, assim que deslizo meu dedo indicador dentro de sua boceta.

Ela grita, literalmente grita, e suas pernas cedem. Eu uso meu antebraço para prendê-la na parede, mantendo-a na vertical enquanto eu bombeio nela. Ela se contrai ao redor dos meus dedos, pernas trêmulas, enquanto minha língua lambe seu clitóris.

— Puta merda. — Ela grita, deslizando pela parede do chuveiro.

— Essa foi a coisa mais quente que eu já vi na minha vida.

— Idem. — A voz de Holden diz atrás de nós.

Os olhos horrorizados de Shayne se abrem por cima do meu ombro, e eu protejo seu corpo nu com o meu.

— Que porra é essa!

— Ela estava gritando! Eu pensei que ela estava sendo assassinada! Quero dizer, acho que ela estava, só que não do jeito que eu...

— Holden! Dê o fora daqui.

Ele sai, batendo a porta do banheiro atrás dele.

— Eu pensei que ele tinha saído. — é tudo o que ela diz.

— Eu também.

Saio do chuveiro, entregando-lhe uma toalha antes de pegar uma

para mim. Ela envolve em torno do corpo, dando um nó no peito. Quando entramos no corredor, Holden está de pé na frente da porta do meu quarto com os braços cruzados.

— Eu só tenho uma pergunta. — diz ele, olhando entre nós.

— O quê?

— Quando você perfurou seus mamilos?

— Oh meu Deus. — diz Shayne, suas bochechas ficando rosadas. Ela passa por ele, entrando no meu quarto. Nós a seguimos, vendo como ela desaparece no meu armário. Quando ela sai, está vestindo uma das minhas camisetas pretas que bate no meio da sua coxa.

— Por que você não parece bravo? Ou até surpreso? — Ela pergunta, apontando um dedo para ele.

— Espere, vocês dois realmente pensaram que eram espertos? — Ele pergunta, rindo. — Vocês dois desapareceram por dois dias, ela dorme na sua cama todas as noites, vocês se fodem com os olhos sempre que estão no mesmo quarto, oh, e não vamos esquecer a noite em que você fez sexo oral nela enquanto eu estava sofá ao lado. Obrigado por isso, a propósito.

— Mas você disse... — Shayne exclama, seu rosto ficando ainda mais vermelho.

— Eu menti. — Ele pisca.

— Oh meu Deus. — diz ela novamente, caindo na beira da minha

cama.

— Tudo bem. Agora que estou com tesão, vou encontrar alguém para brincar. Vocês se divirtam.

Holden sai e eu ando até o meu armário, vestindo uma calça de moletom cinza antes de me sentar ao lado de Shayne na minha cama.

— Então. Isso aconteceu.

— Sim.

— Você está bem com isso? Com as pessoas sabendo?

— Você está?

Ela levanta um ombro. — Ainda estamos descobrindo as coisas. Só não quero que ninguém estrague tudo antes que tenhamos uma chance real.

Pego o queixo dela entre o polegar e o indicador, forçando-a a olhar para mim. — Foda-se todo mundo. Somos apenas... você e eu.

Ela sorri e eu sinto isso como um choque no meu peito. Sinto falta de ver esse sorriso todos os dias. Eles não vêm tão facilmente como antigamente.

— Você não conseguiu terminar.

— Você não precisa me lembrar. — eu digo, ajustando meu pau meio duro na minha calça.

Ela morde o lábio, caindo de joelhos entre as minhas pernas.

— Deveríamos fazer algo sobre isso.



O som do vento balançando galhos contra a minha janela me acorda. Meu quarto está escuro, a TV em que adormecemos assistindo mais cedo já está desligada. Deslizo meu braço debaixo da cabeça de Shayne, tomando cuidado para não acordá-la, então ligo a lâmpada na minha mesa de cabeceira, mas ela não acende. A energia deve ter acabado c. Saio da cama, procurando cegamente o meu telefone. Quando a encontro, acendo a lanterna, indo para a minha porta. Eu a abro, encontrando Holden do outro lado.

— Verificou a caixa do disjuntor?

Pergunto-lhe. Provavelmente é por causa dos ventos fortes, mas com alguém querendo *foder* com Shayne, minha paranoia está em alerta máximo.

— Ainda não. Esqueci onde papai deixou as chaves do porão.

— Elas estão na mesa dele. Vamos.

Holden me segue pelo corredor e ao virar da esquina, até o

escritório do papai.

— Então, você e Shayne, hein?

Eu o ignoro, contornando a mesa enorme do meu pai, abrindo a gaveta superior direita. Uso uma mão para iluminar a luz por dentro e a outra para vasculhar os numerosos conjuntos de chaves, canetas e outras coisas aleatórias. Finalmente encontro o que estou procurando, puxo o chaveiro, mas ele fica preso em alguma coisa. Coloco meu telefone na gaveta mais uma vez, e é aí que percebo que uma das chaves deslizou embaixo de alguma coisa. Algo que se parece muito com um fundo falso.

Aperto minha mandíbula com força quando um sentimento ruim atinge meu intestino com força e rapidez. De alguma forma, eu sei que o que há por baixo é sobre Danny.

— Venha me dar um pouco de luz.

— O que é isso? — Ele aparece atrás de mim, iluminando sua lanterna por cima do meu ombro, e eu coloco meu telefone na mesa.

— Vamos descobrir. — Pego uma das chaves e coloco-a entre o quadro e a frente da gaveta, abrindo-a e depois encaixando meus dedos entre a abertura para levantá-la.

— Que porra é essa? — Holden diz enquanto eu puxo uma pasta laranja. Ele se inclina para mais perto, brilhando mais luz para ver as palavras na frente dela.

— Aqui diz que papai verificou isso um mês depois da morte de Danny.

Meu pulso começa a acelerar, precisando de respostas, mas com medo do que vou encontrar. Abro a pasta, encontrando o que parece ser uma caixa de CD com vários números, seguidos por uma data.

— Foi o dia em que ele morreu.

Concordo com a cabeça, engolindo em seco e abrindo a caixa. De repente, a eletricidade regressa, a luz inundando o corredor. Holden se aproxima do interruptor da luz e eu sento na cadeira em frente à mesa do meu pai, ligando o computador. Seu computador pré-histórico leva o que parece uma eternidade para inicializar, cada segundo fazendo minha ansiedade disparar. Olho para o relatório da polícia que estava na mesma pasta, mas quase tudo foi modificado. Caixas pretas estão espalhadas pela página, tornando impossível compreendê-la.

— Está pronto? — Eu pergunto, pressionando o botão de ejeção, fazendo a bandeja deslizar para fora. Não sei o que vamos descobrir, mas sei que isso vai mudar tudo.

Em vez de responder, ele coloca o disco na bandeja e a fecha.

— Nove-um-um, qual é a sua emergência?

— Eu preciso de uma ambulância nas cataratas!

Meu coração bate contra as minhas costelas quando ouço a voz

através do alto-falante.

— Qual é a emergência? — o operador repete.

— Ele não está respirando, porra!

Meu estômago cai e eu aperto meu queixo com tanta força que estou surpreso que meus dentes não quebram sob a pressão.

— Quem é ele?

— Danny... Daniel Ames.

Meus olhos se fecham ao ouvir o nome dele.

Há comoção no fundo quando ele grita em resposta a algo que eu não posso entender com o som da água. Uma imagem de Danny de bruços na água surge espontaneamente, e eu fecho minhas mãos em punhos, minha garganta ficando tensa.

— Você disse que ele não está respirando?

— Apenas mande alguém caralho.

— Uma ambulância já está a caminho, senhor. Com quem estou falando?

A pessoa não responde. A linha é cortada e a gravação termina. Mas nós dois sabemos quem era.

Nenhum de nós fala por um instante, mas Holden pega o monitor da mesa, lançando-o no chão.

— Por que diabos papai teria isso? Por que ele não nos contou? — Os olhos de Holden estão vidrados quando ele olha para mim, seu peito arfando.

— A melhor pergunta é por que ele está o protegendo?

Holden passa por cima das partes quebradas do computador, dirigindo-se às prateleiras que revestem a parede, metade cheia de livros e a outra metade com garrafas de licor. Ele abre uma garrafa de uísque, dando um longo gole enquanto caminha de volta para mim. Ele pega a cadeira à minha frente, estendendo a mão sobre a mesa para me entregar a garrafa. Não é a minha primeira escolha, mas agora eu não dou a mínima. Bebo, acolhendo a queimadura que desliza pela minha garganta. Nós não conversamos. Ficamos em silêncio, bebendo, pensando, *afundando*. Quando o sol nasce, a garrafa se foi e Holden desmaiou na cadeira. Volto para o meu quarto, usando a parede como apoio. Faço uma pausa na porta, inclinando meu peso na moldura enquanto olho para Shayne. Seu cabelo loiro está espalhado pela minha fronha preta, seus lábios rosados ligeiramente separados, cílios longos atingindo o topo de suas bochechas. Meu lençol está reunido em seu quadril, expondo o sua cintura e seus braços cobrem seu peito, uma mão sob sua bochecha. Ela parece tão pacífica quando dorme. Quase angelical.

E agora eu tenho que descobrir como dizer a ela que seu irmão matou o meu.

CAPÍTULO 36

Shayne

Eu acordo sozinha. Os lençóis estão frios, me dizendo que estou sozinha há um tempo. Sento-me, esticando os braços acima da cabeça. Ontem à noite, depois que Holden saiu, subi em cima de Thayer e o montei longo e lento, enquanto ele estava deitado com as mãos atrás da cabeça, apenas me observando. Meus sentimentos por ele só ficam mais fortes a cada dia que passamos juntos, e se estou sendo sincera, isso me assusta. Mas estou muito envolvida para ir embora agora.

Pego a camisa preta de Thayer que vesti ontem à noite, colocando-a sobre a minha cabeça. Aproximando-me da minha bolsa de ginástica, que enchi com roupas minhas, vasculho-a para encontrar uma calcinha limpa e um par de shorts Soffe. Depois de me vestir, pego meu telefone e saio pelo corredor. A casa parece quieta. Muito quieta. Holden ainda deve estar dormindo. Uso o banheiro e escovo os dentes antes de descer as escadas em busca de Thayer.

— Thayer? — Eu chamo no final da escada. Sem resposta.

O medo rasteja dentro de mim lentamente. Não sei explicar o motivo. Mas é uma sensação avassaladora que algo não está certo.

Entro na cozinha, mas ele também não está lá. Verifico todos os cômodos em que consigo pensar, a sala de bilhar, a sala de estar, o banheiro

do térreo. Abro a porta da frente, mas o carro dele está estacionado em frente à fonte. Olho para o meu telefone, percorro meu registro de chamadas e clico no nome dele, trazendo-o ao meu ouvido.

Sem resposta.

Desisto, subindo as escadas para pegar algumas das minhas coisas. Se ele se foi, não vou apenas esperar por ele. Quando chego ao topo da escada, um som vindo do outro lado do corredor me faz parar. É um barulho repetitivo. Um *baque... baque... baque*... a cada poucos segundos.

Quarto do Danny.

Vou até a porta dele, hesitando com a mão pairando sobre a maçaneta. Eu não pisei aqui desde... *antes.* Parece que está fora dos limites. Errado. Mas se Thayer estiver lá...

Respirando fundo, giro a maçaneta, abrindo a porta. Eu encontro a fonte do barulho. Thayer está parado no meio do quarto de Danny, cercado por troféus, fitas e placas, jogando uma bola de basquete.

— Thayer?

Seus olhos vazios e injetados de sangue me encaram e o olhar neles envia um arrepio na minha espinha.

— Você está bem? — Dou um passo em sua direção, mas sua voz me impede de seguir.

— Saia. — A voz dele é fria. Sem emoção.

— O que aconteceu? — Eu tento de novo.

— Vai. Embora.

Lágrimas enchem meus olhos, ameaçando transbordar. — Você está fazendo de novo, não é? — Balanço a cabeça. — Você está me afastando.

— Eu acuso. Ele olha para mim, sem falar, e minha tristeza cede lugar à raiva. — Como você pode fazer isso comigo de novo quando você sabe o quanto dói? Quando você sabe como foi difícil confiar em você novamente? Você é tão egoísta assim? — Minha voz aumenta um tom.

Eu vejo o músculo em sua mandíbula tremer sob sua pele, mas ele ainda não fala.

— Se você me deixar sair por aquela porta, Thayer, eu juro que não voltarei. — Eu consigo dizer as palavras sem minha voz falhar. Lágrimas escorrem pelo meu rosto e eu odeio isso. Eu odeio que ele esteja me vendo quebrar. Os olhos de Thayer brilham com algo, as sobrancelhas se franzindo, mas ele não diz nada. Em vez disso, ele se afasta de mim.

— Acho que tenho a minha resposta. — Engulo o nó na garganta, sentindo meu temperamento queimar. Como ele pode ser tão arrogante quando meu coração parece estar sendo esmagado em mil pedaços? — Você é um idiota. Não sei quem é pior. O *garoto* egoísta que tem medo de sentimentos, ou a idiota que se apaixonou por ele. Novamente.

Eu não deveria estar surpresa. No fundo, eu sempre soube que

chegaria a isso. Ignoramos verdades duras por felicidade temporária. Mas não faz doer menos. Eu corro pelo corredor e vou para o quarto dele, segurando a raiva que percorre através de mim, sabendo que é apenas uma questão de tempo antes que se transforme em desgosto. Jogo todas as minhas coisas na bolsa. Abrindo o zíper do bolso da frente, tiro o colar improvisado que Thayer fez com a chave do celeiro, apertando-o na palma da mão antes de jogá-lo na cama dele.

É hora de deixá-lo ir.

Com a cabeça baixa, desço correndo as escadas, a bolsa por cima do ombro. De alguma forma, meus pés se enroscam na alça da bolsa na minha pressa de sair daqui, mas duas mãos fortes disparam para me pegar antes que eu caia, me firmando. Eu me endireito, me afastando e encontrando Holden na minha frente com algo que parece muito com pena em seus olhos.

Sem uma palavra eu me movo em volta dele, calço meus sapatos e saio de Whittemore.

Para sempre.

Para meu crédito, eu consegui chegar até em casa antes de me quebrar. Desliguei o telefone e o deixei no andar de baixo, depois me arrastei para a cama onde estive desde então, com exceção de usar o banheiro algumas vezes. Um dia atrás, eu teria medo de ficar aqui sozinha à noite. Engraçado como a mágoa substitui o medo.

Deito na cama, minha bochecha contra o travesseiro encharcado de lágrimas, me perguntando como Thayer conseguiu fazer um giro completo em tão pouco tempo. E por quê? Porque Holden descobriu sobre nós? Mas ele parecia estar bem com isso. Ele com certeza não parecia ter problema quando estava enterrado dentro de mim cinco minutos depois. Tinha que ser outra coisa. Ele estava no quarto de Danny quando o encontrei, e meu instinto me diz o que venho ignorando o tempo todo. Não importa o quanto ele possa me querer, seu ressentimento é mais forte.

— Shayne? — A voz de Grey chama, me assustando com meus pensamentos. *Que diabos?* Sento-me na cama, secando rapidamente o rosto com a parte de baixo da camisa e pressiono as palmas das mãos contra os olhos inchados, respirando fundo. Tiro minhas mãos do rosto quando minha porta se abre, revelando Grey com seus cabelos castanhos encaracolados nas pontas do seu chapéu Red Sox invertido.

— O que está acontecendo? — Ele diz, imediatamente entrando no meu quarto.

— O que você está fazendo aqui? — Minha voz rouca soa estranha

aos meus próprios ouvidos. Não pronunciei uma palavra desde que saí da casa de Thayer ontem. *Deus, sou patética.*

Ele franze a testa, seus olhos procurando os meus. — Mamãe deixou uma mensagem dizendo que estaria fora da cidade e me pedindo para vir ver você.

Eu dou uma risada amarga. — Bem, eu estou bem. Você pode sair agora.

— Sim, você realmente parece bem. — Ele retruca, sarcasmo pingando de cada palavra.

— É um pouco tarde para começar a se preocupar. — Estou sendo uma idiota e nem me importo. Estou farta de segredos e mentiras, estou cansada de sempre tentar consertar tudo e todos, e estou cansada de ser uma segunda opção.

Olhos duros encontram os meus por um instante, e então ele se afasta, fechando a porta atrás dele. Caio de volta na minha cama, olhando para o teto.

Algum tempo depois que o sol se põe, há uma batida na porta do meu quarto. Solto um suspiro, balançando as pernas para o lado da cama e vou em direção à porta. Eu abro, esperando totalmente outra rodada com Grey, mas, em vez disso, encontro uma tigela no chão. Aveia com açúcar mascavo. E uma fatia de torrada.

Meu queixo balança. Sinto tanta falta do meu irmão que dói, mas

como podemos começar a consertar as coisas se ele não for honesto comigo? Pego a tigela e a coloco em cima da minha cômoda. Não tenho vontade de comer.

Eu rastejo de volta para a cama, coloco um pouco de Netflix no meu laptop e, desmaio.

CAPÍTULO 37

Thayer

— **V**ocê vai contar *para* ela? — Holden pergunta, os cotovelos apoiados no balcão da cozinha.

— Mais cedo ou mais tarde terei que contar. Eu apenas não descobri como ainda. Quando ela me encontrou no quarto de Danny, eu ainda estava mal e meio bêbado. Eu não conseguia falar com ela, ainda mais lá, de todos os lugares, mesmo sendo coerente. Fiquei acordado a noite toda pensando sobre o que diabos aquela ligação nove-um-um significa para nós. Passei de culpá-la pela parte de Grey na morte de Danny para tentar protegê-la da verdade em questão de semanas. A última coisa que quero fazer é machucá-la, mas a julgar pelo olhar em seu rosto, acabei fazendo isso de qualquer maneira. Eu praticamente podia ouvir o coração dela quebrando, e fiquei parado ali, sem saber o que dizer ou fazer para consertar isso.

Eu sabia que estava fodido quando vi a chave do celeiro na minha cama. Shayne amava o celeiro tanto quanto eu. Talvez até mais. O fato de ela ter desistido dele me diz tudo o que preciso saber. Ela terminou. E eu não posso nem culpá-la.

— Você deveria ter visto o rosto dela, cara. Eu nunca a vi assim.

— Não é o que eu quero ouvir.

Se há uma coisa que aprendi sobre Shayne, é que ela odeia se sentir vulnerável. Especialmente na frente das pessoas. Ela age como se não a incomodasse que sua mãe nunca estivesse por perto, que seu irmão deixou de ser seu melhor amigo para ser um estranho em questão de meses, mas eu sei que ela sente. Eu a vejo. Quando perdemos Danny, eu ainda tinha Holden e Christian. Shayne não tinha ninguém. Cada um de nós virou as costas para ela, tudo por razões que não tinham nada a ver com ela.

Tristes olhos azuis surgem em minha mente e eu tiro minhas chaves do balcão. *Foda-se*. — Volto daqui a pouco.

Shayne não é Grey. Shayne é inocente. E ela é minha.

Sem outra palavra, eu ando pela casa e vou até o Hellcat. Holden não precisa de uma explicação. Ele sabe exatamente para onde estou indo. Entro, ligo o motor e corro em direção à casa da sua avó.

Eu não dou a mínima para o que aconteceu. Eu a perdi uma vez. Eu não vou fazer isso de novo.

CAPÍTULO 38

Shayne

O som do Hellcat de Thayer entrando no caminho da minha casa me envia um choque de medo. Não por mim. Por Grey. Eu corro para fora do meu quarto e saio pela porta da frente, agradecida pelo fato da caminhonete de Grey estar estacionada na garagem.

Thayer bate a porta com força, andando em direção a minha casa quando entro na varanda. Quando ele olha para mim e me vê, ele para, um olhar surpreso cruzando suas feições. Ele provavelmente esperava que eu me escondesse no meu quarto, o que eu teria feito se Grey não estivesse em algum lugar dentro de casa.

Eu estou uma bagunça. Meu cabelo não foi escovado depois do banho ontem, meu rosto está inchado de tanto chorar e sem nenhuma maquiagem. Meu moletom está pendurado na parte de baixo da minha bermuda e estou usando meias que chegam ao meio das panturrilhas, mas os olhos de Thayer percorrem meu corpo, olhando para mim como se ele não me visse há meses, em vez de dois dias.

— Você precisa ir. — eu digo, cruzando os braços sobre o peito.

— Não.

— Sim.

— Não até você falar comigo.

— Não há nada a falar.

— Discordo. — Ele dá um passo em minha direção. — Ontem à noite...

— Seus olhos flutuam sobre o meu ombro, focando em algo atrás de mim. Seu rosto se contorce de raiva, todo o seu comportamento mudando. — Que porra ele está fazendo aqui?

— O que eu estou fazendo aqui? — Grey pergunta, seu tom desafiador quando ele fica na minha frente. — Eu moro aqui, filho da puta. O que você está fazendo aqui?

— Grey, entre. — eu digo, ficando na frente dele, plantando minhas mãos contra seu peito para empurrá-lo em direção à porta. Ele olha para mim, seus olhos brilhando de entendimento.

— Ele é a razão de você estar chorando o fim de semana inteiro?

— Ele olha por cima da minha cabeça para Thayer. — Você tocou na minha irmã?

— Você matou meu irmão. É justo eu foder sua irmã.

— Thayer! — Eu falo. *Que diabos ele está pensando?* Humilhação percorre meu corpo, meu rosto esquentando. Grey tira proveito do meu estado atordoada, passando por mim e, a julgar pelo olhar no rosto de Thayer, era exatamente o que ele estava esperando.

Grey dá um soco, mas Thayer abaixa o ombro, esquivando-se do golpe enquanto ele ataca Grey no gramado. Ele levanta o braço antes de bater com o punho no rosto de Grey, a outra mão segurando a gola da camisa.

— Thayer, pare! — Corro escada abaixo, puxo o braço de Thayer, mas ele me sacode facilmente.

— Eu não o matei. — Grey resmunga.

Thayer dá outro soco antes de Grey, de alguma forma, ganhar vantagem. Eles são um monte de cotovelos e punhos enquanto se revezam para acertar seus golpes até que os dois estejam machucados. Se eles não pararem logo, alguém será gravemente ferido. Eu corro de volta para casa, pegando meu telefone da cama e ligo para Holden.

— Isso foi rápido.

— Holden, venha aqui rápido. Grey está aqui. — É tudo o que preciso dizer.

— Filho da puta. Estou chegando.

Eu largo o telefone, correndo de volta para fora.

— Eu te ouvi! — Thayer grita, enviando outro punho para o lado do rosto de Grey. Grey parece atordoado, seus olhos rolando por um segundo antes que ele entenda. — Eu ouvi, porra. Você estava com ele quando ele morreu.

O quê?

Seu cotovelo sobe como se ele fosse atingi-lo novamente, mas não acho que Grey possa dar outro golpe.

— Thayer! — Meu grito é desesperado e gutural, surpreendendo até a mim mesma, e eu finalmente chego até ele. Ele me olha por cima do ombro, punho levantado, peito arfando.

— Por favor, pare. Por favor, por favor, por favor. — Eu choro. — Ele é meu irmão. — Minha voz falha na última palavra, soando fraca.

Thayer solta Grey e cambaleia para seus pés quando o Range Rover de Holden desce pela estrada. Ele pula para fora, observando a cena diante dele com assassinato escrito em todo o rosto.

Thayer se abaixa para agarrar a camisa de Grey, puxando-o de pé. — Entre na porra do carro.

— Thayer, não.

— Eu não vou machucá-lo. — Meu rosto deve transmitir o quão pouco eu acredito nele. — Não mais. — ele adere tardiamente. — Essa merda termina hoje à noite.

Grey passa o braço pela boca ensanguentada e cospe no gramado. — Ok. — Ele caminha até o Rover de Holden, pulando no banco de trás. Em vez de pegar o Hellcat, Thayer sobe na frente ao lado de Holden.

Se eles acham que eu estou deixando Grey entrar sozinho na cova

dos leões, eles estão enganados. Antes que Holden possa partir, eu corro, pulando no banco de trás e depois fecho a porta. Os olhos de Thayer encontram os meus, e se eu não soubesse melhor, diria que eles estavam cheios de remorso. Mas então ele se afasta, olhando pelo para-brisa.

— Suje de sangre os meus assentos e eu terminarei o trabalho. — diz Holden, depois afunda o acelerador, indo para Whittemore.



Dizer que isso é estranho seria um eufemismo enorme. Thayer e Holden estão de um lado da sala de bilhar, os braços cruzados sobre o peito, e Grey está do outro. Eu estou no meio, encostada na mesa de sinuca atrás de mim. A tensão na sala é palpável. Esta é a primeira vez que estamos no mesmo quarto juntos há mais de um ano, e meu estômago está todo revirado, sem ter ideia do que esperar.

— Comece a falar. — diz Holden, quebrando o silêncio tenso.

— Eu não matei Danny.

— Mas você estava lá quando ele morreu. — Thayer afirma isso como um fato, sua voz vazia de emoção.

Grey respira fundo e exala pelo nariz. — Sim.

Minha boca cai aberta, minha cabeça virando em sua direção. — O quê? — Eu pergunto em um sussurro atordoado. Eu confiei nele, o defendi. Como ele pôde esconder algo assim de mim?

Grey olha para mim, com os olhos contritos, antes de focar sua atenção em Thayer e Holden. — Eu deveria encontrá-lo nas cataratas, mas o encontrei na praia. Então, sim, liguei para a porra da polícia. Para *salva*- lo. — Ele aperta o maxilar. — Mas eu estava muito atrasado.

— Isso não faz nenhum sentido. Por que você não disse isso para começar? — Eu pergunto confusa. Eu quero acreditar nele mais do que ninguém nesta sala, mas algo não está encaixando.

— Eu esperei pela ambulância. Eu até tentei dar-lhe RCP. Pelo amor de Deus. Mas Samuel chegou lá antes deles.

— Meu tio? — Holden pergunta, a descrença evidente em seu tom.

Grey assente. — Ele me disse que eu precisava sair antes que mais alguém aparecesse. Disse que não havia como alguém acreditar que eu acabei por tropeçar no corpo de Danny, e que eles me levariam para a cadeia. Eu disse a ele que já havia chamado a polícia e ele me disse que cuidaria disso. Mas então a polícia apareceu antes que ele pudesse me convencer a sair, e eles estavam fazendo todas essas perguntas como se eu fosse um maldito assassino, e eu percebi que ele estava certo. Eles pensaram que eu o matei e não havia como provar o contrário.

— Mas meu pai tem a gravação. — diz Thayer. — Ele sabia que foi você quem ligou. Ele tinha o boletim de ocorrência. Por que ele se esforçou para proteger você?

— Porque ele é meu filho.

Eu pulo com o som da voz de August. Leva um segundo para que as palavras dele façam sentido, mas quando o fazem, meu mundo vira de pernas *pro* ar. Meus ouvidos estão zumbindo, e de repente estou tonta. Não. *Não*. Olho para Thayer, que parece tão horrorizado quanto eu. Não é verdade. Isso não pode ser verdade. Mas quando vejo o rosto de Grey endurecer de desprezo, sei que é. Lentamente tudo começa a se encaixar. Meu estômago revira, e eu legitimamente acho que vou vomitar.

— Respire, Shayne. Eu não sou seu pai. — August diz conscientemente, me tirando da minha miséria. — Mas eu sou o pai dele.

— Você sabia. — Eu digo a Grey. É por isso que ele está agindo tão estranho. Bem, isso e o fato de ele ter descoberto o corpo de Danny. Isso foderia qualquer um.

— Danny descobriu de alguma forma e me contou alguns dias antes. Eu não acreditei nele. Eu queria confrontar mamãe e August, mas Danny queria que eu esperasse até termos todos os fatos.

— Você é meu meio-irmão. — eu digo a Grey quando entendo tudo. Por que nossa mãe esconderia algo assim de nós?

Olho para Thayer e Holden para ver como eles estão lidando com

as notícias, mas os dois estão lá, estoicos, sem revelar nada.

— Então, estamos de volta à estaca zero. — diz Thayer como se ele não tivesse descoberto que seu pai é pai de outra pessoa, apertando as mãos atrás da cabeça. — Ainda não sabemos quem matou Danny.

— Não sabemos se alguém o matou. — diz August, parecendo surpreso.

— Eu preciso sair daqui. — murmuro, meu cérebro sobrecarregado de informações. Eu preciso de ar. Não dou a ninguém a chance de responder antes de descer as escadas e sair para o ar fresco. Eu respiro profundamente, puxando o máximo de ar em meus pulmões quanto posso, e em seguida, as represas se rompem. Estou chorando de *novo* e não consigo parar.

— Shayne. — a voz de Thayer chama atrás de mim. Eu me viro, encontrando seus olhos. — Eu não estava tentando machucá-la.

— Então imagine o que aconteceria se você realmente tentasse.

CAPÍTULO 39

Shayne

Devido a criativa expressão de Taylor no meu armário, eu tinha que ir ver a senhorita Thomas *e* o diretor no dia seguinte. Sinceramente, eu não podia nem contar o que foi dito. Fiquei sentada, assentindo na hora certa, dando respostas de *sim* ou *não*. Meu armário tinha sido limpo no fim de semana, mas eu não me importei. O estrago já estava feito. Os dias passaram em um borrão. Eu ando pela vida no piloto automático, tendo o mesmo sentimento de desapego que senti na última vez em que meu coração foi pisoteado. Não consigo me concentrar nas aulas e estou fora do jogo quando se trata de vôlei. Eu não era exatamente a Srta. Simpática quando nossa equipe visitou faculdades, então tenho certeza de que causei uma impressão fantástica nos treinadores. Isso, associado ao fato de eu não ter disputado meu primeiro ano, que é sem dúvida o ano mais importante no que diz respeito aos olheiros, não é um bom presságio para mim.

Depois que minha mãe chegou em casa de sua viagem, Grey finalmente a confrontou. Todo esse tempo ele sabia que August era seu pai biológico, e ele nunca confrontou minha mãe. Quanto mais ela escondia dele,

mais seu ressentimento aumentava. Ela finalmente desmoronou, confessando todos os detalhes que guardara para si mesma por tantos anos. Aparentemente, ela e August estavam tendo um caso, embora ele já estivesse casado com a mãe de Thayer. Minha mãe é alguns anos mais nova que August, então uma gravidez na adolescência e adultério não eram uma boa opção. Especialmente naquela época. Seus pais disseram que ela tinha duas opções: fazer um aborto ou ir embora.

Ela escolheu ir embora.

Mas aqui está a melhor parte. August nunca soube. Minha avó ligou para William, pai de August, para informá-lo sobre o escândalo. Em vez de confrontar August com as informações, ele optou por subornar minha mãe com uma bela quantia de dinheiro se ela deixasse a cidade. William disse a ela que era o que August queria, e desde que ela estava grávida e à beira de ser despejada, ela aceitou sua oferta. Então veio meu pai, cuja identidade ainda é um mistério para mim. Honestamente, eu não tive o desejo ou a energia de perguntar a ela sobre isso. Já tenho drama suficiente na minha vida e você não pode sentir falta de alguém que não conhece.

Minha mãe nunca foi próxima de seus pais depois disso, mas eventualmente, eles foram capazes de ser civilizados por nossa causa. Isto é, até minha mãe encontrar August na primeira vez que viemos a Sawyer Point. Ele viu Grey e sabia que ele era seu filho. Surgiu outra briga entre minha mãe e minha avó e August e William, assim que eles juntarem as peças. Pelo que

minha mãe diz, August queria uma oportunidade de conhecer Grey. Minha mãe não estava pronta para contar, e August não estava pronto para reconhecê-lo. Então eles ficaram noivos, ele nos apoiou financeiramente, enviou Grey para uma boa faculdade, e o resto era história.

A chamada telefônica de August faz sentido agora. Ele não estava me criticando por beber álcool. Ele a estava avisando porque tinha medo que eu estivesse saindo com um de seus filhos sem saber que Grey *também* era filho dele.

Ainda existem muitas perguntas sem resposta. O que aconteceu com Danny?

Quem estava fazendo essas "brincadeiras" e por quê?

As "brincadeiras", se você pode chamá-las assim, pararam, mas ainda pesa na minha cabeça. Só falta agora *meu* pai aparecer do nada.

Mas e a maior coisa que atormenta meus pensamentos?

Thayer. Sempre Thayer. Se não estava claro que o universo não nos queria juntos antes, com certeza está agora. Passamos por mais perdas, decepções e traumas do que a maioria das pessoas em toda a vida, e eu nem me formei no ensino médio.

Estou furando minha salada com o garfo sem poder comer, perdida em pensamentos, quando Valen chuta meu tornozelo debaixo da mesa.

— Ow. — Eu franzo a testa para ela, e ela vira o queixo, apontando

para as portas da cafeteria. Olho para ver Thayer caminhando em direção a nossa mesa com uma carranca no rosto. Um silêncio cai sobre a cafeteria enquanto ele caminha em nossa direção, seus olhos queimando através de mim como um raio laser.

— Oh, merda. — diz Holden.

Ele para na minha frente e meu coração bate forte, sem saber o que esperar.

— Podemos conversar?

Eu balanço minha cabeça, fortalecendo minha voz. — Aqui não.

— Você não atende minhas ligações. Você não abre sua porta. Você não está me deixando muitas escolhas.

Olho em volta, não querendo fazer uma cena. Todo mundo está nos observando com muita atenção, e Thayer parece não se importar. Se eles não acreditavam nos rumores antes, agora acreditam.

— Eu não dou a mínima para nenhuma dessas pessoas. — diz ele, lendo meus pensamentos. — Não tenho nenhum problema em expor minhas coisas aqui na frente de todos.

Isso me estimula a agir. De pé, pego seu braço, puxando-o pelo refeitório e entrando no saguão que liga o ginásio à lanchonete. Cruzo os braços, esperando que ele diga alguma coisa. Thayer estende a mão para me tocar, mas dou um passo para trás, colocando alguma distância necessária

entre nós. As sobrancelhas dele se juntam, sentindo meu movimento.

— Eu não posso fazer isso. — Isso dói. Dói fisicamente estar tão perto dele.

— Fica comigo. Foda-se nossas famílias. Foda-se todo mundo. Fica comigo. Fique comigo.

Balanço a cabeça enquanto as lágrimas enchem os meus olhos. — Como você pode me pedir para ficar quando tudo que você faz é fugir? É o que todo *mundo faz*: *todos me deixam.* Vocês. Grey. Minha mãe. Inferno, meu próprio pai me deixou antes mesmo de me conhecer. — Eu pareço uma pessoa louca. Sinto uma lágrima rolar pela minha bochecha e passo a palma da minha mão. — O que há de errado comigo? Porque claramente, eu sou o denominador comum aqui.

— Nada está errado com você. — diz ele com veemência, trazendo as mãos para cobrir meu rosto, seus polegares esfregando minhas bochechas. — Eu não estava *te* deixando, Shayne.

Eu me afasto do seu toque. — Estava. Você descobriu sobre Grey e se fechou. Você me disse para sair sem uma explicação. — Engulo o nó na garganta, tentando passar pelas minhas próximas palavras sem chorar. — E agora sabemos que não era ele e você está aqui, pensando que muda as coisas, mas não muda.

— Eu ouvi essa gravação e tudo que eu pude fazer foi me preocupar em como eu iria contar isso para você. Eu fiquei lá, assistindo você

dormir, e eu escolhi *você*. Eu escolhi você ao invés de meu próprio irmão. Porque eu deveria estar com você, Shayne, e nós dois sabemos disso. E sim... — ele diz, passando a mão pelo cabelo. — Tive um colapso bêbado pela culpa, mas não foi porque eu deixei você. Foi porque eu aceitei o fato de que eu tive que deixar Danny ir para seguir com você. Por isso vim à sua casa. *Antes que* eu soubesse que Grey era inocente.

Minhas lágrimas vêm fortes e rápidas. Ele está dizendo todas as coisas certas, e eu quero tanto acreditar nele. — Há muita merda entre nós. Você é meio-irmão de Grey, pelo amor de Deus...

— E? Como isso é diferente de quando eu era seu meio- irmão? Nossos pais nem estão juntos. Isso não muda nada.

— Sinto que tudo o que faço é lutar por nós. E eu estou apenas... cansada, Thayer.

— Então eu serei o único a lutar. Porque não vou deixar você ir.

— Bem, eu lamento.

Eu observo o modo como a garganta dele balança quando ele engole, o queixo apertado.

— Nós dois sabíamos que isso não duraria para sempre, certo?

— Afasto-me antes de fazer algo estúpido como esquecer tudo. Quando volto para a cafeteria, todos os olhos estão em mim. É tão silencioso que poderia ouvir cair um alfinete.

— Comam a porra do almoço, seusbastardos intrometidos!

— Holden grita, quebrando o silêncio. A maioria das pessoas tem a decência de desviar os olhos. Ele e Valen estão ao meu lado, caminhando comigo.

— Não posso estar aqui hoje. — digo uma vez que estamos no corredor.

— Quer que eu vá com você? — Valen oferece.

— Não, eu estou bem. Sério. — Eu digo, forçando um sorriso quando ela me envia um olhar duvidoso.

— Eu irei lá mais tarde. — Concordo e ela me dá um abraço.

— Vamos. Vou levá-la para fora. — diz Holden, me puxando para o lado dele.

Percorremos o corredor e atravessamos as portas duplas que levam ao estacionamento dos estudantes. Quando chegamos ao meu carro, subo no meu assento, deixando a porta aberta. Holden apoia a mão no teto.

— No ano passado, todos nós ficamos acabados. — diz Holden, aparentemente do nada.

Eu solto uma risada. *Você acha?*

— Mas Thayer parecia ter mais dificuldade do que qualquer um de nós. Ele tinha essa convicção, um peso nos ombros, que excluía a todos nós.

Mas quando você voltou... ele também voltou. Você literalmente o trouxe de volta à vida.

Meu queixo treme e depois estou chorando de novo. Eu fungo, enxugando minhas lágrimas, me sentindo estúpida. Mas Holden me puxa para fora do carro e passa os braços em volta de mim, sua mão acariciando meu cabelo. Eu o abraço de volta, minha bochecha contra seu peito duro, tendo o conforto que ele está oferecendo. Se há um lado positivo nessa coisa toda, é que Holden e eu temos nossa amizade de volta.

— Ele é teimoso, mal-humorado e detestável, mas acho que ele não amou nada até conhecer você.

Ele disse que lutaria por mim. Eu sempre pensei que o coração partido era uma dor emocional, mas a dor no meu peito diz o contrário. Não vejo nem tenho notícias de Thayer há dias. Eu deveria estar feliz que ele está me deixando ir. Por que ele não o faria? Deixei claro que planejava fazer o mesmo. Mas uma parte de mim queria que ele lutasse por mim como ele disse. O medo dele me fazer sofrer, junto com meu orgulho estúpido, não me deixava ceder tão rapidamente. Por que as garotas fazem isso? Esperar uma quantidade aceitável de *rastejar* antes de ceder? Tudo o que isso faz é prolongar a dor. Em ambos os lados.

— A última coisa que eu queria era ser como minha mãe. — diz minha mãe. Meus olhos voam para vê-la na porta do meu quarto. Eu franzo a testa, não entendendo.

Olá para você também.

— Você não é nada como ela. — Eu não a conhecia bem, mas a conhecia o suficiente para saber que as duas eram opostos.

— Não é verdade. — diz ela, vindo sentar-se ao pé da minha cama. Ela olha em volta, para os pôsteres e fotos nas minhas paredes. — Você sabia que este era o meu quarto?

Balanço a cabeça.

— Eu saí por aquela janela mais vezes do que posso contar.

Eu quero rir, mas um pequeno sorriso é tudo que consigo. Eu nunca saí dessa maneira, mas tinha um garoto entrando. E daria tudo para que ele rastejasse pela janela novamente.

— Eu deixei todas as chances que pude. Passei grande parte da minha vida odiando minha mãe. Ela sempre tentou me encaixar nessa caixa. Ela queria que eu fosse alguém que eu não era. Ela era arrogante e fez todas as minhas escolhas por mim. E eu disse a mim mesma quando engravidei do seu irmão que nunca faria isso. Eu nunca iria intervir na vida dele do jeito que ela fez na minha. No entanto, aqui estou eu, cometendo os mesmos erros.

— Quais? — Sento-me, abraçando o travesseiro no meu colo,

genuinamente confusa.

— Eu não estou por perto tanto quanto deveria estar, por exemplo. Eu dependia de Grey muito mais do que deveria. Levei vocês para longe de Shadow Ridge, onde estavam felizes e os joguei para os lobos, sabendo como as pessoas nesta cidade poderiam ser. Eu estava tão focada em fornecer a vida que achei que você merecia que deixei de lhe dar as coisas que você mais precisava.

— Mamãe. Isso não é verdade.

— Eu não quero que você tenha ressentimentos. — Uma lágrima escorre por sua bochecha. — Eu não quero que você fuja um dia e nunca mais volte.

— Isso nunca vai acontecer. — asseguro.

Ela enxuga os olhos, se recompõe antes de balançar a cabeça. — Desculpe, eu não planejava dizer tudo *isso*. — diz ela rindo. — Eu só quero ter certeza de que você está feliz. Se você quiser voltar para Shadow Ridge, nós iremos. Se você quiser ficar aqui, também podemos fazer isso.

Estou feliz neste momento? Longe disso. Eu poderia me imaginar estando em outro lugar?

— Eu quero ficar.

Ela solta um suspiro, os ombros caem um pouco. — Eu pensei que sim. Aqui está minha tentativa de fazer a coisa certa.

— Ok... — *respondo*.

— Eu sei sobre você e Thayer.

Eu acho que meu coração para por um segundo. — Oh?

— Eu encontrei você dormindo na cama dele logo antes do acidente de Danny.

— Oh Deus. — eu gemo, deixando meu rosto cair em minhas mãos, envergonhada.

— Obviamente, a situação era... complicada. Então achei melhor separar vocês dois.

Foi por isso que ela nos mudou de volta para Shadow Ridge?

— E não estou dizendo que foi errado. Você tinha dezessete anos. Quando voltamos, pensei que ele havia ido para a faculdade e que você teria mudado. Mas assim que vocês dois estiveram no mesmo lugar, eram como dois ímãs. Esse tipo de amor, o tipo que não desaparece com o tempo ou a distância, é raro. Como pegar um raio em uma garrafa. E se a única coisa que impede você de ser feliz é o fato de ele ser meio-irmão de Grey, então você deveria estar com ele.

Eu pisco, não esperando que a conversa tomasse esse rumo.

— Não é só isso. — eu digo, querendo me abrir, mas não sei ao certo como. Minha mãe e eu nunca tivemos o tipo de relacionamento em que me sentia confortável para conversar com ela sobre homens.

— Eu não estou lhe dizendo o que fazer. Você sempre foi responsável o suficiente para tomar suas próprias decisões. Estou apenas informando que, o que você escolher, eu apoiarei. E Grey também mudará de ideia.

CAPÍTULO 40

Thayer

Estou do lado de fora da casa de Shayne como um idiota apaixonado, sob o pretexto de vigia-la. A verdade é que ninguém tentou nada desde a noite do incêndio, mas não posso ficar longe. Eu tentei. Todas as luzes estão apagadas, exceto a lâmpada no quarto dela, e a janela está aberta, como eu sabia que estaria. Está chuviscando, mas o vento está soprando e trovões retumbam ao longe.

Vou até o lado da casa e subo pela janela, tentando manter minha entrada a mais silenciosa possível, para não acordar a mãe dela. Shayne está deitada de lado. Ela deve ter adormecido há não muito tempo, porque "The Freshman" de The Verve Pipe toca no alto-falante do telefone na cama, ao lado dela. Ao me aproximar, percebo que a ponta do nariz está vermelha, como se ela tivesse adormecido chorando, e sinto uma pontada de culpa. Eu fui a fonte das lágrimas dela muitas vezes, mas eu mataria quem ousasse fazê-la chorar.

Eu tiro uma mecha de cabelo rebelde de sua bochecha e a enfio atrás da orelha antes de me deitar na cama atrás dela. Eu beijo a parte de trás de seu pescoço, colocando minha mão em torno de seu quadril.

— Nossas cicatrizes são chamadas figuras de Lichtenberg. — eu digo, encostando minha cabeça na sua nuca. Eu nem tenho certeza de que

ela está acordada, mas continuo assim mesmo. — Você me perguntou por que eu manteria um lembrete permanente daquela noite. — Uso as pontas dos meus dedos para traçar a curva de seu quadril, sentindo arrepios irromperem sobre sua pele quente.

— Foi a noite em que você disse que me amava. — Eu a beijo novamente, onde seu ombro encontra seu pescoço. Eu ouço a respiração dela e sei que está acordada agora. — Porque, de alguma maneira, eu senti que aquela noite nos marcou juntos, gostemos ou não. — Outro beijo. — Mas mais do que isso, foi a noite em que percebi que te amava. E eu não suportava isso. Minha mãe nos deixou. Danny acabara de morrer. Eu estava com medo de amar alguém. Então, fiz o que faço de melhor e me fechei. Eu empurrei você para longe. Mas eu queria lembrar como era isso.

Shayne sem palavras vira em minha direção, e minha mão desliza por baixo de sua blusa com o movimento, descansando entre as suas omoplatas. Nossos lábios estão a centímetros de distância, mas ela mantém os olhos baixos.

— Eu sinto muito. — As palavras são simples, mas acho que nunca as disse antes. — Fique comigo.

Sua respiração está mais rápida agora, e eu posso sentir seu coração batendo forte. Não sei o que ela está pensando ou sentindo, mas ela não está me expulsando, então considero isso um bom sinal. Então eu sinto a língua dela roçar meus lábios, deslizando timidamente entre eles enquanto

suas mãos vêm para segurar meu rosto. Ela beija meu lábio superior primeiro, chupando levemente, e depois repete o movimento com o inferior. Eu gemo, deixando-a sentir tudo, mas quando sua língua desliza contra a minha, não posso deixar de beijá-la de volta.

Deslizo minhas mãos em seus cabelos, segurando-a enquanto movo minha língua contra a dela. Eu a coloco debaixo de mim, depois me ajoelho para tirar seu short cinza pelas pernas, levando sua calcinha junto. Shayne fica quieta, me deixando despi-la. A blusa dela é a próxima. Eu empurro para expor aqueles seios perfeitos, admirando o quão bonitos seus pequenos mamilos rosados ficam com aqueles piercings delicados. Eu rastejo em cima dela, minhas mãos prendendo as dela na cama enquanto tomo um mamilo em minha boca.

Shayne geme, erguendo os quadris, buscando atrito. Eu a chupo, capturando os dois braços em uma mão, então meu polegar cuida do lado negligenciado. Ela está soltando pequenos suspiros e gemidos, tomo meu tempo chupando, lambendo, beliscando e depois dou o mesmo tratamento para o outro lado. Shayne está praticamente ofegante agora, com os olhos fechados como se estivesse com dor, com os braços ainda acima da cabeça.

Enrolo seus dedos em torno das ripas na cabeceira da cama. — Mantenha-os lá. — eu digo, levantando-me para me livrar de minhas roupas. Os olhos de Shayne estão grudados em mim enquanto tiro minha camisa por cima da cabeça, deixando-a cair no chão. Tiro os sapatos, as calças e a cueca

e depois estou rastejando sobre ela, beijando seu estômago.

— Abra suas pernas para mim, baby.

Shayne abre suas coxas para mim sem hesitação, e eu deslizo entre elas.

— Diga-me novamente. — eu peço, me posicionando contra a sua boceta antes de levantar a coxa até a minha cintura. — Eu quero ouvir você dizer isso.

Ela molha os lábios, parecendo nervosa, e eu percebo o meu erro. A última vez que ela disse essas palavras, não terminou bem. Ela precisa ouvir de mim.

— Eu te amo. — eu digo, empurrando dentro dela. Deslizo minhas mãos pelos braços estendidos, entrelaçando meus dedos nos dela quando começo a me mover. — Eu tentei. Eu não queria sentir nada por ninguém, mas então você apareceu e se arrastou debaixo da minha pele, para dentro da *porra* do meu coração, e você nunca foi embora. Nem por um minuto. Eu parei de lutar contra isso.

Shayne abre os dedos, empurrando meus ombros para virar nossas posições. Ela está em cima de mim, prendendo meus pulsos na cama como eu fiz com ela, sua boceta molhada e quente contra a minha barriga. Seu cabelo cai ao nosso redor, fazendo cócegas no meu peito enquanto ela se inclina. — Se você estragar tudo...

— Eu não vou.

— Ok. — Ela mexe os quadris, inclinando a bunda até que a cabeça do meu pau entra na sua boceta.

— Isso significa que você também me ama?

Ela desliza para baixo, me levando todo para dentro dela.

— Você é o único garoto que eu já amei.

— Mostre-me.

Shayne se senta, apoiando as mãos nas minhas coxas atrás dela quando começa a me montar. Essa posição me dá uma visão perfeita do meu pau entre seus lábios e eu assisto, hipnotizado, enquanto ela lentamente desliza para cima e para baixo no meu comprimento. Seus peitos saltam quando ela começa a mover seus quadris mais rapidamente, e eu coloco minhas mãos na sua cintura, trazendo-a sobre mim enquanto empurro meus quadris contra ela. Quando sinto sua umidade me cobrindo e vejo seus olhos se fecharem antes que sua cabeça caia, sei que ela está perto.

— Porra, eu te amo. — eu digo, trazendo meu polegar para pressionar contra seu clitóris. Ela aperta em volta de mim instantaneamente, sua boca se abre em um grito silencioso. Eu a sinto contraindo-me repetidamente, me ordenhando, e não posso evitar. Eu entro dentro dela quando ela treme e empurra em cima de mim.

— Oh meu Deus. — ela geme caindo no meu peito, me mantendo dentro dela.

Nossos corpos estão escorregadios de suor, as bochechas coradas enquanto deitamos, recuperando o fôlego. Depois de alguns minutos, ela começa a traçar minha tatuagem, como ela parece fazer toda vez que estamos juntos assim.

Quando penso que ela adormeceu, ela murmura algo que não consigo entender.

— O quê?

— Como pegar um raio em uma garrafa.

CAPÍTULO 41

Shayne

Finalmente estamos juntos. Não parece real, mas parece certo. Há uma chance de me arrepender um dia, mas sei que se não nos desse mais uma chance, sempre me perguntaria *e se?* Thayer me pega na escola todos os dias, certificando-se de me beijar na frente de todos. As pessoas falam, mas não é novidade.

Quanto mais eu penso sobre o que Grey nos disse sobre aquela noite, algo a mais não se encaixa. Por que Samuel chegou no local tão rapidamente? Sabendo o que sei sobre ele, não posso deixar de sentir que ele está por trás de tudo isso. Eu simplesmente não sei como. Christian está ainda mais retraído do que o habitual, e eu sei que preciso ter uma conversa com Thayer. Eu não contei a ele sobre o que vi naquela noite no estacionamento, em parte porque prometi que não contaria e estava tentando dar a ele tempo para fazer isso sozinho, e em parte porque isso me deixou louca com o caos desenrolando.

Sento-me à mesa da cozinha de Thayer com ele de um lado e Holden do outro, meu prato de pizza intocado na minha frente. Holden vai ter pessoas em casa mais tarde, então eu sinto que é melhor acabar com isso agora.

— Eu tenho que contar uma coisa para vocês. — eu digo,

descascando meu esmalte preto. Os dois param, trocando olhares. Thayer coloca a pizza no prato, me encarando com um olhar expectante.

— Na noite do memorial de Danny...

— Desembucha. — diz Holden antes de tomar um gole de sua cerveja.

— Fui atéo estacionamento para encontrar você. — digo a Holden. — Mas você já havia ido.

— E?

Eu concordo. — Eu vi Christian com o pai dele, e não sei o que aconteceu ou o por quê, mas ele começou a espancar Christian.

Eu olho para os dois esperando uma reação. Talvez isso não seja uma surpresa para eles. Mas seus rostos não revelam nada.

— Corri para ajudá-lo, e seu tio não estava feliz por eu ter testemunhado isso.

— Ele tocou em você? — Thayer pergunta, sua voz baixa e ameaçadora.

— Não. — Eu rapidamente balancei minha cabeça. — Ele estava tentando me assustar, me dizendo como isso era um 'negócio da família', mas Christian o deteve antes que ele pudesse fazer qualquer coisa.

— Por que diabos você está me dizendo isso agora?

— Christian me pediu para não dizer nada. Ele deveria contar.

Ainda não sei se isso foi pontual ou se é algo contínuo. Não que seja aceitável de qualquer maneira.

— Ele tem estado diferente ultimamente. — Holden reflete.

— Vocês não parecem surpresos.

— Samuel é um idiota. — Holden encolhe os ombros. — Assim como nosso pai e avô. Eu não deixaria isso passar. Só não sei por que Christian aceitaria.

— Eu tenho um mau pressentimento sobre ele. — eu admito. — Grey disse que ele chegou lá antes da ambulância no dia em que Danny morreu. No começo, imaginei que ele tinha conexões e alguém o informou sobre a ligação do 9-1-1, sabendo que ele era da família. Mas por que ele iria cobrir Grey assim?

— Ele sabia que Grey era da família. — fornece Holden.

Thayer balança a cabeça. — Não. Samuel não dá a mínima para isso. Ele bate no próprio filho, mas protege o meio-sobrinho? Isso não faz sentido.

— Onde ele está agora? — Eu pergunto.

— Foda-se se eu sei. Ele estará aqui hoje à noite. — Diz Holden, amassando um guardanapo antes de jogá-lo no prato.

— Vamos conversar com ele então. — Thayer estende a mão para agarrar a perna da minha cadeira, deslizando-me em sua direção, então ele

está me puxando para me colocar de lado em seu colo com a mão na minha coxa. — Mais alguma coisa que eu deveria saber?

Poucas horas depois a casa está cheia de pessoas. Taylor teve a audácia de mostrar o rosto depois de tudo. Ela entrou como se nada tivesse acontecido, mas Holden a encurralou, dizendo-lhe para sair. Ela fez beicinho por não ser justo porque todos os seus amigos estavam aqui, então Holden disse a ela que se ela quisesse ficar, ela teria que se desculpar comigo.

Eu gostaria de dizer que não encontrei uma satisfação doentia em vê-la mexer com suas palavras, com ciúmes escrito em todo o rosto, enquanto Thayer me abraçava por trás, beijando meu pescoço, alheio à sua presença, mas isso seria uma mentira. Seu pedido de desculpas foi tudo, menos sincero, mas eu não me importei. Ela é irrelevante para mim e para as pessoas com quem me preocupo, o que é a melhor vingança para uma garota como ela.

Christian ainda não apareceu, e não posso dizer que não estou um pouco nervosa em enfrentá-lo depois de trair sua confiança. Espero que ele entenda.

Uma comoção vinda de trás me faz subir na ponta dos pés na tentativa de ver o quintal.

— *Filho da puta*. — Thayer murmura, abrindo caminho através da multidão de pessoas reunidas em sua cozinha, indo para a porta dos fundos. Estou bem atrás, ainda não tenho certeza do que está acontecendo, mas quando saímos, vejo Liam, o namorado de Valen, deitado na grama, segurando o nariz ensanguentado. Valen coloca as mãos em concha sobre a boca em choque, e Holden está pairando acima dele.

— A propósito, eu *fodi* sua namorada. — ele grita, jogando os braços para cima.

— Holden! — Valen grita, correndo para ajudar Liam a sair do chão, mas ele a afasta, recusando sua ajuda.

Caralho.

— Toque-a novamente*, filho da puta*. — adverte Holden, dando um passo à frente, mas Thayer fica na frente dele, segurando-o de volta.

Liam se levanta e cospe na grama, limpando o nariz com a parte de trás da manga antes de se virar para voltar para dentro e, presumivelmente, sair pela porta da frente. Eu corro até Valen para ver o que diabos está acontecendo.

— Você está bem? O que aconteceu?

— Eu preciso falar com ele. — diz ela, apontando na direção em que Liam foi. — Eu prometo que te ligo mais tarde, ok? — Ela me dá um beijo rápido na bochecha e depois está voltando para dentro.

— Valen... — Holden diz, seus olhos implorando para ela ficar. Ela se vira para olhá-lo por cima do ombro, hesitando, mas depois se vira, desaparecendo dentro da casa.

Valen e Holden? *Puta merda*. Sei que tenho me distraído ultimamente, mas como algo assim escapou do meu conhecimento?

Depois que eles saem, todo mundo volta a beber, e o drama já está esquecido. Os olhos de Holden estão zangados e duros, mas posso ver a mágoa que ele está tentando esconder.

— Você está bem? — Eu pergunto, caminhando até ele e Thayer, esfregando meus braços contra o frio. Estou usando meias de lã, minha jaqueta Sherpa *e* um gorro, mas ainda estou congelando. É como se tivéssemos pulado o outono e passado direto para o inverno.

— Eu preciso de uma bebida. — diz ele, voltando para dentro da cozinha.

Thayer e eu trocamos olhares, e posso dizer que ele sabe tanto quanto eu. Nós o seguimos, onde ele prontamente caminha até o balcão da ilha e toma um gole de alguma tequila que alguém deixou, depois enfia a mão no cabelo, parecendo em conflito.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

— Valen é o diabo. Foi o que aconteceu.

Franzo o cenho, confusa, mas antes que eu possa dizer outra

palavra, Baker e Christian entram correndo na cozinha. O braço de Christian está em volta do pescoço de Baker enquanto ele arrasta seu corpo bêbado em nossa direção.

Thayer se endireita, contemplando a cena.

— Encontrei ele nas cataratas. Ele quase se afogou. — Explica Baker, afastando o braço de Christian. Ele tropeça, perdendo o equilíbrio, e Thayer se aproxima dele, puxando-o pela jaqueta antes de sentá-lo em uma das cadeiras na mesa de jantar.

— Fique aqui. — ele ordena, apontando um dedo para ele como um cachorro.

— Todo mundo, saia daqui!

Holden sai, fazendo o mesmo anúncio. Baker se vira para sair, mas Thayer o impede.

— Você não.

Baker aperta o maxilar, hesitando, mas finalmente, ouve sentando-se do outro lado da mesa. Christian começa a deslizar pela cadeira e eu corro, pegando-o antes que ele caia no chão. Eu seguro seus ombros para empurrá-lo na posição vertical, e os olhos injetados de sangue encontram os meus tão cheios de dor e algo mais que não posso colocar.

— Por que você insiste em ser legal comigo? — Ele xinga. — Se você tivesse ficado longe...

Gelo corre pelas minhas veias, como se meus instintos percebessem algo antes que minha mente pudesse processar, e eu tropeço para trás, minha bunda batendo no chão. As pessoas ainda estão saindo da casa e alguém pisa nos meus dedos, mas eu mal sinto. De repente, outra peça do quebra-cabeça se encaixa no lugar quando uma única frase da noite do incêndio surge na minha cabeça.

Apenas fiquei feliz por você estar na cozinha quando isso aconteceu.

— Como você sabia que eu estava na cozinha? — Eu pergunto, minha voz um sussurro.

— Baby, que *porra é essa*? — Thayer diz, seus braços agarrando os meus para me levantar, mas não consigo desviar os olhos de Christian. E a julgar pela maneira como ele está olhando para mim, ele sabe que entendi tudo.

— Era você, não era?

— Shayne. — diz Thayer, olhando entre nós dois. — Explique.

— Era ele. Esse tempo todo, meu armário, meus pneus, a janela...

— *Você?* — Thayer diz incrédulo. — Você estava por trás disso?

— Era para assustá-la. Eu não estava tentando machucá-la...

— Você não estava tentando machucá-la? Você *incendiou* a *casa* dela!

— Thayer se lança para ele com a morte nos olhos, mas eu passo na frente dele, com as mãos na cintura.

— Bater nele não vai nos dar nenhuma resposta.

— Não, mas vai ser bom para mim. — ele argumenta, seu maxilar flexionando com raiva.

— Olhe para ele. Ele mal está consciente.

— Estou bêbado, não surdo. — diz Christian, sua voz distorcida.

— Por quê? — Holden diz. — Por que diabos você passaria por todo esse problema?

Eu me viro para encará-lo enquanto meu cérebro trabalha horas extras tentando descobrir a última peça do quebra-cabeça. — O que eu fiz para você?

Por que ele iria querer me assustar? E por que ele estaria bêbado nas cataratas? Então me bate. Aquele olhar em seus olhos que eu não consegui identificar... era culpa. Culpa porque... — Você matou Danny.

Christian não responde a princípio, mas depois deixa a cabeça cair nas mãos e seus ombros começam a tremer.

— É melhor você negar isso agora. — Holden grita.

Christian olha para ele, olhos brilhando de lágrimas. — Foi um acidente.

Sua admissão me bate como um soco no estômago, e eu sinto o

peito de Thayer pesando atrás de mim. Fico tensa, sabendo que não vou poder segurá-lo dessa vez. Coloco minha mão atrás de mim, travando meus dedos com os dele na tentativa de acalmá-lo, mas é em vão, porque ele está junto a Christian antes que eu possa piscar.

— Você matou meu irmão! — Ele segura a jaqueta de Christian, jogando-o contra a parede. Christian não luta, e Thayer dá um soco em seu rosto. Sua cabeça bate contra a parede, o nariz jorrando sangue. — Você poderia ter matado minha garota. — Outro soco. Desta vez, no estômago, e Christian se dobra. — Você mentiu para nós por um maldito ano! — Ele dá um soco final no estômago e, em seguida, Christian desliza pela parede em uma poça no chão.

— Thayer, pare!

Eu sei que o que ele fez é errado e *fodido* de muitas maneiras, mas tudo em que consigo pensar quando vejo Christian assim é a cena no estacionamento em que seu pai mostrou o mesmo abuso. Olho para Holden e Baker, mas nenhum deles se move para ajudar, então me coloco entre eles quando Thayer está prestes a colocar um pé no estômago de Christian. Ele para, olhando para mim como se crescesse três cabeças em mim.

Fico na ponta dos pés, levando minhas mãos ao rosto dele, forçando- o a se concentrar em mim. Suas narinas estão dilatadas, seu rosto endurecido. — Isso não vai ajudar em nada. Machucá-lo não vai trazer Danny de volta. — Seus olhos se fecham como se estivesse com dor. — Nós vamos

fazer isso direito. — eu prometo. — Mas não assim.

— Estávamos brincando, desafiando um ao outro a pular como sempre fazíamos. — diz Christian, levantando-se para sentar contra a parede, apertando o estômago. — Ele estava sendo um idiota, falando sobre como estava muito frio. Começamos a lutar, empurrando um ao outro, mas eu ganhei.

Ele para, inclinando a cabeça para trás e olhando para o teto enquanto lágrimas rolam pelo canto dos seus olhos. — Eu ria, *porra*. Eu estava rindo quando ele caiu. E então olhei, esperando que ele saísse da água e viesse se vingar, mas... ele nunca apareceu.

— Termine sua história para que eu possa te matar. — diz Holden, seus olhos vidrados, braços cruzados sobre o peito.

Christian assente, resignado com seu destino. — Eu entrei em pânico. Eu não conseguia pensar, então liguei para meu pai enquanto corria para a praia. Ele me disse para não ligar para a polícia, que estava a caminho. Eu pulei, procurando por ele. Então ele apareceu. — ele diz, sacudindo o queixo para Baker, que está sentado lá com o moletom e capuz, olhando fixamente para frente. — Ele estava lá fazendo merda para sua aula de fotografia. Ele viu a coisa toda, depois pulou para me ajudar. Eventualmente encontramos Danny. Não sei quanto tempo, mas pareceu horas.

Ele respira profundamente, pressionando os olhos com as palmas das mãos. Todos nós ficamos paralisados. Eu nem acho que respiramos,

esperando que ele termine.

— Nós o puxamos para fora, mas eu poderia dizer... — ele para, suas mãos fechando em punhos. — Eu poderia dizer que ele já estava morto. Não sabia que Grey havia mandado uma mensagem para Danny, ou que ele havia dito para ele nos encontrar lá. Eu o ouvi chamando o nome de Danny e olhei para cima, vendo-o no penhasco. Eu entrei em pânico. Novamente. Então nós corremos. A próxima coisa que lembro é de Grey gritando. Ele deve ter visto Danny na praia. Meu pai veio e se livrou de Grey. Fez parecer que ele seria culpado se não saísse de lá.

Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto, ouvindo-o descrever os últimos momentos de Danny e o que se seguiu.

— O pai dele me ameaçou. — Baker diz, empurrando o pé contra a perna da mesa até sua cadeira balançar nas duas pernas traseiras. — Ele viu a câmera em volta do meu pescoço e a quebrou em pedaços. Disse que ele me mataria se eu dissesse uma palavra. Meu pai teve alguns problemas legais e ele se ofereceu para resolvê-los em troca do meu silêncio.

— Eu queria ir à polícia. Eu queria me entregar, mas ele não deixou. Ele disse que eu não estaria indo para a faculdade e jogando basquete por causa de um acidente, mas todos sabemos que é porque ele não queria que esse tipo de escândalo refletisse nele. Ele encobriu e teve os registros escondidos, e foi isso. — Seus olhos deslizam para os meus. — Até você voltar.

Balanço a cabeça, secando as lágrimas da minha bochecha. — O que eu tenho a ver com isso?

— Vamos, Shayne. Você é mais esperta do que isso. — Sua cabeça se inclina para o lado. — Eles suspeitavam de Grey. Grey se foi e seus pais se separaram. Ele era o cara perfeito para culpar. Mas no segundo em que vi a maneira como eles agiam com você, eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que eles deixassem você voltar.

— Você sabia que eles acabariam descobrindo que Grey não era culpado.

Ele concorda. — Eu tentei coisas menores no começo, como assustar você ou, pelo menos, fazer você mudar de escola. Mas naquela noite no estacionamento, você viu algo que não deveria ter visto. E isso colocou você no radar do meu pai. Eu disse a ele que tinha tudo sob controle. Que eu cuidaria disso. Porque acredite em mim, Shayne. Ele faria muito pior.

Um calafrio percorre minha espinha. Eu acredito. Sem dúvida.

— Ele controla tudo e todos ao seu redor. Se alguém sai da linha, ele não lida bem com isso. Mas não estou mais jogando o jogo dele. — Ele se levanta, balançando em pé. — Então aqui está a minha proposta.

— Você realmente acha que está em posição de negociar? — Thayer pergunta, sua voz baixa e ameaçadora. — O que dissemos que faríamos se descobríssemos quem matou Danny? Você estava lá quando dissemos, lembra? — Ele provoca.

— Dissemos que nos vingaríamos... — Holden fornece.

— Não importa quem seja. — Termina Thayer, se movendo ao meu redor, mas Christian assente com Baker, sinalizando algo.

— Verifiquem seus telefones.

Thayer pega o telefone e eu me inclino para ver o que é. É um vídeo de um número desconhecido, presumivelmente de Baker. Ele clica no triângulo para reproduzir o vídeo. Começa com Christian e Danny brigando no penhasco, rindo e tentando se empurrar. A câmera aumenta o zoom e posso ver os grandes sorrisos em seus rostos.

— *Eu ganhei, filho da puta!* — A voz distante de Christian chama, inclinando-se sobre o penhasco com as mãos no ar, rindo vitoriosamente. O vídeo é gravado por trás, mas você pode ver o momento em que ele percebe que algo não está certo. Suas mãos travam atrás da cabeça enquanto ele chama o nome de Danny várias vezes, então ele está puxando o telefone do bolso, correndo pelo caminho até o fundo. Você pode ouvir Baker sussurrar "*merda*" e então a única coisa que podemos ver é o chão enquanto ele corre para ajudar.

Thayer interrompe o vídeo, provavelmente não querendo ver o que vem a seguir. Eu não o culpo. Holden faz o mesmo, jogando o telefone na mesa à sua frente.

— Ele quebrou minha câmera, mas não pensou no meu telefone. — diz Baker.

— A coisa toda está gravada. É assim que você o derruba.

— Christian olha entre nós, avaliando nossas reações.

— Mas isso implica você também. — eu digo, afirmando o óbvio. Ele levanta um ombro.

— Estou pronto.



— Fale comigo. — murmuro, passando os dedos pelos cabelos de Thayer que ainda estão úmidos do banho. Sua cabeça está no meu peito, seus braços em volta de mim, me segurando. Christian saiu algumas horas atrás com a promessa de se entregar amanhã. Acho que ainda estou em estado de choque, então nem consigo imaginar como Thayer deve estar se sentindo. Sou um pouco egoísta, ao ter medo que ele se feche e me afaste novamente. Não quero adormecer, com medo de acordar amanhã e tudo ter mudado.

— Eu deveria saber. Eu deveria ter visto alguma coisa. — Ele diz, parecendo estar à beira do sono.

— Você não poderia. — eu digo. — E é hora de parar de se culpar.

É um pouco reconfortante que Danny não tenha sido morto a sangue frio, mas de alguma forma, não acho que seria a coisa certa a dizer. Thayer não responde e, então, eu ouço sua respiração cadenciada, dizendo que ele adormeceu.

CAPÍTULO 42

Thayer

O corpo de Shayne é como uma fornalha contra o meu quando acordo. Ela está de costas contra o meu peito e meus braços estão presos ao redor de seus braços, como se eu estivesse segurando-a, mesmo durante o sono. Eu esperava me sentir uma merda quando acordasse após as revelações da noite passada, mas não, eu me sinto... livre. Como se eu pudesse finalmente seguir em frente agora que sei o que aconteceu com meu irmão, mesmo que isso signifique perder meu primo.

Shayne se mexe nos meus braços, arqueando as costas, e então ela se vira para me encarar, com sono, os olhos azuis encontrando os meus.

— Você ainda está aqui. — diz ela, sua voz rouca por causa do sono. Pego sua mão, levando-a aos meus lábios para beijar a cicatriz.

— Onde mais eu estaria?

EPÍLOGO

Shayne

4 meses depois...

Ao abrir a porta do meu quarto, jogo minha mochila na cama, percebendo um envelope no meu travesseiro. Eu dou a volta na cama, arrancando-o do edredom. Agitando-o, sinto algo mais pesado que papel por dentro. Abro, encontrando a chave do celeiro enferrujada e uma nota.

Encontre-me no celeiro.

A excitação roda dentro do meu estômago. Depois de muito falar, Thayer voltou à escola. É um milagre que ele não tenha sido expulso com o pouco que ele realmente compareceu. Mesmo com a distância, conseguimos nos ver várias vezes por semana, mas não achei que fosse vê-lo hoje. Sem perder tempo, eu me viro, pegando o envelope da minha mesa e o enfiando na parte de trás do meu short jeans antes de correr pela casa, evitando as caixas, móveis que se alinham nos corredores.

Ainda temos alguns meses aqui, mas tivemos que começar cedo a fazer as malas, especialmente com todas as coisas que minha avó acumulou. Em algum lugar de uma dessas caixas está o nome, endereço e número de telefone pertencentes ao meu pai. Acontece que era com ele que minha mãe estava naquela noite. Ele quer me conhecer, mas eu ainda não decidi o que quero fazer, então ela colocou as informações dele em um envelope para eu

abrir quando estiver pronta. Pela primeira vez na minha vida, não sinto falta de algo. Eu nunca me senti tão completa. E não é só por causa de Thayer, mas também porque tenho Holden e Grey. Se apenas os três pudessem aceitar o fato de serem meio-irmãos, a vida seria praticamente perfeita. Mas por enquanto, pequenos passos.

Saio pela floresta que é exuberante e verde agora que a neve derreteu, indo até o celeiro. Nós não viemos aqui por um tempo agora que não precisamos nos esconder, e eu sinto falta disso. Eu diminuo meus passos quando me aproximo, percebendo algo diferente. A madeira parece mais nova e não parece estar prestes a desmoronar.

— Thayer? — Eu chamo, abrindo a porta, encontrando-o ali com sua camisa preta e calça jeans com as mãos enfiadas nos bolsos da frente. — Oh meu Deus. — eu digo, não acreditando nos meus olhos. Tudo parece novo. Há um piso de verdade e dois sofás, o original e o novo, com cobertores e travesseiros jogados sobre eles. Uma mesa de café fica entre eles e luzes cintilam nas vigas acima.

Thayer caminha na minha direção, coçando a nuca. — O que você acha?

— Eu adoro. — eu digo, encontrando-o no meio do caminho. Tudo está arrumado. Aposto que o telhado nem vaza mais. Ainda é o nosso celeiro, apenas mais aconchegante. E definitivamente mais limpo. Thayer pega minha mão, me puxando para o velho sofá antes que ele se sente, me puxando para

seu colo. Sento-me nas suas coxas com os joelhos em ambos os lados das pernas dele, e suas mãos agarram minhas costas.

— Oi.

— Oi. — eu digo, inclinando-me para pressionar meus lábios nos dele. — Isso é incrível. — Olho para as luzes, minhas mãos apoiadas em seus ombros. — Mas por quê?

— Eu me apaixonei por você aqui. — Ele se inclina para frente, para beijar o meu pescoço, causando arrepios nos meus braços. — É onde você disse que me amava. — Outro beijo. Desta vez na minha clavícula. — Onde eu senti você por dentro pela primeira vez. — diz ele, deslizando as mãos para apertar minha bunda. — E eu provavelmente vou acabar me casando com você aqui um dia também.

Mordo o lábio, tentando não chorar enquanto ele chupa e lambe a pele sensível do meu pescoço. A visão de Thayer, de dezesseis anos, no dia em que nos conhecemos, surge em minha mente, seus olhos pensativos e curiosos me inspecionando enquanto eu entrava no celeiro para sair da chuva.

Era meu terceiro dia morando em Whittemore, e eu estava entediada, explorando a propriedade quando me deparei com ele. Eu nem conhecia Thayer antes disso, e fiquei fascinada com ele desde o momento em que o vi. Quem pensaria que acabaríamos aqui?

— Eu te amo. — digo, meus dedos traçando a tatuagem em seu

ombro. — Eu te amo tanto que dói às vezes.

— Eu amo você. — diz ele, suas mãos deslizando pelas minhas costas, batendo no envelope saindo da minha calça. — O que é isso?

Eu sorrio, quase tinha esquecido. — Também tenho algo para você. Abra.

As sobrancelhas dele se contraem quando ele abre o envelope, puxando a carta. Seus olhos examinam o papel, e eu vejo o momento em que ele entende tudo.

— UMass? — As sobrancelhas dele saltam para a linha do cabelo.

Eu aceno e Thayer sorri, *realmente* sorri, e é tão bom vê-lo fazer isso de novo. É ainda melhor saber que fui eu quem colocou o sorriso lá. — O UMass está a menos de dois km de Amherst, e acabei recebendo uma bolsa de estudos da Divisão II para vôlei. É uma bolsa parcial, mas é melhor que nada.

— Você vai morar comigo. — ele afirma, como um fato, e não uma pergunta, jogando a carta na mesa à nossa frente.

— Veremos. — Eu rio, sabendo que vou me emocionar no dia em que me formar.

Inclinando-se, ele me deita no sofá, seus quadris encaixando entre as minhas coxas. Sua boca cobre meu mamilo sobre o tecido da minha camiseta, sugando-o, e minhas costas saem do sofá, arqueando-se contra

ele. — Eu posso ser muito convincente.

Minha mãe estava certa. Encontrar um amor como o nosso é como pegar um raio em uma garrafa. E eu nunca o deixarei ir...

FIM